

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Mariana Farinas**

**A psicologia do *pony play*: uma investigação exploratória sob o olhar da psicologia  
analítica**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**São Paulo**

**2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Mariana Farinas**

**A psicologia do *pony play*: uma investigação exploratória sob o olhar da psicologia analítica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Kublikowski.

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**São Paulo**

**2023**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

*e-mail:* marianafarinaspsi@gmail.com

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Ficha  
Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Farinas, Mariana

A psicologia do pony play: uma investigação  
exploratória sob o olhar da psicologia analítica / Mariana

Farinas. -- São Paulo: [s.n.], 2023.

198p. il. ; 20 cm.

Orientador: Ida Kublikowski.

Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-  
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.

1. pony play. 2. kink. 3. BDSM. 4. sadomasoquismo. I.  
Kublikowski, Ida. II. Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Psicologia: Psicologia Clínica. III. Título.

**MARIANA FARINAS**

**A psicologia do *pony play*: uma investigação exploratória sob o olhar da psicologia  
analítica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Kublikowski.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ida Kublikowski

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Arantes Hime

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria Greger Tavares

A todos os *ponies* e treinadores que compartilharam suas experiências  
e tornaram possível essa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Ida Kublikowski, professora e pesquisadora que não teme investigações pouco usuais e que pela segunda vez topou me orientar em um tema polêmico e pouco explorado. Ao longo de nossas discussões, você sempre demonstrou um interesse sincero pelo meu trabalho. Sem sua postura aberta e curiosa, orientações, *insights* e bom humor, essa dissertação definitivamente não teria saído. Expresso também minha profunda gratidão à Sandra Greger e Flávia Hime por analisarem minuciosamente essa pesquisa, o que ajudou a enriquecer significativamente meu trabalho. Agradeço especialmente por terem a delicadeza de falar que o texto foi prazeroso de ler, o que reforçou meu empenho em desenvolver uma pesquisa acessível e interessante para o público.

Agradeço ao Luis Nieri de Toledo Soares, coordenador do Núcleo de Estudo e Pesquisa da Sexualidade Humana e Psicologia Analítica da SBPA, pela generosidade de me auxiliar com seu amplo conhecimento da teoria junguiana. Ao Marcelo Belo, namorado bonito, por estar ao meu lado me dando forças e tendo paciência enquanto eu estava “abduzida” pelo trabalho. Agradeço também a Boris Keiserman, que deve constar em muitos agradecimentos, por sua valiosa ajuda com o IRaMuTeQ. Aos *ponies* e treinadores que tão abertamente participaram dessa pesquisa. À artista Deborah Bright, por ter cedido as imagens da sua maravilhosa série fotográfica *Being & Riding*. Aos colegas de curso, cujas observações me auxiliaram a definir melhor uma série de pontos e cujo interesse me deu energia para seguir.

Gostaria de expressar também meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que, de forma desafiadora, forneceram uma perspectiva crítica sobre o tema abordado neste trabalho. Suas opiniões divergentes e, em alguns casos, pedras atiradas, me motivaram a aprofundar minha pesquisa e desenvolver um estudo mais robusto. Por fim, não posso deixar de agradecer ao Juca, meu *jack russell terrier* baixinho, por seu companheirismo canino durante as longas horas de escrita.

When we see submissive postures in sexual activities, we call them  
masochistic; when we see them in church, we call them religious

—Lyn Cowan

He who makes a beast of himself gets rid of the pain of being a man.

—Samuel Johnson

FARINAS, Mariana. **A psicologia do *pony play*: uma investigação exploratória sob o olhar da psicologia analítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

## RESUMO

*Pony play* é um nome guarda-chuva para diversas atividades *kinky* e BDSM, realizadas de forma consensual entre adultos, nas quais ao menos uma das pessoas envolvidas adota o papel de um cavalo. Em 2013 com o DSM-5 e em 2018 com o CID-10, praticantes de BDSM deixaram de ser diagnosticados como doentes. No entanto, a literatura evidencia que muitos profissionais no campo da psicologia ainda não possuem a formação adequada para trabalhar com essa população. Também, no âmbito da psicologia analítica, a literatura voltada ao entendimento de populações *kinky* e BDSM é escassa e pesquisas sobre *pony play* envolvendo praticantes não foram encontradas até a conclusão do presente estudo. Dada a relevância que o tema assume diante desse cenário, esse estudo exploratório teve como foco compreender a experiência do *pony play* sob a perspectiva de seus praticantes, assim como realizar uma interpretação dos temas e significados presentes nos discursos dessas pessoas pelo olhar da psicologia analítica. Os participantes foram selecionados de forma intencional, por bola de neve e 87 voluntários atenderam aos critérios de inclusão. A análise de relatos escritos foi realizada utilizando o software de análise textual IRaMuTeQ, com posterior análise temática dos resultados obtidos. O processo resultou em seis categorias temáticas: (1) Atividades em Espaços Amplos; (2) Dança entre Humano e *Pony*; (3) Férias para o Cérebro; (4) *Pony Play* e BDSM; (5) Continuação do Caminho; e (6) Sexualidade e Intimidade. Os dados levantados e a teoria junguiana permitiram compreender *pony play*, em suas diferentes facetas, como parte da experiência humana. Os resultados podem ajudar a informar profissionais de saúde que venham a trabalhar com essa população. A aplicação do entendimento da psicologia analítica ao estudo de subculturas não convencionais, dando voz a diferentes experiências, permite construir uma psicologia mais inclusiva, sendo o presente estudo apenas um passo inicial na exploração do *pony play* e de outras subculturas semelhantes.

Palavras-chave: *pony play*; *kink*; BDSM; sadomasoquismo; psicologia analítica.

FARINAS, Mariana. **Pony play psychology: an exploratory study in an analytical psychology lens**. Dissertation (Masters in Clinical Psychology) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

### ABSTRACT

Pony play is an umbrella term for various kinky and BDSM activities carried out consensually among adults, where at least one of the individuals involved takes on the role of a horse. With the new DSM-V in 2013 and ICD-10 in 2018 BDSM is no longer classified as a disorder. However, the literature indicates that many psychology professionals still lack adequate training to work with this specific population. Additionally, within the realm of analytical psychology, there is a scarcity of literature focused on understanding kinky and BDSM populations, and research on pony play involving practitioners was not found until the completion of this study. Given the relevance of the topic in the present context, this exploratory study aimed to comprehend pony play experience from the perspective of its practitioners and to conduct an analysis of the themes and meanings present in the discourse of these individuals with an analytical psychology lens. Participants were purposefully selected through snowball sampling, and 87 volunteers met the inclusion criteria. The analysis of written reports was conducted using the textual analysis software IRaMuTeQ, followed by a thematic analysis of the obtained results. The process resulted in six thematic categories: (1) Activities in Wide Spaces; (2) Dance between Human and Pony; (3) Vacation for the Brain; (4) Pony Play and BDSM; (5) Continuation of the Path; and (6) Sexuality and Intimacy. The data collected and analytical theory allowed for an understanding of *pony play* in its various facets as part of the human experience, which may help inform healthcare professionals working with this population. The application of analytical psychology understanding to the study of unconventional subcultures, giving voice to different experiences, allows for the construction of a more inclusive psychology, with the present study being only an initial step in the exploration of pony play and other similar subcultures.

Keywords: pony play; kink; BDSM; sadomasochism; analytical psychology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1-</b> CARTÃO POSTAL DA COLEÇÃO DE KRAFT-EBING	25
<b>FIGURA 2 -</b> FOTOS DE PONY PLAY DE JACQUES BIEDERER	27
<b>FIGURA 3 –</b> JFBE. FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 58 X 84 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	32
<b>FIGURA 4 -</b> <i>WILD SECRET GIRL</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 75 X 106 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	33
<b>FIGURA 5 -</b> <i>SWEET KEEPER</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 76 X 107 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	33
<b>FIGURA 6 –</b> <i>DOMME</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 65 X 84 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	34
<b>FIGURA 7 -</b> <i>POMMEL - CANTLE</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 60 X 80 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	35
<b>FIGURA 8 -</b> <i>POSTING TROT</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 58 X 84 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	35
<b>FIGURA 9 -</b> <i>MISSY</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 102 X 81 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	36
<b>FIGURA 10 -</b> <i>KILL DADDY</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 78 X 107 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	36
<b>FIGURA 11 -</b> <i>DRELLA'S BLONDIE</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 84 X 58 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	37
<b>FIGURA 12 –</b> <i>POCKET ROCKET</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME 81 X 56 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	37
<b>FIGURA 13 –</b> <i>SWEET THING</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 104 X 76 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	38
<b>FIGURA 14 -</b> <i>LONE RANGER</i> . FOTOGRAFIA ILFOCHROME, 81 X 51 CM, DA SÉRIE <i>BEING &amp; RIDING</i>	39
<b>FIGURA 15 -</b> (A) ROUPA DE CAPTURA DE MOVIMENTO COMO 16 SENSORES INERCIAIS; (B) GRÁFICO DE ESTRUTURA HUMANA BOUNDING VOLUME HIERARCHY (BVH)	46
<b>FIGURA 16 -</b> MOTION DATA FOR THE CANTER GAIT IN BVH ENVIRONMENT	47
<b>FIGURA 17 -</b> ANÁLISE DAS PALAVRAS MAIS FREQUENTES EM NUVEM DE PALAVRAS	86

<b>FIGURA 18 - DENDROGRAMA COM LISTA DAS PALAVRAS MAIS FREQUENTES</b>	<b>87</b>
<b>FIGURA 19 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA 1</b>	<b>89</b>
<b>FIGURA 20 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA 2</b>	<b>98</b>
<b>FIGURA 21 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA 3</b>	<b>107</b>
<b>FIGURA 22 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA 4</b>	<b>116</b>
<b>FIGURA 23 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA 5</b>	<b>123</b>
<b>FIGURA 24 - NUVEM DE PALAVRAS DA CATEGORIA 6</b>	<b>132</b>

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - GRUPOS ETÁRIOS	72
TABELA 2 - GÊNERO	72
TABELA 3 - ORIENTAÇÃO SEXUAL	73
TABELA 4 - PAÍS DE RESIDÊNCIA	73
TABELA 5 - ESCOLARIDADE	74
TABELA 6 - PAPEL	78
TABELA 7 - TEMPO DE PRÁTICA	78
TABELA 8 – PARCEIROS DE JOGO	79
TABELA 9 - QUEM SABE DA OPÇÃO PELO <i>PONY PLAY</i>	79
TABELA 10 - LOCAIS DE PRÁTICA	80
TABELA 11 - CONTATO FREQUENTE COM CAVALOS REAIS	80
TABELA 12 - ESTILO DE COMUNICAÇÃO	80
TABELA 13 - CONSIDERA BDSM SUA FORMA DE <i>PONY PLAY</i>	81
TABELA 14 - POSSUI (OUTRO) PAPEL BDSM	81
TABELA 15 - PAPÉIS CITADOS	82
TABELA 16 - SUJEITOS QUE CITARAM APENAS UM DOS TIPOS DE PAPEL	83
TABELA 17 - COMPARAÇÃO ENTRE POSIÇÃO NO <i>PONY PLAY</i> E EM BDSM	83
TABELA 18 - SUJEITOS QUE PRATICAM OUTRA FORMA DE BDSM	84
TABELA 19 - TIPOS DE ATIVIDADE BDSM CITADAS	84
TABELA 20 - SUBTEMAS E CÓDIGOS FORMADORES DA CATEGORIA 1	88
TABELA 21 - SUBTEMAS E CÓDIGOS FORMADORES DA CATEGORIA 2	98
TABELA 22 - SUBTEMAS E CÓDIGOS FORMADORES DA CATEGORIA 3	107
TABELA 23 - SUBTEMAS E CÓDIGOS FORMADORES DA CATEGORIA 4	115
TABELA 24 - SUBTEMAS E CÓDIGOS FORMADORES DA CATEGORIA 5	124
TABELA 25 - SUBTEMAS E CÓDIGOS FORMADORES DA CATEGORIA 6	132

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDSM	<i>Bondage and Discipline, Domination and Submission, Sadism and Masochism</i>
CBT	<i>Cock and ball torture</i>
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CID	Código Internacional de Doenças
CRP	Conselho Regional de Psicologia
DM	<i>Dungeon master</i> ou <i>dungeon monitor</i>
D/s	Dominação e submissão
IRaMuTeQ	Interface R para análises multidimensionais de textos e questionários
M/s	<i>Master and slave</i> (Senhor e escravo)
SM	Sadismo e masoquismo
SUS.	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1. PONY PLAY AO LONGO DO TEMPO</b>	<b>24</b>
<b>2. DIMENSÕES ARQUETÍPICAS DO <i>PONY PLAY</i></b>	<b>41</b>
2.1 CAVALOS E SEU SIMBOLISMO	42
2.2 A PSIQUE DO CAVALO HUMANO E DO TREINADOR	53
<b>3. CONSENSUALIDADE E SEGURANÇA EM PRÁTICAS KINKY</b>	<b>62</b>
<b>4. MÉTODO</b>	<b>71</b>
4.1 PARTICIPANTES E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	71
4.2 INSTRUMENTO DE COLETA	74
4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	75
4.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	76
<b>5. ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>78</b>
5.1. DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES DE PONY PLAY	85
5.2.1 ATIVIDADES EM ESPAÇOS AMPLOS	87
5.2.2 DANÇA ENTRE HUMANO E PONY	97
5.2.3 FÉRIAS PARA O CÉREBRO	106
5.2.4 PONY PLAY E BDSM	115
5.2.5 CONTINUAÇÃO DO CAMINHO	123
5.2.6 SEXUALIDADE E INTIMIDADE	132
<b>6 DISCUSSÃO</b>	<b>140</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>164</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>184</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>188</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>194</b>

## INTRODUÇÃO

Chicotes, arneses de couro, comandos e restrição física estão presentes no mundo equestre, mas acabam por se insinuar no universo humano. Como terapeuta sexual e praticante de hipismo, queixas ligadas a sexualidade e a mistura de fetiches e cavalos acabaram por despertar meu interesse e curiosidade. No entanto, a literatura sobre o *pony play* (jogo do pônei ou brincadeira de cavalo) se mostrou limitada. Aliás, há pouca literatura psicológica sobre clientes *kinky*<sup>1</sup> em geral. Mas se esse tipo de literatura já é escasso, aquela sobre práticas específicas é ainda mais. Então como fazer para prestar atendimento a esses clientes? Como responder a demanda de informações sobre como e com quais instrumentos se pode apanhar com segurança? Como saber diferenciar o que é uma prática ou relação sadomasoquista saudável do que é violência?

Trabalhando com sexualidade e atendendo a esse tipo de questionamento, escrevi em 2021 para a orientação do Conselho Regional de Psicologia (CRP) de São Paulo perguntando sobre o posicionamento do Conselho Federal de Psicologia (CFP) em relação a atuação dos psicólogos com praticantes de BDSM e pessoas *kinky*, dado que logo entraria em vigor no Sistema Único de Saúde (SUS) a nova versão do Código Internacional de Doenças (CID), que não mais patologiza essas vivências. Parte da resposta foi a seguinte:

Cabe à/ao psicóloga/o verificar quais recursos dispõe, conforme a abordagem teórico-técnica que fundamenta o seu trabalho, para ofertar atendimentos voltados às especificidades deste público (praticantes de BDSM e pessoas com interesse *kink*) e, quando se deparar com situações que extrapolem o seu campo de atuação, deverá direcionar tais demandas a profissionais habilitados e qualificados para atendê-las.

Salientamos que apesar de não termos uma resposta específica sobre seu questionamento, o Conselho de Psicologia tem posicionamentos e materiais que tratam sobre a não patologização das identidades trans e identidade de gênero, por exemplo. Dessa forma, entendemos que essas situações precisam ser analisadas considerando a demanda trazida e de modo não padronizado, afinal cada pessoa é única (LIMA, 2021).

---

<sup>1</sup> De *kink*, termo coloquial em inglês que faz referência a diversos comportamentos sexuais não normativos. Devido à escassez de literatura em português sobre o tema, optamos por manter muitos dos termos em inglês. Segundo Cambridge Dictionary, “*unusual, strange, and possibly exciting, especially in ways involving unusual sexual acts*”, disponível em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/kinky>. Tradução livre: “incomum, estranho e possivelmente excitante, especialmente com relação ou envolvendo atos sexuais”. Para uma adaptação ao nosso contexto cultural, podemos entender como “safado(a)”.

Porém sem pesquisa, não há como o CFP ter subsídios para traçar diretrizes para psicólogos lidarem com estas especificidades. Então, frente à despatologização da vivência de praticantes de BDSM (WRIGHT, 2018; WHO, 2018), da escassa bibliografia na psicologia analítica sobre o tema, da aparente ausência de estudos sobre praticantes de *pony play*, faz-se necessário que a teoria e práticas psicológicas se expandam na compreensão dessas formas de erotismo como uma das expressões da sexualidade humana. Neste cenário, o objetivo geral dessa pesquisa, empírica e exploratória é compreender a experiência do *pony play* da perspectiva de seus praticantes. Seu objetivo específico é fazer uma leitura dos temas e significados presentes nos discursos dessas pessoas sob a lente da psicologia analítica. Para tal, apresentaremos o capítulo *Pony play* ao longo da história, retratando achados nas artes e literatura; o capítulo Dimensões arquetípicas do *pony play*, relacionando conceitos da psicologia analítica à prática; o capítulo Consensualidade e segurança em práticas *kinky*, com um apanhado de critérios para diferenciação entre comportamento *kinky* saudável e abusivo e, por fim, descreveremos o método, análise e apresentação de resultados, discussão e considerações finais. Agora então sigamos para esclarecer melhor o que seria *pony play* e, antes de tudo, o que é *kinky*.

Pessoas *kinky* são aquelas que fazem parte de uma minoria sexual heterogênea, que engloba pessoas *leather*<sup>2</sup>, praticantes de BDSM, *crossdressers*, fetichistas, pessoas que se envolvem em diversas modalidades de jogos de papéis (utilização de uma persona diferente<sup>3</sup>), pessoas que gostam de usar roupas de látex, que jogam induzindo estados alterados de consciência (conhecidos como “*headspace*”) e que jogam eroticamente com sensações intensas, como por exemplo dor ou medo (EASTON; LISZT, 2000; MOSER, 2006; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). O termo BDSM faz referência a uma série de comportamentos consensuais entre adultos em uma dinâmica específica de relacionamento (SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). As letras B e D se referem a *bondage* (escavidão, estar cativo, estar preso) e disciplina, que inclui atividades de restrição<sup>4</sup> e punição. D e S se referem ao aspecto psicológico da dominação e submissão, em que um detém o poder dentro da relação enquanto o outro se submete a ele. S e M dizem respeito ao sadismo e masoquismo, frequentemente chamado de SM. Nestas relações

---

<sup>2</sup> Pessoas, em geral homossexuais, que gostam de usar couro (EASTON; LISZT, 2000).

<sup>3</sup> O termo “persona” é utilizado aqui não no sentido junguiano do termo, mas no sentido de “personagem”, como atuar alguém de idade diferente, figuras de poder, escravos ou animais (EASTON; LISZT, 2000).

<sup>4</sup> Nas atividades de restrição também estão incluídas atividades de privação sensorial, em que um ou mais sentidos são alterados ou restringidos com o uso de acessórios. Um exemplo comum é o uso de vendas nos olhos (WOOD, 2009).

é previamente negociada uma diferença de autoridade entre os participantes (SHAHABAZ; CHIRINOS, 2017).

Apesar de à primeira vista, para um observador externo, os comportamentos *kinky* possam inspirar preocupação, são comportamentos consensuais, com referências para que sejam levados com segurança e critérios que tornam possível avaliar se estão ou não sendo prejudiciais (DUNKLEY; BROTT, 2020; EASTON; LISZT, 2000; SHAHABAZ; CHIRINOS, 2017) – o que será tratado no capítulo Consensualidade e segurança em práticas *kinky*. A comunidade psiquiátrica, inclusive, deixou de considerar esse tipo de expressão sexual como patológica, incluindo a presença ou ausência de consensualidade na vivência dessas relações para avaliar o que é ou não patologia (APA, 2014; WHO, 2018). Mas, ao contrário da concepção comum, pessoas *kinky* procuram práticas alternativas não apenas com fins eróticos, mas também como forma de intimidade, brincadeira, como lazer ou meio de alcançar uma sensação de transcendência (EASTON; LISZT, 2000; NEWMHR, 2010; HUGHES; HAMMACK, 2020).

*Pony play*<sup>5</sup> é uma das práticas do espectro *kinky*. Rebecca Wilcox, que treinou cavalos reais, foi praticante de *pony play* e esteve envolvida ativamente com grupos de *pony play* nos EUA, na Suécia, começa seu livro sobre o tema com a seguinte frase: “*Pony play* desafia uma definição fácil<sup>6</sup>” (WILCOX, 2013; p. 209). Isso porque *pony play* pode ser considerado um nome guarda-chuva para diversas atividades que mantém entre si uma característica comum: ao menos uma das pessoas envolvidas na prática adota o papel de um cavalo. De forma geral, os jogos de *pony play* emulam a relação do humano com o cavalo, sendo baseadas no mundo equestre. As atividades podem ser individuais, em duplas ou em mais pessoas, havendo também eventos dedicados a este tipo de prática.

Uma grande diversidade de jogos possíveis. Uma pessoa pode treinar outra em adestramento<sup>7</sup>, salto, modalidades *western* ou em treinos de redondel<sup>8</sup>. Pode-se brincar de montaria, com uma pessoa sentando-se sobre as costas ou ombros da outra. Há também atividades de tração. Estas podem variar em complexidade, indo desde uma pessoa tracionando um pedaço de tronco a mando de outra, até alguém puxando uma charrete na qual outra pessoa

---

<sup>5</sup> Tradução livre: jogo do pônei. Preferimos manter o nome no idioma original.

<sup>6</sup> Tradução livre de: “*Pony play defies easy definition*” (WILCOX, 2013; p. 209).

<sup>7</sup> O adestramento (em inglês e francês, *dressage*) é uma modalidade equestre cujo objetivo é o refinamento dos movimentos do cavalo. Nos campeonatos, durante toda a apresentação deve-se “passar ao espectador a imagem de um cavalo confiante, atento e impulsionado, demonstrando um perfeito entendimento com o seu cavaleiro”. A modalidade faz parte dos esportes olímpicos (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO, 2023).

<sup>8</sup> Como o que faz o cavalo andando em volta do treinador.

está sentada determinando qual a velocidade e direção a rumar. As charretes utilizadas podem ser as fabricadas para pôneis reais, cujo tamanho permite adaptação direta para o uso humano, além das produzidas para esse propósito (SUBMISSAN, 2014. WILCOX, 2013). Não encontramos na literatura o porquê do termo *pony play* ao invés de *horse* (cavalo) *play*. Mas, o emprego de charretes fabricada para pôneis, visto em fotografias e vídeos de *pony play*, talvez nos dê pistas. Como descrito com relação aos comportamentos *kinky*, a prática pode ter ou não tonalidade erótica, ser meramente lúdica ou envolver BDSM e elementos fetichistas, tais como o uso de *catsuits* (macacões) de látex<sup>9</sup> (WILCOX, 2013). Dentro do âmbito BDSM podem ser utilizados acessórios restritivos que privam o praticante de alguns de seus sentidos ou o impedem de falar, como por exemplo bridões<sup>10</sup> e vendas (MOSEER, 2006). Esses equipamentos às vezes são confeccionados a partir de peças utilizadas em cavalos (WILCOX, 2013).

Atividades de *pony play* também podem ser caracterizadas por despersonalização, que também aparece em produções culturais que retratam príncipes metamorfoseados em sapo ou feras, como também na nossa fascinação por temas perturbadores como tortura, crimes de guerra e *serial killers*. O prazer de satisfazer a curiosidade mórbida de saber como tal assassino matou, esquartejou e enterrou alguém em seu quintal, exige conseguir olhar a vítima como menos humana que nós mesmos. Exige um olhar frio. Ao ver um documentário sobre um *serial killer* nos tornamos coparticipantes da transformação de alguém com nome, história e sonhos em picadinho (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993; ENGLUND, 2020; MOORE, 1994).

O estímulo sexual que situações de despersonalização “podem proporcionar é amplamente conhecido, mas raramente admitido<sup>11</sup>” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 141). Num contexto BDSM, podemos dizer em categorias as atividades que incluem essa forma de relação:

“[...] em primeiro lugar, comportar-se e ser tratado como um animal; em segundo lugar, a fantasia de ser um objeto inanimado, como um móvel; e, em terceiro lugar, cenários institucionais nos quais o submisso é tratado como prisioneiro, paciente hospitalar ou aluno de uma escola correcional - ou seja, alguém cujos direitos foram revogados por um sistema onipotente, impessoal e geralmente implacável. Algum elemento de despersonalização pode estar presente em outros tipos de atividades D&S - por exemplo, a relação mestre-escravo - mas, para fins de organização, limitamos a

<sup>9</sup> Vestimenta de látex natural, comumente preta, confeccionada para ser usada de forma muito justa em contato direto com a pele, funcionando como uma segunda pele.

<sup>10</sup> Instrumentos de metal, em geral articulados, colocados na boca do cavalo. Se formos ser mais rigorosos, o correto seria falar embocadura, pois o bridão é apenas um dos instrumentos possíveis de se usar – há também o freio.

<sup>11</sup> Tradução livre de: “To enjoy the spectacle of another person being inhumanely subjugated or violated requires that we see him as intrinsically less human than ourselves. The sexual kick that these spectacles may provide is widely known but rarely admitted” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 141).

despersonalização a essas três categorias gerais<sup>12</sup>” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 151).

Se submeter a ser um animal obediente é ser, privado de sua autonomia, o que pode ser degradante e sexualmente estimulante para uns, mas inadmissível em uma situação não consensual (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993; ENGLUND, 2020; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). Sob outro ângulo, a despersonalização pode envolver distanciar-se intencionalmente de sua sensação usual de si a fim de alinhar-se com a própria fantasia. Alguns *ponies* podem deixar de lado mentalmente sua identidade humana para adotar a que consideram de um pônei ou cavalo, o que pode envolver inclusive um nome distinto. Nessa vivência pode estar presente um estado de consciência diferente do cotidiano, chamado *pony headspace*<sup>13</sup>, no qual ocorrem alterações na maneira como percebem e reagem a estímulos, uma estrutura de pensamento diferente daquela atribuída a sua identidade humana e diminuição da capacidade de comunicar-se verbalmente<sup>14</sup>. Os praticantes que entram nesse estado de consciência alternativo o fazem a partir de algo que funciona como gatilho, como por exemplo vestir alguma parte do equipamento ou ser chamado por seu nome de *pony*. Os gatilhos, tanto para entrar quanto para retornar desse estado, são individuais (SUBMISSAN, 2014; WILCOX, 2013). O fato é que, sem ou com viés BDSM, é uma prática alguém se coloca no papel de um animal e, entregando o controle para outra, pode viver uma “liberação escapista dos fardos de ser simplesmente humano” (RAMBUSS, 2011, p. 243).

Porém, pouco se conhece sobre a população total de *pony players*. Uma pesquisa na Califórnia, com 32 sujeitos que se auto identificam como com praticantes de BDSM, verificou que 10,2% dos pesquisados adotavam *pony play* como prática (CONNOLLY, 2008). Outra pesquisa similar, conduzida na Itália também com praticantes de BDSM com 266 sujeitos, obteve como resultado que *pony play* estaria dentre as práticas preferidas de 17,7% dos homens

---

<sup>12</sup> Tradução livre de: “[...] *first, behaving and being treated like an animal; second, the fantasy of being an inanimate object, such as a piece of furniture; and third, institutional scenarios in which the submissive is treated like a prisoner, a hospital patient, or a reform-school student—in other words, someone whose rights have been revoked by an omnipotent, impersonal, and usually heartless system. Some element of depersonalization may be present in other types of D&S activity—for example, the master-slave relationship—but for purposes of organization we limit depersonalization to these three general categories*” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 151).

<sup>13</sup> Tradução livre: Estado de consciência de pônei.

<sup>14</sup> “*Deep headspace may render the pony unable to respond from a rational, human mindset, and may leave her unable to take care of herself. In fact, most ponies suspend verbal communication and adopt a nonverbal communication system*” (WILCOX, 2013, posição 441). Tradução livre: “Um estado de consciência profundo pode tornar o pônei incapaz de responder de uma perspectiva humana, e pode torná-lo incapaz de cuidar de si mesmo. Na verdade, muitos pôneis suspendem a comunicação verbal e adotam um sistema de comunicação não verbal”.

e 12,8% das mulheres. Considerando-se os papéis adotados nas relações, ela figura dentre as práticas preferidas de 23,9% dos que são dominadores, 10,4% dos que são submissos e 11,8% entre os *switches*, que se alternam entre os dois papéis (BOTTA *et al.*, 2018).

Durante a elaboração do projeto dessa pesquisa não foi encontrada nenhum estudo com praticantes de *pony play*, apenas com participantes de *puppy play* (ou *pup play*<sup>15</sup>), prática em que se emula a relação homem-cachorro, com os indivíduos que fazem o papel de cães adotando a postura deste animal. Esse outro jogo de papéis animal se originou na hipersexualizada subcultura *gay leather*, com alguns participantes se envolvendo sexualmente com a prática e outros apenas socialmente com ela (LAWSON; LANDRIDGE, 2019). Um estudo com 733 participantes de *pup play* verificou que a maioria dos participantes possuía equipamentos, como coleiras, e os utilizava durante a prática. Também a maior parte deles afirmou que a atividade melhorou sua saúde mental (WIGNALL *et al.*, 2022). O desejo das pessoas por esse tipo de prática geralmente está relacionado a uma busca por “(1) prazer sexual; (2) relaxamento, terapia e escapismo de si mesmo; (3) brincadeira adulta e fisicalidade vibrante; (4) ampliação e expressão da individualidade; e (5) relacionamentos e comunidade<sup>16</sup>” (LANDRIDGE; LAWSON, 2019, p. 2201). Uma outra pesquisa que entrevistou 30 praticantes verificou que, segundo os participantes, entre os elementos não sexuais da atividade estaria o que eles denominam de *headspace*, o que de acordo com os relatos colhidos seria um estado mental relaxante, em que se “esquece ou ignora os pensamentos humanos e se age de forma mais instintiva” (WIGNALL; MCCORMACK, 2017. p. 807). Mesmo assim, *puppy play* comumente envolve aspectos BDSM, como restrição, submissão, punições, obediência (BOYD, 2018) e frequentemente ocorre com uma configuração de dominação e submissão entre os papéis de treinador e *puppy* (LANGDRIDGE; LAWSON, 2019).

Mas que é saudável em termos de sexualidade e erotismo é definido pelo grupo com maior poder social, portanto, as ideias de patológico e anormal nem sempre são baseadas em evidências científicas (SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). Até recentemente, por exemplo, o comportamento dos que se envolvem, mesmo que consensualmente, em atividades sadomasoquistas ou fetichistas era classificado como patológico (WISMEIJER; VAN ASSEN, 2013). Porém, segundo revisão de literatura com 60 artigos, (BROWN; BARKER; RAHMAN, 2020) a prevalência de fantasias com BDSM na população variam entre 40% e 70% e cerca de

---

<sup>15</sup> Tanto *puppy* quanto *pup* podem ser traduzidos para o português como cachorro, cachorrinho.

<sup>16</sup> Tradução livre de: “(1) sexual pleasure; (2) relaxation, therapy, and escape from self; (3) adult play and vibrant physicality; (4) extending and expressing selfhood; and (5) relationships and community” (LANDRIDGE; LAWSON, 2019, p. 2201).

20% das pessoas afirmam terem participado de alguma atividade do tipo. Um estudo recente realizado na Bélgica com mais de 1.000 participantes verificou que quase metade deles já havia tido alguma prática BDSM (HOLVOET, 2017). Outro, conduzido no Canadá encontrou alta prevalência de fantasias de dominação e submissão, resultados que questionam o conceito de “fantasia sexual incomum” (JOYAL et. Al, 2015). Na República Checa, outro estudo verificou uma alta prevalência de interesses parafílicos<sup>17</sup> na população geral, levando os autores a concluir que seria problemático patologizar esses desejos (BÁRTOVÁ *et al.*, 2020). Na Itália, em 2018, uma pesquisa obteve como resultado que 50,6% dos homens e 41,5% das mulheres reportavam ao menos um comportamento considerado parafílico e concluiu que pensamentos e comportamentos deste tipo não eram um desvio da norma, mas, ao contrário, eram razoavelmente comuns (CASTELLINI *et al.*, 2018).

Algumas pesquisas apontam que não existem indícios de diferenças significativas entre praticantes de BDSM e a população geral com relação a características de personalidade e eventos traumáticos na infância (BRINK *et al.*; BROWN; BARKER; RAHMAN, 2020; CONOLLY, 2006; 2021; WISMEIJER; VAN ASSEN, 2013). Apesar disso, aqueles que foram vítimas de vitimização sexual podem “construir suas práticas de forma diferente, valendo-se mais de narrativas terapêuticas<sup>18</sup>” (HOLT, 2023, p. 240). Há um corpo crescente de pesquisas indica que BDSM em alguns casos é usado por praticantes com fins terapêuticos, de cura, fins sexuais e espirituais (BAKER, 2018; BARKER; GUPTA; IANTAFFI, 2007; CARLSTRÖM, 2020; HAMMERS, 2014, 2019; LINDEMANN, 2011; SIMULA, 2023; SPROTT, 2020; THOMAS, 2020). Nos últimos anos a comunidade psiquiátrica começou a abrir as portas para a desestigmatização dessas e de outras sexualidades alternativas. Esse processo ocorreu de forma gradual. Primeiramente em 2013, com a separação entre desejo parafílico e transtorno parafílico no DSM-5. Segundo essa nova definição, um desejo parafílico, ou seja, um desejo intenso e persistente por algo que não seja voltado a estimulação genital ou carícias preliminares com parceiros adultos, só é um transtorno se causar sofrimento ou prejuízo ao indivíduo ou a terceiros. Um dos critérios utilizados em diagnósticos, por exemplo, é atuar o desejo com pessoa que não consentiu (APA, 2014). Posteriormente, o processo de despatologização continua em 2018, com a retirada dos diagnósticos de sadomasoquismo, fetichismo e travestismo fetichista do CID-11 (WHO, 2018), no qual houve também a inclusão da consensualidade como critério

---

<sup>17</sup> “O termo parafilia representa qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física” (APA, 2014, p. 685).

<sup>18</sup> Tradução livre de: “[...] may construct their practice differently, drawing more from therapeutic narratives” (HOLT, 2023, p. 240)

para definir o que é ou não doença (WHO, 2020).

Nos Estados Unidos, o DSM-4 era usado por “juízes, assistentes sociais e psicólogos para ‘diagnosticar’ pessoas *kinky* com um transtorno mental parafilico e negar a custódia de seus filhos<sup>19</sup>” em casos de divórcio, disputas de custódia com ex-parceiros ou em investigações de assistência social devido ao seu comportamento sexual (WRIGHT, 2018, p. 622). A partir do lançamento do DSM-5, esses casos foram diminuindo progressivamente ao longo dos anos. Uma pesquisa com 321 praticantes de BDSM, verificou que 37% deles tinha algum grau de ideação suicida e que a presença desse tipo de ideação estava relacionada com pertencimento frustrado (sensação de desconexão com outras pessoas), sensação de ser um peso para os outros e vergonha (ROUSH *et al.*, 2017). A relação com vergonha, mas não culpa, poderia estar associado à BDSM ser um misto de estilo de vida com identidade (WEISS, 2006). Já foi verificado também que parte dessa população teme que seu trabalho seja prejudicado caso seu envolvimento com BDSM seja descoberto (BEZREH; WEINBERG; EDGAR, 2021). Assumir-se enquanto praticante de BDSM para os outros, por outro lado, está negativamente relacionado com ideação suicida, pois isso reduziria o pertencimento frustrado, estando o indivíduo mais possibilitado de viver sentimentos de conexão e fazer parte de grupos que trazem um senso de pertencimento (BEZREH *et al.*, 2012; BROWN *et al.*, 2022; GRAHAM *et al.*, 2016). Porém, uma pesquisa, com 175 praticantes de BDSM de diversos grupos de praticantes verificou que cerca de 35% deles não revelavam seu envolvimento com BDSM para seus terapeutas (KOLMES; STOCK; MOSER, 2006).

Apesar das mudanças, muitos profissionais de saúde não têm formação para trabalhar com esse tipo de população, por não conhecerem as características culturais, modelos de relacionamento, atividades típicas e por não saberem diferenciar, por exemplo, uma expressão BDSM saudável de um abuso ou episódio de violência (JOZIFKOVA, 2013; SHAHBAZ & CHIRINOS, 2017). Porém, uma pesquisa realizada nos EUA com 776 psicoterapeutas verificou que, apesar de 76% deles já havia atendido um praticante de BDSM, somente 48% consideravam-se competentes nessa área (KELSEY; STILES; DIEKHOFF, 2013). Mais uma, conduzida na Suécia em 2020 com 27 praticantes de BDSM, identificou que os sujeitos pesquisados relatavam experiências negativas nas quais os terapeutas não conseguiam conter as próprias emoções, expressavam preconceito ou visão patologizante, focavam excessivamente ou evitavam conversar sobre BDSM e usavam seus clientes para aprender sobre

---

<sup>19</sup> Tradução livre de: “was used by judges, social workers, and psychological evaluators to “diagnose” kinky people with a paraphilic mental disorder and then deny them child custody on that basis” (WRIGHT, 2018, p.622)

o tema (LANTTO; LUNDBERG, 2021). Esse posicionamento clínico frente aos praticantes de BDSM compromete a possibilidade de abordar essas vivências de forma adequada como parte do processo psicoterapêutico (CASCALHEIRA *et al.*; 2021; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017).

Para a psicologia analítica, aquilo que é “sexual pode ser considerado uma atividade da imaginação, uma expressão psicológica, [...] uma forma com que a alma fala” (HILLMAN, 1960, p. 141), já que todo o instinto tem representação imagética. Do ponto de vista junguiano, a sexualidade pode ter dimensões numinosas e, portanto, simbólicas (BENCHÍN, 2022), sendo parte do processo de individuação (SANTANA, 2016). Porém, Luis Nieri de Toledo Soares, formado como analista na Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA) em 2011, e atualmente coordenador do núcleo de sexualidade da instituição, conta que em seu curso de formação “não houve sequer uma hora de discussão sobre a sexualidade” (SOARES, 2011, p. 100). Ele acrescenta que, em geral, a sexualidade não é abordada como algo em si mesmo, mas reduzida a sintoma e conclui que, desta forma, “para os assuntos ligados à sexualidade ficamos sem um espaço legitimamente Junguiano” (SOARES, 2011, p. 100). De fato, sendo uma psicóloga de orientação analítica e trabalhando com sexualidade desde o início do meu trabalho clínico, percebi rapidamente a escassez de material sobre sexualidade e escassez ainda maior sobre vivências *kinky* e BDSM.

Um livro que aborda o tema do poder, sem citar diretamente sadismo ou masoquismo é *Power in the Helping Professions*, de Guggenbühl-Craig (1971). O livro trata das dimensões de poder sombrias envolvidas nas profissões de cuidado, em especial na profissão do psicólogo. O autor descreve estruturas de poder que são constituintes dessas profissões e como essas estruturas podem atuar, prejudicialmente, quando mantidas na sombra. Power (2014), que escreveu *Negative Coniunctio: Envy and Sadomasochism in Analysis* e Thomas (2023a), autor de *My kinky shadow: The poetics of the sadomasochistic Other*, por outro lado, citam diretamente sadismo e masoquismo como dimensões arquetípicas da psique e chamam atenção para a escassez bibliográfica nessa mesma direção. Thomas (2023a) cita, em seu texto, dois autores que escreveram livros dedicados diretamente ao sadismo e ao masoquismo: Thomas Moore e Lyn Cowan.

O livro de Thomas Morre (1994) é *Dark Eros: The Imagination of Sadism*, que destaca o papel estruturante do sadismo na hierarquia, na teoria abstrata, na crítica que examina e dissecar sadicamente seu objeto e como nos exames e avaliações aos quais os alunos na escola são friamente submetidos. O sadismo também estaria presente psicologicamente na tortura da alma, forjando-a de *puella* inocente para uma alma amadurecida, mais capaz de apreender as contradições da vida. Para o autor, Marquês de Sade seria uma espécie de Hesíodo, mas um

Hesíodo dos porões, cujas imagens violentas e repulsivas apontam para dimensões da psique de qualidade semelhante – e que não precisam ser purificadas ou limpas.

Já o livro de Lyn Cowan (1985) é *Masochism: A Jungian View*, que traz a ideia de que o masoquismo estaria presente na nossa necessidade de entrega, adoração, de nos rendermos a algo maior, na necessidade que temos de sentir a nossa própria dor e, desta fora, estaria presente como uma verdadeira necessidade psicológica. Sobre masoquismo há também o artigo *Masochism: the Shadow Side of the Archetypal Need to Venerate and to Worship*, de Rosemary Gordon (1987). Por fim, há o livro *Becoming a Kink Aware Therapist* de Shahbaz e Chirinos (2017), que aborda alguns conceitos da psicologia analítica como a sombra, e *The Deep Psychology of BDSM and Kink: Jungian and Archetypal Perspectives on the Soul's Transgressive Necessities*, de Thomas (2023b), que será lançado no segundo semestre de 2023, infelizmente após a conclusão dessa pesquisa. Mais estudos, portanto, são necessários para ampliar o campo de pesquisa da psicologia analítica nos temas da sexualidade, em especial sexualidades *kinky*.

## 1. PONY PLAY AO LONGO DO TEMPO

No ano de 1894 o psiquiatra alemão, Krafft-Ebing, apresenta, dentre os muitos casos que constam em seu livro *Psychopathia Sexualis*, três que chamam a atenção de quem está interessado em entender mais sobre *pony play*. O primeiro é o de um homem de 35 anos que tinha o pensamento “lascivo” (KRAFFT-EBING, 2012; p. 107) de ser atrelado a um arado e feito trabalhar como um cavalo de tração. Uma outra fantasia sua era ser o escravo de uma camponesa, ser atrelado nu a uma charrete de leite e conduzido por um cabresto até a cidade, na qual seria ignorado pelos passantes. O segundo caso é o de um homem de 50 anos que, após anos tendo pensamentos e sonhos eróticos com cenas masoquistas, dentre as quais a de ser um cavalo montado por uma linda mulher, conseguiu concretizar suas fantasias. O homem conta que conseguiu que uma mulher se sentasse em suas costas e narra: “então fiz o melhor que pude para imitar os movimentos de um cavalo e amei tê-la me tratando como um cavalo, sem pensar em mim. Ela poderia me bater, me alfinetar, repreender ou acariciar, de acordo com sua vontade<sup>20</sup>” (KRAFFT-EBING, 2012; p. 112). Esta atividade, felizmente para ele, acabou fazendo parte da sua vida com alguma periodicidade. Dentre a papelada pessoal de Krafft-Ebing, foi encontrado um cartão postal que retratava uma cena semelhante aos sonhos eróticos descritos nesse segundo caso: um homem de quatro, com uma espécie de bridão na boca, sendo montado por uma linda mulher (figura 1). Acredita-se que o cartão postal seja do fim do século XIX (FORDE; BEDDARD, 2014).

Já o terceiro destes casos é o de um homem de 52 anos que realizava suas fantasias equestres com prostitutas. Um anel de porcelana era colocado em seu pênis e dois cordões eram presos a esse anel, passavam para trás entre suas pernas e eram presos à cama. Então ele pedia que a prostituta o golpeasse com um chicote como se ele fora um cavalo indisciplinado. E quanto mais a prostituta o impelisse, com gritos e golpes, a ir para frente, mais ele se excitava (KRAFFT-EBING, 2012). Duas décadas depois, em 1918, outro psiquiatra alemão, Magnus Hirschfeld, publica o livro *Patologia Sexual: um estudo dos transtornos do instinto sexual*<sup>21</sup>, no qual descreve o metatropismo (conversão), preferência sexual pela interação entre uma mulher dominante e um homem passivo, o que era visto na época como uma inversão de papéis naturais

---

<sup>20</sup> Tradução livre de: “I then did the best I could to imitate the movements of a horse and loved to have her treat me like a horse, without any thought of me. She could beat, prick, scold, or caress me, just as she felt inclined” (KRAFFT-EBING, 2012; p. 112).

<sup>21</sup> Tradução livre de: “*Sexuelle Zwischenstufen: Das männliche Weib und der weibliche Mann*”.

(ENGLUND, 2020; GORDON, 2006; HIRSCHFELD, 1918). O psiquiatra também passaria a coordenar um dos primeiros institutos de pesquisa em sexualidade (1919 a 1933). Na Berlim da época, cidade em que ficava o instituto, florescia uma cultura obscena que ajudaria a definir os códigos visuais do sadomasoquismo. Nela, a relação de dominância entre humano e animal servia como imagem (ENGLUND, 2020; GORDON, 2006).

**Figura 1-** Cartão postal da coleção de Kraft-Ebing



Fonte: página Public Domain Review<sup>22</sup>.

Segundo Hirschfeld (1918), homens metatropistas poderiam desejar sofrer cinco tipos de humilhação: degradação de seu status ao de um servo (servilismo), em que o homem deseja, por exemplo, ser o escravo de uma mulher; rebaixamento de sua idade (masoquismo pueril), em que o homem deseja ser punido por uma mulher autoritária como se fosse uma criança; degradação sexual (metatropismo travestista), em que o homem sente prazer na inversão dos gêneros masculino e feminino; humilhação ao status de objeto (masoquismo impessoal), em que deseja ser tratado como um objeto que a amante usa, tal como um banquinho; e, por fim, degradação ao nível de um animal (metatropismo zoomista), em que o desejo é o de ser tratado como tal (GORDON, 2006; HIRSCHFELD, 1918). O autor faz as seguintes observações sobre esse último grupo:

<sup>22</sup> Disponível em: < <https://publicdomainreview.org/collection/photograph-collection-of-a-19th-century-sexologist>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

“[...] a auto-externalização erótica dessas pessoas pode aumentar ao ponto de serem colocadas no papel de um animal. Não só o uso de nomes de animais tais como ‘Sua ovelha, seu cachorro, seu porco, seu boi, burro, camelo’ e outros vários similares são sentidos como o oposto de um insulto, nas diversas câmaras de tortura de amantes pagas também achamos selas e cabeçadas<sup>23</sup>, feitas não para cavalos, mas para pessoas, grandes focinheiras que se colocam em homens que andam de quatro como cachorros e latem. Perto, há guias, coleiras, chicotes e casinhas de cachorro<sup>24</sup>.” (HIRSCHFELD, 1918; p. 241)

Os relatos desses casos deixam claro que o desejo de ser tratado como cavalo e o desejo (ou ao menos a disponibilidade) de tratar ao outro como equino já existia ao menos desde o fim do século XIX. Mas a ideia de fazer do outro um animal de montaria é mais antiga. Hirschfeld cita um trecho da epigrama 104 do livro XI de Marcial (que viveu de 38 a 104 D.C), em que escravos se masturbam vendo sua ama montar o marido (HIRSCHFELD, 1918). Na era medieval, um pouco antes de 1200, originou-se a lenda de Aristóteles e Fílis (MIZIOŁEK, 2008). Nela, Aristóteles adverte seu discípulo, Alexandre, o Grande, a evitar os encantos de Fílis e voltar aos seus deveres. Fílis se vinga seduzindo o filósofo e colocando como condição para se entregar a ele que possa montá-lo como a um cavalo — e assim faz Aristóteles. Essa cena, do filósofo sendo montado por uma mulher, foi representada em diversas pinturas ao longo dos séculos seguintes, tendo Aristóteles um bridão na boca em algumas delas (BIENVENUE; CHARE, 2022; MIZIOŁEK, 2008).

Dois séculos depois, na Inglaterra, Fílis e Aristóteles foram substituídos por Sócrates e Xantipa, sua adorada esposa (O’NOMIS, 2013), mas falaremos um pouquinho disso no capítulo seguinte. Mas, não só em terras europeias este tema existia. Um manuscrito egípcio do século XVII, que atualmente encontra-se na Biblioteca de Paris, com histórias do Livro das Mil e uma Noites (JAROUCHE, 2009) contém uma história em que náufragos chegam a uma ilha e são feitos de burros por alguns de seus habitantes.

[...] fomos surpreendidos por gentes semelhantes a gênios, que subiram em nós, montando em nossos ombros, e disseram: ‘Andem! Vocês viraram nossos burros’. Eu

<sup>23</sup> Contrariamente à fala coloquial, a peça de couro que se prende à cabeça do cavalo e que segura o bridão em sua boca para controle durante a montaria chama-se a cabeçada. As rédeas se prendem ao bridão, que por sua vez está preso nas peças de couro. Já cabresto é uma peça, muitas vezes feito de corda ou outro tipo de tecido, é utilizado principalmente para o manejo do animal quando não se está montado nele.

<sup>24</sup> Tradução livre de: “[...] *sich die erotische Selbstentäußerung dieser Menschen bis zum Hineinversetzen in die Bolle eines Tieres steigern kann. Nicht nur, daß die Belegung mit Tiernamen, wie: „Du Schaf, du Hund, du Schwein, Ochse, Esel, Kamel“ und zahlreiche ähnliche als Gegenteil einer Beleidigung empfunden werden, in den assortierten Folterkammern gewerblicher Gebieterinnen finden wir Sattel- und Zaumzeug, das nicht für Pferde, sondern für Menschen angefertigt ist, große Maulkörbe, die Männern angelegt werden, die wie Hunde auf Vieren gehen und bellen. Daneben befinden sich Hundeleinen, Hundehalsbänder, Hundepeitschen und Hundehütten*” (HIRSCHFELD, 1918; p. 241).

disse ao que montara em mim: ‘O que é você? E por que montou em mim?’. Ele enroscou uma das pernas no meu pescoço, apertou até eu quase sufocar e bateu com o outro pé nas minhas costas [...]. Percebendo que eu estava faminto, conduziu-me pela mão até debaixo de uma grande árvore de frutas [...]; ora eu caminhava, ora eu corria, ora eu me apressava, enquanto ele ria, dizendo: ‘Nunca em minha vida montei em um burro como você!’” (LIVRO..., 2009).

**Figura 2** - Fotos de pony play de Jacques Biederer



Fonte: Jacques Biederer, compilação do autor<sup>25</sup>.

Avançando para o início do século XX, produções artísticas eróticas com temas semelhantes, como as fotos de Jacques Biederer da década de 1930 (figura 2). Nelas se vê uma mulher tratando um homem como se este fosse um cavalo, montando nele e aparentemente o disciplinando ou treinando. O homem veste uma máscara de cavalo, arnês e uma sela adaptada, incluindo os loros e estribos<sup>26</sup> e ela, roupas sensuais. Na década seguinte, temos as fotos de Charles Guyette, em que aparecem uma mulher nua no papel de um cavalo, puxando um carrinho de bebê adaptado para ser uma charrete, com duas hastes como varões<sup>27</sup>. A *ponygirl*, usa uma cabeçada com algum tipo de embocadura<sup>28</sup> e rédeas. Veste apenas uma calcinha, salto alto, arnês no quadril e algemas, que prendem suas mãos aos varões da charrete. As rédeas repousam nas mãos de outra mulher, vestida com uma roupa semelhante às usadas por mulheres que, nos teatros e cinemas, guiavam os que chegavam aos seus lugares e vendiam balas. Numa das fotos, a mulher vestida ajeita a cabeçada e rédeas da *ponygirl*. Nas outras, ela está sentada

<sup>25</sup> Montagem a partir de imagens coletadas no site Biederer Studio, via <https://biedererstudio.com/ponyplay/>.

<sup>26</sup> Loro é a tira, em geral de couro, que é acoplada à sela e na qual se prendem os estribos, que são peças, em geral feitas de metal, nas quais o cavaleiro apoia os pés.

<sup>27</sup> As duas hastes da charrete que se alongam paralelamente ao corpo do cavalo e apoiadas suavemente no arnês. A charrete em geral é projetada para que o peso fique em cima das rodas, portanto ela não pesa sobre o corpo do cavalo, sendo a tração feita por cordas que passam pelo peito do cavalo

<sup>28</sup> Embocadura é a peça que vai na boca do cavalo. Ela pode ser um dos diversos tipos de bridão ou freio, confeccionados em uma miríade de formatos e materiais.

na pequena charrete, segurando as rédeas em uma das mãos e um chicote na outra. Charles Guyette também produziu uma foto de dominação em que uma mulher com lingerie, luvas, botas e empunhando um chicote monta nas costas do homem. O homem parece usar algum tipo de arnês, no qual há um estribo em que a mulher apoia os pés vestidos em botas de salto (O'NOMIS, 2013).

Já na década de 1950 Irving Klaw produzia material erótico para fetichistas, muitos deles homens poderosos e endinheirados que pediam fotos e vídeos de suas próprias fantasias. No documentário *Bettie Page Reveals All*, de 2013, pode-se ver um vídeo em que Bettie Page, a modelo fetichista de *bondage* mais famosa fotografada e filmada por Klaw, aparece andando de quatro vestida como cavalo. Ao falar sobre esse vídeo específico, a modelo se pergunta com humor como o homem que pediu as imagens poderia reconhecê-la, já que seu rosto estava totalmente coberto por uma máscara de cavalo (BETTIE Page reveals all, 2013). Do mesmo período, há a arte do desenhista John Willie, que publicou desenhos e histórias sobre *pony play* e *ponygirls*<sup>29</sup> em oito das 13 primeiras edições de sua revista, *Bizarre* (WILLIE, 1996). Também junto à Irving Klaw, nos livretos *Pleasure Parade*, lançados a partir do fim da década de 1950, que traziam, dentre outras produções fetichistas, histórias sobre *horse play* e *ponygirls*, com personagens femininas tratadas como cavalos (SEVES, 2022). Na década de 1960, tem-se a produção *Olga's House of Shame*, de George Weiss, filme de 1964 que mostra algumas cenas de *pony play* entre mulheres.

Mais adiante, em 1977, aqui em terras tupiniquins, lança-se pela Editora Luzeiro a história de cordel “A Mulher que Queria ser Égua” (BOCACCIO, 1977), que conta a história de um matuto, o Zé Mané, que não tinha nem carroça, nem cavalo, tendo que carregar “no lombo” (BOCACCIO, 1977, p. 4) os produtos de seu roçado até a feira. De tão cansado que ficava, não conseguia aproveitar de sua mulher, Nhá Ritinha, “porque um sujeito cansado com mulher já não se inflama” (BOCACCIO, 1977, p. 4). Zé Mané um dia fica amigo de Zelão, que andava por todo lado com sua égua Rosinha. Zelão dá a entender que desfruta da égua a noite, até que tempos depois explica que ela, na verdade, é uma moça que ele transforma com uma mandinga:

Durante o dia, Rosinha,  
Para trabalhar para mim,  
Eu transformo numa égua  
E ela nunca acha ruim –  
De noite, volta a ser moça

---

<sup>29</sup> Mulheres que adotam o papel da *pony*.

E me dá um prazer sem fim {BOCACCIO, 1977, p. 14}

Encurtando a história, Zelão propõe para Zé Mané transformar Nhá Rita em égua também. Para tal, é necessário que os três fiquem bem quietos e Nhá Rita fique nua e de quatro. Zelão vai passando a mão no corpo de Nhá Rita inteiro, recitando as frases que irão transformá-la, até que por fim, enfia em sua “fendinha apetitosa [...] aquilo que o povo chama estaca de plantar gente” (BOCCACCIO, 1977, P. 27) – evidentemente para fazer o rabo. Depois de muito vai e vem, Zé Mané estranhou, porque o rabo ficava baixo demais, e começou a se queixar, quebrando o silêncio combinado. Zelão então falou que Zé Mané estragou tudo:

Só por sua culpa, Nhá Rita  
 Continua sendo mulher  
 E você carrega carga  
 Até quando Deus quiser!  
 Eu fiz tudo quanto pude –  
 Faça agora o que puder!

Nhá Rita, toda irritada,  
 Também falou: – Meu marido,  
 Continue burro de carga,  
 Que isso bem é merecido!  
 Quem nasceu para ser tão burro,  
 Fez muito mal ter nascido! (BOCCACCIO, 1977, p.31)

Assim, Zé Mané continua um burro de carga sem égua ou carroça alguma. Já Zelão:

Puxando a égua Rosinha,  
 Zelão rumou pro mercado,  
 Num adeus para Nhá Rita  
 Mandando um beijo soprado –  
 Como quem deixa em segredo  
 Um novo encontro marcado.

Foi cantando pela estrada,  
 Muito alegre e envaidecido.  
 Sua fama de mandingueiro  
 Não tinha desmerecido:  
 Não pôs o rabo na mulher,  
 Mas pôs chifre no marido! (BOCCACCIO, 1977, p. 32)

Há de se observar, porém, que Giovanni Boccaccio não nasceu em algum lugar do Brasil no século XX, mas sim na Itália do século XIV, tendo escrito a história na qual esta historinha de cordel foi baseada. Trata-se uma das histórias de O Decamerão (BOCCACCIO, 1985). Voltando à década de 70, cruzando o oceano até a Inglaterra, estreia *Equus*, peça de 1973 de Peter Shaffer e o filme de mesmo nome em 1977. *Equus* traz uma história não fetichista em

que há sobreposições em vários aspectos entre o humano e o cavalo. A história gira em torno de Alan, um rapaz obcecado em cavalos. Já na primeira cena da peça, o psiquiatra Dysart diz:

“O fato é que estou desesperado. Sabe, eu mesmo estou usando a cabeça daquele cavalo. É essa a sensação. Controlado pelas rédeas de uma velha linguagem e de velhas suposições, esforçando-me para saltar de cascos limpos em um caminho totalmente novo de ser, se ao menos eu pudesse suspeitar que o caminho está ali. Não consigo vê-lo, porque minha cabeça esclarecida e mediana está sendo segurada no ângulo errado. Não consigo pular porque o bridão me proíbe e minha própria força básica - meu cavalo-vapor, se preferir - é muito fraca.”<sup>30</sup> (SHAFFER, 2011, p. 9-10).

Alan possuía em seu quarto uma imagem de Jesus Cristo acorrentado. O pai do rapaz um dia rasga a foto, deixando Alan inconsolável. Ele só se recupera após colocar uma imagem de um cavalo no lugar da antiga. Sua obsessão atinge o ponto de um delírio e, na mistura de cavalos com cristianismo, cria-se em sua imaginação o deus *Equus*, que segundo o rapaz estaria em todos os cavalos (SHAFFER, 2011). Em dada altura, o pai de Alan presencia o menino olhando para a foto e recitando a genealogia de seu deus *Equus* (SHAFFER, 2011; MUSTAZZA, 1992):

“*And Prance begat Prankus! And Prankus begat Flankus. [...] Flankus begat Spankus. And Spankus begat Spunkus the Great, who lived three score years! [...] And Lewgus begat Neckwus. And Neckus begat Fleckus, the King of Spit. And Fleckus spoke out of his chinckle-chankle*<sup>31</sup> [...] *And he said ‘Behold – I give you Equus, my Only begotten son!’*” (SHAFFER, 2011, p. 47).

Os nomes dos antepassados de *Equus* são palavras e corruptelas ligadas ao cavalo. *Prance* está relacionado a “andar de forma energética e com mais movimento do que necessário” (PRANCE, 2022). *Prance* dá origem a *Prankus*, talvez corruptela de *prank*, em português “brincadeira”, “pegadinha”. Ele dá origem à *Spankus*, provavelmente de *spank*, “dar uma palmada em”, “bater”, que por sua vez dá origem a *Lewgus*, talvez de *leg*, “perna”, que por sua vez origina *Neckwus*, possivelmente de *neck*, “pescoço”. *Neckwus* origina *Fleckus*, o rei da saliva (*king of spit*), talvez de *fleck*, “partícula, macha” ou de *flank*, “flanco”. Este pede que contemplem seu único filho, *Equus*. A genealogia, portanto, é um encadeamento de

<sup>30</sup> Tradução livre de: “*The thing is, I’m desperate. You see, I’m wearing that horse’s head myself That’s the feeling. All reined up in old language and old assumptions, straining to jump clean-hoofed on to a whole new track of being I only suspect is there. I can’t see it, because my educated, average head is being held at the wrong angle. I can’t jump because the bit forbids it, and my own basic force—my horsepower, if you like—is too little*” (SHAFFER, 2011, p. 9-10).

<sup>31</sup> *Chinckle-chankle* é uma expressão criada pelo personagem Alan para se referir a embocadura de metal na boca do cavalo (SHAFFER, 2011)

imagens ligadas ao cavalo, partindo do movimento altivo e vívido do equino, passando por seu corpo e saliva. Ao fim dessa recitação Alan se abaixa, coloca um cordão em forma de laço na própria boca, como se fosse um bridão com rédeas e por fim pega um cabide de madeira, se golpeando com ele como se ele mesmo fosse um cavalo. Na peça de Shaffer, atores interpretam cavalos, usando máscaras de arame e couro, com as cabeças visíveis por baixo delas. Nos pés, cascos fixados em ferraduras. A postura deverá ser sempre ereta, o efeito animal criado “pelo uso das pernas, joelhos, pescoço, face e a virada da cabeça, que pode mover a máscara por todos os gestos de cautela e orgulho equinos<sup>32</sup>” (SHAFFER, 2011, p. 6). Eles não devem imitar o som do animal, pois literalismos “que sugerem a familiaridade aconchegante de um animal doméstico<sup>33</sup>” (SHAFFER, 2011, p.6) devem ser evitados.

O uso de pernas e joelhos para marcar um zoomorfismo com o cavalo também aparece no vídeo clipe da música *Simply the Best* (1989), de Tina Turner, em que closes das pernas da cantora são intercalados com os das pernas dianteiras de um cavalo. Madonna, que atua cenas curtas de *pony play* em alguns trechos do vídeo clipe de sua música *Erotica* (1992), apresenta novamente a temática em sua turnê *The Confessions Tour*, de 2006. Ela aparece na abertura do show como domadora, assim como em imagens projetadas ao fundo do palco. Closes em pernas de cavalo, nas imagens projetadas, dão uma curiosa ilusão de serem pernas humanas. A coreografia, figurino de Madonna e dos dançarinos no palco remete a iconografia do *pony play*, com o uso de arneses, cabeçadas, rédeas, pequenas selas presas às costas e moicanos que criam o efeito de crinas. Madonna usa um chapéu utilizado em provas de adestramento com o que aparenta ser um rabo de cavalo acoplado e os movimentos de dança do grupo são inspirados nos de um cavalo. Os dançarinos, em parte da performance, ficam de quatro e avançam por uma passarela erguida no meio do público. No trecho final, Madonna e dançarinos retornam ao palco em uma postura empertigada, movendo caricata e marcadamente as pernas e joelhos, de forma semelhante à recomendação de Shaffer sobre a interpretação dos cavalos em sua peça. Próximo ao final do vídeo projetado no fundo do palco durante a abertura, Madonna aparece de cabeçada, imitando um cavalo, com as mãos cerradas em punho apoiadas no chão, como se estivesse pateando o piso (BIENVENUE; CHARE, 2022).

Uma representação mais próxima dessa pose de Madonna é a da personagem Lee Holloway, no filme *Secretary*, de 2002. No filme, Lee Holloway, uma garota ingênua, vai

---

<sup>32</sup> Tradução livre de: “*through the use of legs, knees, neck, face, and the turn of the head which can move the mask above it through all the gestures of equine wariness and pride*” (SHAFFER, 2011, p. 6).

<sup>33</sup> Tradução livre de: “*Any literalism which could suggest the cosy familiarity of a domestic animal [...]*” (SHAFFER, 2011, p. 6)

trabalhar para um advogado poderoso e dominador, que ao mesmo tempo que vai colocando-a em diversas situações de submissão, também fortalece sua independência e feminilidade. Essas situações de submissão ocorrem como se fossem parte do trabalho. Em uma das cenas ela está de quatro, em cima de uma mesa do escritório, com uma sela de montaria nas costas, enquanto ele dá uma cenoura para que ela segure com a boca, em mais uma de suas tarefas de secretária (SECRETARY, 2002).

Na década de 1990 na área de Nova Iorque nos EUA, um homem que transformou seu fetiche em arte performática servia de cavalinho para mulheres tanto em ambientes fetichistas quanto em festas de adolescentes. Ele era Danny, o Pônei Maravilha (*Danny the Wonder Pony*). Ele se dizia um “Submisso Macho<sup>34</sup>” e falava que não iria “ser um banana para agradar as mulheres - é uma coisa masculina e poderosa que elas vão desfrutar se quiserem<sup>35</sup>” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 152), acrescentando que há algo muito sensual em dar uma volta de pônei (no caso nele), pois é uma situação em que as mulheres “têm algo grande e poderoso entre suas pernas sob o qual têm controle” (p. 155).

**Figura 3** – JFBE. Fotografia ilfochrome, 58 x 84 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

Além do autoproclamado, aparentemente com alguma razão, Pônei Maravilha, no fim da década de 90, há a série fotográfica *Being & Riding*, de Deborah Bright, que consiste em 21 fotos (algumas delas representadas aqui nas figuras 3 a 14). As fotografias revelam como a paixão infantil por cavalos, tema bastante comum em brincadeiras (BRIGHT, 2001; HANSEN,

<sup>34</sup> Tradução livre de: *Macho Submissive* (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 152)

<sup>35</sup> Tradução livre de: “*I’m not going to be a wimp to please the women—it’s a masculine, powerful thing that they can enjoy if they wish*” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 152).

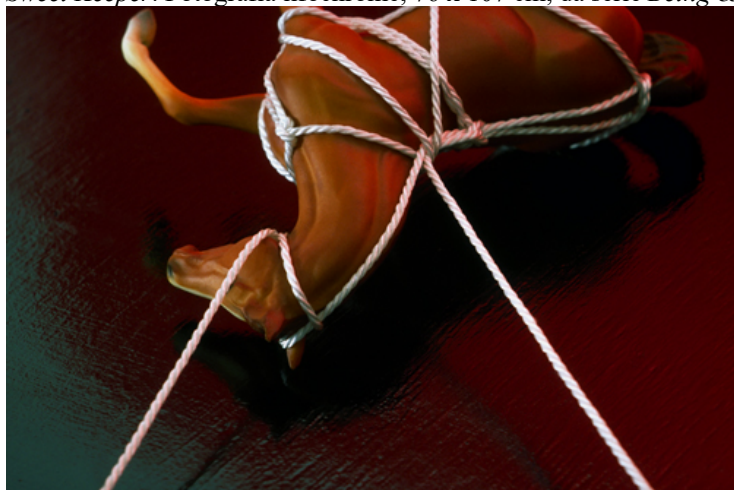
2012; IDFA, 2015; PAWLOWSKI, 2016), “pode persistir como uma dimensão da sexualidade adulta” (BIENVENUE; CHARE, 2022, p. 162). Na série de Bright, são retratados cavalos de brinquedo e equipamentos equestres reais, com referências claras a erotismo, *bondage* e dominação (BIENVENUE; CHARE, 2022). Representações de (figura 4), restrição da visão (figura 5) e restrição por *shibari* (figura 6) fazem parte do conjunto.

**Figura 4** - *Wild Secret Girl*. Fotografia ilfochrome, 75 x 106 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

**Figura 5** - *Sweet Keeper*. Fotografia ilfochrome, 76 x 107 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

Na figura 7, temos *Domme*, termo usado para designar dominadoras mulheres no mundo BDSM. Para Bienvenue e Chare (2022), a artista, nessa fotografia, está:

[..] explorando os vínculos de longa data entre equitação e BDSM, abrindo a possibilidade de ler a equitação de cavalos como um exercício em D/s. A equitação (com seus chicotes e sua associação comum com o domínio animal) tem sido uma rica fonte de fantasias relacionadas ao BDSM em relação à disciplina [...]. Em *Domme*, o pé da dominatrix está posicionado corretamente, com o calcanhar para baixo, pronto para chutar as partes sensíveis do animal sob seu controle caso ele não se comporte<sup>36</sup> (BIENVENUE; CHARE, 2022, p. 165-166).

**Figura 6** – *Domme*. Fotografia ilfochrome, 65 x 84 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

Na foto da figura 8, vê-se um braço sensualmente acompanhando a curva da sela. Bienvenue e Chare (2022) observam que a virilha pode pressionar-se contra a parte da sela onde está o cotovelo, a *pommel* (cepilha, em português). De forma similar, *Posting Trot* (trote elevado, em português), na figura 8, mostra o corpo e a sela de forma sensorial. Vê-se o quadril de uma mulher vestida com uma calça de couro encaixado em uma sela, cuja cepilha está ligeiramente desgastada. Há um contraste entre as texturas e cores e o foco da câmera mostra o papel do púbis, virilha e coxas no encaixe do corpo na sela. Bienvenue e Chare observam que se trata de uma fotografia sobre “disciplina e movimento”, já que o trote elevado exige a disciplina de contar e encaixar-se na batida rítmica do movimento do animal (2022, p. 164).

<sup>36</sup> Tradução livre de: “[...] *exploiting the longstanding links between riding and BDSM, opening the possibility of reading the riding of horses as an exercise in D/s. Riding (with its crops and whips and its common association with animal mastery) has long been a rich source for BDSM related fantasies regarding discipline [...]. In Domme, the dominatrix's foot is positioned correctly, with the heel down, ready to kick the sensitive sides of the animal under her control if they become undisciplined*” (BIENVENUE; CHARE, 2022, p. 165-166).

**Figura 7 - Pommel - Cantle.** Fotografia ilfochrome, 60 x 80 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1997, cedida gentilmente pela artista.

**Figura 8 - Posting Trot.** Fotografia ilfochrome, 58 x 84 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

Em *Missy* (figura 9) o foco é na traseira do animal, com seu rabo se deslocando ligeiramente para o lado prestes a revelar aquilo que ele esconde. Em *Kill Daddy* (figura 10), ocorre algo similar, mas nesse caso o rabo está levantado, o que pode sugerir penetração anal (HANSEN, 2012). Por outro lado, talvez sugira deixar disponível a parte escondida para que seja vista, tocada ou penetrada, a depender do gosto do freguês.

**Figura 9** - *Missy*. Fotografia ilfochrome, 102 x 81 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

**Figura 10** - *Kill Daddy*. Fotografia ilfochrome, 78 x 107 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1996, cedida gentilmente pela artista.

Em *Pocket Rocket* (figura 12), vê-se um cavalo preto com a cabeça dentro de uma calça jeans. O corpo pode estar saindo ou entrando pela braguilha aberta e logo abaixo está um volume masculino na calça. Para Hansen (2012), o cavalo pode ser um dildo. Quem sabe, possa ser um garanhão entrando nas calças de uma moça ou um substituto de pênis nas calças de alguém que não possui pênis, mas que quer experimentar sentir-se masculino. Dado que a cabeça está para dentro, essas interpretações e devaneios despertados pela imagem talvez sejam mais plausíveis do que o *garanhão* de um moço saindo para fora da calça.

**Figura 11** - *Drella's Blondie*. Fotografia ilfochrome, 84 x 58 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1997, cedida gentilmente pela artista.

**Figura 12** – *Pocket Rocket*. Fotografia ilfochrome 81 x 56 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1997, cedida gentilmente pela artista.

**Figura 13** – *Sweet thing*. Fotografia ilfochrome, 104 x 76 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1997, cedida gentilmente pela artista.

Sobre *Sweet Thing* (figura 13), Hansen (2012) diz que se trata do cabresto que os brinquedos Meu Pequeno Pônei, com sua marcação de gênero tradicionalíssima, colocam na imaginação das meninas apaixonadas por cavalos. Talvez, por outro lado, possamos ver uma subversão no contraste criado pelo do rosa claro do rabo de um cavalo de brinquedo (que no contexto se torna cabelo) com o preto de uma peça de restrição. A imagem, por essa ótica, junta um erotismo inocente e delicado com outro mordaz e agressivo. Na fotografia *Lone Ranger* (figura 14) o cavalo aparece enquanto uma imagem para a inveja do pênis (HANSEN, 2012). Mas também é possível ver a foto como uma versão suave de *Posting Trot* (figura 8), com a calça de couro preta sendo substituída pela pele à mostra, coberta só por uma delicada calcinha branca, e a sela de couro marrom escura por um cavalinho claro de brinquedo. Neste caso não se trata de dominar um animal de corpo enorme e encaixar-se ao ritmo dele, mas sim de mover-se em cima do cavalinho ou movê-lo como a imaginação mandar ou o corpo desejar.

A artista, que com uma sensibilidade sagaz conseguiu tirar imagens profundamente expressivas a partir de brinquedos, objetos e partes do corpo, conta que brincava de ser cavalo com suas colegas de escola, trotando, galopando, relinchando, pateando o chão, jogando suas

crinas e invejando as meninas com longos rabos de cavalo<sup>37</sup> (BRIGHT, 2001). Em sua declaração sobre sua série fotográfica, Deborah Bright diz:

“Minhas próprias memórias de brincar de cavalo na infância envolviam não apenas andar a cavalo (mais na fantasia do que na realidade), mas também fingir ser um cavalo e inventar uma persona equina importante por meio da qual eu atuava um mundo de fantasia particular. [...] Eu queria ir além de duas suposições comuns sobre a paixão de garotas por cavalos ser eroticamente inocente ou um substituto fálico. Eu suspeitava que a identificação fosse muito mais complexa. Ao reunir uma coleção de cavalos muito parecida com a que apreciava na infância, montei e fotografei os modelos de cavalos em poses e atitudes (alguns com adereços) para transmitir um reino maior de sentimento investido nesses ícones de plástico; revelando algo da velha magia *sexy* e poderosa que experimentava três décadas antes<sup>38</sup>” (BRIGHT, s/a).

**Figura 14** - *Lone Ranger*. Fotografia ilfochrome, 81 x 51 cm, da série *Being & Riding*



Fonte: BRIGHT, 1997, cedida gentilmente pela artista.

Nesse início de século XXI surgem documentários, reportagens e entrevistas sobre *pony play*, alguns deles facilmente encontrados na internet. Em 2005, foi lançado o documentário

<sup>37</sup> A adoção de uma persona equina é semelhante aos *ponies* que se identificam enquanto equinos e não em um papel BDSM (BIENVENUE; CHARE, 2022; WILCOX, 2013). Os que se identificam como equinos em geral não querem apanhar ou ter interações sexuais com o que faz papel de humano (WILCOX, 2013).

<sup>38</sup> Tradução livre de: “*My own memories of childhood horse-play involved not only riding horses (more in fantasy than reality), but also with pretending to be a horse and with inventing a significant equine persona through which I acted out a private fantasy world. [...] I wanted to push beyond two common assumptions about girl-horse passion as either erotically innocent or a phallic substitute. I suspected the identification was much more complex. In gathering a horse collection much like the one I cherished in childhood, I set up and photographed the model horses in poses and attitudes (some with props) to convey a larger realm of feeling invested these plastic icons; revealing something of the old sexy and powerful magic I experienced three decades earlier*” (BRIGHT, s/a).

*Born in a Barn*<sup>39</sup>, da produtora Elizabeth Elson, que acompanha a vida de quatro *pony players*. Em 2015, é lançado o documentário *Être Cheval*<sup>40</sup>, dirigido por Jérôme Clément-Wiltz que acompanha o treinamento de uma *ponygirl* por um homem que treina tanto cavalos humanos, quanto cavalos reais. O filme mostra a *ponygirl* Karen sendo treinada inicialmente vendada, obedecendo só aos comandos das rédeas e à voz de seu treinador. O treinador, por sua vez, enquanto veste nela os equipamentos necessários para a prática, conta que gosta de ver o humano desaparecendo e o *pony* surgindo. O diretor do documentário, em uma entrevista para o *International Documentary Film Festival Amsterdam* (IDFA, 2015), diz que “a fantasia de fusão com esse símbolo de poder [o cavalo] sempre existiu” e que sua intenção era trazer o espectador ao mundo de fantasia da prática do *pony play* e construir o documentário de forma a ir cada vez mais fundo na mente dos personagens (IDFA, 2015).

---

<sup>39</sup> Foi extensa a busca pelo documentário, mas infelizmente ele não foi encontrado. Informações à respeito podem ser encontradas no site IMDB (2023).

<sup>40</sup> Tradução livre: Ser Cavalo. Trocadilho com *être humain*, ser humano em francês.

## 2. DIMENSÕES ARQUETÍPICAS DO *PONY PLAY*

Vimos, no capítulo anterior, como a imagem do humano sendo usado ou se portando como cavalo se repete ao longo do tempo, em uma espécie de padrão. Assim sendo, podemos pensar numa raiz arquetípica para esse fato. Arquétipos, segundo Jung, são motivos universais à vida humana (JUNG, 2014g). São “sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções” (JUNG, 2014i, §53), sendo inerentes a nossa estrutura biológica da mesma forma com que cada animal tem seu próprio padrão de comportamento (JUNG, 2014f). Eles seriam produtos de toda a evolução humana e fariam parte do inconsciente coletivo da humanidade sendo, portanto, a base do pensamento e se apresentando na consciência como ideias e imagens (JUNG, 2014f, 2014i). De forma resumida, podemos pensar nos arquétipos como “padrões de compreensão e apreensão psíquicos comuns a todos os seres humanos como membros da raça humana” (HOPCKE, 2012, p. 23). Jung concebeu esse conceito observando padrões: “símbolos e figuras que apareciam continuamente em sonhos de seus pacientes eram idênticos aos símbolos e figuras que tinham aparecido e reaparecido durante milhares de anos em mitos e religiões de todo o mundo” (HOPCKE, 2012, p. 23).

O cavalo é um “arquétipo amplamente presente na mitologia e no folclore” (JUNG, 2014n, §347), presente em manifestações artísticas, mitos, contos de fada e registros históricos (GRAYSMITH, 2008). O cavalo aparece em diversas culturas nas polaridades trabalhador obediente *versus* espírito insubmisso, ajudante *versus* vítima, propagador de vitalidade *versus* destruidor, pânico *versus* percepção extrassensorial (HANNAH, 2006). Mas o que o cavalo pode estar representando, ou seja, seu simbolismo, é bem mais rico e extenso do que isso. A edição de 2020 do Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier, por exemplo, dedica cerca de 13 páginas ao tema do cavaleiro e do cavalo – algo considerável levando-se em conta que o dicionário se compõe de mais de 1600 verbetes distribuídos em 1015 páginas (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2020). Nas obras completas de Jung, desconsiderando notas de roda pé e legendas de fotos, a palavra cavalo, no singular ou no plural, é citada cerca de 350 vezes e a palavra égua, nove (JUNG, 2014a).

Raças diferentes foram desenvolvidas para atender uma miríade de propósitos: grandes para aguentar peso, resistentes e rápidos para longas jornadas. Ele aparece em diversas culturas como montaria de heróis, de deuses e demônios, sendo às vezes animal solar e às vezes animal demoníacos, relacionado à água, às energias instintivas, em relação com o feminino, como vítima sacrificial, relacionado a poderes de cura e proteção, como psicopompo, clarividente, adivinho, conselheiro (RAMOS *et al.*, 2005). É um animal que serve de imagem para os mais

diversos conteúdos, tendo um simbolismo bastante complexo com conteúdos que muitas vezes se misturam (HANNAH, 2006). Isso talvez se dê por seu papel versátil na vida humana, tendo sido alimento, montaria para percorrer grandes distâncias, forma de transportar cargas pesadas, veículo, tração para ferramentas agrícolas, instrumento na lida com o gado e, inclusive, atleta em competições olímpicas (BUCK, 2011; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO, 2023; RAMOS *et al.*, 2005).

## 2.1 CAVALOS E SEU SIMBOLISMO

Símbolo, no sentido junguiano, é a melhor expressão existente para algo desconhecido, sendo algo que aponta para uma formulação ainda inconsciente (JUNG, 2014d). O símbolo vivo é parte inconsciente e parte consciente o processo pelo qual essa união ocorre é chamada por Jung de função transcendente (JUNG v. 2014d). Exemplos simples da formação de símbolos na psique são os sonhos e as fantasias. Já cerimônias e ritos religiosos, por exemplo, são símbolos em forma de ação (JUNG, 2014f). Nesse sentido, o rito pode ser entendido como “um procedimento claramente definido para canalizar a libido”, já que o símbolo é um meio de transformação de energia libidinal (JUNG, 2014c, § 250). O simbolismo animal, portanto, está muito mais relacionado ao humano que ao animal em si (ROSSATO, 2020) e indicaria manifestações do inconsciente que ocorrem em estágio ainda distante da consciência humana (JUNG, 2014f).

Os animais, para a psique humana, representam diferentes aspectos do instinto (HANNAH, 2006). Na visão de Jung, os instintos seriam modos recorrentes de ação (JUNG, 2014f). O tipo de animal que aparece à consciência do homem, aponta para o grau de inconsciência dos conteúdos em questão, ou seja, quanto mais primitivo é o animal, mais profunda a dimensão do inconsciente que ele representa (JUNG, 2014f, §291). Pode ser, inclusive, que o animal esteja representando um sistema corporal, como por exemplo no caso da cobra, que aponta para questões relacionadas com o sistema cérebro-espinhal e às partes mais antigas do cérebro (JUNG, 2014p, §194). O cavalo, portanto, pode representar “a psique não humana, o infra-humano, a parte animal e, por conseguinte, a parte psíquica inconsciente” (JUNG, 2014n, §347) e estar relacionado à processos psíquicos que estão ocorrendo em nível instintivo (JUNG, 2014f).

Ele um símbolo de libido e de energia, como na ideia de cavalo-vapor como unidade de potência de veículos e máquinas (HANNA, 2006; JUNG, 2014c). A adoração de *Equus* na peça de Petter Shaffer, por exemplo, é “uma celebração exaltada da libido” (CHAUDHURI,

1984, p. 292), sendo as cavalgadas noturnas de Alan imbuídas de uma vitalidade menos presente no casamento da maioria dos homens (SHAFFER, 2011). É uma imagem bastante ligada ao desejo impetuoso, impulsivo e apaixonado, ao ardor, à juventude, uma vitalidade animal triunfante que às vezes chega “galopante como sangue nas veias” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.254) e pode ser equivalente à própria sexualidade ; (JUNG, 2014b, 2014c). Danny, o Pônei Maravilha, dotado de todo seu conhecimento experiencial acerca da dimensão erótica do cavalo, relembra que há uma série de expressões relacionando o animal ao erotismo, como por exemplo chamar um homem fegoso de garanhão (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993).

O desejo sexual sem freio aparece na imagem do cavalo sem freio e nos centauros, criaturas míticas metade homem, metade cavalo, que se envolviam frequentemente em bebedeiras, brigas e estupro de mulheres (BRANDÃO, 2011; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; GRAYSMITH, 2008). Posídon, que apesar de deus do mar tem um aspecto ctônico, é conhecido como “o sacudidor da terra” e “gerador de cavalos” (BRANDÃO, 2011a, p. 324). O deus fez brotar com um golpe de tridente, uns dizem um cavalo e outros, um mar. Pégaso também fez brotar águas golpeando seu casco contra uma montanha, sento também um ser estrondoso, ligado às tempestades, ao trovão e ao raio (BRANDÃO, 2011a; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). Quem já esteve no mar e perto de ondas médias e grandes que estouram, de grupo de cavalos correndo desenfreados pela terra batida ou presente em um terremoto de alguma intensidade pode perceber a semelhança entre os sons graves e desordenados desses eventos. Seria a sensação de vibração que esses estrondos podem causar no corpo (terra), o substrato corporal do aspecto ctônico desse deus ligado ao mar?

Na fala de Sócrates em o Banquete ele compara sua esposa geniosa, Xantipa, a um cavalo difícil de montar, dizendo que um cavaleiro que quer se aperfeiçoar não procura um cavalo fácil. O cavalo fica como a imagem de uma mulher de difícil manutenção, “forte, apaixonada, uma virago”. Nos tempos atuais, essa analogia pode ser substituída por a de um carro potente (com muitos cavalos) e caro de se manter (O’NOMIS, 2013, p. 1009). Xantipa, em tempos de automotivos, talvez seria descrita como uma verdadeira máquina. Os carros potentes, aliás, assim como os cavalos potentes, foram por muito tempo símbolo de riqueza e poder (WILXOC, 2013). O conjunto cavaleiro e cavalo é de fato um tema presente em muitas culturas. Mesmo sendo dois seres separados, formam juntos uma unidade centáurica, metade humano, representando a psique consciente, meio cavalo, representando corpo, os impulsos e os instintos (LARSEN, JUNG, 2014c). Assim como o cavaleiro tem que controlar as próprias

emoções para conduzir o cavalo, psique consciente tem que lidar com o “o ardor impetuoso do instinto” (BUCK, 2011; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 196; LARSEN, 1990; JUNG, 2014c) para não ser arrastada por ele (ou para se deixar arrastar quando for necessário). A história do indomável cavalo Bucéfalo, que só aceitava ser montado por seu dono, Alexandre, o Grande (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020), mostra o cavalo como ímpeto extrovertido (HILLMAN, 1997), qualidade temida em um livro de Clarice Lispector (2020c), cuja obra traz o cavalo como animal recorrente (CHERPINSKY; GONÇALVES, 2013):

Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe onde. Ela se guardava. Por que e para quê? Para o que estava ela se poupando? Era um certo medo da própria capacidade, pequena ou grande, talvez por não conhecer os próprios limites (LISPECTOR, 2020c, p. 32).

No folclore mineiro, o cavalo contrapõe a timidez e fraqueza do dono com sua valentia e sua força (RAMOS *et al.*, 2005). Mas o cavalo do rei expansionista, Alexandre, o Grande temia a própria sombra, só se lançando para frente em direção ao sol (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). Dado que cavalos são assustadiços por natureza, dada sua condição de presa (RAMOS *et al.*, 2005; WILCOX, 2013), talvez instintivamente esse rei temesse a própria vulnerabilidade, tendo confiança só para ir rumo aos empreendimentos masculinos e marciais. Dessa forma, o medroso Bucéfalo e seu corajoso dono alinham-se na mesma direção (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020), o que não é incomum em histórias de cavaleiros com seus cavalos (JUNG, 2014c). Quando Bucéfalo, o impulso extrovertido morre, uma cidade é construída em volta de seu túmulo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). O ímpeto extrovertido é necessário para levar um rei ao trono, mas não para governar, havendo uma reorganização da libido na transição da energia expansionista para cidade maternal, que abriga em si seus habitantes (HILLMAN, 1997; JUNG, 2014c). Outro exemplo da energia expansionista sendo sacrificada está no ritual indiano *avawedha* em que o rei sacrifica um cavalo após deixá-lo vagar no pasto por um ano. O vagar representava a energia de expansão, o território percorrido o que foi conquistado, e o sacrifício do cavalo o fim da necessidade de conquista e um redirecionamento da libido para outros propósitos (HILLMAN, 1997).

Essa energia extrovertida e impetuosa também tem relação com o desejo sexual (JUNG, 2014b). Na cultura corrente, a expressão *no pelo* se aplica tanto a montar a cavalo em contato direto com seu corpo (sem sela) quanto a ter relação sexual da mesma forma (sem preservativo). Cavalos fantásticos saem a galope desenfreados arrastando seus cavaleiros e as lârnias,

fantasmas femininos noturnos, montam em suas vítimas (JUNG, 2014c), talvez em um galope semelhante ao descrito na canção *Galopa*, de Pedro Sampaio:

Eu tô querendo lembrar, a tua sentada  
 No meu colo devagar  
 Descendo e subindo, depois tu galopa  
 Eu sei que tu gosta  
 Eu sei que tu gosta, ah, ah! (SAMPAIO, 2021)

“Impossível esquecer, o que você sabe fazer” (SAMPAIO, 2021), canta Pedro Sampaio sobre o galope dessa saudosa moça. *Cowboy*, da Banda Uó (BANDA UÓ, 2012), traz uma ideia semelhante, com um dueto entre um rapaz que se sente usado pela moça que o traiu:

Eu disse que essa estória tinha um final triste  
 Que na sessão da tarde eu nem era o príncipe  
 Eu fui só o jegue que você galopou  
 Não venha fazer a mocinha estilo faroeste  
 Você está mais pra vilã barata do agreste  
 Não sei como posso ser usado assim (BANDA UÓ, 2012)

A moça, que aparentemente não tem muito freio, então responde:

Sou *cowgirl* infeliz, sou traíra de mim  
 Não mereço mais o seu amor  
 Lacei outro peão, tinha tudo na mão  
 Mas eu não posso deixá-lo ir (BANDA UÓ, 2012)

Mas o rapaz não resiste a essa, cujo galope parece tão difícil de esquecer quanto o da música de Pedro Sampaio (2021), e por fim pede:

Cavalga em mim eu acho que eu mereço ser tratado assim  
 Um fio de cabelo no meu paletó  
 Sem você eu sou só um louco apaixonado que te quer assim  
 Todo corno merece o chifre que tem  
 Sem você não sou ninguém (BANDA UÓ, 2012)

Essas mulheres lâmiãs transformam os homens abaixo delas em puro instinto desenfreado. O simbolismo sexual do montar se dá devido ritmo envolvido no ato de montar (JUNG, 2014c), mas também pelo movimento. No filme *Career Opportunities* (1991), dirigido por Bryan Gordon, uma personagem usando roupas bem justas senta-se sobre um cavalinho mecânico, na tentativa de seduzir dois bandidos e escapar de um assalto. Ela é filmada de lado

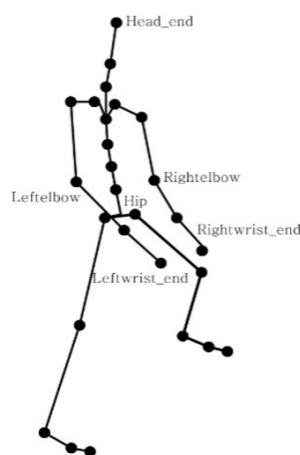
e o balanço do cavalo faz seu corpo mover-se como se estivesse por cima no ato sexual (CAREER, opportunities, 1991).

É dançando, então, que se monta a cavalo (MIDKIFF, 2010): se o cavaleiro não acompanhar o movimento do animal, ele pode cair. Cada andadura (passo, trote e galope), requer um movimento específico. No caso do galope, por exemplo, o quadril do cavaleiro, visto de lado, faz uma espécie de rotação: de cima para baixo terminando numa curva para frente que continua subindo para voltar à posição anterior, como se pode ver nas figuras 15 e 16. Bataille, em seu texto de 1931, o *Ânus Solar*, descreve dois movimentos semelhantes, o sexual e o do mecanismo de uma locomotiva a vapor: “Os dois movimentos principais são o rotativo e o sexual, de combinação expressa numa locomotiva de pistões e rodas. Dois movimentos que se transformam um no outro, reciprocamente” (BATAILLE, 1985).

**Figura 15** - (a) Roupas de captura de movimento como 16 sensores inerciais; (b) Gráfico de estrutura humana Bounding Volume Hierarchy (BVH)



(a)



(b)

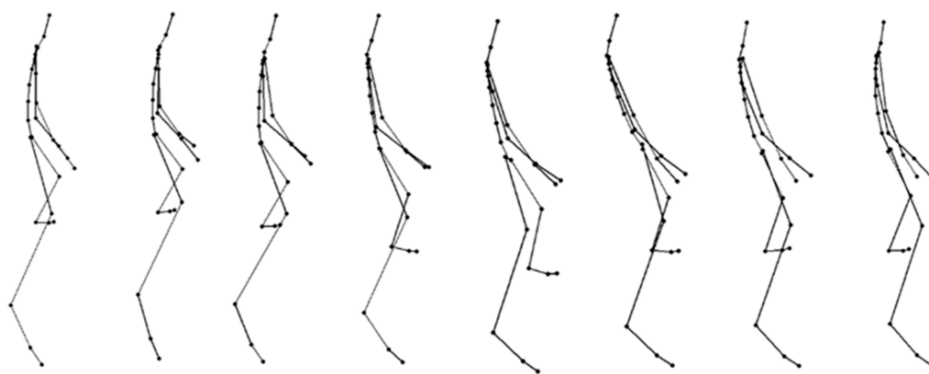
Fonte: LEE *et al.* (2016). Tradução livre de (b): *Head\_end* (cabeça), *Leftelbow* (cotovelo esquerdo), *Rightelbow* (cotovelo direito), *Hip* (quadril), *Leftwrist\_end* (pulso esquerdo), *Rightwrist\_end* (cotovelo direito). BVH é um formato específico de técnica de captura de movimento, que consiste em uma “estrutura de dados hierárquica que representa os ossos do esqueleto” (ARAÚJO, 2015, p. 42).

Danny, o Pônei Maravilha, sugere: “Observe uma mulher galopando [a cavalo], gire a figura de lado, imagine sem o cavalo e com um homem no lugar e você vai ver que parece que ela está transando<sup>41</sup>” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 159-160). Ele também chama atenção para a paixão que as mulheres podem ter por seus cavalos, em especial na adolescência,

<sup>41</sup> Tradução livre de: “Watch a woman galloping along, and then turn that picture sideways, and envision the horse gone and a man on her, and you’ll see that she actually looks like she’s having sex” (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993, p. 159-160).

e atribui isso ao despertar sexual feminino. Antes que alguns leitores fiquem indignados com tal insinuação, falemos do relato curioso que Midkiff (2010) faz sobre uma experiência que teve com um cavalo durante a adolescência. Enquanto ela escovava um cavalo no estábulo, o pênis do animal começou a aumentar e o cavalo começou a bater com ele na própria barriga, o que é uma espécie de masturbação equina. Midkiff então fala da lisonja que sentiu em ser olhada dessa forma. Mas o cavalo enquanto um ideal masculino começa antes, quando as meninas querem ser amigas ou namoradas do cavalo (IFDA, 2015).

**Figura 16** - Motion data for the canter gait in BVH environment



Fonte: LEE *et al.* (2016). Tradução livre: Dados de movimento para a andadura galope no ambiente BHV. A figura representa um cavaleiro sentado acompanhando o movimento do galope.

Rumando em direção dimensões menos picantes do simbolismo do cavalo, nas sociedades em que há o costume de carregar a criança nas costas ou montada no quadril, a mãe é literalmente o cavalo da criança, um pequeno cavaleiro carregado por ela. Inclusive, Yggdrasill, a árvore materna em cima da qual o deus Odin se enforcou, era conhecida por cavalo terrível (JUNG, 2014c). Na equoterapia, o contato com o corpo do cavalo e seu movimento auxilia no desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência (PIEROBON; GALETTI, 2008), se tornando uma extensão do próprio corpo de quem o monta, assim como a mãe o é para a criança pequena. (RAMOS *et al.*, 2005). Clarice Lispector, com sua impressionante habilidade de perceber e descrever sutilezas, chegou a escrever: “Sentia o cavalo vivo perto de mim, uma continuação do meu corpo” (LISPECTOR, 2019, p.63). Nesse sentido, o cavalo está relacionado à sensorialidade e ao corpo físico:

Montada a pelo em um cavalo. Tocando seus flancos com as pernas inteiras, sentindo o movimento no corpo inteiro, até a cabeça, sentindo através das rédeas o movimento em nossas mãos, penetramos na natureza física do cavalo, e ficamos conscientes do nosso corpo da mesma forma que o cavalo o é. Aumentando nossa consciência

corporal aumentamos a nossa habilidade de experimentar o mundo sensualmente (MIDKIFF, 2010, p. 44).

A sensorialidade permeia o ambiente equestre, não só pelo corpo do cavalo, mas também pelos aromas dos equipamentos, dos estábulos e as texturas contrastantes (MIDKIFF, 2010). Este aspecto, talvez mais passivo, difere bastante das descrições do cavalo potente. O grande animal, aliás, tem um caráter gentil e delicado que é frequentemente esquecido (HILLMAN, 1997). O cavalo aparece frequentemente na literatura como representação do mundo interno e dos sentimentos da mulher (GRAYSMITH, 2008). Clarice Lispector escreve sobre esse aspecto doce do cavalo (PIEROBON; GALETTI, 2008):

Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse a casa dele, e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem – pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe puseram rédeas nem sela – apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: come às vezes na minha mão. Seu focinho é úmido e fresco. Eu beijo o seu focinho. Quando eu morrer, o cavalo preto ficará sem casa e vai sofrer muito. A menos que ele escolha outra casa e que esta outra casa não tenha medo daquilo que é ao mesmo tempo selvagem e suave. Aviso que ele não tem nome: basta chamá-lo e se acerta com seu nome. Ou não se acerta, mas, uma vez chamado com doçura e autoridade, ele vai. Se ele fareja e sente que um corpo-casa é livre, ele trota sem ruídos e vai. Aviso também que não se deve temer o seu relinchar: a gente se engana e pensa que é a gente mesma que está relinchando de prazer ou de cólera, a gente se assusta com o excesso de doçura do que é isto [...] (LISPECTOR, 2020c, p. 21).

O cavalo também é um animal de tração. Nesse caso, há o carro em si (charretes, carroças, etc), que representaria o corpo humano; o condutor, que representaria o *Self*; e os cavalos, que representariam a força vital (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020). Buda renunciou a seu carro, condutor e cavalo ao ser tornar asceta. Buda não precisava mais de seu cavalo-vapor, que o impulsionava para fora no mundo (HILLMAN, 1997) nem tampouco de seu corpo. O cavalo então morreu de tristeza. O simbolismo do condutor<sup>42</sup> aparece na mitologia indiana, com “o cocheiro de *rta*” (JUNG, 2014d, §349), sendo *rta* o princípio que determina a ordem, o fluxo, as leis e a direção dos eventos. Esse princípio estaria nos processos naturais com recorrência regular e constância, relacionados a uma sensação de energia fluente e contínua. O reavivamento dessa energia é representado pela água de nascente jorrando, riachos, o fim da secura com a chegada da chuva, o derretimento do gelo ao fim da primavera, névoas e nuvens. Segundo os Hinos Védicos, Agnis, deus nascido de *rta*, arreja duas éguas vermelhas de *rta* e segura pela cabeçada *rta*, como se esse fora um cavalo, tornando-se o

---

<sup>42</sup> Cocheiro.

condutor de *rta* (JUNG, 2014d). Já o auriga, condutor do carro nos jogos de Delfos, é símbolo de controle das paixões, autodomínio e calma. Ele recoloca os cavalos na direção correta e afina a cada instante o movimento da parrelha que puxa o carro. Ele representa a “razão, ao mesmo tempo maleável, adaptada, vigilante e inflexível” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 158). Esse estilo de controle dos animais não parece ser exercido por meio da força, mas ganhando a cooperação do animal (LARSEN, 1990). Dessa forma, aprender a conduzir nossa energia temperamental de forma semelhante a que faríamos com um cavalo (HANNAH, 2006).

O cavalo pode expressar simbolicamente a ideia de trabalho pesado, como na expressão trabalhar como um cavalo, “*to be in harness*<sup>43</sup>” e “*workhorse*<sup>44</sup>” (HANNA, 2006; JUNG, 2014b) que se refere a alguém que trabalha bastante em trabalho necessário, mas desinteressante ou a uma máquina que opera por longos períodos sem falhar. Chegamos ao cavalo como um corpo maquinal que executa tarefas esvaziadas de sentido. Mas ele como puro movimento ou energia corporal (JUNG, 2014c) se liga a dança:

O realismo e o estilo, a elegância e o rigor harmonizam-se nesse ser que possui a opulência pura do animal de raça. O cavalo caminha como se estivesse na ponta dos pés, apoiado de leve sobre os quatro cascos. Nenhum outro animal assemelha-se tanto à primeira bailarina, à estrela de um corpo de balé como um puro-sangue em perfeito equilíbrio, que a mão do cavaleiro parece manter quase suspenso no ar, e que avança, em passos miúdos e delicados, à luz do sol (VALÉRY apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p.262).

Aí, o movimento e a energia do cavalo aparecem como imagem de beleza formal. Talvez não à toa Buck Brannaman diz “tudo o que você faz com um cavalo é uma dança<sup>45</sup>” (BUCK, 2011), se referindo ao cavaleiro ter de conduzir o animal como em uma dança de salão. Sobre a beleza, Clarice Lispector diz “[...] de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo” (LISPECTOR, 2019, p. 184). Mas o cavalo trabalhador, que nada tem de dançarino e leva as cargas da civilização (HILLMAN, 1997), é sacrificado. No filme *Equus* (1977), o personagem Alan discorre sobre a humildade do cavalo que se sacrifica:

A maneira com que eles se entregam a nós [...]. Eles poderiam nos esmigalhar em pedaços se quisessem, mas não o fazem. Eles simplesmente se deixam amarrar o dia todo, completamente humildes. Eles nos dão toda a sua força, e nós retribuimos os castigando. Eles correriam para sempre. Galopariam até morrer, eles iriam... se não

---

<sup>43</sup> Algo como “estar arreado”, sendo a ideia de estar usando arneses equivalente ao de estar trabalhando, como no caso do cavalo (IN HARNESS, 2023).

<sup>44</sup> Tradução livre: “cavalo de carga”.

<sup>45</sup> Tradução livre de: “*Everything you do with a horse is a dance*” (BUCK, 2011).

dissermos 'pare'. Eles vivem para nós...só para nós...suas vidas inteiras<sup>46</sup> (EQUUS, 1997).

*Manter sob rédea curta*, como bem sabemos, é uma expressão popular para dizer manter um controle firme, com pouca possibilidade de liberdade, sobre algo ou alguém. De ajudante, o cavalo se torna vítima controlada sob rédeas (HANNAH, 2006, HILLMAN, 1997), que dão freio e direção ao impulso do cavalo. Elas podem, portanto, simbolizar, a inteligência e a força de vontade sob os impulsos (CIRLOT, 2020; TRESIDDER, 2008). Mas também podem representar a ligação entre a alma e o corpo, o que faz cortá-las equivalente a morrer (CIRLOT, 2020). Aspectos semelhantes são atribuídos por Cesar Millan à guia usada em cães: elas servem para “conexão, condução e parar” (MILLAN, 2022). Cordas, tiras de couro, fivelas e nós se ligam e se prendem entre si para formar os arneses, peças também usadas para restringir e controlar o cavalo. Esse equipamento de restrição, enquanto uma estrutura de cintos, pode representar uma ligação que traz tranquilidade e conforto ou uma submissão que leva à dependência e restrição da liberdade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020).

O controle sobre o cavalo também é exercido pelo uso do chicote, símbolo de excitação e encorajamento, que faz o cavalo prestar mais atenção ou correr. Da mesma forma se chicoteava pedras *yang* quando chovia em excesso, pedras *yin* quando estava muito seco, assim como mar era chicoteado por Netuno (BIEDERMAN, 1992; CIRLOT, 2020). O chicote remete ao raio, símbolo de um deus supremo que tanto cria quanto destrói. Sendo assim é símbolo de domínio, maestria, soberania e da autoridade judicial e seu direito de infringir castigos. Jesus usou chicotes para demonstrar sua autoridade espiritual sobre aqueles que profanavam um templo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020; TRESIDDER, 2008). Esse simbolismo é de fácil compreensão, pois aquele que provoca dor ao outro o escraviza às suas próprias sensações. Não se podendo escapar da dor ela se torna humilhante, assim de outras inescapáveis realidades fisiológicas como a fome, necessidade de urinar ou defecar (COWAN, 1985). A humilhação está ligada a penitência, de voltar ao básico, de colocar o *ego* a serviço (sacro-ofício) de algo maior. A dedicação ao sofrimento serve para aprofundar o sentido do que é vivido. Conhecer a si mesmo às vezes implica em sentir dor, aguentá-la e ter algum prazer com ela (COWAN, 1985).

---

<sup>46</sup> Tradução livre de: “*The way they give themselves to us [...]. They could stamp us into bits anytime they wanted, and they don't. They just let themselves be turned on a string all day, absolutely humble. They give us all their strength, and we just give them stripes for it. They'll run forever. They'll gallop till they die, they will...If we don't say 'stop'. They live for us...just for us...their whole lives*” (EQUUS, 1997).

A punição da flagelação pode, portanto, ser purificação, trazendo de volta pessoas enfeitiçadas, espantando o mal das bruxas e eliminando concreta e simbolicamente qualquer causa de desarranjo no indivíduo ou sociedade. Nas mãos de Hécate, impõe respeito à monstros infernais. De outra feita, também é ligado a sexualidade e é símbolo de fertilidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020, TRESSIDER, 2008). Na era medieval, durante a *Childermas* (celebração das crianças), meninos corriam atrás das meninas açoitando-as com plantas e galhos, recitando frases que diziam que elas deveriam considerar isso uma benção e que eles deveriam ser recompensados (MOORE, 1994). De forma semelhante, na Lupercália, festival romano, sacerdotes corriam atrás das mulheres chicoteando-as com correias de couro para espantar a infertilidade (TRESSIDER, 2008). Cowan (1985) conta uma história curiosa a respeito da relação do chicote com a sexualidade. Duas mulheres que foram freiras fizeram parte de uma ordem em que se autoflagelavam privada e individualmente às sextas-feiras para, atingindo o corpo, disciplinar as almas. Porém ambas estavam preocupadas com as sensações vagamente agradáveis que elas mesmas chamavam de masoquistas:

Essas sensações, aliadas a uma subliminar e vergonhosa antecipação das noites de sexta-feira, faziam com que essas mulheres considerassem a sua penitência auto infligida prazerosamente masoquista e, portanto, mais um pecado a ser punido. O que era feito em procissões públicas seiscentos anos atrás agora é feito em celas privadas, mas a expectativa, o desejo pelo ato e o tom sexual encoberto, de alguma forma corromperam a experiência religiosa dessas duas almas<sup>47</sup> (COWAN, 1985, p. 23).

Além da dor, a imagem de Cristo preso à cruz também traz elementos de restrição (COWAN, 1985; MOORE, 1994). No filme *Equus* (1977), uma imagem de um Jesus pesadamente acorrentado é substituída por a de um cavalo. Estar restrito ou escravizado (o termo *bondage* em inglês pode ter essas duas interpretações) é pertencer à realidade ao qual se está preso. Cada restrição, cada maneira de estar escravizado tem uma raiz arquetípica, apontando para a necessidade de render-se a uma ligação, ligar-se conscientemente a algo (COWAN, 1985; MOORE, 1994). Jesus na cruz pode estar preso ao destino de um Deus “dolorosamente preso às necessidades da existência humana” (MOORE, 1994, p. 129), um *puer* com uma filosofia idealista forçado ao *senex* pelos conservadores de sua época. “O amor é

---

<sup>47</sup> Tradução livre de: “*These sensations, coupled with a subliminal and shameful anticipation of Friday nights, made these women consider their self-inflicted penance pleasurably masochistic, and therefore another sin to be punished. What was done in public processions six hundred years ago is now done in private cells, but the anticipation, the desire for it, the sexual undertone have somehow corrupted the religious experience for these two souls*” (COWAN, 1985, p. 23).

*bondage* [prisão], o amante é um escravo<sup>48</sup>”, diz Cowan (1985, p. 61), acrescentando que para o apaixonado, submeter-se ao amor é ao mesmo tempo degradação e êxtase.

Todos esses simbolismos fazem parte do mundo equestre e podem estar envolvidos de alguma maneira com a prática do *pony play*. Mas há ainda o simbolismo do corpo. “Lembro-me de mim de pé com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pelo nu”, escreveu Clarice Lispector (2020a), falando de uma altivez que lembra a forma com que Peter Shaffer (2011) determina que os atores interpretem os cavalos em sua peça *Equus*, assim como a maneira com a qual Madonna e seus dançarinos saem do palco ao fim da abertura de *Confessions Tour* (2006). Começamos então com o apoio dessa altivez, os pés. Alguns participantes de *pony play* se utilizam de botas que imitam a forma dos cascos de um cavalo (WILCOX, 2013). Uma *ponygirl* em uma curta reportagem para o *Channel 4*, diz que assim que coloca essas botas, elas a fazem se “mover de uma determinada forma<sup>49</sup>” (CHANNEL 4, 2018). Saltos altos também mudam a forma de se mover, pois alteram a disposição das pernas, nádegas, costas e peito (LENKEIT, 2018). Há, entre os praticantes de BDSM as *ballet boots* (botas de *ballet*), botas de salto de cerca de 17cm que, como os sapatos de *ballet*, forçam os pés à posição de ponta. Elas são consideradas eróticas tanto pela posição em que deixam os pés quanto pela mobilidade bastante reduzida que causam (DEMELLO, 2009).

As pernas, que os *ponies* usam em suas atividades e os treinadores talvez nem tanto, são símbolo do vínculo social, pois são elas que nos levam próximos ou distantes aos outros (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; LELOUP, 1998). Elas também estão relacionadas com o porte, com a forma de conduzir-se de alguém, com estar ereto e, conseqüentemente, com aquilo que diferencia os seres humanos dos animais (CIRLOT, 2020; LELOUP, 1998). Ajoelhar-se, estando próximo ao solo, pode representar humildade e representar submissão (LELOUP, 1998). No uso dos braços, a situação se inverte entre treinadores e *ponies*. O *pony* só os usa essa imagem de força, proteção, instrumento de justiça e auto defesa para carregar a charrete em alguns casos e apoiar-se de quatro para ser montado por outros. O treinador tem o braço solto para agir, operar, governar e inclusive para amarrar os braços do *pony* e deixa-lo a sua mercê (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020; TRESIDDER, 2008).

As mãos, bastante usadas pelos treinadores e, no caso do *pony* às vezes cerradas dentro de luvas, tem um simbolismo rico, tendo relação ao conhecimento e à linguagem, permitindo

---

<sup>48</sup> Tradução livre de: “*Love is bondage; the lover is a slave*” (COWAN, 1985, p. 61).

<sup>49</sup> Tradução livre de: “*As soon as you put on pony boots they make you move in a certain way*” (CHANNEL 4, 2018).

comunicar uma ampla variedade de gestos, expressando aquilo que está na mente sem a necessidade de sons. Manifestação tem a mesma raiz que mão. A mão de Deus guia e conduz seus fiéis, a mão invisível do mercado determina os rumos da economia, a mão da justiça conduz ao equilíbrio Ela contém passivamente e segura ativamente, é símbolo de atividade, poder e dominação. Quando fechada, pode estar guardando um segredo ou dissimulando algo, o que remete ao esoterismo. Elas também podem ser símbolo daquilo que cuida e transmite energia, do que toca e, quem se entrega às mãos de alguém está se entregando para ser criado ou destruído por ele (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020; LELOUP, 1998; TRESSIDDER, 2008).

O rosto do treinador está amostra, o do *pony* nem sempre. O rosto representa um indivíduo inteiro e está amostra para os outros, podendo ser visto por nós apenas indiretamente. Cobrir o rosto com uma máscara é identificar-se com o personagem representado. Podemos entender por um lado que é esconder a identidade, mas por outro, é também mostrar algo. Os olhos são representação da percepção intelectual e da inteligência. Abrir os olhos é abrir-se para conhecer, a cegueira nesse caso simbolicamente relacionada com ser irresponsável (CIRLOT, 2020; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). Por outro lado, o cego também pode ser aquele que consegue ver de outras formas, que está fechado para a luz do mundo, mas aberto para a luz divina, ele está aberto para a visão interior e à justiça de enxergar além das aparências (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; LELOUP, 1998; TRESSIDDER, 2008). Desta fora, os olhos também podem estar relacionados ao coração, pois revelam os sentimentos (LELOUP, 1998). A boca, órgão do poder da palavra e da criação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020), no treinador é sempre livre, já no *pony* pode estar impedida de falar por um bridão ou por uma proibição.

## 2.2 A PSIQUE DO CAVALO HUMANO E DO TREINADOR

Olhemos agora para a psique do cavalo humano e do treinador, em outras palavras, a psique humana. Jung chama a totalidade da psique de *Self*, sendo ele a unidade total da personalidade e abarcando todos os fenômenos psíquicos. Desta forma, o *Self* tem tantos aspectos conscientes e quanto inconscientes, sendo o princípio organizador dos processos psíquicos (JUNG, 2014d; JUNG, 2014L, ROTH, 2011). Ao centro da consciência, que é a “associação de todas as sensações físicas” (JUNG, v. 3, par. 82) percebidas, dá-se o nome de *ego*. Jung diferencia *ego* de *Self* da seguinte maneira: “o *ego* é apenas o sujeito de minha consciência, enquanto o *Self* é o sujeito de toda minha psique, inclusive da psique inconsciente”

(JUNG, 2014d, § 730). Segundo o organizador do processo psíquicos, o *Self* é também o organizador do processo de individuação. Esse é o processo de tornar-se quem se é por uma contínua e progressiva ampliação de consciência (FRANZ, 2008; SHARP, 1993), que se dá por meio da integração de conteúdos inconscientes via eixo *ego-Self*. É nesse eixo que se formam os símbolos, que vão sendo constelados de acordo com a necessidade do indivíduo. Esses símbolos evidentemente têm uma dimensão individual, única a cada indivíduo, e outra coletiva, formada no substrato do inconsciente coletivo. Mas também tem a dimensão “imagética e corporal, de progressão e regressão, de natureza e cultura” (FARIA, 2019, p. 68), dentre outras.

Ao longo do processo de individuação, há o risco de ser tomado pelos conteúdos inconscientes por um lado e do *ego* se identificar com a *persona* por outro (JUNG, 2014e). Esta última é a dimensão arquetípica da personalidade que se configura a partir da adaptação ao mundo externo, adaptação esta que é uma das tarefas do *ego* na primeira metade da vida (JUNG, 2014d, 2014e). Ela pode ser entendida como mediadora do *ego* com o mundo externo, sendo uma espécie de arquétipo social. Assim., diferentes *personas* podem ser adotadas ao longo da vida ou combinadas entre si (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1986). De forma compensatória existe a sombra (SHARP, 1993), que “é aquilo que não se quer ser” (JUNG, 2014o, § 470). Ela é o lado sombrio da personalidade, formada tanto por aquilo que não pode ser expresso por meio da *persona*, por aspectos reprimidos e por aspectos que o *ego* por alguma razão não integrou. O *ego*, ao invés de projetar a sombra como característica negativa de outras pessoas, tem a tarefa de reconhecê-la e integrá-la (JUNG, 2014g; SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1986). A percepção da sombra, porém, pode ser inibida pela *persona*, em especial quando o *ego* se identifica com ela (SHARP, 1993).

Para além de toda essa estrutura psíquica, algo pouco contemplado pela psicologia analítica é o sadismo e o masoquismo como dimensões arquetípicas da psique (COWAN, 1985; MOORE, 1994; POWER, 2014). O masoquismo relaciona-se com aprofundar-se no próprio sofrimento e trazer à tona conteúdos inconscientes, como também envolve o retorno para a humildade, vulnerabilidade, vergonha e a própria dimensão corporal (COWAN, 1985). Também pode ser visto como uma manifestação sombria da necessidade de venerar e adorar (GORDON, 1987) ou uma forma de escapar de um estado de consciência ocupado com autoavaliações e preocupações (BAUMEISTER, 1988). O sadismo, por outro lado, permite distância para avaliar, dissecar, exercer autoridade, organizar sistemas e afastar-se do imobilismo que uma posição masoquista excessiva pode trazer (MOORE, 1994). A ideia de sadismo e masoquismo como manifestações puramente patológicas pode advir do nosso próprio

lado sombrio não reconhecido e projetado na figura de um ser humano supostamente vil, cujo comportamento é moralmente condenável.

Um dos autores da psicologia analítica a usar o termo sadomasoquismo é Byington (2013). Ele descreve, no casamento, o que chama de defesa sadomasoquista. Segundo ele:

“O parceiro sádico atua a agressividade de forma ativa e dominadora e o masoquista se posiciona como vítima angelical, na qual expressa sua "bondade" e projeta sua agressividade ao se submeter passivamente, simplesmente para revelar a ruindade do outro. O parceiro masoquista geralmente apresenta sua agressividade ou erotismo reprimidos e projetados no sádico” (BYINGTON, 2013, p. 147).

A dinâmica sadomasoquista é inconsciente e se aprofunda quando o casal não consegue passar para outra fase do relacionamento. Haveria uma fixação da polaridade amor-poder, que passaria a atuar na sombra (BYINGTON, 2019). Byington está, portanto, se referindo a uma função estruturante fixada, Função estruturante, segundo ele, é um conceito que engloba todas as funções vitais. “Ódio e esperança”, diz ele, “são funções estruturantes tanto quanto a marcha e a respiração” (WAHBA, 2019, p. 52). As funções estruturantes podem ser defensivas, o que significa que são fixadas e formadoras da sombra, ou criativas, por sua vez não fixadas e formadoras da consciência. Essas funções fazem parte da elaboração simbólica, atuando na transformação da consciência. Byington diz, no caso de uma pessoa que odeia outra, que “o ódio é a função estruturante e a pessoa odiada é o símbolo estruturante” (WAHBA, 2019, p. 52). A defesa sadomasoquista descrita por Byington em relacionamentos é uma fixação em uma complementariedade desigual defensiva, compulsiva e repetitiva, contribuindo para a formação de sombra e não para a ampliação da consciência (BYINGTON, 2013, 2017). Ele dá alguns exemplos:

“Numa situação, um polo pode ser agente da sexualidade e o outro, reagente (sadomasoquismo sexual). Em outra, um polo pode ser dominante pela autoridade e o outro, dominado (sadomasoquismo de poder). Podemos ter situações nas quais um polo exerce a perversão e o outro, a sofre (sadomasoquismo perverso). Em outros ainda, um polo pode exercer o ciúme patológico e o outro sofrer o resultado dessa ação (sadomasoquismo do ciúme patológico). Encontramos também essa polaridade patológica na relação professor-aluno, na qual o professor pode humilhar cronicamente o aluno e este, se submeter (sadomasoquismo pedagógico) e nos casos de bullying, nos quais um aluno é o sádico e o outro o masoquista [...]. Ela também é comum na relação patológica entre irmãos ou amigos íntimos (sadomasoquismo fraternal ou de simbiose amistosa patológica). Ele ocorre também nas profissões de ajuda, quando o terapeuta abusa, explora, se aproveita de alguma maneira e o paciente se submete, por sofrer de dependência patológica [...] (sadomasoquismo terapêutico, farmacológico ou não)” (BYINGYON, 2017, p. 2).

O cenário nas relações sadomasoquistas consensuais tem pontos bastante distintos dessa defesa descrita por Byington, como veremos em maiores detalhes no próximo capítulo (DUNKLEY; BROTT, 2020; EASTON; KALDERA, 2006; LISZT, 2000; JOZIFKOVA, 2013; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). Levando em conta a ideia de Byington (2013) de função estruturante, Moore (1994) e Cowan (1985) parecem fazer uma descrição do sadismo e do masoquismo como funções estruturantes, que tanto podem ser ampliadoras da consciência como se fixar na produção e manutenção de sombra. Pensando numa relação BDSM consensual, o sadismo seria a função estruturante e aquele que se submete para ser consensualmente o torturado seria o símbolo estruturante? Por outro lado, quem sabe o masoquismo também não seria a função estruturante e o algoz também um símbolo estruturante?

### 2.3. BRINCADEIRAS E RITUAIS

Em uma conversa, Luis Nieri de Toledo Soares me disse que traduziria *pony play* como *brincar de cavalo* pois, segundo ele, um dos pontos que mais lhe chamou a atenção na prática de *pony play*, assim como lhe chama na sexualidade adulta em geral, é essas atividades tomarem a forma de uma brincadeira. “Sexo é brincadeira de adulto”, fala ele. Para a Academia Americana de Pediatria (2018), brincar é uma atividade:

“[...] intrinsecamente motivada, implica envolvimento ativo e resulta em descoberta prazerosa. A brincadeira é voluntária e muitas vezes não tem objetivos extrínsecos; é divertida e muitas vezes espontânea. [...Brincar] desenvolve habilidades de funcionamento executivo e contribui para a prontidão escolar (crianças entediadas não aprendem bem). Brincar muitas vezes cria uma realidade privada imaginativa, contém elementos de faz de conta e é não literal [...]” (YOGMAN; GARNER; HUTCHINSON, 2018, p. 2).

Segundo recente pesquisa conduzida por Brauer *et al.* (2023) sobre a relação entre tendência de adultos a brincar (*playfulness*) e sexualidade, praticantes de BDSM pontuam mais alto que não praticantes na *Short Measure of Adult Playfulness*<sup>51</sup> (Proyer, 2017), o que pode indicar que os primeiros têm maior inclinação para entrar em brincadeiras que os segundos. No

---

<sup>50</sup> Tradução livre de: “[...] that is intrinsically motivated, entails active engagement, and results in joyful discovery. Play is voluntary and often has no extrinsic goals; it is fun and often spontaneous. [...] this builds executive functioning skills and contributes to school readiness (bored children will not learn well). Play often creates an imaginative private reality, contains elements of make-believe, and is nonliteral [...]” (YOGMAN; GARNER; HUTCHINSON, 2018, p. 2).

<sup>51</sup> Tradução livre: Escala curta de tendência adulta a engajar-se em brincadeiras.

mundo adulto, brincar é o que compõe nossa vida cultural na forma, por exemplo, de drama, música, romances e dança (BROWN; VAUGHAN, 2009). Esse ato, assim como sonhar, é de fundamental importância para a vida humana, pois promovem uma complexa integração afetiva (PANKSEPP; BIVEN, 2012; CARTER, 2022). Carter (2022) fala sobre o papel da comunicação não verbal entre analista e analisando durante sessões de *sandplay* (técnica em que se brinca em uma caixa de areia) no processo terapêutico. Relatando o caso de uma analisanda adulta, a autora afirma que os momentos compartilhados de “ressonância silenciosa” (CARTER, 2022, p. 1056) durante as sessões permitiram surgir novos padrões de relação entre elas, já que a persona bem adaptada ao dia a dia podia ser deixada de lado. Ou seja, a comunicação não verbal pode permitir a emergência de conteúdos previamente inconscientes (Carter, 2022). A brincadeira também se torna psicologicamente importante, por ser uma forma de interação entre adultos com grande participação de outro estilo de comunicação.

Apesar de entendermos a brincadeira como prazerosa, devemos ter em mente que ela nem sempre é divertida. Quando observamos brincadeiras da infância, que às vezes resultam em machucados, percebemos que brincar pode ser prazeroso mesmo quando “machuca, ofende, nos desafia e provoca<sup>52</sup>” e que “também pode ser perigoso: pode ser viciante, destrutivo e levar a diferentes tipos de danos – ferimentos físicos, amizades rompidas e colapsos emocionais<sup>53</sup>” (SICART, 2014, p. 3). No mundo da sexualidade adulta, nas dinâmicas das brincadeiras sexuais estão presentes relações de poder, temas típicos de gênero, tipos de identidade e características de organização social (PAASONEN, 2018). Podemos entender, portanto, que as brincadeiras sexuais têm também uma base arquetípicas. Mas o desejo sexual não é necessariamente algo fácil de lidar e às vezes pode ser bastante inconveniente, levando a destruição de reputações profissionais, relacionamentos e colocando a saúde em risco (PAASONEN, 2018). O desejo sexual pode, ocasionalmente, perturbar nossa identidade e violar nossos valores (BERLANT, 2012).

Essas descrições dos problemas causados pelo desejo, em bom português, do famigerado tesão, condizem com a ideia junguiana de possessão por um complexo<sup>54</sup>. Um complexo é um amálgama de ideias e imagens que se relaciona em torno de um centro arquetípico com forte carga emocional. Quando ele se constela, ou seja, se ativa, interfere com o comportamento (SAMUELS.; SHORTER.; PLAUT, 1986). Os complexos são, portanto,

---

<sup>52</sup> Tradução livre de: “[...] it hurts, offends, challenges us and teases us [...]” (SICART, 2014, p.3).

<sup>53</sup> Tradução livre de: “Play can be dangerous too: it can be addicting and destructive and may lead to different types of harm—physical injuries, lost friendships, emotional breakdowns” (SICART, 2014, p.3).

<sup>54</sup> E, concordemos, com a imagem do cavalo arrastando o cavaleiro num galope desenfreado e sem controle.

aglomerados da vida afetiva com um funcionamento independente, como se fossem fragmentos distintos da personalidade (JUNG, 2014d, 2014f). A possessão pelo complexo seria uma espécie de golpe de estado sofrido pelo *ego*, que passa a ser controlado por esses fragmentos da personalidade (SAMUELS.; SHORTER.; PLAUT, 1986). Isso pode ser visto, por exemplo, quando agimos de forma irracional e impulsiva em um ataque de raiva ou, em se tratando de sexo, quando movidos por tesão arriscamos, ao mesmo tempo, a estabilidade do nosso casamento e nossa reputação profissional tendo um tórrido caso extraconjugal no trabalho.

Há também o entendimento desses amálgamas de ideias, imagens e afetos, os complexos, em sua dimensão arquetípica. Nesse sentido, o *ego*, a sombra e a persona seriam complexos, pois também são aglomerados mantidos juntos pela mesma tonalidade afetiva e base arquetípica (SAMUELS.; SHORTER.; PLAUT, 1986). A sexualidade, portanto, pode ser entendida como um complexo (SOARES, 2011). Em outras palavras, como um núcleo arquetípico do *Self* que se constela na forma de desejo sexual. Jung afirma que a integração desse complexo é desafiadora e que quanto menos ele estiver integrado, ou seja, quanto mais inconsciente estiver, mais autônomo será seu funcionamento (JUNG, 2014j). Mas, felizmente, como brincar é uma forma de integração afetiva assim como os sonhos (PANKSEPP; BIVEN, 2012; CARTER, 2022), as brincadeiras sexuais, incluindo práticas BDSM, podem ser uma forma de integrar aspectos desse complexo.

Práticas BDSM costumam ser bastante ritualizadas (SHAHBAZ; CHIRINOS. 2017; ZUSSMAN; PIERCE, 1998). Um dos exemplos é o ritual de encoleiramento das relações M/s, na qual o escravo passa a vestir a coleira de seu senhor. A coleira, no ritual, pode ser feita de materiais distintos ou pode ser substituída por outra espécie de objeto que represente a coleira. Além desses objetos, que podem ganhar um caráter numinoso (COLMAN, 2011), outras pessoas da comunidade podem estar presentes nesses rituais. No livro *Ascensão da lua negra: BDSM pagão e o caminho dos desafios*<sup>55</sup>, Kaldera (2006, p. 9) traz a prática BDSM com uma abordagem que enfatiza aspectos espirituais e ritualísticos. O autor compara uma cena BDSM com um ritual, com ambos tendo um “começo, no qual a atmosfera é estabelecida, e um fim, no qual as pessoas são trazidas de volta ao seu estado ‘normal’, ou para o que quer que seja normal para elas<sup>56</sup>”. Kaldera enfatiza a importância dos gestos e objetos terem o mesmo significado para os participantes. Um exemplo seria a coleira ser colocada no pescoço do

---

<sup>55</sup> Dark moon rising: pagan BDSM and the ordeal path.

<sup>56</sup> Tradução livre de: “A scene, like a ritual, generally has a beginning where the atmosphere is set, and an ending where people are brought back to “normal” space, or whatever is normal for them” (KALDERA, 2006, p. 9).

submisso como o ato que marca a mudança das posições normais para as posições D/s (Dominador e submisso).

Outra característica das práticas BDSM é a divisão de papéis em pares de opostos, sendo os papéis de *top* aqueles do lado de cima de uma relação de desigualdade de autoridade e *bottom* os papéis do lado de baixo. Essa divisão, em alguns casos, pode facilitar alterações no estado de consciência, que diferem entre os dois papéis (SHAHABAZ; CHIRINOS, 2017; THOMAS, 2023a; ZUSSMAN; PIERCE, 1998 ). Em 2017 foi realizado um estudo com *switches*, pessoas que se alternam entre os papéis de *top* e os de *bottom*, para averiguar de que forma ocupar as diferentes polaridades de papéis em sessões de BDSM poderia promover alterações de consciência (AMBLER *et al.*, 2017). Como resultado, percebeu-se que estar no papel de *bottom* produziam alterações de consciência condizentes com a hipótese de hipofrontalidade transitória de Dietrich (2003). Segundo essa hipótese, atividades que exigem um aumento de processos básicos de sensação, percepção e motricidade, tais como esportes, atividades masoquistas ou meditação, alterariam a percepção temporal, diminuiriam a inibição social e os processos de tomada de decisões e aumentariam a sensação de prazer e de estar presente no aqui agora.

Já os papéis de *top* promoveram alterações de consciência mais parecidas com a ideia de *flow*, de Csikszentmihalyi (1991). *Flow* seria um estado caracterizado por nove dimensões: Equilíbrio Desafio-Habilidade, que seria a sensação de que as habilidades pessoais estão a altura do que a situação demanda; Fusão entre Ação e Atenção, ou seja, o envolvimento com a atividade ser tão intenso que traz a sensação de que as ações são automáticas; Objetivos Claros, que se refere a sensação de saber o que é exigido momento a momento; Feedback Imediato, que é a percepção do retorno imediato das suas ações a cada momento; Concentração Intensa na Tarefa, que se traduz por foco intenso; Controle Absoluto das Ações, equivalendo a sensação de estar no controle, sem o medo de que algo irá dar errado ; Perda da Autoconsciência, com a atenção deixando de estar voltada a si mesmo; Perda da Noção de Tempo, alteração na percepção temporal; e Experiência Autotélica, sensação de prazer.

O caráter ritualístico e essas alterações no estado da consciência têm paralelo com experiências religiosas, podendo levar a sensação de contato com ou ter atingido um estado divino (BAKER, 2018; ZUSSMAN; PIERCE, 1998). Carlström (2020), em um estudo etnográfico de cinco anos em diferentes comunidades BDSM na Suécia, observou semelhanças entre estados alterados de consciência em cristãos e em praticantes de BDSM. Segundo a autora, a própria estrutura ritualística envolvendo poder e dor, algo comum em vivências BDSM, pode levar a estas mudanças. Além da dor e prazer, a restrição Segundo LeVay, Baldwin e Baldwin (2018) também falam de uma dimensão espiritual das práticas BDSM. Os autores afirmam que

apesar de para um observador externo esse tipo de prática envolver apenas sensações e sentimentos negativos, praticantes de BDSM muitas vezes relatam o oposto:

A relação de poder, confiança e dependência que existe entre top e bottom é uma condição de intimidade intensificada e que um participante em uma cena BDSM pode entrar em um estado alterado de consciência que equivale a uma experiência espiritual<sup>57</sup> (LEVAY; BALDWIN; BALDWIN, 2018).

Para Newmahr (2011), BDSM leva à necessidade de expandirmos o entendimento do que é intimidade. Segundo a autora, intimidade nesse contexto tem relação com uma sensação de conexão e energia e com conhecer alguém de uma forma em que ele não é normalmente conhecido. Ela dá exemplos interessantes do quanto a violência e o estupro são atos íntimos justamente porque neles duas pessoas se conhecem em aspectos raramente vistos por outras. O assassinato seria ainda mais íntimo, já que não se pode ver duas vezes como é a expressão de uma determinada pessoa no ato de morrer. Newmahr faz uma diferenciação entre intimidade e confiança. Um estupro pode ser íntimo, no sentido de o estuprador ganhar acesso da vítima em dimensões pouco conhecidas, mas é também um ato de traição, pois esse acesso é forçado. Práticas BDSM, por outro lado, são baseadas em confiança, mas ao mesmo tempo por sua própria natureza o risco de violação está sempre presente. A conexão sentida pelos participantes, a oscilação entre confiança e desconfiança e o acesso a partes de si em geral pouco acessíveis podem tornar a experiência extremamente íntima (NEWMAHR, 2011).

Voltando às alterações da consciência, Luo e Zhang (2018), em um estudo que observava a atividade neurológica de submissas, verificaram que, quando estavam amordaçadas com uma mordaca de bola<sup>58</sup>, elas exibiam menos empatia com relação a pessoas sentindo dor. A hipótese dos pesquisadores é de que o processamento emocional da empatia se baseia em parte na imitação das expressões alheias, o que se dá via neurônio espelho. A mordaca também trouxe sentimentos subjetivos de humilhação nas participantes:

Além de impedir os movimentos dos músculos faciais e a mímica facial, quando combinado com outras restrições físicas, usar uma mordaca de bola durante uma prática BDSM pode estar relacionada a humilhação, desumanização (*pony* ou outro

---

<sup>57</sup> Tradução livre de: “[...] that the relationship of power, trust, and dependency that exists between top and bottom represents a condition of heightened intimacy and that a participant in a BDSM scene may enter an altered state of consciousness that amounts to a spiritual experience” (LEVAY; BALDWIN; BALDWIN, 2018).

<sup>58</sup> *Ball gag*: mordaca feita de uma bola que é presa à boca por meio de tiras afiveladas atrás da cabeça.

jogo animal) ou objetificação (tornar-se um “objeto inanimado” como um banquinho para apoiar os pés) por tornar o participante incapaz de falar<sup>59</sup> (LUO; ZHANG, 2018).

Além da dor, o emprego de restrições do movimento e dos sentidos também podem levar a alterações no estado de consciência. O *bottom* fica dependente do Top e, com isso, pode ser levado psicologicamente a fases anteriores do desenvolvimento, “na qual o bebê luta entre confiar e não confiar (ZUSSMAN; PIERCE, 1998). Sagarin, Lee e Klement (2015), por sua vez, observam que *bottoms* em vivências BDSM podem sofrer uma diminuição em seus processos cognitivos, o que poderia levar a uma redução da sua capacidade de perceber limites pessoais, trazendo implicações para sua segurança.

---

<sup>59</sup> Tradução livre de: “In addition to preventing facial muscle movement and facial mimicry, when combined with other physical restraints, wearing a ball gag during BDSM practice may be related to humiliation, dehumanization (pony or animal play) or objectification (becoming an “inanimate object,” such as a foot stool) by rendering the participant unable to speak” (LUO; ZHANG, 2018).

### 3. CONSENSUALIDADE E SEGURANÇA EM PRÁTICAS KINKY

Pessoas *kinky*, como já referido, são aquelas cujos desejos e/ou comportamento, seja ocasionalmente ou como estilo de vida, “incluem fetichismo, *crossdressing*, *bondage*, *spanking*, sadomasoquismo, dominação e submissão e *roleplay* erótico<sup>60</sup>” (EASTON; LISZT, 2000, p.4). Segundo o *A Guide to Choosing a Kink-Aware Therapist*<sup>61</sup>, da *National Coalition of Sexual Freedom*<sup>62</sup>, um terapeuta *kink-aware* reconhece jogos BDSM como parte normal do espectro sexual, é capaz de distinguir entre BDSM consensual e abuso, conhece o processo de sair do armário, a negociação de limites, o estresse relacionado a manter em segredo o envolvimento com BDSM e os diferentes papéis adotados em cenas BDSM (KOLMES; WEITZMAN, 2010). Os papéis, como mencionado anteriormente, podem ser divididos entre os que estão acima na relação com desigualdade consensual de poder (*top*), os que estão abaixo (*bottom*) e os *switches*, que se alternam entre as duas posições. Dentre os de *top* estão papéis como dono, dominador e treinador, dentre os *bottoms*, escravo, submisso e *pony*. De forma geral, praticantes de BDSM se envolvem em jogos de impacto como *spanking*<sup>63</sup>, em que um praticante bate no outro com a mão ou aparatos como chicotes e palmatórias; restrição com o uso de algemas, arneses e outros aparatos; jogos de sensações com cera quente, cócegas; e, ainda, jogos de papéis, como o *pony play*. Além disso, existem modelos de relação estável, negociadas previamente, como as a de Senhor e escravo (M/s). (SHAHBAZ & CHIRINOS, 2017).

Uma das principais características das relações BDSM, para além da erotização de dinâmicas de poder culturalmente criadas, é a consensualidade. Resumidamente isso significa que a participação é voluntária e voltada a gratificação mútua (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993; DUNKLEY; BROTT, 2020; EASTON; LISZT, 2000; ENGLUND, 2020; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). Nas atividades BDSM saudáveis, essa participação ocorre delimitada por um acordo formado a partir da negociação dos limites e intenções de cada parte. Uma palavra de segurança (*safeword*) é definida para que o *bottom* possa pedir de forma inconfundível a interrupção da atividade se assim desejar. Ao da atividade, o *top* cuida do *bottom*, o que é

---

<sup>60</sup> Tradução livre de: “[...]include *fetishism*, *crossdressing*, *bondage*, *spanking*, *sadomasochism*, *dominance and submission*, and *erotic roleplaying*” (EASTON; LISZT, 2000, p.4).

<sup>61</sup> Tradução livre: “Um Guia para Escolher um Terapeuta Ciente de Sexualidades Não Normativas”.

<sup>62</sup> Coalização americana que advoga pelos direitos de adultos que consensualmente se engajam em formas alternativas de expressões sexuais e de relacionamento nas comunidades BDSM-*leather*-fetichista, *swing* e poliamorosa. Disponível em: <https://ncsfreedom.org>.

<sup>63</sup> Tradução livre: palmada, surra.

conhecido como *aftercare* e consiste no conjunto de procedimentos necessários “para trazer o indivíduo de volta ao estado pré-jogo<sup>64</sup>” (HOLT, 2016, p. 8; JOZIFKOVA, 2013; KIERAN; SHAFFER, 2016; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017; WILCOX, 2013). Nessas relações o submisso confia no parceiro e não deseja que ele mude, há respeito mútuo e não há sentimentos de culpa ou vergonha pelo que aconteceu. Já em casos de violentas, sendo ou não BDSM, há um ciclo característico de aumento de tensão na relação, episódio de agressividade, reconciliação com arrependimento do agressor e, novamente, aumento de tensão. O parceiro agredido não deseja a violência que sofre, não tem como pará-la, teme o parceiro e deseja que ele mude seu comportamento (JOZIFKOVA, 2013). Ou seja, o consentimento é o principal ponto que distingue BDSM de violência.

Porém consentimento é um conceito complexo. O processo de negociação de uma prática ou relação BDSM, por exemplo, também é afetado pelas diferenças interpessoais de poder, inclusive estrutura, entre os participantes (SIMULA, 2013). Além disso, há uma série de áreas a serem cobertas. Kaak (2016) fala sobre quatro áreas, que às vezes se sobrepõem, em uma negociação pré cena: Estilo, que engloba o tipo de jogo, os tipos e intensidade de sensações e quais instrumentos podem ser utilizados; Corpo, que inclui quais partes do corpo do *bottom* podem ser tocadas, se o toque pode ou não ser sexual e questões de segurança física; Limites, ou seja, o que pode ou não pode e; Palavras de segurança, que pode levar em conta o sistema de farol (vermelho, amarelo e verde), outra palavra ou gestos corporais (KAAK, 2016). Além disso, é necessário saber prevenir consequências indesejadas (não consentidas) durante a prática, o que tem uma série de implicações, como investir tempo em obter conhecimento sobre detalhes específicos do funcionamento de equipamentos (BRAME, BRAME; JACOBS, 1993; NEWMAHR, 2010). Isso significa que o *top*, por exemplo, deve saber “manejar os brinquedos SM [para a prática de sadomasoquismo] com segurança e de maneiras que os *bottoms* acharem satisfatório<sup>65</sup>”, assim como saber “onde se pode e onde não se pode bater em alguém com um açoite sem causar lesões [não pretendidas]<sup>66</sup>” (NEWMAHR, 2010, p.319).

Outro exemplo é dado por Wilcox (2013), em seu manual de *pony play*. A autora explica que muitos dos equipamentos usados em *pony play* são restritivos (*bondage*) e que, portanto, devem ser usados levando em conta as questões de segurança específica que esse tipo de equipamento traz. Ela então instrui o leitor a só utilizar técnicas que estão “no limite do seu

<sup>64</sup> Tradução livre de: “[...] *after play to bring an individual back to a pre-play state*” (HOLT, 2016, p. 8).

<sup>65</sup> Tradução livre de: “[...] *learning to wield SM toys safely and in ways that bottoms find satisfactory*” (NEWMAHR, 2010, p. 319).

<sup>66</sup> Tradução livre de: “[...] *where one can and cannot strike a person with a flogger without causing injury*” (NEWMAHR, 2010, p.319).

conforto e capacitação individuais<sup>67</sup>” (WILCOX, 2013, p. 494). Em seguida, ela cita algumas fontes para aprender os procedimentos de segurança.

Além da dimensão física da segurança, há também a dimensão da comunicação. Os *bottoms*, por exemplo, tendem a falar a palavra de segurança como um último recurso para interromper um desconforto que já estava se intensificando há um tempo, o que gera a necessidade do *top* aprender a reconhecer sinais que o *bottom* pode dar, intencionalmente ou não, de que há algo errado. Esse reconhecimento é aprendido conversando com o parceiro sobre o que ocorreu durante uma cena<sup>68</sup> que fizeram e dando atenção às observações que outras pessoas fazem sobre suas próprias experiências ou sobre cenas que estão ocorrendo no momento (NEWMAHR, 2010, p. 321). Por fim, há a dimensão emocional e psicológica da segurança, que exige capacidade em lidar, durante a prática, com as próprias reações emocionais e com as do parceiro. Wilcox (2013) dá um exemplo do manejo dessas respostas emocionais:

Se você começar a perder o controle, pare. A segurança do *pony* está em risco. Amarre o *pony*, solte-o um pouco, dê ele a outra pessoa por um minuto ou escolha algo mais apropriado ao cenário do jogo. Dar um intervalo dá ao *pony* tempo para relaxar e **o protege da confusão causada pelo comportamento errático do treinador. O treinador pode então decidir como melhor continuar depois de um tempo para se acalmar e refletir** [grifo nosso]<sup>69</sup> (WILCOX, 2013, p.974).

Wilcox leva em conta a agitação o treinador pode ficar quando começa a perder o controle e o impacto que isso pode ter no *pony*. Então além de aprender informalmente em conversas, os praticantes também podem aprender de maneira formal com livros, outros materiais, aulas e *workshops* (NEWMAHR, 2010; SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017). Mas mesmo com todos esses mecanismos e cuidados, violações de limites e acidentes podem ocorrer e pessoas desrespeitam consentimento dentro de comunidades BDSM sofrem retaliação por meio de banimentos e listas negras (HOLT, 2016). Segundo pesquisa etnográfica conduzida por Holt (2018) com 150 horas de observação em ambientes frequentados por praticantes de BDSM<sup>70</sup> e 22 entrevistas semiestruturadas com praticantes ativos na cena BDSM da região

<sup>67</sup> Tradução de: “[...]within your individual comfort and competency” (WILCOX, 2013, p. 494)

<sup>68</sup> No contexto BDSM, termo que se refere à uma prática com início meio e fim.

<sup>69</sup> Tradução livre de: “If you begin to lose control, stop. The pony’s safety is at risk. Tie the pony up, turn it loose for a bit, give it to someone else for a minute, or choose something more appropriate to the play scenario. Providing a time-out gives the pony time to relax and protects the pony from confusion caused by the erratic behavior of the trainer. The trainer can then decide how best to continue after some time to calm down and reflect”. (WILCOX, 2013, p. 974).

<sup>70</sup> As observações foram conduzidas em *play parties*, encontros para praticar BDSM; masmorras públicas, locais estruturados para jogos BDSM; workshops educacionais; bares frequentados por praticantes e eventos informais

centro oeste dos Estados Unidos, alguns fatores podem aumentar o risco de consequências não desejadas (HOLT, 2018), dentre eles: (a) ser novato; (b) histórico de vitimização sexual; (c) baixa autoestima; (d) consentimento abrangente.

Um novato (a) pode não ter claro regras de segurança, seus próprios limites ou como lidar com situações em que eles são violados. Uma submissa entrevistada por Holt (2018) relatou um jogo de estupro que fez com uma parceria também inexperiente. A dupla subestimou o poder das emoções que poderiam ser despertadas e não tinham clareza de procedimentos como negociação e *aftercare*. Uma pessoa com histórico de vitimização sexual (b) pode ter em algumas situações gatilhos que detonam *flashbacks* (em outras palavras, que constelam complexos) de situações de abuso, sem necessariamente saber identificá-las previamente. Isso pode levar, segundo alguns participantes da pesquisa, a um mal-estar que dura horas ou dias. Baixa autoestima (c) pode ser um fator de vulnerabilidade, implicando numa dificuldade em escolher bons parceiros e uma propensão, no caso de submissas, a dar autoridade prontamente a dominadores sem a avaliação necessária. Por fim, o consentimento abrangente (d) está presente em relações de Senhor e escravo (M/s), por exemplo, em que o escravo dá consentimento previamente, mas a estrutura da relação pode dificultar o questionamento de partes do contrato (HOLT, 2018). Um outro fator é a natureza anônima da comunidade, dado que muitas vezes os praticantes conhecem uns aos outros apenas por codinomes (HOLT, 2016).

Essa complexidade das vivências BDSM traz desafios para o psicólogo, em especial na avaliação do quão saudável estão sendo as experiências de seus clientes *kinky*. Levando em conta a diversidade de fatores a serem considerados para essa avaliação Shahbaz e Chirinos (2017) desenvolveram uma lista de verificação com dez áreas chaves a serem exploradas. A Lista de Verificação de Comportamento BDSM Saudável de Shahbaz e Chirinos<sup>71</sup> indica para cada área o que verificar, sugere perguntas a se fazer para o cliente, traz indicadores clínicos de comportamento BDSM problemático e sugere abordagens e intervenções terapêuticas, como pode ser visto no quadro 1.

---

como *munches*, nos quais praticantes se encontram de maneira informal em público para conversar, comer e ter um senso de comunidade (HOLT, 2018).

<sup>71</sup> Tradução livre: *Shahbaz-Chirinos Healtht BDSM Behavior Checklist* (2017).

Quadro 1 - Lista de verificação de comportamento BDSM saudável de Shahbaz e Chirinos (continua)

<b>Lista de verificação de Comportamento BDSM Saudável de Shahbaz-Chirinos</b>				
<i>Área Chave</i>	<i>O Que Verificar</i>	<i>Perguntas a Fazer para os seus Clientes</i>	<i>Indicadores Clínicos de Comportamento BDSM Problemático</i>	<i>Abordagens/Intervenções Terapêuticas</i>
Consentimento	Verifique se seus clientes praticam BDSM de maneira consensual	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que você entende por BDSM com consentimento?</li> <li>2. Você conversou sobre questões relativas a consentimento com seus parceiros de BDSM?</li> <li>3. Como você define consentimento no seu relacionamento? Como você pratica BDSM de maneira consensual?</li> <li>4. As mudanças na dinâmica do relacionamento necessitam do consentimento de todas as partes, independentemente dos seus papéis?</li> <li>5. Você pode escolher terminar esse relacionamento?</li> <li>6. Se sim, que tipos de apoio e barreiras você terá para esse processo?</li> <li>7. A parte dominante na relação com transferência de poder demonstra uma abordagem ética e responsável com aqueles sob sua autoridade?</li> </ol>	A ausência de consentimento é uma preocupação e um indicador de abuso. A falta de um processo para desenvolver e manter responsabilidade ética e apoio podem ser indicativos de violência por parceiro íntimo (violência doméstica).	Explore a falta de consentimento. Estabeleça consensualidade mútua. Instrua, se necessário, e conecte seus clientes a uma comunidade BDSM apropriada. Instrua seus clientes sobre parâmetros e tipos de consentimento (explícito vs. implícito) assim como sobre expectativas resultantes de cenas futuras ou relações futuras/atuais.
Bem-estar	Evidências de sensação de bem-estar, de crescimento pessoal, aumento de sensação de autoconfiança e/ou evolução espiritual – especialmente no submisso ou escravo numa relação D/s ou M/s.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você se sente respeitado e valorizado como resultado de praticar BDSM?</li> <li>2. Você tem alguma sensação de expansão ou bem-estar como resultado do seu envolvimento com BDSM?</li> <li>3. Que planos (físicos, psicológicos, financeiros) existem para caso seu relacionamento termine?</li> </ol>	Baixo sentimento de bem-estar ou de crescimento pessoal podem indicar um cliente que esteja buscando validação ao invés de expressão de sua verdadeira identidade e desejos BDSM (incongruência de identidade/expressão).	Avalie se seu(s) cliente(s) possui(em) algum transtorno psiquiátrico encaminhando-o para um psiquiatra e obtendo as informações adicionais quando indicado.

Quadro 1 - Lista de verificação de comportamento BDSM saudável de Shahbaz e Chirinos (continuação)

<b>Lista de verificação de Comportamento BDSM Saudável de Shahbaz-Chirinos</b>				
<i>Área Chave</i>	<i>O Que Verificar</i>	<i>Perguntas a Fazer para os seus Clientes</i>	<i>Indicadores Clínicos de Comportamento BDSM Problemático</i>	<i>Abordagens/Intervenções Terapêuticas</i>
Valores	Verifique se seu cliente tem clareza de e se utiliza de valores culturalmente apropriados; ex: SSC e RACK.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Até que ponto seus valores estão centrados em monogamia e igualdade?</li> <li>2. Você conhece valores culturalmente apropriados como são, seguro e consensual (SSC) e Prática Consensual com Consciência dos Riscos (RACK)?</li> <li>3. Como seus valores pessoais orientam suas crenças e sua prática de não-monogamia e de dinâmicas de relacionamento com desigualdade de poder?</li> <li>4. Há abertura para aprender e desenvolver autopercepção, habilidades e crescimento pessoal?</li> <li>5. Há abertura para explorar modelos alternativos de relacionamento?</li> </ol>	A falta de clareza pode levar a comportamentos inconsistentes e passar mensagens confusas.	Explore e auxilie seus clientes a clarear para eles mesmos questões relativas à ética, responsabilidade por si e pelo outro e valores culturalmente apropriados.
Congruência entre os valores e a prática	Congruência entre os valores e as dinâmicas comportamentais do relacionamento.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como você interpreta e põe em prática valores culturalmente apropriados como honra, integridade, responsabilidade e honestidade?</li> <li>2. Que valores você diz ter e como você os demonstra?</li> <li>3. A parte Dominante numa relação D/s ou M/s demonstra uma abordagem com responsabilidade ética para com seu(s) escravo(s)?</li> <li>4. Se há transferência de autoridade, a parte Dominante segue as recomendações que dá aos outros?</li> <li>5. Como você pratica atividades que levam a crescimento?</li> </ol>	A falta de congruência pode levar a sentimentos de inautenticidade, confusão e comportamentos inconsistentes.	Ajude seu(s) cliente(s) a clarear seus valores e a alinhar seu comportamento a eles. Ponha em prática uma coerência consistente ajudando seu(s) cliente(s) a reformular(em) e atribuir(em) sentido por meio da criação de simbolismos e rituais em seu relacionamento.

Fonte: tradução livre e adaptação de Shahbaz e Chirinos (2017, p. 105-113).

Quadro 1 - Lista de verificação de comportamento BDSM saudável de Shahbaz e Chirinos (continuação)

Lista de verificação de Comportamento BDSM Saudável de Shahbaz-Chirinos				
Área Chave	O Que Verificar	Perguntas a Fazer para os seus Clientes	Indicadores Clínicos de Comportamento BDSM Problemático	Abordagens/Intervenções Terapêuticas
Clareza	Grau de consciência com relação ao propósito, visão ou filosofia do seu relacionamento.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais expectativas você tem de uma relação <i>kinky</i> ou BDSM?</li> <li>2. Você consegue colocar em palavras o porquê de você praticar BDSM ou o porquê de estar em uma relação BDSM?</li> <li>3. No caso de haver transferência de autoridade, como o parceiro Dominante demonstra responsabilidade ética ao lidar com seu(s) escravo(s)?</li> <li>4. Em que medida você é monogâmico ou poliamoroso? <b>Caso esteja num relacionamento <i>kinky</i> e poliamoroso:</b> a) Como o relacionamento poli amoroso está estruturado? b) O que você espera de uma relação BDSM, <i>kinky</i> e poli amorosa?</li> </ol>	Falta de clareza sobre o porquê de se estar numa relação BDSM pode levar a inconsistências, dificuldade de estabelecer relacionamentos e conflitos em relacionamentos. Falta de clareza sobre o lugar que se ocupa numa dinâmica poli pode levar a insegurança, ciúmes e inveja.	Ajude seu(s) cliente(s) a esclarecer e articular o porquê ele(s) estão ou querem estar em um relacionamento BDSM. Encoraje seu(s) clientes(s) a esclarecer(em) qual é o lugar de cada pessoa nas dinâmicas de relacionamento poli.
Identidade	BDSM é parte da identidade sexual do cliente ou apenas um aspecto das suas experiências ou repertório sexual?	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Porque você pratica BDSM?</li> <li>2. Porque você está (ou quer estar) em uma relação BDSM?</li> <li>3. O interesse/relacionamento BDSM é uma parte central da sua identidade ou está limitado à exploração sexual?</li> <li>4. Como BDSM define sua identidade?</li> <li>5. Você inclui BDSM como parte da sua expressão sexual?</li> <li>6. Em que grau você é monogâmico ou poligâmico?</li> <li>7. Como você define sua identidade sexual?</li> <li>8. Como você(s) (casal/ indivíduo) reflete(m) sobre sua identidade sexual?</li> <li>9. Que <i>insights</i> vocês tiraram dessa reflexão?</li> <li>10. BDSM é parte da sua identidade sexual? Se sim, quão importante é para você em seu relacionamento?</li> <li>11. BDSM é parte do seu repertório sexual de forma geral ou específica?</li> </ol>	Ser <i>versus</i> fazer é um fator central para o grau de isolamento e alienação psicológica que seu cliente pode estar vivendo. Num relacionamento, observe se há um mal alinhamento entre as identidades do casal.	Se um é menos identificado com BDSM que o outro, ajude seu(s) cliente(s) a entender(em) as dificuldades que esteja(m) encontrando e a encontrar(em) um alinhamento. Para clientes cujo senso de identidade se apoia no BDSM, assegure-se que eles estejam em contato com comunidades adequadas.

Quadro 1 - Lista de verificação de comportamento BDSM saudável de Shahbaz e Chirinos (continuação)

<b>Lista de verificação de Comportamento BDSM Saudável de Shahbaz-Chirinos</b>				
<i>Área Chave</i>	<i>O Que Verificar</i>	<i>Perguntas a Fazer para os seus Clientes</i>	<i>Indicadores Clínicos de Comportamento BDSM Problemático</i>	<i>Abordagens/Intervenções Terapêuticas</i>
Habilidades & Conhecimento	Explore evidências de conhecimento culturalmente apropriado e técnicas para a prática de BDSM, assim como habilidades e relacionais para BDSM.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como você desenvolveu suas habilidades técnicas para práticas BDSM? (Workshops, mentores, livros, vídeos?)</li> <li>2. Como você desenvolveu habilidades relacionais para estar num relacionamento com transferência de autoridade, <i>kinky</i> e/ou poli amoroso?</li> <li>3. Pensando na sua prática, como você(s) (pessoa ou casal) define(m) e pratica(m) BDSM seguro?</li> <li>4. Você foi há <i>workshops</i> para desenvolvimento de habilidades BDSM? Quais?</li> <li>5. Como você desenvolveu habilidades relacionais para estar numa relação <i>kinky</i>-poli (padrões e estilo de comunicação etc.)?</li> </ol>	Falta de habilidades indicam um risco maior de práticas BDSM inseguras.	Ajude seus clientes a se conectar a grupos de BDSM e fontes para desenvolver habilidades e conhecimento.
Estrutura de Relacionamento Clara	Evidências de estruturas de relacionamento culturalmente apropriadas para estruturar escolhas de relacionamento (rituais, regras e protocolos).	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual o propósito do relacionamento e como você incorporou esse propósito (de forma verbal ou escrita) nos seus rituais e regras?</li> <li>2. Quais os rituais e protocolos que você colocou no seu relacionamento e por quê?</li> <li>3. Qual é a relevância dos rituais, protocolos e estruturas na sua relação BDSM?</li> <li>4. Como você reflete sobre e revisa suas estruturas de relacionamento?</li> <li>5. Se esse relacionamento é poli, como ele está estruturado?</li> <li>6. Numa relação <i>kinky</i> e poli, quais limites foram colocados para garantir que cada participante tenha um lugar claro e respeitado?</li> </ol>	A falta de ou uma presença pobre de rituais, regras e protocolos apropriados podem indicar uma dinâmica de transferência de autoridade pouco pensada ou imatura, que pode contribuir para ansiedade, confusão e conflito nos relacionamentos.	Ajude seu(s) cliente(s) entender(em) a importância de construir e sustentar estruturas de relacionamento culturalmente apropriadas, rituais e regras (protocolos). Encoraje-o(s) a se conectar(em) a grupos educacionais de BDSM.

Fonte: tradução livre e adaptação de Shahbaz e Chirinos (2017, p. 105-113)

Quadro 1 - Lista de verificação de comportamento BDSM saudável de Shahbaz e Chirinos (conclusão)

<b>Lista de verificação de Comportamento BDSM Saudável de Shahbaz-Chirinos</b>				
<i>Área Chave</i>	<i>O Que Verificar</i>	<i>Perguntas a Fazer para os seus Clientes</i>	<i>Indicadores Clínicos de Comportamento BDSM Problemático</i>	<i>Abordagens/Intervenções Terapêuticas</i>
Processos de Comunicação Diádica e de Resolução de Problemas	Evidências de processos de comunicação consistentes, especialmente para resolução de problemas, que sustentem as escolhas dentro do relacionamento.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais mecanismos cada um de vocês estabeleceram na sua relação para identificar e lidar com problemas no relacionamento?</li> <li>2. Os protocolos de comunicação que vocês estabeleceram funcionam de forma a permitir que cada um de vocês expresse opiniões, desejos e necessidades?</li> <li>3. O quão você(s) (indivíduo ou casal) realmente consegue(m) identificar e resolver sentimentos de vergonha e culpa no seu relacionamento?</li> <li>4. O que vocês fazem para lidar com conflitos ou desentendimentos?</li> </ol>	A falta de uma comunicação e processos de resolução de conflitos e problemas apropriados cria problemas na dinâmica do relacionamento.	Ajude seu(s) cliente(s) a construir processos eficazes de comunicação e resolução de problemas de duas vias.
Apoio da Comunidade	Existe apoio de amigos, família (de escolha ou biológica) e/ou conexão solidária com a comunidade BDSM?	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você é assumido para sua família e amigos?</li> <li>2. Você tem redes de amigos que sabem dos seus interesses e relacionamentos BDSM?</li> <li>3. Essas redes são online ou presenciais?</li> <li>4. Em relações de transferência de poder de longo prazo, o parceiro dominante fez arranjos médicos, legais e de apoio para cuidar do seu submisso/escravo?</li> <li>5. Você tem uma rede de médicos <i>kink-aware</i>, especialmente no que diz respeito a cenas que podem dar errado ou ter consequências inesperadas?</li> <li>6. Você tem relações com pessoas reais na comunidade BDSM?</li> <li>7. Você tem amigos ou mentores que lhe apoiam na comunidade BDSM?</li> </ol>	O isolamento contribui para alienação, depressão e falta de desenvolvimento e/ou de refinamento de habilidades, o que pode aumentar o risco imprevistos.	Incentive seu(s) cliente(s) a buscar e a se conectar(em) à grupos e comunidades BDSM da vida real.

Fonte: tradução livre e adaptação de Shahbaz e Chirinos (2017, p. 105-113).

## 4. MÉTODO

Considerando a escassez, verificada durante a revisão bibliográfica, de estudos sobre o *pony play* a partir da perspectiva de seus participantes, essa pesquisa foi delineada como um estudo empírico e exploratório, que visou trazer uma maior familiaridade com esse fenômeno pouco conhecido e levantar dados que possam servir como base para a formulação de questões de pesquisa que orientem estudos futuros (RICHARDSON, 1989; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 1991; MALHOTRA, 1993; MATTAR, 1994). A utilização do software IRaMuTeQ, permitiu um tipo de análise textual (análise lexical) que, além da análise qualitativa, trata estatisticamente o material textual, desta forma superando a dicotomia clássica entre estudos quantitativos e qualitativos, com os resultados sendo posteriormente integrados na análise final (CAMARGO; JUSTO, 2013b; CRESWELL, 2010).

### 4.1 PARTICIPANTES E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para obter uma diversidade de perspectivas, foram incluídos participantes das duas posições possíveis no *pony play*, isto é, a do *pony* e a do humano. Dada a especificidade da população e os objetivos da pesquisa, que visa compreender a experiência do *pony play* da perspectiva de seus praticantes, a amostragem foi intencional, que caracteriza as pesquisas qualitativas, por bola de neve (PATTON, 2002). Participantes de *pony play* foram então buscados em redes sociais, informados sobre a natureza da pesquisa e convidados a indicarem outros participantes. Os critérios de exclusão foram: menores de 18 anos e aqueles que nunca haviam praticado *pony play* presencialmente.

O questionário foi respondido por 147 participantes. Destes, um foi excluído por nunca ter praticado *pony play* presencialmente e outros 59 por não haverem respondido a todas as seis perguntas abertas da sessão Experiências com *Pony Play* (APÊNDICE B), sendo incluídos na pesquisa os 87 sujeitos restantes. A idade destes variou de 22 a 75 anos. Utilizamos como critérios etários a nomenclatura cunhada por Sousa (2010), em sua tese sobre a sociologia da adultez (tabela 1). A autora subdivide os adultos em cinco categorias: “jovem adulto”, entre os 25 e 34 anos; “adulto jovem”, dos 35 aos 44 anos; “adulto de meia-idade”, dos 45 aos 54 anos; “adulto maduro”, dos 55 aos 64 anos; e “idoso jovem” aos 65 anos.

Tabela 1 - Grupos etários

<b>Grupo etário</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Jovem (menor de 25 anos)	7	8,05%
Jovem adulto (25 a 34 anos)	20	22,99%
Adulto jovem (35 aos 44 anos)	18	20,69%
Adulto de meia-idade (45 aos 54 anos)	15	17,24%
Adulto maduro (55 aos 64 anos)	17	19,54%
Idoso jovem (a partir de 65 anos)	10	11,49%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

A maioria da amostra se identificou como homem (52,04%), seguido de pessoas que se identificaram como mulheres (19,54%). Dentre o restante estiveram outras identidades e pessoas que não se identificaram (tabela 2).

Tabela 2 - Gênero

<b>Gênero</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Masculino	47	54,02%
Feminino	17	19,54%
Trans	2	2,30%
Não binário	1	1,15%
Gênero fluido	1	1,15%
<i>Gender queer</i>	1	1,15%
Não informou	18	20,65%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Com relação à orientação sexual (tabela 3), a maioria se identificou como heterossexual (36,78%), seguido por bissexual (21,85%) e pansexual (12,64%). Alguns sujeitos declararam mais de uma orientação, não especificaram a própria ou declararam ter uma orientação sexual em geral, mas adotar outra especificamente para a prática de *pony play*. Essas respostas, assim como orientações sexuais que só foram citadas uma vez, foram classificadas como Outra (14,94%). As respostas sobre raça/etnia foram bastante variadas, pois aparentemente esses conceitos podem ser interpretados de outra forma em outros contextos culturais. Muitas respostas se referiram a nacionalidade, outras ao continente de origem e algumas a cor de pele. Respostas como “cara pálida” (*paleface*), “Não sei, europeu central?” e “zevralo (mistura de

zebra com cavalo)” demonstram a diferença de sentido atribuída a estes conceitos. Dessa forma, os dados sobre raça não foram tabelados.

Tabela 3 - Orientação sexual

<b>Orientação sexual</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Heterossexual	32	36,78%
Bissexual	19	21,84%
Outra	13	14,94%
Pansexual	11	12,64%
Homossexual	4	4,60%
Assexual	4	4,60%
<i>Queer</i>	4	4,60%
	87	100,00%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

O país de residência foi organizado por continente (tabela 4). O único sujeito localizado no Brasil estava dentre os 59 excluídos. Dentre os selecionados, um participante disse ser latino-americano, mas deu essa resposta na questão sobre raça. A maioria dos 87 sujeitos (48,28%) se concentraram na América do Norte, seguido por Europa (44,83%), Oceania (6,9%) e África e Ásia (ambos com 1,15%).

Tabela 4 - País de residência

<b>País de residência</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
África	1	1,15%
Ásia	1	1,15%
América do Norte	42	48,28%
Europa	37	42,53%
Oceania	6	6,90%
<b>TOTAL</b>	87	100,00%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Os participantes da pesquisa têm em sua maioria ensino superior completo ou incompleto (52,97%), seguido por mestrado ou doutorado (21,83%). Apenas um sujeito estudou até o ensino fundamental (tabela 5).

Tabela 5 - Escolaridade

<b>Escolaridade</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Até ensino fundamental	1	1,15%
Ensino médio	10	11,49%
Especializações técnicas <sup>72</sup>	11	12,64%
Superior (completo ou incompleto)	46	52,87%
Mestrado ou doutorado	19	21,83%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Assim, os participantes (entre 22 e 75 anos) estão distribuídos entre todas as fases da vida adulta, sendo em sua maioria homens, heterossexuais ou bissexuais, residentes da América do Norte ou Europa, com algum nível de ensino superior.

#### 4. 2 INSTRUMENTO DE COLETA

Foi elaborado pela pesquisadora um questionário de métodos mistos dividido em quatro partes (versão em português e inglês no APÊNDICE B). A primeira, Questões Demográficas, contempla questões sociodemográficas, com 5 perguntas (múltipla escolha, resposta única e abertas) incluindo idade, país de moradia, nível de escolaridade, gênero, raça/etnia e orientação sexual. A segunda, Participação em *Pony play*, abrange questões sobre a participação nas atividades, com sete perguntas fechadas (múltipla escolha, resposta única entre duas opções) abordando temas como escolha de papéis na prática (*pony*, humano ou alternar-se entre ambos) e outras questões relacionadas. A terceira, Experiências com *Pony Play*, inclui seis questões abertas. Por fim a quarta, Participação em BDSM, aborda outros possíveis papéis e práticas em jogos BDSM, com três perguntas (semiaberta com resposta única entre duas opções). As perguntas nessa última parte foram estruturadas de forma semiaberta dada a grande variedade de práticas presentes no universo *kinky* e BDSM universo (ALISON *et al.*, 2001) e a escassez de pesquisas que façam uma sistematização destas (WEIERSTALL; GIEBEL, 2017).

A primeira página do questionário continha um termo de consentimento livre e esclarecido, com explicação sobre a natureza da pesquisa e das perguntas e demais informações pertinentes (APÊNDICE A). Por ser uma população altamente estigmatizada, (SHAHBAZ; CHIRINOZ, 2017), pois como referido anteriormente muitos praticantes de BDSM não

<sup>72</sup> *Trade certificate e associate degree*, cursos de curta duração semelhantes a especializações técnicas.

revelarem sua ligação com BDSM nem mesmo para seus próprios psicólogos (KOLMES; STOCK; MOSER, 2006; LANTTO; LUNDBERG, 2021), o questionário foi anônimo e não coletou os endereços IP dos participantes.

O instrumento foi elaborado primeiramente em português, traduzido para o inglês por dois tradutores independentes, fluentes em inglês e cuja língua mãe era o português. As traduções foram comparadas e foi produzida a primeira versão em inglês, apresentada para um grupo de professores e estudantes de pós-graduação, fluentes em inglês. A equipe elaborou uma retroversão do instrumento e a comparou com a versão original em português. O questionário obtido foi submetido a um pré-teste com três voluntários, obtendo-se a versão final do instrumento (BERNAL; BONILLA; BELLIDO, 1995). O questionário final (APÊNDICE B) foi hospedado na *Survey Monkey*<sup>73</sup> e formulado em inglês.

#### 4.3 MÉTODOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise das questões sociodemográficas (parte um do questionário), participação em *pony play* (parte dois) e participação em BDSM (parte quatro) foi realizada por meio de cálculo de porcentagem. Já a análise dos depoimentos obtidos por meio das perguntas abertas (parte três do questionário), relativas às experiências com *pony play*, foi inicialmente realizada inserindo-os no software de análise textual IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). O software possibilita a análise de material verbal transcrito e permite diversos tipos de análise de dados textuais, além de produzir uma organização visual dos dados, como por exemplo, em nuvem de palavras. Além de verificar a frequência com que uma palavra é usada no texto, o IRaMuTeQ também avalia o contexto em que as palavras aparecem (CAMARGO; JUSTO, 2013a). O software, portanto, apenas organiza os dados do *corpus* textual, conjunto de texto que se pretende analisar, por proximidade léxica (afinidades conceituais), o que por sua vez possibilita inferir quais ideias o texto analisado transmite (CAMARGO; JUSTO, 2018).

O *corpus* textual, que são unidades determinadas pelo pesquisador de acordo com as características da pesquisa (CAMARGO; JUSTO, 2018), foi composto pelos depoimentos obtidos por meio das respostas dos 87 sujeitos às seis perguntas abertas da parte três do questionário. Esse *corpus* passou pela análise hierárquica descendente (AHD), resultando em

---

<sup>73</sup> *Survey Monkey* é um site que permite o desenvolvimento de questionários a serem utilizados na internet. Disponível em: < <http://surveymonkey.com/> >.

seis categorias, descritas mais adiante nos resultados. Estas foram submetidas a uma análise temática de acordo com as seis fases definidas por Clarke e Braun (2016): (1) familiarização com os dados, consistindo em leitura e releitura das categorias; (2) codificação dos dados, fase em que foram desenvolvidos rótulos sucintos para ideias provenientes dos dados; (3) busca de temas, agrupando códigos; (4) revisão dos temas, verificando a consistência e coerência dos temas; (5) definição e nomeação dos temas, criando definições para os mesmos e (6) redação da análise temática, com a apresentação dos resultados.

Dado ao grande volume e dispersão dos dados, foi usado o *software* de análise qualitativa online Delve (PAULUS, 2023), uma plataforma que facilita o processo de codificação do pesquisador (SAGE OCEAN, 2023). O *software* permite associar diversos códigos à trechos de texto, filtrar os trechos associados a determinado código, anotar *insights* e visualizar matrizes com sobreposições de código. Os códigos podem ser organizados em estrutura e agrupados posteriormente na formação de temas, complementando assim as alternativas de análise oferecidas pelo IRaMuTeQ. Por fim, a última parte do processo foi a interpretação dos temas obtidos utilizando conceitos da psicologia analítica.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Dada a potencial vulnerabilidade devida ao estigma sofrido pela população *kinky*, foi garantido completo anonimato. Não foram colhidas informações pessoais para além da experiência com *pony play* e dados demográficos. O questionário também não colheu o IP a partir dos quais os participantes enviaram suas respostas. O presente estudo considerou documentos que vêm sendo elaborados em referência a pesquisas na internet, como as Recomendações sobre a Ética de Pesquisa em Internet, produzido em 2012 (MARKHAM; BUCHANAN, 2012) e atualizado em 2020 (FRANZKE *et al.*, 2020), que leva em conta a natureza mutável e heterogênea do ambiente virtual e as expectativas criadas pelos participantes sobre a privacidade de seus dados e, em tempos de *Big Data* reforça a necessidade de reflexão em torno do desenho do projeto e da questão dos riscos e benefícios.

Essa pesquisa foi elaborada de acordo com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que regulamentam a realização de pesquisas com seres humanos, a Resolução nº. 466/2012 complementada pela Resolução nº 510/2016, assim como foi considerada a Carta Circular nº. 1/2021-CONEP/SECNS/MS. Ao início do questionário, portanto, os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(APÊNDICE A), que forneceu, em acordo com as Resoluções acima citadas, informações sobre a pesquisa, a natureza inteiramente voluntária da participação, os riscos e benefícios dessa participação, o sigilo dos dados obtidos e a privacidade do participante, e formas de contactar os pesquisadores em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para encaminhamento profissional em caso de qualquer desconforto.

O procedimento utilizado apresenta baixa probabilidade de gerar desconforto aos participantes, mas caso isso ocorresse, a pesquisadora colocou-se à disposição para encaminhamento a um psicólogo especializado em populações *kink*. Quanto aos benefícios, os resultados do estudo podem ajudar a estruturar futuros estudos sobre *pony play* e a informar melhor profissionais de saúde sobre aqueles que praticam *pony play* e BDSM. Para o participante, responder a esse questionário também é uma oportunidade de refletir sobre sua experiência com *pony play*.

Em concordância com o manual Pesquisa na Internet: Diretrizes Éticas 3.0<sup>74</sup> (FRANZKE *et al.*, 2020), informamos o participante de que ele seria identificado apenas por um número e também sobre os meios em que suas respostas poderão ser publicadas, neste caso na dissertação de mestrado a qual essa pesquisa se destina, em artigos em periódicos revisados por pares e apresentações em congressos. O aceite para participação na pesquisa se deu apenas após os participantes estarem informados de todas as questões tratadas no parágrafo acima e no parágrafo presente. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP-Campus Sorocaba, sob o protocolo 5.573.562 em 10 de agosto de 2022.

---

<sup>74</sup> Tradução livre de “*Internet Research: Ethical Guidelines 3.0*”.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Quanto à participação da amostra nas atividades de *pony play*, 59,77% (n=52) afirmou adotar o papel do *pony*, 13,79% (n=12) o papel do humano e 26,44% (n=23) se afirmou se alternar entre os dois papéis (tabela 6). 33,33% (n=29) começaram a praticar a atividade há até 5 anos, 27,59% (n=24) entre 6 a 10 anos, 20,69% (n=18) entre 11 a 20 anos e 18,39% (n=16) há mais de 20 anos (tabela 7).

Tabela 6 - Papel

<b>Papel adotado em <i>pony play</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<i>Pony</i>	52	59,77%
Humanos	12	13,79%
Alterna entre ambos ( <i>switch</i> )	23	26,44%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Tabela 7 - Tempo de prática

<b>Há quanto tempo pratica</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Até 5 anos	29	33,33%
6 a 10 anos	24	27,59%
11 a 20 anos	18	20,69%
Há mais de 20 anos	16	18,39%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

A maior parte dos participantes praticas *pony play* com parceiros *kinky*/BDSM (77,01%), parceiro de relacionamento D/s (56,32%) e amigos (52,87%), enquanto 12,64% participam com dominadoras profissionais (*pro dommes*) (tabela 8).

Tabela 8 – Parceiros de jogo

<b>Parceria durante o jogo</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Amigos	46	52,87%
Parceiro(s) <i>kinky</i> /BDSM	67	77,01%
Parceiro romântico ou sexual não-D/s <sup>75</sup>	30	34,48%
Parceiro de relacionamento D/s	49	56,32%
Desconhecidos (ex., em festas)	26	29,89%
Parceiros profissionais (ex., <i>prodomes</i> )	11	12,64%
<b>TOTAL</b>		

Fonte: elaborada pela autora (2023).

A maioria da amostra (66,67) diz ter declarado seu envolvimento com *pony play* a amigos próximos, enquanto 10,34% da amostra não declarou a ninguém (tabela 9).

Tabela 9 - Quem sabe da opção pelo *pony play*

<b>Pessoas que sabem da opção pelo <i>pony play</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Ninguém	9	10,34%
Parceiros não <i>kinky</i> ou não BDSM	23	26,44%
Amigos próximos	58	66,67%
A maioria / todos os amigos	15	17,24%
Pais	20	22,99%
Irmãos	17	19,54%
Outros membros da família	12	13,79%
Colegas de trabalho	8	9,20%
Colegas de escola	1	1,15%
Todo mundo, exceto algumas pessoas	3	3,45%
Todo mundo	6	6,90%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Os participantes declararam adotar locais bastante diversos para a prática (tabela 10).

<sup>75</sup> D/s: Dominação e submissão.

Tabela 10 - Locais de prática

<b>Local da prática</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Ambientes internos e privados (ex., casas privadas)	72	82,76%
Ambientes internos em espaços públicos não <i>kinky</i> (ex., clubes não <i>kinky</i> , festas não <i>kinky</i> etc.)	18	20,69%
Ambientes externos em espaços privados (ex., quintais, fazendas etc.)	68	78,16%
Ambientes externos em espaços <i>kinky</i> públicos (e.g. festas ou clubes <i>kinky</i> /BDSM etc.)	63	72,41%
Ambientes externos não <i>kinky</i> (e.g. ruas, parques, paradas etc.)	38	43,68%
<b>TOTAL</b>	87	-

Fonte: elaborada pela autora (2023).

52,87% da amostra afirma não ter tido contato frequente com cavalos reais em algum período da vida e 47,13%, afirma ter tido (tabela 11). A maioria dos participantes afirma 60,92% adotar um estilo de comunicação misto durante a prática de *pony play* (parcialmente verbal, parcialmente não verbal), enquanto 33,33% dizem se comunicar de forma não verbal. Apenas um sujeito afirmou se comunicar de forma exclusivamente verbal (tabela 12).

Tabela 11 - Contato frequente com cavalos reais

<b>Contato frequente com cavalos</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	41	47,13%
Não	46	52,87%
<b>TOTAL</b>	87	100%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Tabela 12 - Estilo de comunicação

<b>Estilo de comunicação</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Não me comunico durante a prática	4	4,60%
Exclusivamente não verbal	29	33,33%
Parcialmente não verbal, parcialmente verbal	53	60,92%
Exclusivamente verbal	1	1,15%
<b>TOTAL</b>	87	100%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

63,22% da amostra (n=55) diz que sua forma de *pony play* é uma forma de BDSM e 31,03% (n=27) diz que é ocasionalmente (tabela 13). A somatória desses dois grupos corresponde a 94,25% da amostra (n=82). Apenas cinco sujeitos (5,75%) afirmaram que sua forma de *pony play* não pode ser considerada BDSM. Dentre eles, dois tem outros papéis BDSM, um deles afirmando ser uma dominadora profissional e o outro submisso e escravo.

Tabela 13 - Considera BDSM sua forma de *pony play*

<b>Considera BDSM sua forma de <i>pony play</i></b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Sim	55	63,22
Às vezes é, às vezes não	27	31,03
Não	5	5,75
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Os que dizem possuir (outros) papéis BDSM correspondem à 81,61% (n = 71) da amostra (tabela 14). Dos que se declararam *ponies*, 75% (n=39) deles afirmam ter outros papéis. Já dentre os que se declaram humanos, essa taxa sobe para 83,33% (n=10) e entre os *switches* sobe para 95,65% (n=22).

Tabela 14 - Possui (outro) papel BDSM

	<b>Amostra total</b>		<b><i>Ponies</i></b>		<b>Humanos</b>		<b><i>Switches</i></b>	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Tem (outro) papel BDSM	71	81,61	39	75,00	10	83,33	22	95,65
Sem papel BDSM	16	18,39	13	25,00	2	16,67	1	4,35
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100</b>	<b>52</b>	<b>100</b>	<b>12</b>	<b>100</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Desses 71 sujeitos, a maioria declarou mais de um papel. Para facilitar a compreensão, classificamos os papéis nas posições de *bottom*, *top*, *switch* e *outros* (tabela 15). Os papéis na posição de *bottom* foram citados por 56,32% da amostra (n=49), sendo os papéis mais frequentemente citados os de escravo (18,39% da amostra), submisso (16,09%), *pet* (cachorro, porco, gato etc.), masoquista e papéis relativos à objetificação e ao uso de látex (*toy*, *doll*, *pool toy*, *rubber object*, *rubber doll* etc.). 35,63% citaram papéis na posição de *top* e 13,79% citaram *switch* como um de seus papéis. Foram classificados sob *Outros* papéis da cultura BDSM tais

como *DM*<sup>76</sup> e mentor<sup>77</sup> e menções a papéis sem definição de posição, tais como “pervertido versátil”, “outros” e “papéis demais para escrever aqui”.

Tabela 15 - Papéis citados

<b>Papel</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<i>Bottom</i>	49	56,32
escravo	16	18,39
submisso	14	16,09
<i>pet</i>	11	12,64
cão	6	6,90
<i>pet</i>	3	3,45
outros <i>pets</i>	2	2,30
<i>bottom</i>	7	8,05
masoquista	7	8,05
objetos	6	6,90
<i>little</i>	4	4,60
<i>rope bunny</i>	3	3,45
<i>sissy</i>	2	2,30
outros <i>bottoms</i>	9	10,34
<i>Top</i>	31	35,63
<i>top</i>	10	11,49
<i>treinador</i>	8	9,20
<i>master</i>	5	5,75
<i>sádico</i>	4	4,60
dominante	4	4,60
<i>mistress</i>	3	3,45
dominadora	3	3,45
<i>daddy</i>	3	3,45
dominador	2	2,30
<i>rigger</i>	2	2,30
outros <i>Tops</i>	5	5,75
<i>Switch</i>	12	13,79
Outros	8	9,20

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Averiguando individualmente os sujeitos com relação a posição adotada nos jogos (*top*, *bottom* e *switch*), 37,93% deles citaram exclusivamente papéis na posição de *bottom* (n=33),

<sup>76</sup> *Dungeon monitor* é uma pessoa responsável, em eventos BDSM, por monitorar o espaço visando a segurança dos praticantes. Em geral é um membro antigo e confiável da comunidade que tem a autoridade para interromper uma cena caso julgue necessário para salvaguardar os princípios são, seguro e consensual das práticas (HOLT, 2016).

<sup>77</sup> Praticante experiente de BDSM, podendo ser *top* ou *bottom*, que mentora novatos.

17,24% exclusivamente na posição *top* (n=15), 25,28% listaram papéis de ambas as posições (n=22) e um sujeito afirmou que possui diversos papéis em contexto BDSM, sem definir em qual posição (tabela 16).

Tabela 16 - Sujeitos que citaram apenas um dos tipos de papel

<b>Tipo de papéis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Exclusivamente <i>bottom</i>	33	37,93
Exclusivamente <i>top</i>	15	17,24
<i>Switch</i> (papéis em ambas as posições)	22	25,28
Não definido	1	1,14
<b>TOTAL</b>	<b>71</b>	<b>81,61</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

A posição adotada por cada um dos 71 sujeitos em jogos BDSM não necessariamente corresponde às posições de *bottom* (*pony*), *top* (humano) e *switch* que adotam no *pony play*<sup>78</sup>. Comparando os dois contextos (tabela 17), a percentagem de sujeitos que adotam papéis exclusivamente na posição de *bottom* cai de 37,93% (n=33) para 27,59% (n=24), os de *top* de 17,24% (n=15) para 5,75% (n=5) e os de *switch* de 25,28% (n=22) para 11,49% (n=10).

Tabela 17 - Comparação entre posição *pony play* e BDSM

<b>Posição adotada em BDSM</b>	<b>Posição adotada em <i>pony play</i></b>							
	<i>Ponies</i>		Humanos		<i>Switches</i>		<i>Total</i>	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Exclusivamente <i>bottom</i>	24	27,59	2	2,30	7	8,05	33	37,93
Exclusivamente <i>top</i>	5	5,75	5	5,75	5	5,75	15	17,24
<i>Switch</i>	9	10,34	3	3,45	10	11,49	22	25,28
Papel BDSM sem definição	1	1,15	-	-	-	-	1	1,14
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	<b>75,00</b>	<b>10</b>	<b>83,33</b>	<b>22</b>	<b>95,65</b>	<b>71</b>	<b>81,61</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

A maioria dos sujeitos, 90,80% (n = 79) afirmaram praticar alguma outra forma de BDSM (tabela 18).

<sup>78</sup> No contexto do *pony play*, em geral o papel de *bottom* seria o de *pony*, o de *top* o de humano e *switch* seriam aqueles que adotam ocasionalmente uma ou outra posição (WILXOC, 2013). Nos relatos dos participantes dessa pesquisa, apenas um sujeito relatou estar numa posição dominante enquanto *pony* e, mesmo assim, ressaltou que isso se deu apenas em uma ocasião.

Tabela 18 - Sujeitos que praticam outra forma de BDSM

<b>Prática (outra forma de) BDSM</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Não	8	9,20%
Sim	79	90,80%
<b>TOTAL</b>	<b>87</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Dentre as práticas citadas, as mais frequentes foram de restrição física (*Bondage*, na tabela 19), citadas por 52,87% (n=46) da amostra. Em seguida foram citados *jogos de impacto*<sup>79</sup> (37,93%, n = 33), *jogos de papéis* (28,74%, n=25) e jogos com o uso de látex, couro ou outras indumentárias (18,39%, n=16)

Tabela 19 - Tipos de atividade BDSM citadas

<b>Atividade BDSM</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<i>Bondage</i>	46	52,87%
Jogos de impacto	33	37,93%
Jogos de papéis	25	28,74%
Látex, couro e indumentárias	16	18,39%
Interferência no orgasmo	11	12,64%
Jogos com respiração	11	12,64%
Jogos de sensação	10	11,49%
Outras	51	58,62%
Não especificadas	15	17,24%
<b>TOTAL</b>	<b>79</b>	<b>-</b>

Fonte: elaborada pela autora (2023).

*Jogos de papéis* incluem algumas formas de *pet play*, *Materiais e vestuário* incluem uso de materiais como látex, couro e de peças de vestuário, como *catsuits* ou máscaras. *Interferência no orgasmo* incluem jogos envolvendo o *top* controlando de alguma forma o orgasmo do *bottom*, seja não deixando-o ter um orgasmo por meio de cintos de castidade ou ordens, seja forçando-o ao orgasmo. *Jogos com respiração (breath play)* refere-se a atividades em que a respiração é restrita. A categoria *Outras* inclui atividades que não pertenciam a nenhuma dessas categorias. Menções sobre o envolvimento com atividades sem especificá-las tais como nas

<sup>79</sup> Inclui atividades em que o *bottom* é atingido pelo *top* com o uso de instrumentos (por exemplo chicote) ou das mãos.

afirmações “são práticas demais para mencionar”, “etc” ou “e muitas outras” corresponderam a 17,24% da amostra (n=15).

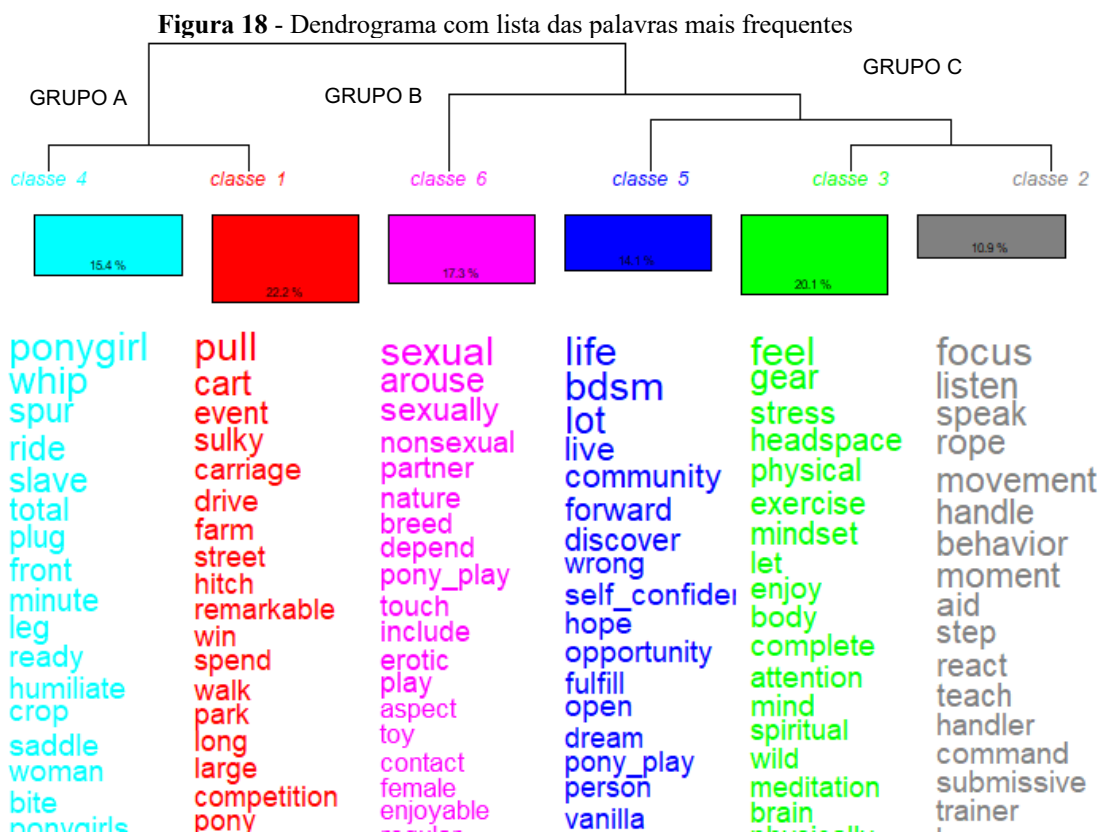
Não foi feita pergunta fechada sobre *pony play* ser ou não sexualmente excitante, mas averiguando-se as respostas à pergunta “De que maneira *pony play* é ou não sexualmente excitante para você?”, apenas uma minoria (18,39%) afirmou que a atividade não é excitante. Os que consideram excitante (39,08%) atribuem a excitação em geral a usos dos genitais (como por exemplo brinquedos eróticos), contato corporal ou pela utilização de elementos BDSM e fetichistas na prática. A maior parte dos sujeitos (42,52%), porém, coloca excitação sexual como uma possibilidade. Essa possibilidade pode ocorrer dependendo do parceiro ou do tipo de atividade. Alguns chegam a descrever a excitação como presentes em um plano de fundo, como uma espécie de camada da atividade, mas sem necessariamente tomar seu foco.

Em resumo, a maior parte dos sujeitos afirma adotar o papel de *pony* (59,77%), tem até 10 anos de envolvimento com a prática (60,92%) e considera a excitação sexual uma possibilidade (42,52%) da prática ou inerente a ela (39,08%). Eles participam das atividades com parceiros *kinky*/BDSM (77,01%), em sua maioria em espaços internos privados (82,76%), mas quase metade deles (43,68%) também participam em espaços públicos. Pouco mais da metade deles (52,87%) não teve contato com cavalos biológicos em algum período da vida e mais da metade tem amigos próximos cientes do seu envolvimento com *pony play* (66,67%). A maioria (60,92%) afirma que seu estilo de comunicação durante a prática é parcialmente verbal, parcialmente não verbal e uma maioria (63,22%) considera BDSM seu estilo de *pony play*. Uma grande parte da amostra (81,61%) afirma ter outros papéis dentro de um escopo BDSM, o que representa 75% dos *ponies*, 83,33% dos treinadores e 95,65% dos *switches*. A grande maioria (90,80%) diz praticar outras formas de BDSM, sendo citadas principalmente atividades de *bondage* (52,87%) e jogos de impacto (41,77%).

## 5.1. DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES DE PONY PLAY

O *software* analisou o *corpus* composto por 522 textos obtidos na soma de cada uma das seis respostas dadas pelos 87 participantes às perguntas da sessão *Experiências com pony play* (APÊNDICE B). O software IRaMuTeQ foi usado primeiramente para analisar quais as palavras mais frequentes desse conjunto de textos produzidos pelos participantes de *pony play*. O resultado é apresentado visualmente numa nuvem de palavras (figura 17). Quanto maior a fonte, mais frequente o uso do termo. É fácil visualizar que a mais utilizada foi *pony*, seguida





FONTE: criado pelo software IRaMuTeQ.

As categorias submetidas ao processo de análise temática (CLARKE; BRAUN, 2016) resultaram nos seguintes temas: (1) *Atividades em Espaços Amplos* (em vermelho); (2) *Dança entre humano e pony* (em cinza); (3) *Férias para o Cérebro* (em verde); (4) *Pony Play e BDSM* (em azul claro); (5) *Continuação do Caminho* (em azul escuro) e (6) *Sexualidade e intimidade* (em rosa).

### 5.2.1 ATIVIDADES EM ESPAÇOS AMPLOS

O tema levantado nessa categoria foi *Atividades em espaços amplos*. Os subtemas e códigos formadores podem ser vistos na tabela 20. *Tipos de atividades* se refere aos tipos de atividades relatados, como tração de charretes e carruagens, competições, treino, montaria e adestramento. *Papéis* traz uma diversidade de papéis tanto de *Top* quando de *bottom* no jogo do *pony play* – dentre as seis categorias, esta é mais rica em papéis diferentes citados. *Espaços públicos* trata dos espaços em que as atividades ocorrem e da ideia do *pony* ser visto ou mostrado aos presentes. O subtema *Vestuário e equipamento* lista diversos tipos de

equipamento, *Tempo* são falas discriminando o tempo passado em uma atividade ou o que se desejaria passar. Por fim, *Restrição* cita situações em que o *pony* está restrito.

Tabela 20 - Subtemas e códigos formadores da categoria 1

<b>Subtemas</b>	<b>Códigos (ideias) formadores</b>
Tipos de atividades	Tração, charrete, carruagem, competição, treino, montaria, adestramento
Papéis	<i>bottom</i> , <i>pony</i> , grupo de pôneis, ganhão, <i>top</i> , treinador, grupo de treinadores, cavaleiro
Espaços públicos	Ser visto, vias públicas, parques, fotografia, instalações equestres
Vestuário e equipamento	Roupa, arnês, equipamento, máscara, cascos, vendado
Tempo	Mais tempo, horas, dias, semana, semanas
Restrição	Rédeas, preso á charrete, amarrado, estacionado, baia

Fonte: elaborada pela autora (2023).

A *Atividade* mais frequentemente citada é a de tração, em que os que estão no papel do *pony* puxam, em uma charrete ou similar, os que estão no papel de humanos. Isso se mostra também nas palavras mais frequentes dessa categoria temática (figura 19): *pull* (puxar, no contexto de atividade de tração), *cart* (charrete), *sulky*<sup>81</sup> (charrete de trote) e *carriage* (carruagem). Além das charretes<sup>82</sup>, outros objetos para tração citados foram carroças “de verdade” sic, troncos de árvore, arados e bombas de água. Considerando-se o tamanho desses objetos, fica clara a relação desta atividade com espaços amplos.

<sup>81</sup> Espécie de charrete leve, em geral com duas rodas, assento para uma ou duas só pessoa que é preso ao cavalo por meio de arneses. Em alguns países também existe tipos de *sulky* adaptados para serem puxados por cães.

<sup>82</sup> Os participantes da pesquisa usam tanto o termo *cart* (charrete, carrinho, carreta, carroça), como *sulky* (charrete de trote).



Dirigir sozinho uma carruagem com quatro *ponies*, puxar carruagens de quatro rodas junto a outros *ponies* pelas ruas de uma cidade pequena, passeios de charrete por bosques, puxar charrete e ser dirigido em uma conferência *furry* vestido com vestes de *furry*, numa parte mais reservada de um parque, puxar sozinho duas dominadoras em uma charrete com uma segurando as rédeas e a outra o chicote, entre outras. A maioria dessas atividades de tração não envolvem dor, mas em algumas a dor parece ser fundamental:

“Ser dirigido para puxar uma charrete de *pony* rápido, até eu estar exausto e cair de joelhos convencido de que não consigo continuar. E então ser cruelmente chicoteado pelo motorista insatisfeito até eu me levantar e começar a correr de novo, superando minha certeza de que eu não conseguiria continuar<sup>85</sup>”.

Depois da tração, a atividade mais descrita foram as de competição, “Competir com outros *ponies* vendados para achar seus Senhores pela voz em um espaço de jogos<sup>86</sup>”, conta uma *pony*. São citados eventos de competição ou em que fazem parte competições, incluindo algumas internacionais. Foram citadas, por exemplo, títulos em competições *leather*, provas de adestramento no *EQUUS International Pony Play Event* em Los Angeles, campings *pet play* de fim de semana com provas de salto e adestramento e ter sido o primeiro a ganhar o IPPC<sup>87</sup> em uma das modalidades. Um treinador relata seu gosto por trabalhar com *ponies* novatos ou experientes, seja em treino em solo para competições ou treino em charrete. Muitas das falas descrevem com orgulho os feitos e o esforço para atingi-los:

“Tantas lembranças maravilhosas! A Competição dos Três Barris, eu e meu *pony* ganhamos o primeiro lugar. Nós treinamos tanto antes do evento!<sup>88</sup>”

---

<sup>85</sup> Texto original: “*Being driven to pull a pony cart fast until I am exhausted and fall to my knees convinced I cannot carry on. Then being cruelly whipped by the displeased driver until I get up and start running again overcoming my certitude I cannot carry on*”.

<sup>86</sup> Texto original: “*Racing other ponies blindfold to find their Masters by voice in a play space*”.

<sup>87</sup> Possivelmente *International Pony Play Championships*, uma competição que era parte do evento anual de BDSM Beyond Leather, na Florida (CPONY, 2023).

<sup>88</sup> Texto original: “*So many wonderful memories! Barrel Racing Competition and my pony and I won first place. We practiced so hard before the event!*”

Atividades de montaria, em que o *pony* carrega nas costas, de quatro, ou nos ombros, de pé, o humano. Os *ponies* que descrevem essas atividades dizem ficar excitados, sobre o prazer de sentir pela primeira nas costas vez o peso do cavaleiro e sobre ser montado por dias seguidos até a exaustão. Há um destaque para o contato entre os corpos. Um participante conta ter escrito uma história sobre um faz-tudo que trabalhava em um estábulo:

“Qualquer uma das meninas ou mulheres nos estábulos podia montá-lo a qualquer hora, do jeito que quisesse. Alguma das cavaleiras mais jovens montavam por mais tempo e mais rápido, algumas das mais velhas poderiam montá-lo como um cavalo e então montar sua cara e seu pau também<sup>89</sup>”.

Essa foi a única modalidade nessa categoria em que foram citados orgasmos. Um *switch*, participante que se alterna entre ser *pony* e fazer o papel de humano, relata:

“Eu a coloquei de quatro e montei em suas costas, afundando meus calcanhares em suas coxas e segurando as tranças dela como se fossem rédeas.[...]. Facilmente foi uma das melhores e mais duras cavaleiras que eu já tive e orgasmos por todos os lados. Fantástico!<sup>90</sup>”

Outro *pony* entende o orgasmo de quem o monta como uma validação de seu valor:

“Há um certo aspecto fálico/penetrativo nas esporas [...]. Em muitas ocasiões maravilhosas, quem me montava teve um orgasmo enquanto o fazia. Isso para mim é a mais importante validação do meu valor enquanto um *pony* humano. E algumas vezes eu chego ao orgasmo enquanto estão me montando<sup>91</sup>”.

---

<sup>89</sup> Texto original: “[...] *Any of the girls or women at the stables could ride him at any time, in any fashion they would choose. Some of the younger riders could ride longer and faster, some of the older riders might ride him like a horse, then ride his face and cock as well.*”

<sup>90</sup> Texto original: “*I put her on all fours and mounted her back, digging my heels into her thighs and holding her pigtails as reins. [...] Easily one of the best, hardest riders I have ever had, and orgasms all around. Amazing!*”

<sup>91</sup> Texto original: “*There is a certain phallic/penetrative aspect to the spurs. [...] On several amazing occasions, my rider has had an orgasm while riding me, that to me is the ultimate validation of my value as a human pony, and sometimes I orgasm while being ridden*”.

Além da montaria também são descritas atividades de adestramento (*dressage*), em geral no contexto de competição. Algumas vezes os participantes descrevem situações de treinamento, em dois contextos diferentes. o treinamento como uma atividade por si mesma e o treinamento como capacitação para alguma situação, como provas ou atividades específicas (puxar charrete, por exemplo).

Esta é a categoria com maior variedade de *Papéis de pony* descritos. Dentre eles encontram-se: *pony*, garanhão (*stallion*), égua (*mare*), *pony* de exibição (*show pony*), escravo (escravo humano sendo usado como um *pony* ou cavalo), *pony* escravo (*ponyslave*), *pony* de adestramento (*dressage pony*), cavalo, cavalo humano, *ponygirl*, *pony* humano, *pony* de látex, rena de Natal e *pony* de fantasia. Há o relato de um homem cuja fantasia é ser usado como um boi escravo, funcionando como tração para uma bomba d'água ou moinho em uma fazenda. Um outro descreve a forma com que ele participa do jogo:

“Jogo como um escravo sendo usado como pônei. Nem eu ou os que me dirigem acham que eu seja qualquer coisa senão humano, embora um tipo inferior de humano<sup>92</sup>”.

Alguns *ponies*, portanto, adotam o papel de *pony* como uma espécie de identidade (o que ficará mais claro na categoria temática *Férias para o Cérebro*. Outros como um papel a ser incorporado para usufruto de outra pessoa. Há também os que descrevem gostar de serem degradados à condição de um cavalo e, por fim, os que obtêm prazer no visual. Os *ponies* podem estar sozinhos diante de um ou mais humanos ou servindo ao(s) humano(s) em grupo, como para tracionar uma charrete ou carruagem. A imagem de grupos de *ponies* foi mais comum que a de grupo de humanos. Fantasias ou desejos de situações em que um time de *ponies* puxa uma charrete com um são bastante presentes, tal como ser parte de um time de pôneis escravos puxando uma carruagem grande carregando, quem sabe, um casal de noivos. Para tal, é necessário sincronia, ritmo e velocidade constante:

“Ao puxar uma carruagem junto com outros *ponies*, gosto do esforço conjunto, da constância e da repetitividade dos movimentos e dos

---

<sup>92</sup> Texto original: “I get to play as a slave being used as a pony. Neither I nor the ones driving me think I am anything other than a human albeit a low type of human”.

sons.<sup>93</sup>”.

Outras fantasias incluem o time estar com indumentárias combinando, ser levado em uma charrete por um grupo de *ponies*, fazer parte de um grupo de pôneis da Europa que usam o mesmo estilo de máscara e puxar charrete com um time de *ponies*. Os papéis de humano também foram bastante diversificados, como treinador, *handler*<sup>94</sup>, cavaleiro(a), *driver*, dono, Master (Senhor, dono), *Mistress* (Senhora, dona), *Pony Mistress* e dominatrix. Com relação aos humanos, aparecem mais termos tradicionalmente ligados à cultura BDSM (do termo dono em diante) do que no caso dos *ponies*. Porém, a relação entre *pony* e treinador pode ir para além do jogo, como no caso de um *pony* descreve carregar sua própria noiva, vestido de *pony* de látex, em seu casamento.

São citadas atividades em festas *kinky*, em ruas e vias públicas, ruas de comércio, parques, praças, fazendas, acampamentos *kinky*<sup>95</sup>, passeatas *kinky* públicas (como a *Folsom Street Fair*), locais públicos isolados, ambientes rurais e locais imaginários, como uma fazenda em “um país quente, húmido e poirento”. Situações coletivas como festas, eventos locais e internacionais, campeonatos, competições e paradas também estão bastante presentes. O *pony* ser alvo de atenção pública, seja de forma intencional, como consequência ou como um possível risco da ocupação de um espaço coletivo, é uma ideia que permeia muitas das situações e fantasias descritas. Uma fala retrata um evento em que os pôneis se apresentaram em um palco:

“Nos apresentarmos como pôneis em um palco em um evento *kinky*! Criamos uma história, coreografia, criamos fantasias, escolhemos música e ensaiamos. Foi muito divertido!<sup>96</sup>”.

Uma outra, também envolve apresentação a um grupo, mas em um contexto bastante erotizado e envolvendo uma relação BDSM:

“Fui exibida em um evento [...] há uns anos em um clube noturno com

---

<sup>93</sup> Tradução livre de: “*In pulling a carriage together with other ponies: I like the joint effort and steadiness and repetitiveness of motions and sounds*”.

<sup>94</sup> As palavras *handler* e *trainer* serão usadas a partir daqui como treinador.

<sup>95</sup> Eventos *kinky* em campings, onde há possibilidade de realizar atividades *kinky* na natureza ao ar livre. Nos depoimentos dos participantes também é citada *pet play* camping, possivelmente tratando-se de um evento similar, porém voltado à grupos de participantes de *pet play*.

<sup>96</sup> Texto original: “*Performing at a Kinky event on stage, as ponies! We created a story, choreographed, made costumes, picked music, did rehearsals. So much fun!*”.

1500 convidados. Tive que esperar bastante tempo antes de aparecer e meu senhor me fodeu com meus dildos<sup>97</sup>”.

Nudez total em espaços públicos não *kinky* aparece apenas em uma ocasião, com uma *pony* que descreve andar no centro financeiro e comercial de uma cidade durante a noite, nua e usando apenas equipamento de *pony play* no corpo. Não é especificado qual período da noite, se em horário de movimento ou madrugada, mas outros relatos mostram um cuidado com não ser de fato visto nu. Em um deles, um *pony* é levado por um amigo em um passeio curto em quase nudez total, mas por áreas remotas ao amanhecer. Outro revela uma preocupação com obedecer a lei e não misturar sua identidade de *pony* com a sua identidade de humano, ao contar sobre “puxar uma charrete de *pony* em estradas de baixa velocidade, com shorts, para estar legalmente coberto ao invés de nu, e com um capuz de *gimp*<sup>98</sup> trancado para preservar meu anonimato<sup>99</sup>”.

Para os *ponies*, destacam-se o prazer de ser visto, fotografado, tocado sexual ou não sexualmente pelas pessoas presentes e a curiosidade demonstrada acerca deles. Uma *pony* diz ser uma “*camera whore*”, ou seja, uma viciada em ser alvo de câmeras. Uma das falas se refere aos olhares, elogios e perguntas recebidos mesmo de pessoas não *kinky*. São descritos passeios de charrete pelo bairro junto à praticantes de *puppy play*, encontros de *pony play* em parques, passeios de charrete por bosques e em paradas, como a *Folsom Street Fair*. E o anonimato trazido pelas máscaras ou pela indumentária é descrito como um fator que reduz a ansiedade para alguns *ponies*:

“[...] poder desaparecer no papel do *pony* quando a máscara é colocada é incrivelmente libertador e me permite jogar, especialmente em público, apesar do que de outra forma seria uma ansiedade insuportável<sup>100</sup>”

---

<sup>97</sup> Texto original: “*I was shown at [...an] event a few years ago in a nightclub with 1500 guests. I had to wait a long time before I could appear, and my master fucked me with my dildos*”.

<sup>98</sup> Capuz preto, em geral de couro ou látex, que cobre toda a cabeça e parte do pescoço, podendo ter aberturas para os olhos, boca, nariz ou buraco alguém. Esse tipo de capuz pode ser trancado com um cadeado, para que apenas outra pessoa possa libertar quem o usa.

<sup>99</sup> Texto original: “[...] *pull a pony cart on quiet, slow speed roads with kinky shorts to be legally covered rather than nude and a locked-on gimp hood to preserve my anonymity*”.

<sup>100</sup> Texto original: “[...] *being able to disappear into the pony role when the hood goes on is incredibly freeing, and allows me to play, especially in public, despite what would otherwise be overwhelming anxiety*”.

São também presentes fantasias com situações públicas e interação com desconhecidos, como por exemplo a de um participante que gostaria de ser um “*pony escravo taxi*”:

“Quero ser um *pony escravo taxi*, deixado em uma rua pública, preso à um corrimão e usado por qualquer passante desconhecido para puxar sua carruagem. Eles pagariam a tarifa do taxi para meu dono, não para mim<sup>101</sup>”.

Um outro *pony* fala sobre o desejo de ser visto por centenas pessoas numa festa fetichista na rua (a *Folsom Street Fair*), parecendo querer estar em uma situação humilhante:

“Quero ser montado pelas ruas na Folsom Street Fair, em São Francisco, com centenas de pessoas vendo, apontando e rindo enquanto eu trabalho duro pelos meus cavaleiros<sup>102</sup>”.

Outro *pony* ainda fala sobre a luxúria das pessoas que se aproximavam dele em uma festa *kinky* e do prazer de ser transformado em um objeto sexual:

“A parte marcante foi a luxúria que senti dos convidados do começo ao fim. Eles ficaram muito excitados pela minha presença. As pessoas tiraram fotos com comigo a noite inteira e eu fui bolinado igualmente por homens e mulheres. Fui totalmente um objeto sexual durante a noite!<sup>103</sup>”

O tempo passado durante as atividades aparece também nessa categoria temática, com falas frisando o tempo decorrido – ou aguentado – em determinado dia. O desejo de viver experiências mais longas se repete. Há relatos sobre passar um fim de semana numa fazenda, junto ao treinador, com outros “cavalos” [sic], pastando, sendo mantidos em celeiros e comendo

---

<sup>101</sup> Texto original: “*I want to be a taxi ponyslave, left in a public street, hitched to a rail, and used by any passing stranger to pull their carriage. They pay the taxi fare to my owner, not to me*”.

<sup>102</sup> Texto original: “*I want to be ridden through the streets, at the Folsom Street Fair in San Francisco, with hundreds of people watching, pointing, laughing as I work hard for my Riders*”.

<sup>103</sup> Texto original: “*The remarkable part was the lust I experienced from the guests from start to finish. They were very aroused by my presence. People took photos with me all night and I was groped by men and women alike. I was totally a sex object for the night!*”.

e bebendo em tigelas. Outro participante ainda conta que uma de suas melhores experiências foi ter participado de um jogo em que ele fazia o papel de um tratador cuja punição por trabalhar devagar demais era ser tratado como cavalo. Nessa ocasião ele dormiu em uma baia, com cavalos reais nas baias vizinhas. Mas a maioria das falas envolvendo tempo referem-se a situações em que se passa algumas horas no papel de *pony*, em jogos, passeatas e situações não especificadas.

O *pony* restrito, preso em transportes, atrelado e, às vezes algemado ou presos por algemas às charretes aparece com alguma frequência nessa categoria temática. Há uma fala sobre estar algemado enquanto se corre puxando uma charrete. E em outra, fala-se sobre estar preso à charrete:

“A restrição das algemas trancadas sendo presas aos varões da charrete de *pony* e as rédeas presas ao bridão amarrado a um ponto enquanto estou deixado em pé entre os passeios<sup>104</sup>”.

Essa restrição pode estar tanto relacionada com equipamentos usados para limitar fisicamente alguns movimentos dos *ponies*, quanto seus sentidos:

“Fui dirigido por motoristas que eu não havia visto devido aos antolhos<sup>105</sup> no bridão<sup>106</sup>”.

O humano exercendo controle sobre o *pony* aparece como um prazer na fala de alguns *ponies*. A ideia de não estar no controle é descrita como um prazer em si mesmo, como uma forma de escapismo (não ter que controlar nada) ou até mesmo em termos do prazer de se exercitar sob controle alheio:

“Gosto de ser útil puxando [uma charrete] e fazer um bom exercício sob o controle rígido do meu treinador<sup>107</sup>”.

---

<sup>104</sup> Texto original: “*The bondage of locked on wrist cuffs being locked to pony cart shafts and the reins attached to the bridle tethered to a hitching point when I am left standing between drives*”.

<sup>105</sup> Acessório utilizado para limitar a visão lateral do cavalo, para que não se distraia e olhe somente para a frente.

<sup>106</sup> Texto original: “*I was driven by drivers who I had not seen due to the blinkers on the bridle*”.

<sup>107</sup> Texto original: “*I like to be useful for pulling and get a good workout under tight control of my handler*”.

O termo “ser usado” como cavalo ou pônei para se referir ao que acontece durante as atividades aparece bastante nessa categoria. Um exemplo é ser usado como tração para passeios de outras pessoas, sendo o *pony*, em alguns casos, algo do qual se pode fazer uso. Um dos STs dessa categoria, inclusive, fala sobre o prazer em desumanizar e ser desumanizado:

“As roupas lisonjeiras, a restrição e a desumanização envolvidas no *pony play* são gatilhos eficazes para meu desejo sexual, esteja eu no papel de pônei ou no papel de treinador<sup>108</sup>”.

Um outro aspecto dessa desumanização é o *pony* ser ignorado por outras pessoas enquanto não é usado:

“Ser ignorado pelos outros que, nas *play parties*, passam andando e não me dirigindo [...] amarrado a um ponto quando sou deixado parado em pé entre os passeios<sup>109</sup>”.

Em sendo algo a ser usado, um *pony* fala sobre ser emprestado pelo que faz o papel de humano à outra pessoa:

“Minha treinadora me emprestou para uma amiga dela. Ambas são do meio equestre, a amiga soube que eu sou um cavalo humano e queria experimentar, queria me levar para um passeio em uma charrete<sup>110</sup>”.

### 5.2.2 DANÇA ENTRE HUMANO E PONY

Nessa categoria, o tema levantado é o do par humano e *pony*, tanto em termos de interação quanto em termos entre a diferenciação que algumas falas fazem entre ser humano e ser *pony*. Na tabela 21, constam os subtemas e códigos formadores do tema levantando na

---

<sup>108</sup> Texto original: “*The flattering outfits, bondage and dehumanization involved in pony play are effective triggers for my personal sex drive whether I am in the pony role or handler role*”.

<sup>109</sup> Texto original: “*The being ignored by others, at the play parties, walking by and not driving me [...] tethered to a hitching point when I am left standing between drives*”.

<sup>110</sup> Texto original: “*My trainer lent me to her friend. They are both equestrians and the friend learned I am a human horse and wanted to try, wanted to take me to a ride in sulky*”.



A segunda categoria temática (em cinza) resultou razoavelmente sobreposta à terceira (em verde) na análise do IraMuTeQ, o que poderia implicar em serem unidas em uma só categoria. Mas enquanto a segunda traz uma comparação simples entre estar humano e estar *pony*, a terceira aprofunda essa compreensão, com ênfase na ideia de uma *persona* (termo usado pelos próprios participantes) distinta, discorre sobre os aspectos da transição entre ser humano e ser *pony* e as percepções a respeito das alterações em estados mentais. Além disso, a categoria dois menciona o movimento em si do corpo do *pony* e, em muitos casos o controle exercido sobre esse movimento, já a três aponta para a movimentação física no sentido de atividade física, por vezes até mesmo extenuante. Essas diferenças nos fizeram optar por manter as duas categorias separadas.

Na presente categoria, o movimento surge como parte essencial de ser (ou estar) *pony*:

“Mas se eu não puder falar e for chicoteado só para que eu me mova, sei que sou um verdadeiro animal<sup>111</sup> [...]”.

“*Pony play* também ensinou a escrava a apreciar a beleza do movimento, do corpo e das restrições<sup>112</sup>”, diz uma *pony* referindo-se a si mesma na terceira pessoa.

Não só o movimento em si, mas movimentar-se e portar-se fisicamente de forma diferente do cotidiano também caracterizam algumas falas dessa categoria. “Eu me movo diferente”, diz um *pony*. Outro descreve em mais detalhes as mudanças corporais que experiencia, correlacionando as mudanças em seus movimentos com uma mudança de postura:

“Eu ando de cabeça erguida, me porto diferente. Sinto meus músculos tensionando e cada passo que eu dou é um trote<sup>113</sup>”.

Em outra fala, a diferença na postura, em uma das falas, aparece como resposta intencional a uma ordem direta dada por uma dominadora:

“Então fiz o melhor que pude para manter uma boa postura. Cabeça

---

<sup>111</sup> Texto original: “*But if I cannot talk and only whipped for movement, I know I am true animal [...]*”.

<sup>112</sup> Texto original: “*Pony play also taught slave to appreciate beauty of movement, the body and constraints*”.

<sup>113</sup> Texto original: “*I walk taller, I hold myself differently. I feel my muscles tense and every step I take is a prance*”.

erguida, joelhos altos<sup>114</sup>”.

Assim como o *pony* que diz sentir seus músculos tensionando a cada passo, um outro relata sentir-se “mais fisicamente atento e focado no momento”. Mas esse tipo de atenção “física” surge também em falas de treinadores, como no caso de um diz que a corda é a extensão das suas mãos. Um treinador também relata, não uma atenção física, mas uma atenção ao movimento do seu *pony*, porém referindo-se a sua linguagem corporal.

“Como treinador, olho de forma mais atenta em volta do meu *pony* para observar sua linguagem corporal [...]”<sup>115</sup>.

Ele complementa que isso inclui atenção também a algo perigoso que o *pony* possa não estar percebendo. Já um *pony* fala sobre a habilidade de sua treinadora em reconhecer sinais:

“Ela sabia os sinais de quando diminuir e aumentar o tempo pelo trote, galope e galope estendido”<sup>116</sup>.

Um *pony* conta sobre uma amiga. treinadora de cavalos reais, ter brincado com ele em um redondel, como faz esses cavalos. Um *switch*, que afirma conhecer técnicas de treinamento e comunicação usadas com cavalos reais, diz o quanto gosta de usar esses métodos em pessoas:

“Também adoro usar esses métodos em pessoas, mesmo quando elas não sabem o que estou fazendo, ver suas reações naturais e desconhecidas e compará-las com como um cavalo reagiria”<sup>117</sup>.

Outra *pony* e treinadora diz gostar de “ensinar comandos aos *ponies* em uma linguagem que seu eu (humano) não fala”<sup>118</sup>, acrescentando que isto é para que a comunicação seja por sinais. “[...] a corda é minha extensão das minhas mãos”<sup>119</sup>, diz ainda outro *switch*. A

---

<sup>114</sup> Texto original: “So, I did my best to maintain good form. Head up, knees high”.

<sup>115</sup> Texto original: “As handler I look more closely around my pony to watch for the body language [...]”.

<sup>116</sup> Texto original: “She knew the signs on when to decrease and increase the tempo through trotting, cantering, and galloping”.

<sup>117</sup> Texto original: “I also love to use these methods on other people, even when they don't know what I'm doing and see their natural, unknowing reactions and compare them to how horse would react”.

<sup>118</sup> Texto original: “I like teaching ponies commands in a language their human self does not speak”.

<sup>119</sup> Texto original: “As the owner, the rope is my extension of my hands”.

comunicação entre humano (treinador) e *pony* se mostra, portanto, em algumas falas, como um processo não verbal, em que o treinador provoca reações por vezes inconscientes e espontâneas no *pony*. Um dos *ponies* enfatiza que essa qualidade não verbal, não racional é, para ele, parte de uma boa experiência de *pony play*:

“Uma boa experiência de *pony play* me leva a quase suspender meu pensamento racional e só obedecer comandos físicos de maneira instintiva<sup>120</sup>”.

Alguns *ponies*, por outro lado, percebem a obediência à comandos não como uma resposta instintiva, mas com uma que exige esforço intencional. Obedecer, inclusive, pode ser parte de um processo de aprendizagem, como afirma um treinador sobre sua *pony* “[...] ela já foi dançarina. Ela gosta de aprender e executar movimentos<sup>121</sup>”. Um *pony* também fala de aprendizado:

“Gosto do equipamento de *pony*, de estar preso nesse equipamento sem a possibilidade de sair por mim mesmo. Gosto de focar em uma pessoa. Tentar não pensar, só reagir. Tentar aprender a seguir as ordens<sup>122</sup>”.

Nesse caso, parece haver uma relação implícita entre estar preso e obedecer. Diferentemente do impulso livre e fluidamente conduzido pelo outro dançarino, esse *pony* precisa de mais restrição física para reagir em consonância com o outro. Um *pony* observa que o movimento de cavalos reais também é controlado por equipamentos de restrição:

“Um cavalo de adestramento também é controlado por cabresto, rédeas e cordas<sup>123</sup>”.

O controle também pode ser vivido como condução, como descreve um dos *ponies* ao relatar uma cena de reprodução, na qual ele penetrava, usando uma cinta com um pênis em

---

<sup>120</sup> Texto original: “A good *pony play* experience will lead me to nearly suspend my rational thinking, and just obey physical commands in an instinctual manner”.

<sup>121</sup> Texto original: “She has been a dancer. She enjoys learning and performing movements”.

<sup>122</sup> Texto original: “I enjoy the *pony* gear, to be bound into this equipment without the possibility to get out by myself. I enjoy focusing on one person. Trying not to think, just reacting. Trying to learn to follow the orders”.

<sup>123</sup> Texto original: “A dressage horse is also controlled by halter, reins and ropes”.

formato do de um cavalo, um homem que estava com a parte de cima do corpo apoiada em uma mesa. Ele diz:

“Meu treinador guiava meus movimentos, então tudo o que eu tinha que fazer era meter<sup>124</sup>”.

O *pony* e seus impulsos ficam de certa forma “contidos” dentro dos equipamentos e determinações do humano. Alguns *ponies* falam sobre não ter controle dentro do jogo, mas um deles diz haver controle sobre em qual jogo se quer participar:

“O fato de estar arreado em uma posição na qual não estou em controle do jogo. Estou, porém, no controle do jogo que eu quero jogar, ou seja, *pony play*<sup>125</sup>”.

Outro *pony* fala sobre entrar na “mentalidade” de um cavalo, permitindo-se entregar ao controle e às mãos de seu treinador, sem escolha a não ser obedecer. O humano, que controla o *pony* é, portanto, quem faz as escolhas durante o jogo:

“Amo estar totalmente submetido a outra pessoa, ter o equipamento trancado significa que não tenho escolha<sup>126</sup> [...]”.

“O treinador tem que pensar antecipadamente em quais sinais e comandos vai dar a seu *pony*. Ajuda ter um percurso ou plano organizado de antemão, para que o treinador já tenha pensado no que fará com seu *pony*<sup>127</sup>”.

Fazer os papéis de humano fora do jogo esteve associado, na fala dos *ponies*, com falar (“não poder falar é mágico”, diz um *pony*), pensar no futuro, planejar, decidir, ter

---

<sup>124</sup> Texto original: “*My handler guiding my movements so all I had to do was thrust*”.

<sup>125</sup> Texto original: “*The fact of being harnessed in a position where I am not in control of the game. I do however am in control of the play that I want, meaning pony play*”.

<sup>126</sup> Texto original: “*I love that I am totally subjected to someone else, having the gear locked on means I don't have a choice [...]*”.

<sup>127</sup> Texto original: “*The handler must think ahead as to what signals and commands they are going to give their pony. It is helpful to have a course or plan for play organized beforehand, so the handler has thought through what they are going to be doing with their pony*”.

responsabilidades burocráticas e controlar situações. Um dos *ponies* diz que ser *pony* o possibilita renunciar ao papel cotidiano que envolve ter de exercer controle, tomar decisões e atender a demandas complexas:

“Quando sou *pony*, paro de me preocupar com contas, trabalho, relacionamentos, etc. Nesse momento, só foco naquilo que me pedem para fazer, correr, andar, trotar, sem nenhum outro pensamento intrusivo. É bem pacífico<sup>128</sup>”.

Outro fala sobre a “[...] ‘liberdade’ de estar separado da sua humanidade e só ser um *pony* que tem que obedecer<sup>129</sup>”, como se as exigências de ser humano em algum momento pudessem ser uma prisão. Estar restrito pelas decisões alheias, na fala de alguns *ponies*, está relacionado a uma diminuição do ato de pensar:

“Quando sou *pony*, ouço comandos, sigo os sinais dados a mim por meu treinador, não penso mais que o necessário<sup>130</sup>”.

“Então, amo os momentos em que não tenho que pensar sobre nada e posso dar minhas rédeas ao meu treinador<sup>131</sup>”.

A percepção de que não há decisão a ser tomada parece estar relacionada, nas falas desses *ponies*, a um afunilamento das situações sobre as quais se tem que decidir. Surge então uma diferença entre ser humano e ser *pony*. Ser *pony* foi relacionado a um silenciamento ou simplificação dos pensamentos e a um maior foco.

“Estou presente no momento e minha voz interna se aquieta<sup>132</sup>”.

“Tenho mais foco, reajo no momento. Estou só puramente no

---

<sup>128</sup> Texto original: “*When I am a pony, I stop worrying about bills, work, relationships, etc. In those moments, I just focus on what I am being asked to do, run, walk, trot, without any other intrusive thoughts. It is very peaceful*”.

<sup>129</sup> Texto original: “*The 'freedom' when you are separated from your humanity and just being pony who must obey*”

<sup>130</sup> Texto original: “*When I am a pony, I listen to commands, follow the signs given to me by my handler, I do not think more than necessary*”.

<sup>131</sup> Texto original: “*So, I love the moments I do not have to think to anything and can give the reins to my handler*”.

<sup>132</sup> Texto original: “*I am in the moment and my inner voice becomes quiet*”.

momento<sup>133</sup>”.

O foco foi relacionado a motivação de agradar ao humano, à própria natureza da atividade em si ou até mesmo a uma redução de ansiedade social proporcionada pelo anonimato do papel:

“Minha mente está fortemente focada em ter um bom desempenho para meu Mestre, seguindo seus comandos da melhor maneira possível e também apresentando uma imagem e persona de *pony* verossímil<sup>134</sup>”.

“As cenas podem requerer um foco profundo, como o treino de adestramento, enquanto outras podem ser mais soltas, como as interações *pony* com *pony*<sup>135</sup>”.

“[...] o anonimato do papel ajuda a aliviar a ansiedade que sinto ao lidar com pessoas. Minha mente se acalma e eu posso só me focar em ser um *pony*<sup>136</sup>”.

No caso dos treinadores, o foco no outro e exercer controle sobre ele, no contexto do jogo, também pode trazer a atenção para o presente ou para fora de si:

“Quando estou manejando ou treinando um *pony*, algo semelhante acontece, no sentido de eu estar focado só no que eu estou fazendo na hora, sem me preocupar com o futuro<sup>137</sup>”.

“Fico muito focada no comportamento do meu *pony* e quero que ele vá bem, o que significa que penso menos em mim mesma do que o

---

<sup>133</sup> Texto original: “*I have greater focus. I react in the moment. I am just purely in the moment*”.

<sup>134</sup> Texto original: “*My mind is strongly focused on performing well for my Master by following his commands to the best of my ability, and also by presenting a credible pony image and persona*”.

<sup>135</sup> Texto original: “*These scenes can require deep focus, such as dressage training; while others can looser, such as pony to pony interactions*”.

<sup>136</sup> Texto original: “[...] *the anonymity of the role helps ease the anxiety I feel when dealing with people. My mind calms down and I can just focus on being a pony*”.

<sup>137</sup> Texto original: “*When I am handling or training a pony, something similar happens in that I am only focused on what I am doing right then, not worrying about the future*”.

normal<sup>138</sup>”.

Reagir mais espontaneamente aos outros e ao que acontece ao redor é algo que também surge na fala dos *ponies*. “Sou capaz de responder sem ficar pensando mais do que deveria<sup>139</sup>”, diz um *pony* para explicar por que o estado mental no qual entra durante a prática é relaxante. Alguns *ponies* afirmam ficaram mais expressivos, alegres, bobos e espontâneos. Um dos *ponies* atribui ao papel a possibilidade de outras formas de interação:

“Gosto de entrar em num estado de consciência simplista no qual posso reagir aos outros de uma forma não consistente com ou dependente de normais sociais<sup>140</sup>”.

Essa espontaneidade e rebaixamento da consciência vivida pelo *pony* pode trazer preocupações dos treinadores quanto a segurança do que adotam o papel de *pony*, como no caso de um treinador que diz ficar atento a “qualquer coisa perigosa que ele [o *pony*] possa não estar vendo<sup>141</sup>”. Mas a preocupação com a segurança e as necessidades do *pony* também se estende a outros processos que dependem da cognição, como combinar “sinais para pausa, problema e parar<sup>142</sup>”. Uma treinadora diz:

“Como treinadora, chego mentalmente ao ponto em que estou lidando com um cavalo e não um humano, levando em consideração a anatomia humana e os limites emocionais do jogo que estamos jogando<sup>143</sup>”.

Uma outra fala parece resumir essa dualidade entre o humano e o equino no *pony* durante o jogo:

“Entendo que, mesmo que estejamos imitando cavalos biológicos,

---

<sup>138</sup> Texto original: “*I am very focus on my pony's behavior and want them to perform well which means I'm thinking less about myself than normal*”.

<sup>139</sup> Texto original: “*I am able to respond without overthinking*”.

<sup>140</sup> Texto original: “*I enjoy getting into a simplistic headspace where I can react to others in a manner not consistent or reliant on social norms*”.

<sup>141</sup> Texto original: “*any dangerous things my pony might not see*”.

<sup>142</sup> Texto original: “[...] *signals for pausing problem and full stop*”.

<sup>143</sup> Texto original: “*As a trainer, I mentally get to a point that I'm handling a horse and not a human while taking into consideration the human anatomy and emotional limits for the play we are doing*”.

ainda há necessidades humanas<sup>144</sup>”.

Tal dualidade também tem outro aspecto, que é a diferença entre o estado normal e um aparente estado alterado de consciência. Um *switch* descreve um problema que ocorrer ao ter de voltar a agir como humano após puxar charrete por duas horas:

“Entendia as pessoas a minha volta, mas quando alguém me perguntou se eu estava bem, não consegui dizer ‘sim’. Eu estava enjaulado entre meus recursos humanos e os meus de pony por cerca de dez minutos antes que eu pudesse falar de novo<sup>145</sup>”.

Esse estado distinto consciência, implícito na fala desse *switch*, aparece de forma mais clara em falas da categoria três.

### 5.2.3 FÉRIAS PARA O CÉREBRO

“É como férias para o cérebro”, diz um *pony*. Essa categoria se destaca por falas que envolvem estados de consciência diferentes do cotidiano e fisicalidade na prática do *pony play*. Na nuvem de palavras da figura 21 podemos ver palavras como sentir, equipamento, estresse, *headspace* (estado alterado de consciência), físico, exercício e *mindset* (mentalidade, configuração mental). Os temas levantados dentro desse escopo foram *Mente*, *Fisicalidade*, *Equipamento*, *Associação de kinks* e *Cavalo*, com os principais códigos formadores descritos na tabela 22. Apesar de haver também ênfase nas mudanças do pensar e no movimento corporal, diferentemente da categoria dois há um aprofundamento na transformação psíquica durante a prática e o movimento corporal é substituído pela atividade física, muitas vezes de alta intensidade. O tema *Mente* é o mais prevalente, abrangendo ideias como *headspace*, o processo de tornar-se *pony* envolvendo ideias como *headspace*, mente, transformação, meditação, escapismo, atenção especial, estar *pony*, liberdade, espiritualidade e relaxamento.

---

<sup>144</sup> Texto original: “I understand that even though we are emulating bio-horses, there is still human needs”.

<sup>145</sup> Texto original: “I understood the people around me but when somebody asks me if I am fine, I couldn’t say: ‘yes’. I was caged between my human resources and my pony ones for near 10 minutes before I could say a word again”.



Outro *pony* descreve *headspace* como a habilidade de parar de pensar como um desenvolvedor de software e passar a pensar como um cavalo, com pensamentos mais simples. Eles parecem perceber uma mudança no processo mental. Uma *switch* diz:

“Meu cérebro hiperativo às vezes se recusa a desligar, mas essa é uma das coisas que adoro no *pony play*. Normalmente [*pony play*] exige toda a minha atenção e não há espaço para mais nada na minha cabeça. Quando consigo chegar lá, o *pony headspace* é tão maravilhoso porque posso finalmente ‘deixar ir tudo o que geralmente mantém minhas rodinhas de hamster girando inutilmente<sup>147</sup>”.

Em algumas falas, aparece a ideia de uma transformação do estado de consciência para tornar-se *pony*. Certos *ponies* descrevem sentir-se como um cavalo ou entrar na mentalidade de um cavalo. Um *pony* diz:

“Mente mudando, sensação de corpo mudando, isto é, sentindo que meu corpo está se encaixando no molde de um cavalo. Se submerso totalmente, é difícil falar<sup>148</sup>”.

Mas há também aqueles que não sentem uma transformação tão dramática no estado de consciência ao tornar-se *pony*. Um deles observa que não é do grupo de *ponies* que entra em um *headspace*:

“Como não entro realmente no ‘*pony space*’ (sou um homem que é coagido/adulado/subornado/chantageado/forçado a ser o cavalo dela), experimento poucas mudanças. Sinto principalmente um senso de presença intensificado e excitação/adrenalina geral<sup>149</sup>”.

---

<sup>147</sup> Texto original: “*My overactive brain sometimes refuses to shut off, but that's one of the things I love about pony play. Usually it demands all my attention and there's no room for anything else in my head. When I can get there, pony headspace is so wonderful because I can finally "let go" of everything that usually keeps my hamster wheels spinning fruitlessly*”.

<sup>148</sup> Texto original: “*Mind shifting ,body feel shifting. Ie. Feeling like my body is fitting that of a horse. If submerged totally, it is difficult to talk*”.

<sup>149</sup> Texto original: “*Since I don't really enter 'pony space' (I am a man who is coerced/flattered/bribed/blackmailed/forced to be her horse), I experience few changes. Mostly a heightened sense of presence, and general arousal/adrenaline*”.

Alguns *ponies* atribuem uma qualidade meditativa às mudanças de consciência descritas. Um deles diz que *pony play* o ajudou com a depressão, com a diferença de estado mental agindo como uma forma de meditação. Outro, sem se referir especificamente a *headspace*, fala que *pony play* é uma forma de “relaxar como em uma meditação profunda”. Um *swtich* fala:

“Às vezes eu posso desligar, ficar com uma agradável mente vazia, quase como uma meditação ou como sentir-se meio adormecido em um mundo de sonhos. É uma sensação gostosa e suave de confiança e relaxamento<sup>150</sup>”.

Essa transformação também pode ser percebida como uma possibilidade de escapismo, com alguns praticantes usando precisamente esse termo. Um diz que gosta do escapismo de estar em uma configuração mental (*mindset*) diferente. Outro, no começo de uma lista sobre o que gosta no *pony play*, diz:

“Aspectos de *roleplay*: ser algo diferente de mim mesmo como uma forma de escapismo<sup>151</sup>”.

Há também, para alguns, um componente espiritual. Na mesma lista do *pony* acima, há um “aspecto espiritual”, que está relacionado a um senso de conexão espiritual com os cavalos. Uma outra fala ilustra essa ideia:

“Costumo comentar que não estou colocando uma máscara equina, estou tirando minha máscara humana, como se houvesse um componente espiritual nisso<sup>152</sup>”.

Um *pony* chega a se referir a esta espécie de outro eu, com um certo humor, como sua “*Ponysona*”, no que parece ser um trocadilho com *persona* (ele termina a frase com o sinal “:”),

---

<sup>150</sup> Texto original: “*Sometimes I can zone-out, have a nice empty mind, almost like meditation or feeling like half asleep in a dream-world. It's a nice soft feeling of trust and relaxation*”.

<sup>151</sup> Texto original: “*The roleplay aspects: being something other than me as a form of escapism*”.

<sup>152</sup> Texto original: “*I often remark that I'm not putting on an equine mask, I'm taking my human one off, like there's a spiritual component to it*”.

que em linguagem usada na internet significa um sorriso). Outro *pony* descreve de forma bastante detalhada seu processo de transformação para se tornar sua “alma animal”, incluindo a função do equipamento e a forma com que experimenta uma sensação de relaxamento física, mental e emocional:

“É uma espécie de momento em que me sinto pessoalmente seguro, mesmo estando em um areio, coleira ou cordas de *bondage*. Eu me torno minha alma animal (eu uso toda a roupa de *pony*, incluindo uma roupa de lycra/látex e uma máscara de *pony* realista). Todo o processo de colocar o equipamento é um ritual agradável e relaxante de transformação. Depois de terminar, sinto que agora é a hora de jogar todo o estresse e responsabilidades para trás. Isso me ajuda a me livrar da tensão muscular e do medo das pessoas/falta de confiança nas pessoas em geral<sup>153</sup>”.

Há também uma dimensão de uma atenção especial recebida pelo *pony* e dada pelo treinador ou por outras pessoas. A sensação da necessidade de cuidado dos *ponies* e cavalos é descrita por uma treinadora:

“Cavalos e pôneis exigem muita atenção e as brincadeiras com pôneis permitem uma grande quantidade de jogos com as sensações<sup>154</sup>”.

Alguns praticantes descrevem jogos de *grooming*, palavra sem tradução direta para o português, mas que está relacionada aos atos físicos de assear, cuidar, arrumar e preparar. Segundo Rebecca Wilcox, em *pony play* se refere a jogos de sensação hedonistas e íntimos, envolvendo o treinador dar banho, massagear, escovar e arrumar o *pony*, tal como se faz com cavalos reais no ambiente equestre (WILCOX, 2013). Um *pony* fala sobre ser escovado e acariciado pela treinadora como uma forma de ser tirado do *headspace*. Outro diz:

“Ser arrumado [*the grooming*] , a atenção em todo o meu corpo para garantir que o equipamento esteja correto<sup>155</sup>”.

---

<sup>153</sup> Texto original: “It’s some kind of time when I feel personally safe even while being in a harness, leash or a bondage ropes. I become my soul animal (I use the whole ponyplay outfit including a lycra/latex bodysuit and a full face realistic looking pony mask). The whole process of putting all the gear on is a nice relaxing transformation ritual. Once it’s done, I feel like now is the time to throw all the stress and responsibilities behind by back. It helps me to get rid of muscle tension and fear of people/lacking trust to people generally”.

<sup>154</sup> Texto original: “Horse and ponies require a great deal of attention and Pony play allows for huge amounts of sensual play”.

<sup>155</sup> Texto original: “The grooming, the attention everywhere on my body to make sure the gear is on right”.

Uma *switch* diz que adora cuidar de seu garanhão. Outro *switch* fala sobre gostar de ser cuidado e controlado e ainda sim sentir-se seguro e cuidado. Há falas de *ponies* e *switches* sobre o prazer de estar vulnerável nas mãos do treinador. Alguns praticantes dizem também gostar do vínculo e da parceria entre treinador e *pony*, tanto no aspecto afetivo como na colaboração para atingir objetivos. Uma *pony*, também *age player*, diz:

“Sinto-me aliviada e livre. As exigências da vida humana desaparecem. Passo a ser um ser físico que é cuidado incondicionalmente pelo meu treinador<sup>156</sup>”.

Com relação a sensação de liberdade, um *switch* diz que aprecia a liberdade que encontra “no silenciamento da minha voz interna” e há outras falas sobre a liberdade da mente de não ter de pensar. Há também falas que refletem a ideia de Fisicalidade, ou seja, de *pony play* como uma prática permeada por aquilo que é físico. Além da atenção que o treinador despense ao corpo do *pony*, há também falas que relacionam a prática de *pony play* à atividade física. Uma delas menciona o gosto pelo “aspecto esportivo” da prática. Um *pony* também diz:

“Gosto de *pony play* como uma atividade atlética altamente sexualizada. Sou tratado como um objeto sexualizado, sendo trabalhado até o limite de minha capacidade física<sup>157</sup>”.

Outras falas também relatam um gosto por executar trabalhos físicos extenuantes, até chegar a não aguentar. Mas há relatos sobre o gosto por desafios físicos, sobre situações fisicamente cansativas e divertidas, sobre *pony play* tornar o exercício físico divertido ou ser uma motivação para exercitar-se. Uma *switch* diz:

“Eu era mais saudável quando praticava *pony play* com regularidade. Eu tinha um equilíbrio melhor e era capaz de fazer mais trabalho físico sem me cansar. Isso porque me exercitava regularmente para fazer as coisas que queria fazer como um *pony* (galopar, trotar, puxar

---

<sup>156</sup> Texto original: “*I feel relaxed and free. The demands of human life disappear. I get to be a physical being that is cared for unconditionally, by my handler*”.

<sup>157</sup> Texto original: “*I enjoy pony play as a highly sexualized athletic activity. I am treated as a sexualized object, while being worked to the very edge of my physical ability*”.

charrete)<sup>158</sup>”.

Outro *switch* pensa em envolver corpo, mas também mente ao treinar um *pony*:

“Como treinador, gosto de trazer para o jogo uma espécie de mistura entre diversão e trabalho duro, para manter o corpo e a mente ocupados<sup>159</sup>”.

O foco na fisicalidade no momento da prática é trazido por um *switch* como parte de um estado alterado de consciência:

“Frequentemente entro no que pode ser descrito como um estado de transe ou fuga dissociativa, prestando atenção apenas aos sinais do bridão na minha boca. Só presto atenção nas tiras de couro puxando meu corpo [...]”<sup>160</sup>.

Parte dessa fisicalidade é composta pelo equipamento e, novamente o equipamento aparece como elemento da transição, porém de uma forma mais detalhada:

“[...] o equipamento de *pony play* é simplesmente uma alegria de usar e realmente me ajuda a entrar no espaço de cabeça correto. As restrições da máscara e dos cascos me forçam a fazer certos movimentos e restringem meus sentidos ao que está acontecendo nas minhas imediações<sup>161</sup>”.

Outro participante explica que ao colocar o equipamento de *pony*, entrar-se em outro mundo e o relaxamento que experiencia é como “férias parra o cérebro”. Outro ainda diz

---

<sup>158</sup> Texto original: “*I was healthier when I was regularly practicing pony play. I had better balance and was able to do more physical work without getting tired. This is because I exercised regularly in order to do the things I wanted to do as a pony (canter, trot, pull a cart)*”.

<sup>159</sup> Texto original: “*As a handler, I like bringing to play a kind of mix between fun and hard work, so the body and the mind can be kept occupied*”.

<sup>160</sup> Texto original: “*I often go into what might be described as a trance or fugue state, only paying attention to signals from the bit in my mouth. I just pay attention to the straps pulling on my body [...]*”.

<sup>161</sup> Texto original: “*[...] pony play gear is simply a joy to wear, and really helps me to get into the correct headspace. The restrictions from the hood and hooves force me into certain motions and restrict my senses to what is happening in my immediate vicinity*”.

que ao colocar o equipamento, sente-se no *headspace* que ele tanto desejava quando mais jovem. O equipamento também é percebido como algo que proporciona uma experiência de qualidades “xamânicas” quando usado em “buscas mais ritualísticas, como dançar em volta de uma fogueira<sup>162</sup>”. Ou como algo que muda a aparência e faz com que as pessoas reagem de outra forma a quem está no papel de *pony*. Há também o prazer, por parte de quem adota o papel do humano, em escolher como o *pony* irá se vestir e qual equipamento irá utilizar, ou seja, em definir a aparência do *pony*. Alguns participantes descrevem ter uma relação mais forte com usar o equipamento, ser “transformado” por ele do que em ser tratado como *pony*. Outros descrevem gostar da restrição (*bondage*) que o equipamento proporciona, vendo a prática de *pony play* como uma oportunidade para viver outros fetiches.

Diversas falas citam atividades BDSM envolvidas com *pony play*, como restrição, jogos de poder e jogos de impacto. A fala de um treinador resume esse aspecto:

“Honestamente, além de sentir a troca de poder, a mistura de diferentes fetiches nela. É uma experiência adorável para mim um fetiche que tenha uma mistura tão adorável<sup>163</sup>”.

Já um *pony* reúne mudança de consciência, estética e combinação de fetiches:

“A capacidade de fazer uma pausa na vida cotidiana e relaxar em uma personalidade diferente. A estética geral e a combinação de diferentes fetiches [*kinks*] em uma imagem completa e própria. É uma grande fonte de força e motivação para mim<sup>164</sup>”.

Dentre as categorias analisadas, é nessa que mais aparecem *ponies* sendo chamados ou se definindo como cavalos. Um *pony* que se define como um cavalo de trabalho (*work horse*) e diz gostar de atividades fisicamente exigentes. A expressão “cavalo humano” (*human horse*) também aparece nessa categoria, com um *pony* que se identifica dessa forma relacionando ser cavalo com cavalheirismo. Ele coloca também um link para sua página na internet para termos

---

<sup>162</sup> Texto original: “[...] *more ritualistic pursuits such as dancing around a fire and such*”.

<sup>163</sup> Texto original: “*Honestly, asides from feeling the power exchange, the mix of different fetishes into it. It's quite a lovely experience for me for one fetish that had such a lovely mix*”.

<sup>164</sup> Texto original: “*The ability to take a break from daily life and relax in a different personality. The overall aesthetics and combination of different kinks into a fitting complete image. It is a great source if strength and motivation for me*”.

acesso à sua “filosofia completa” sobre ser um cavalo humano. Há referências sobre a dupla cavaleiro e cavalo, ao invés de *pony*, ou sobre desde jovem imaginar é seria sentir-se um cavalo. Um participante coloca ocupar a posição de cavalo como uma forma de degradação:

“Eu gosto de *pony play* no papel de ‘*pony play* forçado’, em vez de procurar entrar em um ‘*headspace* animal’. Prefiro ser uma pessoa degradada ao nível de cavalo como forma de dominação/bullying, do que fingir ser um cavalo de verdade<sup>165</sup>”.

Agir como um cavalo, ter a mente de um cavalo, ser usado ou usar pessoas como cavalos e tratar pessoas como cavalos surgem nas falas. Evidentemente o que significa ser tratado como cavalo sofre variações individuais, mas há aqueles que reforçam a ideia de que a referência é um “cavalo de verdade”. Um deles, um treinador que aparentemente trabalha com cavalos reais, diz que quando está em seu papel passa “tratar as pessoas como os cavalos” que ele usa no trabalho. E que após começar a praticar *pony play* passou a observar o que usava com cavalos para adaptar a humanos. Outro, um *pony*, diz:

“Fui tratado como um cavalo de verdade e, sem me dizer o que fazer, sinto as pequenas mudanças pelas rédeas e fui ficando mais sensível com o passar do tempo. Esta foi realmente a melhor experiência até agora [...]”<sup>166</sup>.

Para terminar essa categoria e já engatar na próxima, um *switch* que gosta de ser chicoteado e esporado se pergunta, sobre as mulheres:

“[...] e elas podem nunca ser cruéis com seus cavalos reais, mas obter uma verdadeira alegria em abusar de um cavalo humano?”<sup>167</sup>.

---

<sup>165</sup> Texto original: “*I enjoy ponyplay in the ‘forced ponyplay’ role, rather than looking to go into an “animal headspace”. I prefer to be a person degraded down to the level of horse as a form of domination/bullying, rather than pretend to be a real horse”.*

<sup>166</sup> Texto original: “*I was treated like a real horse and without telling me what to do I feel the fine changes over the reins and I got more sensitive over the time. This was really the best experience until now [...]*”.

<sup>167</sup> Texto original: “[...] *and they might not ever be cruel to their real horses but get a real joy out of abusing a human horse?*”.

#### 5.2.4 PONY PLAY E BDSM

O tema levantado nessa categoria é *Pony Play* e BDSM. Na tabela 23, podemos ver os subtemas e códigos formadores. *Equipamentos*, o mais prevalente, dá ênfase a uma série de equipamentos utilizados nas práticas. *Papéis* destaca tipos de papéis com maior ênfase BDSM. *Formas de ser visto* aborda ideias de exibicionismo. *Fetichismo*, traz elementos sensoriais levantados nas falas como importantes. *Disciplina* (um dos significados do D, no acrônimo BDSM), contempla falas sobre punição, obediência e autoridade. *Usos e reações dos geniais* aborda a dimensão da excitação sexual. Por fim, *Riding* traz falas sobre montaria, prática que se fez mais presente dentre todas as outras.

Tabela 23 - Subtemas e códigos formadores da categoria 4

Subtemas	Códigos (ideias) formadores
Equipamentos	chicote, <i>tack</i> , rédea, espora, arreo, sela, cabeçada, bridão, segurança
Papéis	escravo, <i>ponygirl</i> , <i>pony</i> , <i>ponyboy</i> , <i>rider</i> , <i>mistress</i> , <i>master</i> , dominatrix, dom
Formas de ser visto	humilhação, exposição, desumanização
Fetichismo	<i>bondage</i> , fetiches, mulher, roupa
Disciplina	punição, obediência, controle, D/s
Usos e reações dos geniais	excitação, orgasmo, foder, masturbar, dildo, plug anal
Montaria	montaria

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Na nuvem de palavras da figura 22, para além de *ponygirl*, uma série de palavras relacionadas à elementos sadomasoquistas como chicote (*whip*), escravo, espora, humilhar, plug (relativo à plug anal) e total (nas falas, em associação ao termo *total power exchange*<sup>168</sup>). O equipamento utilizado ganha destaque, mas de uma forma diferente da categoria anterior, começando pela utilização do termo *tack*, que se refere especificamente a equipamento equestre e não tem tradução direta para o português. Eles não estão relacionados à percepção de uma

<sup>168</sup> Tradução livre: Transferência total de poder. Trata-se de uma relação consensual, pontual ou de longa duração, com uma desigualdade negociada e marcada de poder entre as partes. O termo pode ser melhor compreendido com uma pequena variação, Transferência total de autoridade, pois uma parte dá autoridade para que a outra faça determinados atos e práticas com ela (SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017).



apresentação, então ele me puniu com o chicote e puxou meus dildos para mostrar que eu estava gostando. Foi humilhante e me deixou infinitamente com tesão<sup>170</sup>”.

“Essa *pony* [falando de si mesma] adora ser exposta e humilhada em público e quer exposições cada vez mais extremas. Quer ser uma exposição viva em um museu público ou galeria de arte de uma forma profundamente humilhante!<sup>171</sup>”.

“Saber também que uma mulher (ou homem, sou um escravo e não decido nada) está olhando para minha bunda, sem eu poder vê-los, e preparada para usar um chicote ou chicote de montaria é bem excitante<sup>172</sup>”.

Papeis de *top* são mais pulverizados, mas destaca-se cavaleiro(a) (*rider*) e papéis relacionados a outros jogos BDSM, como por exemplo *Master*, *Mistress* e dominador(a).

“É a forma suprema de submissão masoquista. Me torno nada mais além de um escravo/besta para ser usado para o prazer sádico da minha cavaleira<sup>173</sup>”.

“Gosto da transferência de poder entre Senhora/escravo que se transforma em Deusa do Estábulo/cavalo [castrado]<sup>174</sup>”.

“Fico muito excitado com a ideia da minha Cavaleira ter prazer sexual enquanto me monta<sup>175</sup>”.

---

<sup>170</sup> Texto original: “*I intentionally made step mistakes during the performance, so he had to punish me with the riding crop and he pulled out my dildos to show that I was enjoying it. It was humiliating and made me infinitely horny*”.

<sup>171</sup> Texto original: “*This pony loves being exposed and humiliated in public and wishes for ever more extreme exposures. It wishes to be a living exhibit in a public museum or art gallery in a deeply humiliating way!*”.

<sup>172</sup> Texto original: “*Also knowing that a woman (or man, I'm a slave and have no say) is staring at my butt, where I can't see them, and ready to use a whip or a crop on it is quite hot*”.

<sup>173</sup> Texto original: “*It is the ultimate form of masochistic submission. I become nothing more than a slave/beast, to be used for the sadistic pleasure of my rider*”.

<sup>174</sup> Texto original: “*I enjoy the power exchange between Mistress/slave that turns into Stable Goddess/gliding*”.

<sup>175</sup> Texto original: “*I am very turned on by the idea of my Rider having sexual pleasure while riding me*”.

Como se pode observar, o gênero feminino aparece marcado nas falas dessa categoria, tanto pelo uso do termo *ponygirl* quanto em falas de *Tops* e *bottoms* do sexo masculino, que enfatizam o gênero:

“Controle total sobre uma mulher e sua completa submissão enquanto eu a monto<sup>176</sup>”.

“Adoro ver minha *ponygirl* em seu traje rígido, suas formas modelando o *corset*, suas tetas nuas balançando com cada passo que ela dá<sup>177</sup>”.

“Uma mulher com metade do meu tamanho pode facilmente me controlar com um chicote de montaria<sup>178</sup>”.

“Sempre ter uma linda Senhora para me controlar como *pony*. Eu poderia ter jogado com outras Senhoras fora de forma, mas não é isso que eu procuro. Gosto que seja como as revistas mostram e é isso. Gosto de ser controlado por uma mulher linda e ser feito fazer o que ela quer<sup>179</sup> [...]”.

Mas ser mulher como um dos componentes daquilo que dá prazer também pode partir da própria mulher, com relação a si mesma:

“Gosto dos seguintes aspectos: [...] ser um ser sexual (sou reconhecida como mulher) e ser usada como tal, mesmo no palco<sup>180</sup> [...]”.

---

<sup>176</sup> Texto original: “*Total control of a female and her complete submission while i am riding her*”.

<sup>177</sup> Texto original: “*I love to see my ponygirl in her strict outfit, her figure shaping corset, her naked tits bouncing with every step she takes*”.

<sup>178</sup> Texto original: “*A woman half my size can easily control me with a small riding crop*”.

<sup>179</sup> Texto original: “*Always having a beautiful Mistress to control me as a pony. I could have played more with other out of shape Mistress's but that's not what I am after. I like it to be just like the magazines show it,, and that's it. I like being control by a beautiful women and made to do what she wants [...]*”.

<sup>180</sup> Texto original: “*I enjoy the following aspects: [...] to be a sexual being (I'm recognizable as a woman) and be used as such, even when on stage [...]*”.

Apesar do gênero feminino ser marcado nas falas dos homens, o masculino quase não é enfatizado na fala das mulheres – lembrando os sujeitos cujas falas foram selecionadas nessa categoria são em sua maioria heterossexuais. Poderia ser o gênero feminino incluído no que os participantes chamam de fetiche? O termo é usado por eles em diversos sentidos, para se referir a práticas diversas, objetos, identidade ou tema de eventos:

“[...] as mulheres não gostam igualmente de todos os fetiches então, como escravo, tive que manter minhas opções abertas<sup>181</sup>”.

“Ela era uma *ponygirl* que adorava ser montada e também tinha um fetiche forte com esporas<sup>182</sup>”

“Como fetichista, o equipamento em si é excitante<sup>183</sup>”.

“Primeira aparição pública a uma convenção de fetiche<sup>184</sup>”

A utilização de brinquedos inseríveis, como dildos vaginais, em formato de pênis de cavalo e plugs anais em ato de “foder” também aparecem nessa categoria:

“Gostaria de ser treinada como a única *ponygirl* com vários *ponyboys*. Os *ponyboys* usariam cintos de castidade, mas dildos de cavalo realistas, podendo me foder quando eu finalmente estiver amarrada a um cavalete ao fim do treinamento<sup>185</sup>”.

“[...] ela usa um dildo vaginal e um plug anal e eu gosto de vê-la ficando com tesão enquanto executa seu treino<sup>186</sup>”.

---

<sup>181</sup> Texto original: “[...] *not all fetishes do women like equally, so as a slave, I had to keep my options open*”.

<sup>182</sup> Texto original: “*She was a ponygirl who loved to be ridden, and had a strong spur fetish as well*”.

<sup>183</sup> Texto original: “*As a fetishist, the gear itself is a turn-on*”.

<sup>184</sup> Texto original: “*First public appearance at a fetish convention*”.

<sup>185</sup> Texto original: “*I would like to be trained as the only ponygirl with several ponyboys. The ponyboys wear chastity belts but realistic horsedildos so they can fuck me with when I'm finally strapped onto a trestle at the end of the workout*”.

<sup>186</sup> Texto original: “[...] *she is wearing a vaginal dildo as anal plug as well; and I like to see her growing horny when performing her training*”.

A prática mais presente nessa categoria é a montaria, que pode ser feita com o *pony* em duas pernas ou de quatro.

“Gosto principalmente de montar (duas pernas ou de quatro) e qualquer aspecto D/s como impacto, degradação verbal, adoração de botas e coisas que também podem caber numa cena<sup>187</sup>”.

“Uma fantasia recorrente e não realizada envolve ser emprestado (ou alugado) para mulheres que irão me montar como um cavalo de verdade, usando comandos físicos para me controlar e me esporear, sem nunca falar comigo como humano<sup>188</sup>”.

“[...] minha segunda [experiência mais marcante] foi ser montado por uma amazona experiente por quem eu tinha uma queda e tive a coragem de me oferecer para fazer isso por ela<sup>189</sup>”.

Um *top* também fala sobre essas duas possibilidades, acrescentando observações acerca da segurança do *bottom*.

“Normalmente, a *ponygirl* está de quatro, mas às vezes eu a monto estilo cavalinho. Joelheiras de boa qualidade são muito importantes. Também ensino a ela um sinal não verbal que ela pode me dar se precisar descansar ou quando algo não estiver certo e for necessário eu desmontar. [...] Eles sempre devem usar um espartilho para que meu peso seja distribuído de maneira mais uniforme em suas costas<sup>190</sup>”.

---

<sup>187</sup> Texto original: “*I mostly enjoy riding (two and fourlegged) and any D/s aspects such as impact, verbal degradation, boot worship and things that can also go into a scene*”.

<sup>188</sup> Texto original: “*An unfulfilled recurring fantasy involves being lent (or rented) to women who will ride me like a real horse, using physical commands to control me and to spur me on, without ever talking to me like a human*”.

<sup>189</sup> Texto original: “[...] *my second one was being ridden by an experienced horsewoman I had a crush on and having the courage to offer to do that for her*”.

<sup>190</sup> Texto original: “*Usually, the pony girl is on her hands and knees, but sometimes I ride her "piggyback style". Good quality knee pads are very important. I also teach her a nonverbal signal she can give me if she needs to rest or something is not right and I need to dismount. [...] They always must wear a corset so that my weight is more evenly distributed across their back*”.

Nota-se que há uma preocupação com os joelhos e com a possibilidade de sobrecarga na coluna. Outro *top* também faz observações sobre segurança:

“[...] é importante garantir que seu *pony* está seguro, então conhecer as limitações do seu *pony* é bom. Se ele tem tornozelos ou joelhos fracos, se tem asma ou dentes sensíveis e não pode usar um bridão<sup>191</sup>”.

A atividade de montaria também aparece com a possibilidade de inversão de papéis, como no relato de um *pony* e *rider*, que viaja para outro país para conhecer uma *ponygirl* após conversar virtualmente por um período e colaborar com ela em escritos sobre *pony play*:

“Chegamos ao nosso hotel muito cedo para o quarto estar pronto, então deixamos nossas malas e saímos pela cidade, montando um no outro por todo o lugar - em parques públicos, no porto e na Opera House, cantos tranquilos de um museu. Em elevadores, subindo e descendo escadas. Às vezes de duas pernas e às vezes de quatro. [...] Jogamos por 10 dias inteiros. Fizemos videoclipes, chicoteamos e esporeamos um ao outro como feito loucos, um dia fomos a uma praia isolada e montamos um ao outro pelas dunas<sup>192</sup>”.

A menção às partes íntimas também se destaca nessa categoria, com falas sobre sinais físicos de excitação ou descrições sobre o que é excitante no que ocorre nas práticas. Um dos *ponies* comenta que se ver transformado no espelho é muito excitante. Outras falas incluem:

“[...] sua pelve se esfregando eroticamente para cima e para baixo na sua espinha, suas pernas fortes segurando firmemente o seu tronco, suas esporas e chicote incitando você a avançar em alturas rítmicas de prazer,

---

<sup>191</sup> Texto original: “[...] *it is important to make sure the Pony is safe, so knowing your pony's limitations is good. If they have a weak ankle or knee, if they have asthma or sensitive teeth so can't wear a bit*”.

<sup>192</sup> Texto original: “*Got to our hotel too early for the room to be ready, so we dropped our bags and went out around the city, riding each other all over the place - in public parks, at the Harbor and Opera House, quiet corners of a museum. In elevators, up and down stairs. Sometimes twolegged and sometimes all fours. [...] We played for 10 days solid. We made video clips, we whipped and spurred each other like crazy, one day we went out to a secluded beach and rode each other around and up and down the dunes*”.

seus pés talvez até batendo e esfregando em seu membro ereto<sup>193</sup> [...]”.

“[...] fico molhada sendo treinada ou exibida em frente de uma audiência<sup>194</sup>”.

“Todas as partes do *pony play* são sexualmente excitantes: o equipamento, o elemento de restrição, o som dos sininhos, o rabo ou *plug* anal, o chicote e o chicote de montaria, o controle e as instruções, exibição e humilhação, ser exposta em locais públicos, praticar adestramento com chicote, tudo<sup>195</sup>”.

Outro *pony* comenta que mesmo uma volta “platônica” com uma cavaleira pode ser sexualmente excitante sendo lembrada em retrospecto. Voltando-nos ao equipamento, este também aparece como componente para transformar o humano em *pony*, quase que como para torná-lo um objeto. Um treinador que gosta de colocar o equipamento em seu *pony*, “olhando em seus olhos enquanto as últimas partes de ser humano desaparecem<sup>196</sup>”. Uma *pony* fala algo semelhante:

“O equipamento [*tack*] de *pony* é deslumbrante e muito exótico. A *pony* pode entrar no papel de *pony* muito profundamente e se tornar algo totalmente diferente, deslumbrante, ritualístico, restrito e controlado. Colocar o arnês, bridão, botas e rabo é uma introdução para outro ser<sup>197</sup>”.

---

<sup>193</sup> Texto original: “[...] *her pelvis grinding erotically up and down your spine, her strong legs wrapped tightly around your torso, her spurs and whip urging you onward into rhythmic heights of pleasure, her feet perhaps even bumping and rubbing your erect member [...]*”.

<sup>194</sup> Texto original: “[...] *I get wet from being trained or paraded in front of an audience*”.

<sup>195</sup> Texto original: “*All parts of Pony play are sexually arousing - the pony tack, the bondage element, the sound of the bells, the tail or butt plug, the whip and crop, the control and instruction, exhibition and humiliation, being exposed in public places, practicing dressage with crop everything*”.

<sup>196</sup> Texto original: “*Putting the tack on My pony, watching in his eyes as the last bits of being human disappear*”.

<sup>197</sup> Texto original: “*The pony tack is gorgeous and very exotic. Pony can go into pony role very deeply and become something totally different, gorgeous, ritualistic, constrained and controlled. Putting on the harness, bridle, boots and tail is an introduction to another being*”.



Tabela 24 - Subtemas e códigos formadores da categoria 5

<b>Temas</b>	<b>Códigos (ideias) formadores</b>
Mudanças em si mesmo	autodescoberta, cura, expressão criativa, confiança, aceitação, abertura
Expansão dos relacionamentos	novas amizades, comunidade, educação e divulgação
<i>Pony play</i> e vida baunilha	comparação das duas, encontro entre elas, progressão natural, motivação, mudanças na vida
Trazendo à vida fantasias e planos	fantasia x realidade, planos

Fonte: produzida pela autora (2023).

Uma fala que ilustra a percepção de mudança em si mesmo é a de um *pony*:

“Ganhei mais consciência da minha psicologia e sexualidade<sup>200</sup>”.

Uma treinadora diz algo similar:

“[...] Equine-Play [como ela se refere à prática] me ajudou mais na área de autopercepção e autorreflexão. Provavelmente 'ajudou' é o termo errado, deveria chamar isso de 'ainda me ajuda muito'<sup>201</sup>”.

Dois dos *ponies* que se identificam como transexuais descrevem o envolvimento com *pony play* como meio de descoberta e facilitação da exploração da própria identidade de gênero e sexualidade. Há algumas falas, portanto, atribuindo uma dimensão curativa para a prática. Uma treinadora diz que a prática a torna mais autoconfiante por recarregar suas “células mentais de serenidade<sup>202</sup>”, o que a teria ajudado com seu medo de abandono. Um *switch* diz que, além das descobertas com relação à sexualidade, ganhou autoconfiança, pois passou a entender melhor diferentes aspectos da sua própria infância. O aumento de autoconfiança também

<sup>200</sup> Texto original: “I gained further awareness of my psychology and sexuality”.

<sup>201</sup> Texto original: “[...] Equine-Play has helped me most in the area of self-perception and self-reflection. Probably 'has helped' is the wrong term, it should be called 'it still helps me a lot”.

<sup>202</sup> Texto original: “Equine-play and it's performance charge up my mental serenity-cells”.

aparece para um *pony* como resultado das novas amizades no meio dos praticantes de *pony play* e da validação sentida a partir da reação dos outros. Outro *pony* diz:

“[...] Estou mais relaxado e aterrado na vida. Comecei a desenvolver um grande senso de autoconfiança e de poder influenciar meu próprio destino<sup>203</sup>”.

A prática de *pony play* também é apresentada nas falas como um meio de expressão de dimensões de si mesmo, como por exemplo da própria sexualidade. Mas, para além disso, há também a expressão e a criatividade. Um *pony* diz que a prática o permite mostrar seu lado dançarino e criativo e um *switch*, diz que é uma forma de expressar as necessidades mais submissas e artísticas da esposa. Alguns praticantes também falam da criação de equipamento e vestimentas. Mas a criatividade também é colocada como consequência de não ter que se adequar às normas sociais baunilha e de não ser julgado:

“[...] me senti mais em casa sendo meu verdadeiro eu sem ter de fingir ser baunilha/normal. Não ser julgado por ter essa paixão divertida abriu minha criatividade<sup>204</sup>”.

O envolvimento com a prática também foi associado a abrir-se a atividades e pessoas:

“Comecei a me abrir mais para os outros, para coisas novas, para atividades e gosto de me colocar no mundo porque temos pouco tempo aqui na terra, e devemos valorizar o tempo que temos para aproveitar as coisas que nos fazem felizes, como o *PonyPlay* no meu caso<sup>205</sup>”.

Uma das falas refere-se a tornar-se mais tolerante com outros diferentes de si mesmo, outra com livrar-se de muitos “daqueles estereótipos bestas sobre BDSM ou comunidades

---

<sup>203</sup> Texto original: “[...] *I am more relaxed and grounded in life. I started developing a high sense of self security and that I can influence my own fate*”.

<sup>204</sup> Texto original: “[...] *felt more at home being my true self without having to pretend to be vanilla/normal. Not being judged for having this fun passion has opened up my creativity*”.

<sup>205</sup> Texto original: “[...] *I started to be more open towards others, new things, activities and enjoy getting out into the world because we only have a limited time here on earth, and we should cherish the time we have to enjoy things that make us happy, like PonyPlay in my case*”.

LGBT<sup>206</sup>” e outra ainda sobre deixar de ser tão introvertido e de sair pouco. E aí vemos o âmbito dos relacionamentos. Uma *switch* conta sobre a reconfiguração de sua vida amorosa por conta do envolvimento com *pony play*:

“[Ocorreram] mudanças não *kinky*/não BDSM, incluindo o divórcio com meu marido. Tentamos trabalhar esse meu interesse, mas, descobrir que somos programados de maneira diferente em relação aos relacionamentos (ele, monogâmico; eu, poliamorosa) implicou que, pelo bem da minha saúde mental, em terminar o casamento<sup>207</sup>”.

Mas a maioria das falas citam uma expansão no campo dos relacionamentos, contando sobre a formação de novas amizades, com expressões como “amigos incríveis” e vínculos importantes a partir da relação com *pony play*, com a vida *kinky* ou com BDSM:

“Conheci minha família *leather* por meio do *pony play*, muitas pessoas que admiro e me importo e que admiram e se importam imensamente comigo<sup>208</sup>”.

“De forma mais geral, o próprio *kink* tem sido uma influência extremamente positiva na minha vida, me abrindo para fazer muitos novos amigos com interesses similares, assim como me dando novas formas de expressar minha sexualidade<sup>209</sup>”.

As falas também trazem termos como “comunidade BDSM” ou “comunidade *pony*” em citações diretas a existência de comunidades:

“A comunidade *pony* com a qual me conectei em minha primeira viagem à *Folsom st Fair* em 2017 abriu um mundo inteiro de pessoas

---

206 Texto original: “[...] *silly stereotypes about BDSM or LGBT communities*”.

207 Texto original: “*Non-kink/non-BDSM changes including divorcing my husband. We tried to work through this interest of my mine, but it as well as discovering that we are wired differently regarding relationships (he: monogamous, me: polyamorous) meant that for the sake of my own mental health, I chose to end the marriage*”.

208 Texto original: “*I found my leather family through ponyplay, a lot of people who I admire and care for and who admire and care for me greatly*”.

209 Texto original: “*More broadly, kink itself has been a hugely positive influence on my life, opening myself up to making many new friends with similar interests, as well as giving me new ways to express my sexuality*”.

para mim. A comunidade me conectou com *ponies*/pessoas maravilhosas em todo o mundo e me ajudou a construir toda uma rede de amigos que eu não teria de outra forma<sup>210</sup>”.

Mas também há citações da presença de comunidades sem a utilização de explícita do termo comunidade, com descrições de ambientes em que esses grupos de pessoas se formam e se encontram:

“Depois que descobri o *pony play*, também descobri que gosto de outras práticas de BDSM, visitei *munches*, entrei em grupos e sites. Conheci meu atual melhor amigo por causa do BDSM, um grupo muito próximo de amigos *kinky*, com eles meu treinador, namorado e meu principal parceiro de brincadeiras. Socialmente, o BDSM me levou a uma das fases mais felizes da minha vida e sinto que, sem descobrir o *pony play*, eu não teria tudo isso<sup>211</sup>”.

No âmbito dessa convivência entre praticantes, há algumas falas bastante interessantes sobre o acompanhamento de processos e alegrias pelos quais essas pessoas passam, incluindo o desenvolvimento de algo único na sua apropriação da prática:

“Adoro compartilhar minha alegria com *pony play* com outras pessoas e observar como elas desenvolvem algo único e pessoal para sua própria dinâmica<sup>212</sup>”.

“Adoro ver *ponies* novatos descobrindo sua alegria<sup>213</sup>”.

Há também, nas relações das comunidades BDSM, *kinky* e *pony play*, aspectos

---

<sup>210</sup> Texto original: “*The pony community I connected with in my first trip to Folsom st Fair in 2017 opened up a whole world of people to me. The community has connected me with wonderful ponies / people all over the world, and helped my build a whole network of friends I would not have had otherwise*”.

<sup>211</sup> Texto original: “*After I discovered Ponyplay I also got to know I am into other BDSM practices, I visited munches, koined groups and websites. I found my current best friend because of BDSM, a very close group of kinky friends, with them my handler and my boyfriend and main play partner. Socially BDSM brought me into one of the happiest phases in my life and I feel that without discovering Ponyplay, I would not have all of that*”.

<sup>212</sup> Texto original: “*I love sharing my joy of pony play with others and watching as they develop something unique and personal to their own dynamic*”.

<sup>213</sup> Texto original: “[...] *I love to see new ponies discover their joy*”.

educativos e de divulgação da prática. Há falas sobre mostrar *pony play* para outras pessoas ou tornar a prática mais conhecida dentro das comunidades. Mas há a intenção, em algumas falas, de levar a prática ao conhecimento da comunidade baunilha por meio de jornais ou programas de TV, transformando essa divulgação em validação para outros praticantes:

“[...] Fui entrevistado para o episódio sobre Petplay para um programa educacional de TV [*programa ocultado para preservar a identidade do sujeito de pesquisa*], e tive a oportunidade de falar sobre *pony play* em um ambiente amigável e mente aberta [...]. Depois que o episódio foi ao ar (e, para meu alívio, focado no aspecto educacional), fui inundado por e-mails de pessoas me agradecendo por não fazer a comunidade parecer estranha, ou por reafirmar que está tudo bem em ser um *pony*, que pode ser incomum, mas que não é estranho ou errado. A validação que pude dar a outros *ponies* e pretendentes a *ponies* é a maior (e mais sublime) experiência de *pony play* que já tive. Isso me deu muitas oportunidades para viajar, falar e tranquilizar as pessoas de que brincar de pônei está bem, está tudo bem, perfeitamente bem. Tudo bem fazer isso e você não é estranho por querer<sup>214</sup>”.

Com relação a como a dimensão do *pony play* se insere na vida dos praticantes, há diversas falas contrapondo a vida com *pony play* à vida baunilha. Um *pony* diz que ao ser *pony* pode ser submisso, enquanto em atividades não BDSM e não *kinky* ele é “totalmente” dominante e “tem de ser na maioria dos casos”. Outro *pony*, engenheiro elétrico, compara a grande responsabilidade que tem em sua vida, na qual errar pode levar uma construção a pegar fogo, e o alívio dessa responsabilidade durante a prática de *pony play*. Porém, há falas descrevendo uma intersecção entre essas dimensões, como uma em resposta à pergunta “Qual a experiência mais marcante de *pony play* que você já teve?” e que parece descrever uma saída do armário criativa:

---

<sup>214</sup> Texto original: “[...] *I was interviewed for the Petplay episode of the educational tv show [programa ocultado para preservar a identidade do sujeito de pesquisa] and presented the opportunity to talk about pony play in a friendly and open-minded environment [...]. After the episode was aired (and, to my relief, focused on the educational aspect), I was flooded with email from people thanking me for not making the community look strange, or for reaffirming that it was ok to be a pony, that it might be unusual but it's not weird or wrong. The affirmation I was able to provide to other ponies, and ponies-in-waiting, is the single greatest (and humbling) pony play experience I've had. It has lead to many opportunities for me to travel and talk about and reassure people that pony play is ok, it's fine, perfectly fine. It's ok to do this and you aren't weird for wanting to*”.

“Minha própria festa de aniversário com um monte de amigos baunilha... ‘Onde está o anfitrião e quem é o pônei?’ Mas tudo correu muito bem<sup>215</sup>”.

Um treinador de cavalos reais e cavaleiro diz que *pony play* é uma forma de juntar essa parte de sua vida baunilha com sua vida de BDSM. Mas há quem descreva que as duas dimensões podem se tocar sem relação uma com a outra:

“[...] eu vivo minha vida normalmente, como sempre fiz. Meus amigos, meu trabalho e até militares estão cientes do meu *pony play*. Eles não entendem o conceito e nunca participariam, mas também não usam isso contra mim<sup>216</sup>”.

A prática também pode ser percebida como um resgate de um tempo baunilha antigo, já vivido:

“Quando jogo como Treinador/Motorista, posso reviver minha infância, quando tinha um pônei da raça *shetland*...<sup>217</sup>”

Alguns participantes entendem *pony play* como uma continuação de um caminho já vivido num contexto *kinky*:

“É uma continuação do caminho D/s que escolhemos. Isso dá sentido às nossas vidas, mas esse tem sido o caso de qualquer prática dentro do BDSM ou de outra sexualidade<sup>218</sup>”.

---

<sup>215</sup> Texto original: “*My own birthday party with loads of Vanilla friends... ‘Where’s the host and Who is the Pony?’ But it went really well*”.

<sup>216</sup> Texto original: “[...] *I live my life as normal as I always have. My friends, my work, and even the military are aware of my pony play. They do not really understand the concept and would never participate but do not hold it against me either*”.

<sup>217</sup> Texto original: “*When I play as the Trainer/Driver/Handler, I get to relive my childhood when I had a Shetland pony...*”.

<sup>218</sup> Texto original: “*It’s a continuation of the D/s path we’ve chosen. It does give meaning to our lives but that has been the case with any practices within bdsm or other sexuality*”.

Mas essa progressão natural pode vir de mais cedo, como no caso de um *switch* que diz que *pony play* sempre esteve presente, inicialmente como fantasia, desde os nove anos de idade. Alguns dizem que *pony play* se tornou uma grande parte da sua vida. Dentre as falas, uma bem-humorada: “hoje em dia tenho muito menos dinheiro”. Respondendo se algo mudou em sua vida após o envolvimento com *pony play*, uma *pony* diz:

“Ao fazer mudanças em minha vida pessoal, penso mais em locais ao ar livre para *pony play*, como mudar para uma casa com quintal maior e mais privado, querer acesso a mais terreno...<sup>219</sup>”.

Mas *pony play* pode aparecer como uma dimensão que interfere na vida baunilha em forma de motivação. Um *switch* diz que ter um hobby interessante pelo qual anseia o ajuda a passar o dia e completa:

“Se estou me sentindo sobrecarregado por uma tarefa, penso em mim como o cavalo majestoso e poderoso que gosto de retratar e isso ajuda a concluí-la<sup>220</sup>”.

A motivação pode vir na forma de fantasia:

“Quando trabalhava duro ou estudava, usava minha fantasia como algo lá na frente a desejar e isso se tornava uma motivação para ajudar a me impulsionar<sup>221</sup>”.

Por fim, em se tratando do desenvolvimento das fantasias desde ideia até concretização, alguns falam de sonhos que se tornaram realidade, como um *pony* que criou uma marca de produtos para *pony play*, que é nova, mas cujos produtos são feitos com “nossas almas e corações de *pony* [ao fim da frase, um emoji mostrando a língua e outro de cavalo]”. Outro *pony* diz que tem muitas fantasias a realizar, mas que algumas permanecerão somente fantasias.

---

<sup>219</sup> Texto original: “More thoughts towards outdoor play locations when making personal life adjustments i.e., moving to a home with bigger, more private yard, generally wanting access to more land...”.

<sup>220</sup> Texto original: “If I’m feeling overwhelmed with a task, I think of myself as the majestic and powerful horse I like to portray and it helps my complete said task”.

<sup>221</sup> Texto original: “When working hard or studying I used my fantasy as a little way point flag to look forward to as a drive to help push myself”.

Há falas sobre fantasias que sempre estiveram “no fundo da mente”, com detalhes e com as condições para que sejam realizadas. Uma delas coloca o caminho de fantasia para realidade como um processo:

“Há uma fantasia específica de *pony play* que ainda não realizei, mas que espero evoluir mais tarde durante vida com exposição e com o equipamento correto<sup>222</sup>”.

Em outra fala, vemos uma série de objetivos já atingidos na prática e um outro que necessita de um item a mais:

“Estar preso a uma cabeçada é uma sensação muito boa para mim. A minha tem antolhos para restringir minha visão, o que eu adoro, e quero adquirir uma coleira postural para manter minha cabeça voltada para frente restringindo mais ainda minha visão lateral<sup>223</sup>”.

O tema da fantasia, como se vê, se relaciona com o tema mente, descrito na categoria três. Explicando o que muda ao ser *pony*, um deles descreve o despertar da sua fantasia e como isso o afeta:

“Cada sentido se torna mais aguçado em um estado elevado de euforia, pois minha fantasia não está mais adormecida, mas trazida à vida, uma realidade que pode ser vista e com a qual se pode interagir<sup>224</sup>”.

---

<sup>222</sup> Texto original: “*There is a particular pony play fantasy which I still have not fulfilled but which I hope to evolve into later in life with exposure and the correct equipment*”.

<sup>223</sup> Texto original: “*Being fastened into a bridle is a great feeling for me. mine has blinkers to restrict my vision which i love and i am hoping to get a posture collar to keep my head facing forward further limiting my sideways vision*”.

<sup>224</sup> Texto original: “*Every sense becomes sharper in a heightened state of euphoria as my fantasy is no longer dormant but brought to life and is a reality which can be seen and interacted with*”.



“*Pony play* é misturado para mim. É principalmente não sexual, mas a excitação sexual também faz parte dele. Eu diria que é 70/30 não sexual/sexual para mim<sup>225</sup>”.

Por sua vez, um *switch* faz um paralelo entre *pony play* com o seu “eu não *kink*”, dizendo que assim como ele pode estar numa situação não sexual, como o seu trabalho, ele pode estar em uma situação sexualmente excitante, como em uma masmorra BDSM ou uma cena íntima. Em algumas falas, a prática em si não é excitante, mas algum elemento relacionado a ela é. Uma *pony*, por exemplo, diz que apesar de não ficar excitada durante o jogo, mas satisfazer seu dono, “ficar completamente submissa no papel e ser objetificada geralmente leva à sexo entre quatro paredes<sup>226</sup>”. Para outro *pony*, a prática em si também não é excitante, mas a confiança que deposita em sua namorada, sendo treinadora, é. que apesar. Um *switch* fala também sobre os elementos sexuais e não sexuais e como eles se misturam:

“Desperta alguns dos meus fetiches. Isso o torna sexual e excitante de uma forma muito positiva. Mas a alegria, criatividade e atividade física não são sexuais para mim e eu gosto disso. A mistura de sexual e não sexual é um aspecto que aprecio<sup>227</sup>”.

Ser sexual ou não também pode depender da posição e papel que se ocupa no jogo. Um *switch* diz que a prática é “100% não sexual” e como treinador “é mais erótico que sexual”. Outro *switch* relata o contrário. Já um *pony* relata que como *pony* (em “*headspace animal*”) não é sexual, mas como *pony boy* (“humano que finge ser um cavalo”) pode às vezes ser. A idade também entra em cena, com um treinador dizendo que não tem dúvidas de que se fosse um treinador jovem, *pony play* com “seria sexualmente muito excitante”.

Para alguns pode depender do tipo de parceria. Um *pony* fala que em geral seu tipo de jogo é não sexual, mas que isso pode mudar caso seja com alguém com quem ele já tenha relações sexuais em outro contexto. Uma treinadora diz que o vínculo pode fazer com que o

---

<sup>225</sup> Texto original: “*Ponyplay is mixed for me. It is mostly non-sexual, but sexual arousal is also part of it. I would say it is 70/30 non-sexual/sexual for me*”.

<sup>226</sup> Texto original: “[...] *being completely submissive in the role and being objectified often leads to sex in the bedroom*”.

<sup>227</sup> Texto original: “*It triggers some of my fetishes. That makes it sexual and arousing in a very positive way. But the joy, creativity and physical activity are non-sexual to me, and I like that. The mixture of sexual and non-sexual is an aspect I appreciate*”.

lado sexual fique em outro plano:

“[...] o aspecto sexual fica em segundo plano e os laços estreitos da nossa união toma seu lugar<sup>228</sup>”.

Já um *switch* diz:

“Se fosse sexual, seria entre mim e um parceiro sexual/romântico que também gosta de vestir-se [*de pony*]. Seria, em nossas mentes, apenas dois animais cortejando/acasalando<sup>229</sup>”.

Outros *ponies* também só consideram a prática sexual se for uma cena de reprodução, numa interação *pony* com *pony*, às vezes de forma privada e em outras com ambos sendo controlados pelos seus treinadores. Um *pony* relata uma fantasia em que é forçado (colocando a palavra entre aspas) a reproduzir-se com uma *pony girl* com ambos vestindo o equipamento. Um treinador, que gostaria de uma cena de reprodução entre sua *pony* e um *pony* do gênero masculino explica porque isso não é possível:

“Mas acredito firmemente em jogos consensuais entre dois adultos consentidos e minha *pony* atual não está interessada em sexo casual com ninguém além de seu mestre<sup>230</sup>”.

A questão da consensualidade aparece relacionada aos jogos sexuais. Um garanhão (*stallion*) fala sobre viver suas fantasias sexuais com uma égua (*mare*) “[...] com os princípios básicos de consentimento, respeito e comunicação<sup>231</sup>”. Um *pony*, que considera *pony play* sexualmente excitante e fantasia em puxar uma charrete em via pública, usando shorts *kinky* só para estar legalmente coberto, se questiona a respeito do consentimento dos passantes:

---

<sup>228</sup> Texto original: “[...] *the sexual aspect fades into the background and the close ties our togetherness takes its place*”.

<sup>229</sup> Texto original: “*If it was sexual, it would be between myself and a sexual/romantic partner who also enjoys dressing up. It would be in our minds, just two animals courting/coupling*”.

<sup>230</sup> Texto original: “*But I firmly believe in consensual play between two consenting adults and my current pony is not interested in casual sex with anyone other than her master*”.

<sup>231</sup> Texto original: “[...] *with the underlying principles of consent, respect and communication*”.

“Eu me preocupo que isso possa estar empurrando meu fetiche [*kink*] para membros do público que não consentiram, então não tenho certeza se algum dia realizarei essa fantasia<sup>232</sup>”.

Um *switch* explica o que ele e seus parceiros fazem previamente à jogos sexuais envolvendo *pony play*:

“Negociamos que tipo de jogo sexual acontecerá e que tipo de jogo está fora dos limites<sup>233</sup>”.

Outro *pony* diz que, apesar de a prática ser excitante, ela não leva ao coito em si. As interações *pony* com *pony*, apesar de aparecerem com pouca frequência, estão quase que em sua totalidade relacionadas com *pony play* sexualmente excitante. Esse aspecto sexual está relacionado a cenas de reprodução, que não são detalhadas nos relatos de situações vividas, mas são nas fantasias:

“Gostaria de me imaginar como o garanhão premiado no estábulo do meu dono e um dia ele/ela me levaria a um lugar para me reproduzir com outro pônei [...]”<sup>234</sup>.

Nessa e em outras falas estão presentes interação *pony* com *pony* (reprodução) a também entre *pony* e humano (neste caso, seu dono). As interações exclusivas entre *pony* e humano foram mais frequentes, porém variam mais com relação a ser ou não sexualmente excitante. Quando são, em geral envolvem elementos BDSM, aparência ou itens de vestuário. Um *switch* diz:

“Tem sido excitante quando há aspectos BDSM. Quando sou ‘abusado’, quando o treinamento e os métodos são muito mais rígidos do que seria

---

<sup>232</sup> Texto original: “*i worry this might be pushing my kink on un-consenting members of the public, so i’m not sure about ever fulfilling this fantasy*”.

<sup>233</sup> Texto original: “*We have previously negotiated what type of sex-play will happen and what type of play is off-limits*”.

<sup>234</sup> Texto original: “*I’d like to imagine myself as the prized stud in my owner’s stable and one day he/she would have me taken to a place to breed another pony [...]*”.

aceitável para um cavalo de verdade<sup>235</sup>”.

Há relatos que listam aspectos BDSM nesse contexto. Um treinador relata gostar de torturar seu *pony* quando ele não se comporta. Há menções à controle do orgasmo do *pony*, à exposição, controle, objetificação, dentre outros. Às vezes misturam-se nas falas sobre interações excitantes entre humanos e *ponies* observações com relação à estética ou uso do equipamento. A visão do equipamento, para alguns, é excitante, com o visual chegando a ser o mais importante na prática. Um *pony* diz que o equipamento tem um “aspecto sexual” e que considera excitante não poder usar as mãos (luvas em formato de casco) e estar obrigado a obedecer. Um treinador também diz achar a visão do equipamento excitante. Outros se excitam pelo material do qual seu equipamento é feito, como por exemplo “couro brilhante” ou roupas de “borracha/látex”. Um *pony* descreve essa relação erótica com o equipamento de forma bastante íntima e sensorial, em especial em relação ao tato e ao olfato:

“A maneira como os *catsuits* que uso acariciam e apertam cada parte do meu corpo, junto com o aroma e a restrição dos arneses e máscaras de couro, com as sensações de minha crina e rabo roçando minhas costas e pernas me deixa sexualmente excitado<sup>236</sup>”.

O tato é o sentido ao qual os praticantes mais se referem. Isso aparece tanto com relação às sensações táteis do produzidas pelo equipamento, quanto em toques e carinhos vindos treinador ou trocados com outros *ponies*. Esses toques são descritos como em geral, mas nem sempre, excitantes. Um caso descrito como excitante é o de pele com pele numa condição de nudez:

“Quando tanto a cavaleira quanto o corcel estão nus – ou quase – há um maravilhoso e suado contato entre as peles<sup>237</sup>”.

---

<sup>235</sup> Texto original: “*It's being arousing when there are BDSM aspects. When I'm "abused", when the training and methods are way more strict than what would be acceptable for a real horse*”.

Texto original: “*It's being arousing when there are BDSM aspects. When I'm "abused", when the training and methods are way more strict than what would be acceptable for a real horse*”.

<sup>236</sup> Texto original: “*The way in which the catsuits i wear gentle caress and tighten every part of my body along with the aroma and restriction of the leather harnesses and masks with the sensations of my mane and tail brushing against my back and legs does make me feel sexually aroused*”.

<sup>237</sup> Texto original: “*When both rider and steed are naked - or nearly so - there is a wonderful, sweaty skin contact*”.

Há também a experiência tátil proporcionada pela ausência de equipamento e roupas, ou seja, pela nudez, também pode ser excitante. Um *pony* fala sobre quando “cavaleira e corcel” estão nus e há um “maravilhoso contato de peles suadas” enquanto ele emprega sua força e resistência para aumentar a estimulação sexual dela. Mas, um *pony* diz que usa uma peça de *lycra* para “não arriscar uma acusação de exibicionismo”, então voltando aos equipamentos, um treinador conta uma das suas experiências mais marcantes com *pony play*:

“Ter de fato tirado medidas de uma mulher para [fazer] arneses pela primeira vez<sup>238</sup>”.

Outro treinador fala que vestir uma *ponygirl* com o equipamento e exibi-la como sua é excitante. Mais um treinador gosta de fazer sua *ponygirl* usar uma fantasia de empregadinha, que deve incluir, “claro”, meias calças com liga, calcinhas de cetim e sapatos de salto alto. Vestir-se e o que se pode fazer vestido pode ser o ponto central da vivência de alguns *ponies*:

“Como pônei eu só me visto. Isso é divertido e me sinto lindo em roupas de *poy*. Também é excitante. Balançar o rabo é uma sensação tão boa<sup>239</sup>”.

Mas, diferentemente desse *pony*, há alguns participantes que dizem que “não há nada sexualmente excitante em *pony play*”. As falas em geral são curtas. Um deles explica que, sendo assexual, nada é sexualmente excitante. Outros explicam que é um *headspace* diferente ou que se baseiam em cavalos reais. Uma treinadora parece ter um prazer bastante específico com a prática:

“Não é uma coisa sexual para mim. Adoro pegar um *pony* e, com apenas sinais não verbais, levá-lo a fazer exatamente o que eu quero que faça<sup>240</sup>”.

Uma dominadora profissional diz:

---

<sup>238</sup> Texto original: “*Actually fitting out a female for harness for the first time*”.

<sup>239</sup> Texto original: “*As pony I only dress up. That's fun and I feel beautiful in pony gear. Also, it's arousing. Wiggling a tail is just such a nice feeling*”.

<sup>240</sup> Texto original: “*It is not a sexual thing for me. I love taking a pony and with only non-verbal signals get them to do exactly what I want them to do*”.

“Sou uma Dominatrix. Não fico sexualmente excitada por nenhum dos meus subs/escravos ou *ponies* que se envolvem comigo nas sessões. Tenho um parceiro de vida que satisfaz completamente minha natureza carnal<sup>241</sup>”.

Aí entramos no tema Parceiros. No caso dessa dominadora, ela tem um parceiro fixo, com quem tem intimidades sexuais e seus parceiros para práticas *kinky* e BDSM, que envolvem *pony play*. Mas pode haver uma natureza afetiva na relação com os parceiros:

“Existe uma natureza afetuosa entre mim e a maioria dos meus parceiros de jogo [*play partners*] regulares fazer carinho com os focinhos e abraços / afagos, mas normalmente não há um componente sexual<sup>242</sup>”.

Os termos parceiro (*partner*) e parceiro de jogo (*play partner*) são bastante usados nas falas dessa categoria. Parceiros são apresentados em configurações diversas, desde os ocasionais, passando por fixos e íntimos, com possibilidade de interação sexual ou não. Os participantes podem ter parceiros com quem tem uma relação e praticar *pony play* com outros parceiros. É citada uma rede de parceiros:

“[...] Conheci minha polícula (individualmente um de cada vez) por meio de eventos de *pony*, assim como minha esposa. Estes são parceiros comprometidos e duradouros que tenho a sorte de ter em minha vida<sup>243</sup>”.

Polícula, junção de poliamor com molécula, é um nome dado a uma rede de relações poliamorosas (THOMPSON, 2022). Neste caso, um *pony* foi conhecendo um a um dos

---

<sup>241</sup> Texto original: “*I am a Dominatrix. I am not sexually aroused by any of my subs/slaves or Ponies that engage with me in sessions. I have a life partner that completely satisfies my carnal nature*”.

<sup>242</sup> Texto original: “*There is an affectionate nature between me and most of my regular play-partners of nuzzling and hugs/pets, but there typically isn't a sexual component*”.

<sup>243</sup> Texto original: “*[...] I have met my polycule (individually one at a time) through pony events, as well as my spouse. These are committed, lifelong partners who I'm lucky to have in my life*”.

parceiros de sua rede poliamorosa em eventos de *pony play*. Os parceiros podem ser pessoas próximas ou pouco conhecidas:

“Também jogo muito *pony play* com *kinksters* com quem não tenho um relacionamento próximo e com os quais não faço brincadeiras sexuais<sup>244</sup>”.

Há uma fala expressando o desejo por mais parceiros e estes, inclusive, podem variar em gênero e propensão a abertura para intimidade sexual, como na fala de outro *pony*:

“Posso ficar excitado e dar boas-vindas a um algo sexual quando está disponível, principalmente com mulheres e parceiras femininas, mas faço algumas coisas íntimas com homens<sup>245</sup>”.

As parcerias também podem se desenvolver com o tempo, inclusive com um aprendizado de tolerância com hábitos sexuais alheios:

“Acho que nosso relacionamento ficou mais íntimo com o tempo, mais aberto. E nós dois aprendemos a ser mais tolerantes com hábitos sexuais que não são nossos preferidos<sup>246</sup>”.

---

<sup>244</sup> Texto original: “*Also I do a lot of pony play with kinksters with whom I don't have a close relationship and don't do sexual play with*”.

<sup>245</sup> Texto original: “*I can get aroused and welcome a sexual component when it's available, mostly with women and female presenting partners, but do some intimate things with males*”.

<sup>246</sup> Texto original: “*I think our relationship grew more intimate through time, more open. And we both learned to be more tolerant towards sexual habits that are not our favorites*”.

## 6 DISCUSSÃO

Pretendo começar apresentando um resumo das seis categorias temáticas que surgiram em nossa análise a partir dos depoimentos coletados. Essas categorias compartilham semelhanças com a visão de Langdridge e Lawson (2019) sobre as principais razões pelas quais as pessoas se envolvem com *puppy play*, outra forma de *role play* animal: prazer sexual, relaxamento, terapia e escapismo de si mesmo, brincadeira adulta e fisicalidade vibrante, ampliação e expressão da individualidade, bem como relacionamentos e comunidade. Embora essas cinco razões sejam destacadas individualmente, é importante ressaltar que elas se entrelaçam de maneiras variadas em todas as categorias temáticas identificadas, tornando essa divisão uma simplificação da complexidade das motivações e experiências presentes no contexto do pony play.

1. **atividades em espaços amplos:** engloba uma variedade de atividades e papéis no contexto do *pony play*. Foram citados eventos contemplam atividades de tração, competições, treinos, apresentações ensaiadas, festas, montaria e adestramento. Essas atividades exigem espaços amplos por se basearem no percurso de longas distâncias, exigirem equipamentos grandes ou pela quantidade de participantes. Foram citadas atividades em duplas, trios ou com diversos *ponies* envolvidos. Vestuário e equipamento desempenham um papel importante, incluindo vendas. Praticantes citam prazer em serem vistos ou em exibirem seus *ponies*, Fotografias sugerem uma valorização estética e documentação visual das práticas. Elementos de restrição estiveram presentes, às vezes relacionados à objetificação do *pony*, apontando uma dimensão de controle e submissão. A duração das atividades e o desejo de prolongar a experiência também foram citados. Os subtemas dessa categoria temática foram *tipos de atividades, papéis, espaços públicos, vestuário e equipamento, tempo e restrição*;
2. **dança entre humano e *pony*:** na interação sinérgica entre treinador e *pony*, o treinador assume o papel de condutor, direcionando o *pony* por meio de gestos, ações e palavras específicas. Já o *pony*, responde aos estímulos, num espectro que vai desde uma reação espontânea até obediência intencional. A interação requer atenção mútua contínua e se dá em constante transformação. Os *ponies* relatam uma distinção clara entre ser humano, caracterizado pelo pensamento, e ser *pony*, caracterizado por um foco na ação, no momento presente e maior conexão com reações espontâneas. O treinador, humano,

pensa e planeja, mas também experiêcia um aumento de foco no momento presente. O mundo dos cavalos reais são referência para as ações. Os subtemas dessa categoria foram: *controle e obediência, humano x pony, atenção ao outro e cavalos reais*;

3. **férias para o cérebro:** essa categoria apresenta uma forma de escapar das preocupações cotidianas, mergulhando em um mundo lúdico e imaginativo que oferece relaxamento mental e físico. Há uma ênfase na transformação para um "*headspace*" distinto e aspectos relacionados a estados mentais. A fisicalidade da prática se mostrou em relatos de atividades físicas intensas e na atenção direcionada ao corpo. Equipamentos, como máscaras, arneses e vestimentas, são valorizados como componentes da transformação. Falas sobre dimensões espirituais da prática estão presentes. Também há conexão com outros interesses fetichistas e práticas BDSM, como poder, *bondage* e controle. As menções a cavalos reais e o tratamento correspondente indicam novamente o cavalo como referência. Os subtemas dessa categoria foram: *mente, fisicalidade, equipamento, associação de kinks e cavalo*;
4. **pony play e BDSM:** os equipamentos citados têm associações com práticas sadomasoquistas e relações de poder, desempenhando um papel significativo na criação de uma atmosfera de poder, nas experiências eróticas e sensoriais. A disciplina é uma parte fundamental dessas práticas, envolvendo regras, punições e controle por parte do dominante. Os papéis relacionam-se com dinâmicas de poder e controle, onde o dominante exerce autoridade sobre o submisso. Elementos de humilhação, exposição e desumanização estão presentes, incluindo o submisso ser tratado como um objeto ou exposto publicamente. Fetiches são tidos como importantes para a prática, inclusive a fetichização figura feminina. Usos e reações dos genitais como estimulação, orgasmo e a utilização de brinquedos sexuais, também são citados. Por fim, a montaria é a atividade mais prevalente nessa categoria. Os subtemas dessa categoria foram: *equipamentos, papéis, formas de ser visto, fetiche, disciplina, usos e reações dos genitais e montaria*;
5. **continuação do caminho:** essa categoria traz jornadas e processos de progressão e crescimento em diferentes aspectos da vida. Também aborda como a vida *pony play* e vida BDSM afetam uma a outra, se integram e de que forma *pony play* pode ser uma continuação de algo que já era vivido. São mencionadas também exploração e aceitação

da própria identidade e sexualidade, integração de novas facetas da personalidade, transformações pessoais, aumento da autoconfiança, processos de cura, impacto positivo rumo a uma abertura para relacionamentos mais autênticos e formação de comunidades em torno da prática. A progressão de fantasia a realidade também é abordada. Os subtemas dessa categoria foram: *mudanças em si mesmo, expansão dos relacionamentos, pony play e vida baunilha e trazendo à vida fantasias e planos*;

6. **sexualidade e intimidade:** essa categoria trata das interações sexuais e da intimidade em torno da prática de *pony play*. A ocorrência de excitação sexual demonstrou ser complexa, podendo aparecer em diferentes configurações, momentos e nuances. Para alguns, não há nada de sexualmente excitante no jogo. Excitação sexual sempre presente foi associada a elementos BDSM, cenas de reprodução, falas sobre consentimento e menção a parceiras femininas. Diversas configurações de parceria se mostraram possíveis, variando em relação a estabilidade, número de parceiros e modalidades de relação. Roupas de látex, couro e a presença de rabos foram citadas, com uma ênfase na sensorialidade. Os subtemas dessa categoria foram: *Excitante ou não?, parceiros, aparência e indumentária e tato e outros sentidos*.

Algumas pessoas envolvidas com *pony play* referiram-se à atividade como semelhante a brincar de faz de conta e atribuíram a ela um poder motivacional para exercer tarefas do cotidiano. Brown e Vaughan (2009) afirmam que brincar está presente no mundo adulto. Carter (2022), por sua vez, afirma que brincadeiras não implicam em pura liberdade de ação e Paasonen (2018, p.538) diz a atuação em um cenário lúdico se dá “sob um conjunto de regras e diretrizes mais ou menos claramente definidas”. Shahbaz e Chirinos (2017), Easton e Liszt (2000) e Kaak (2016) afirmam que nas culturas *kinky*, as atividades exigem negociação prévia e estabelecimento de limites. Esses fatores visam garantir a consensualidade das práticas e fazem parte, segundo Jozifkova (2013) e Kieran e Sheff (2016), do que diferencia BDSM de violência.

Falas sobre regras e acordos estão presentes no tema *Sexualidade e intimidade*, sob o código formador *consentimento*. Uma delas traz a preocupação não só com o consentimento dos participantes da atividade, mas também o da sociedade, que ocupa o espaço público e não está participando da atividade. *Aftercare* foi citado em uma fala na categoria temática *Continuação do caminho* e em duas na *Sexualidade e intimidade*, como parte de uma lista de

atividades, mas sem nenhum detalhamento. Na categoria *Pony play* e BDSM um treinador cita alguns processos e equipamentos de segurança e na categoria *Dança entre humano e pony*, outro treinador sobre a necessidade de prestar atenção ao *pony* e ao redor dele para perceber se há algo perigoso que ele possa não estar vendo. Estas falas estão em consonância com a inclusão que Newmahr (2010) faz da especialização técnica e entendimento de comunicação não verbal como pontos necessários para a manutenção da consensualidade. Apesar das menções a essas preocupações, não estiveram presentes falas sobre acidentes ou violações de consentimento, situações mencionadas por Holt (2016, 2018).

Levando em conta apenas as falas dos participantes da pesquisa, não há indícios de que a vivência de *pony play* esteja relacionada por si só a alguma patologia sexual. Segundo Jung (2014h), a sexualidade seria uma função psíquica importante, bastante ramificada. Essa parte do *Self*, por tanto, nem sempre está constelada em grandes ereções do pênis ou clitóris. O que é tido como erótico pelos participantes não é a adoção do papel do cavalo em si, mas o que se pode ser vivido em termos humanos por meio da atividade. Inclusive, como afirma Wilcox (2013), no caso dos *ponies* que entram em um *headspace* e de seus treinadores, a sexualidade pode estar presente em jogos de reprodução, em que dois *ponies*, às vezes acompanhados e guiados por treinadores, simulam uma cena de acasalamento entre cavalos. Ademais, as possibilidades de erotismo, tanto no sentido de excitação quanto no de vínculo se mostraram bastante variadas. Temos o caso de um treinador que se casa com uma de suas *ponygirls*, o de um *pony* que levou sua noiva para o altar, os de pessoas em relacionamentos poliamorosos, daqueles que pagam dominadoras profissionais, de uma dominadora que tem intimidade sexual com parceiro físico e praticas BDSM com seus clientes, dos que mantém uma relação D/s ou M/s, de pessoas que se divorciam ao perceberem uma impossibilidade de conciliar necessidades sexuais e de estruturas de relacionamento, de pessoas com parceiros ocasionais e dos que misturam e os que não componentes sexuais à brincadeira.

As falas parecem evidenciar, portanto, várias subculturas dentro do espectro de praticantes de *pony play*, tal como apresenta Wilcox (2013). A autora também fala sobre a diversidade com relação ao papel do erotismo e sexualidade nas práticas, o que se mostrou nos participantes dessa pesquisa. Com relação à sexualidade genital, foi na categoria temática *Pony play e BDSM* que ela se concentrou. Além das cenas de reprodução, os participantes tenderam a falar da presença de excitação sexual na presença de elementos BDSM nas práticas. A ocorrência de orgasmos apareceu, quase em sua totalidade, nas falas dos que praticam *pony play* na modalidade de montaria, cujo simbolismo, como visto anteriormente, remete às relações sexuais. As descrições, em alguns casos, frisam o contato entre os corpos e, em especial, da

pelve nas costas de quem é montado. Essa modalidade de *pony play* foi a que mais se destacou também na categoria *Pony play* e *BDSM*. Foram frequentes nas falas dos que vivem a prática com uma ênfase mais sexual descrições ricas sobre quais os aspectos envolvidos têm significado erótico.

Segundo Wilcox (2013, p. 226), pessoas brincam de cavalo por motivos variados, dentre eles “objetificação, exibicionismo, controle, negação, sexo, brincadeira, férias emocionais, escapismo, imaginação, comunidade, relacionamento, ser útil, serviço, força, beleza e autoexpressão<sup>247</sup>”. Essa variedade pode ser vista nas falas dos participantes. Mas podemos ver, segundo ela, uma diferença entre aqueles que se envolvem na atividade por motivos mais relacionados ao erotismo e aqueles que se entendem *ponies* como uma forma de identidade. Um dos *ponies*, por exemplo, relata que seu papel como *bonyboy*, i.e., homem fazendo o papel de um animal, pode ser sexual, enquanto *pony*, i.e., em um estado mental diferente, não. Danny, o Pônei Maravilha, faz uma observação bastante similar sobre o papel do erotismo nesses dois estilos possíveis de papel (BRAME; BRAME; JACOBS, 1993). Outro *pony* diz que ainda é humano durante a prática, mas um tipo inferior de humano. Para Englund (2020), o papel não humano adotado pelo homem o torna um subhumano, atribuindo a ele, pode exemplo, “não apenas desejo desenfreado, mas também uma suposta subserviência justificável à dominação humana<sup>248</sup>” (p. 154). Há diferenças, portanto, entre os efeitos psicológicos de brincar de cavalo nesses dois contextos. O papel do *ponyboy* se insere em um jogo de papéis estruturado pelas dinâmicas de poder percebidas na relação homem e cavalo, permeado por elementos *BDSM*. Nesse caso, o simbolismo do cavalo parece residir menos no papel do cavalo em si e mais na relação de domínio e controle. No caso do *pony* que entre em um outro estado mental, o simbolismo do cavalo aparece pela identificação com o animal.

Um dos participantes diz brincar de cavalo desde criança e segundo Clément-Wilz (IFDA, 2015) e Bright (2001), não é incomum que crianças, ao menos na cultura americana e francesa, brinquem de ser cavalos. Pawlowski (2016), em sua pesquisa sobre atividades físicas de crianças em recreio escolar, observou meninas brincando de imitar montar a cavalo e imitar adestramento de cavalo. Uma das meninas explica que elas pulam ou fazem movimentos de adestramento (*dressage*), utilizando as marcações no chão da quadra de futebol. A brincadeira de adestramento também aparece na categoria *Atividades em espaços amplos*, desta vez no

---

<sup>247</sup> Tradução livre de: “*objectification, exhibitionism, control, denial, sex, play time, emotional vacation, escape, increased imagination, community, relationship, usefulness, service, strength, beauty, and self-expression*” (WILCOX, 2013, p. 226).

<sup>248</sup> Tradução livre de: “*ascribing, for instance, to the animal not only unbridled lust but also a supposedly justifiable subservience to human domination*” (ENGLUND, 2020, p. 154).

mundo adulto. Carter (2022), por sua vez, coloca a brincadeira como uma atividade que possibilita a emergência de símbolos, observando que brincar proporciona uma espécie de estado onírico em que há uma conjunção entre o mundo material e a imaginação. Um dos *ponies* descreve esse estado, relatando o estado de euforia gerado por sua fantasia ser “trazida à vida”, vista e com possibilidade de expressão na realidade.

Carter (2022) também traz alguns paralelos entre brincar e sonhar, já que ambos são estados em que a mente pode se manifestar livre de demandas cotidianas e em ambas há uma redução do pensamento racional, o que pode explicar a ênfase dada por alguns dos nossos participantes na associação entre redução do pensamento racional, em especial na *Férias para o cérebro* e na mudança para um estado mais presente e mais focado, como aparece na *Dança entre humano e pony*. Panksepp e Biven (2012) fazem uma comparação semelhante, colocando ambos como promovedores de uma integração afetiva complexa. Dessa forma, *pony play* talvez se constitua para alguns, um meio de abertura para a função transcendente. Carter (p.1047), ao falar sobre um dos livros de Jung, observa que ele tinha uma habilidade de se envolver inteiramente com o ato de brincar, “incluindo mente, corpo e alma como um sistema coordenado [...]”, portanto movimentos corporais, usos do corpo e uso dos sentidos distintos do cotidiano fazem parte desse gesto. Levando em conta que mais de 50% da amostra tem algum grau de ensino superior e mais de 20% mestrado ou doutorado (tabela 4), talvez muitos deles passem a maior parte do dia sentados, realizando caminhadas curtas, usando essencialmente os dedos para digitar, mãos e braços para alcançar algum objeto e tons de voz específicos para comunicar-se. E, mesmo que não seja assim, dificilmente tratam pessoas como cavalo ou se portam como um para ganhar a vida.

Na categoria *Dança entre humano e pony*, controlar ou ter controlado os movimentos do corpo se mostra uma das características da prática para alguns dos participantes. Também há, para os *ponies*, uma redução dos pensamentos envolvidos com o controle de situações no cotidiano. Um dos participantes fala sobre o silenciamento de sua voz interna, outro que não muito se modifica, mas que sente um estado aumentado de presença. Outro diz que a única coisa a qual presta atenção é aos sinais de seu treinador pelo movimento do bridão na sua boca e outro fala sobre o prazer da fisicalidade e do exercício físico. Aqui surge uma diferenciação entre humano e cavalo, sendo o humano o que pensa e exerce controle e o cavalo aquele que reage. Essa diferenciação se mostra consonante com o simbolismo do par humano e cavalo como razão e instinto ou controle e impulso levantado por Chevalier e Gheerbrant (2020).

Um dos *ponies* fala que fica mais “fisicamente consciente”. É possível que os diferentes usos do corpo, da sensorialidade e dos estados psíquicos que acompanham esse uso durante a

prática do *pony play* faça com que essa atividade proporcione ao *ego* contato com diferentes conteúdos do *Self*. Ao invés do adoecimento ocasionado por uma persistente posição unilateral do *ego* (RAMOS, 2006), tem-se uma atividade que ajuda na regulação da psique. Segundo Jung (2014d), a sensação sensual coloca o homem em um estado de participação mística, dado que cria com o objeto sentido uma identidade parcial. Esse estado parece se produzir também entre *pony* e treinador, como pode-se ver na fala de um *pony* que diz que sua treinadora sabia perceber quando aumentar ou diminuir o ritmo das passadas durante o treino.

A participação mística também aparece na identificação com o cavalo, o que para alguns *ponies* tem sentido espiritual, algo citado por LeVay, Baldwin e Baldwin (2018), Carlström (2020), Baker (2018) e Kalder (2006) com relação à prática de BDSM. Um dos *ponies*, por exemplo, diz se tornar sua alma animal durante a prática. Outro diz ter uma forte identificação com os cavalos e a prática o faz sentir-se mais próximo. Na experiência do primeiro *pony*, ele e cavalo parecem ser uma coisa só. Mas o animal, nesse contexto, pode ser entendido como referência para algo interno, “trazido à vida pela observação e pela mímica” (Ramos *et al.*, 2005, p. 18). No par treinador e *pony*, o cavaleiro, treinador ou motorista da charrete pode estar atuando um *ego* forte, que dá direção e ritmo aos impulsos e reações instintivas do cavalo em si. Um *ego* rígido e implacável que domina e submete o instinto ao seu bel prazer, reinando soberano sobre ele. Um *ego* maternal, que cuida delicadamente do instinto, sentindo o que é necessário para equilibrá-lo. O *pony*, por outro lado, pode estar atuando um instinto livre, espontâneo, desinibido, como no caso dos *ponies* que brincam entre si. Talvez um instinto massacrado, que se sacrifica em nome de algo maior, como no caso dos *ponies* masoquistas. Quem sabe talvez um instinto solto a ser disciplinado e moldado para atuar de forma estruturada.

No documentário *Être Cheval*, Foxy Davis inicia o treinamento de uma *ponygirl* vendada, equipada com luvas, botas de cascos, cabeçada e rabo. Ele direciona os passos e direção dela por meio de rédeas e um chicote de mão. Antes de começar ele explica que *pony play* é “telepatia”, pois nenhuma das instruções dada a ela serão verbais. Repetidamente, nas falas dos participantes dessa pesquisa, vemos tanto de forma explícita quanto implícita o papel fundamental da comunicação não verbal durante as práticas de *pony play*. Mais de 94,25% da amostra (tabela 11) afirma se comunicar de forma não verbal ou parcialmente não verbal nesses momentos. No tema *Dança entre humano e pony*, aparecem falas sobre ler a linguagem corporal do *pony* e sobre reagir à sinais não verbais. Um dos treinadores diz gostar métodos utilizados no treinamento de cavalos reais e ver as pessoas que ele treina reagindo de formas que elas mesmas desconhecem. Ele acrescenta que gosta de comparar as reações das pessoas com as dos

cavalos. Segundo Carter (2022), a comunicação não verbal se dá por meio movimentos corporais, como expressões faciais e gestos, e esse tipo de ressonância pode constituir na brincadeira um espaço em que a persona utilizada no dia a dia e as expectativas sobre ela são alteradas, permitindo novos padrões de interação. Talvez daí o impacto transformador da brincadeira de cavalo relatado pelos participantes da pesquisa, tanto pontualmente quanto em mais longo prazo.

As mudanças na vida, em geral positivas, descritas por alguns dos participantes podem ser resultantes de uma ampliação de consciência. Segundo Thomas (2023a), Cascalheira *et al.* (2021) e Shahbaz e Chirinos (2017, p. 91), participantes de BDSM relatam experiências transformadoras. Shahbaz e Chirinos atribuem esse aspecto transformativo à três fatores: “(1) qualidades presentes à dor e sofrimento, (2) características das relações BDSM e (3) características da comunidade BDSM<sup>249</sup>”. Algumas falas dos participantes de nossa pesquisa citam processos de cura que teriam se dado com a prática de *pony play*. Cascalheira *et al.* descrevem experiências curativas com BDSM por vítimas de abuso (sexual, verbal, físico e emocional), assim como Sprott (2020) e Hammers (2014, 2019) também falam sobre o potencial transformador e curativo de práticas *kink*. Uma das formas em que essas práticas foram curativas foi por terem promovido autodescobertas e *insights* nos praticantes, algo também descrito por alguns praticantes na nossa pesquisa. Sob um olhar junguiano, segundo Thomas, seria fácil supor que BDSM pode ser parte do processo de individuação de algumas pessoas, assim como parece ser o caso para alguns *ponies* e treinadores.

Segundo Wilcox (2013), os que vivem o papel de *pony* como identidade, tendem a gostar de conviver em comunidade, em manadas (termo usado por ela e por alguns *ponies* dessa pesquisa) e muitas vezes dedicam-se a organizar shows e passeios em grupos. Isso pode ser observado na categoria *Atividades em espaços amplos* e na categoria *Continuação do caminho*. Nesta última categoria são relatadas, como consequência do envolvimento com *pony play*, descrições de abertura para o mundo externo, tais como ampliação do círculo social, das amizades, aumento da disponibilidade para se engajar em novas atividades, desinibição e até mesmo como viagens e trocas em outros lugares. O cavalo como símbolo de uma extroversão expansionista (HILLMAN, 1997) parece caber aqui ou até mesmo na ideia de comprar uma casa com quintal maior.

---

<sup>249</sup> Tradução livre de: “(1) *qualities inherent in pain and suffering*, (2) *characteristics in BDSM relationships*, and (3) *characteristics of BDSM community*” (SHAHBAZ; CHIRINOS, 2017, p. 91).

Mais da metade (66,67%) dos participantes dessa pesquisa afirma que amigos próximos estão cientes do seu envolvimento com *pony play* e 10,35% dizem que ninguém sabe de seu envolvimento. Segundo Bezreh *et al.* (2012), Brown *et al.* (2022) e Graham *et al.*, (2016), revelar o próprio envolvimento com BDSM aumenta o senso de pertencimento, o que se correlaciona negativamente com ideação suicida. Um dos fatores relacionado com sentir-se não pertencente, segundo Bezreh *et al.*, é a vergonha, o oposto do cavalo extrovertido que se move de forma ativa, tal qual a descrição de alguns *ponies* na categoria *Dança entre humano e pony* que conta ter se esforçado para andar assim em obediência aos comandos da dominadora. Dado que alguns *ponies* descrevem uma postura socialmente mais retraída, talvez tenhamos aí Alexandre o Grande apontando Bucéfalo em direção ao sol (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). Ou, talvez aquele que faça o papel de *pony* possa entrar em contato com o cavalo forte em si que compense seu lado tímido, tal como no folclore mineiro (RAMOS *et al.*, 2005). Segundo Ramos *et al.* (p.18), representar o papel do animal “transforma o animal em um meio de acesso aos instintos e de ampliação da consciência”.

Essa pluralidade de vivências e relações possíveis implica numa diversidade de papéis, ou seja, de nuances de persona que a brincadeira pode ajudar a explorar. Bienvenue e Chare (2022) afirmam que o envolvimento com *pony play* oferece um *headspace* que permite a exploração da sexualidade e do gênero. De forma consonante, alguns participantes, em especial nas categorias temáticas *Continuação do caminho* e *Sexualidade e intimidade*, afirmaram terem descoberto alguns aspectos da própria sexualidade, inclusive uma identidade de gênero trans. Paasonen (2018, p.544) também afirma que jogos sexuais de papéis nos transformam e que a identidade sexual está em uma “constante, mais ou menos sutil transformação”. Dessa forma, podemos entender a sexualidade como uma das dimensões do processo de individuação, pois segundo Franz (2008, p. 211), a individuação seria “um processo lento e imperceptível de crescimento psíquico”. Talvez possamos falar de individuação sexual, nome de um dos capítulos do livro de Santana (2016). Segundo Jung (2014f), fantasias são produções simbólicas, dessa forma podemos, portanto, pensar nas fantasias com *pony play* descritas por nossos participantes também como produtos do *Self* e partes do processo de individuação. A realização dessas fantasias de forma ritualizada, como geralmente são as práticas BDSM segundo Shahbaz e Chirinos (2017), seria o símbolo em ação, tal como Jung (2014f) fala a respeito dos rituais.

Segundo Shahbaz e Chirinos (2017), práticas BDSM, com todo o seu simbolismo, é um convite a uma relação mais próxima com a sombra. O sadismo físico esperado de um dominador, por exemplo, é bastante diferente da delicadeza e tolerância exigida em uma

paternidade amorosa, assim como a submissão esperada do cavalo é bastante diferente do grau de controle esperado de um engenheiro elétrico, que pode fazer uma casa pegar fogo se falhar em seu planejamento. Estar no papel de um cavaleiro permite controlar uma mulher e ter sua total submissão. Por outro lado, tal relação com o corpo feminino não condiz com o papel de um cidadão civilizado e respeitoso para com as mulheres. Brame, Brame e Jacobs (1993) afirmam, de forma semelhante, que submissos em práticas SM frequentemente são o oposto do que exercem no cotidiano.

Um dos *ponies* diz que na prática de *pony play* não põe a máscara de um cavalo e sim retira sua máscara humana, ou seja, ele deixa de ter que agir como um humano adaptado à sociedade e adota uma persona diferente, que talvez permita ressoar algo de si mesmo, ao qual atribui uma maior autenticidade e que encontra nessa prática um meio de expressão. Outros participantes falam de estar no papel de treinador, no papel de *pony*, usando exatamente a palavra papel. Jung (2014e) relembra que no ritual do totem usa-se máscaras como forma tanto de exaltação quanto de transformação da personalidade. Ao identificar-se com essa máscara, ou seja, com o papel a ser performado, o indivíduo é afastado da psique coletiva. Uma fala que mostra o que é dito por Jung é a de um *pony* que diz gostar dessa outra forma de estar, intelectualmente mais simplificada e não dependente de regras sociais, mas talvez mais rica em outros termos.

Para Brame, Brame e Jacobs (1993), jogos de despersonalização como o *pony play* podem oferecer uma liberação das regras que delimitam quais comportamentos um humano deve ter. Para Wood (2009) as máscaras podem trazer a sensação do anonimato. O *top* não pode ver o rosto do *bottom*, nem as suas expressões. Elas também distanciam o *bottom* da própria identidade. Na categoria temática *Continuação do caminho*, vemos casos em que os participantes descrevem uma transformação na vida baunilha a partir das vivências com *pony play*, como se percebessem de que forma essa prática participa de sua própria individuação. Outros também descrevem a prática como uma continuação de algo que já estava presente em sua vida, como brincar de *pony* na infância ou explorar outro aspecto de uma relação de dominação e submissão.

Um aspecto que pode ser visto nos papéis descritos pelos participantes nas brincadeiras de cavalo é a configuração em pares de opostos, tais como descreve Thomas (2023a), em especial quando se trata de um contexto mais BDSM. Não existe o treinador dominador sem um *pony* submisso, um *pony* masoquista sem um dominador sádico, um treinador dono sem um *pony* escravo. Ainda segundo o autor, bem e mal não estão separados nessa sizígia entre os participantes. Os papéis de *bottom* e *top*, tal como no estudo de Ambler *et al.* (2017),

implicaram em semelhanças respectivamente com a hipótese de hipofrontalidade transitória, de Dietrich (2003), e a de *flow*, de Csikszentmihalyi (1991). Na categoria *Dança entre humano e pony* e *Férias para o cérebro*, nas quais encontram-se relatos sobre aumento de foco, de sensação de estar no presente e diminuição de inibição social em *bottoms*. Da mesma forma, alguns treinadores descreveram brincar de cavalo, na categoria temática *Dança entre humano e pony*, como uma atividade em que se presta menos atenção a si mesmo do que o normal, grande atenção na tarefa e objetivos claros. Na categoria *Pony play e BDSM*, há relatos sobre o prazer de exercer controle e falas nas quais os treinadores demonstram autoconfiança na forma com que conduzem suas práticas de *pony play* (equilíbrio desafio-habilidade). Os sujeitos da pesquisa de Ambler *et al.*, adotando o papel de *bottom* também relataram alterações consciência com o estado de *flow*, com exceção das dimensões Equilíbrio Desafio-Habilidade, Objetivos Claros e Feedback Imediato, todas as três relacionadas com a ideia de performance. Algo análogo se mostrou na prática de *pony play*. Porém, os *ponies* parecem estar livres do medo de que algo de errado (a característica do *flow* Controle absoluto das ações) devido ao controle estar nas mãos do treinador.

Apenas 29 dos 87 sujeitos declararam adotar somente papéis de *bottom* ou *top* tanto nas dimensões *pony play* quanto em outros contextos BDSM. Isso significa que cerca de 58 podem experimentar situações nas duas polaridades, o que hipoteticamente permitira a eles explorar diferentes estilos de estado de consciência em práticas *kinky*. Santana (2016, p.134) relata experiências de consultório em que a possibilidade de adotar papéis diferentes pode permitir entrar em contato com dimensões arquetípicas distintas das consolidadas no cotidiano e reavivar a vida sexual. Ele conta de um casal em que um dos parceiros gostaria que o outro fosse mais dominador sexualmente, o que não acontecia. Isso mudou quando foram a uma festa a fantasia “fantasiados como personagens que, sem saberem, convidaram diferentes dimensões arquetípicas para suas psiques e sua cama”<sup>250</sup>. O que não sabia dominar foi vestido de um personagem fora da lei, o que o convidou a experimentar um lado mais ousado e dominante sexualmente. Em consonância com essa situação, uma das participantes diz que o equipamento é “uma introdução para um outro ser”. Na brincadeira de cavalo, também o equipamento pode ter uma função importante na transformação da personalidade descrita por Jung (2014e) e relatada pelos participantes dessa pesquisa, que permeia a categoria temática *Férias para o cérebro*. Um *pony* descreve que colocar o equipamento é um ritual relaxante de transformação,

---

<sup>250</sup> Tradução livre de: “*dressed up as characters that, quite unknowingly, had invited different archetypal dimensions into their psyches and their bedroom*” (SANTANA, 2016, p. 134).

que lhe permite tornar-se sua alma animal, livrar-se de tensão muscular e desconfiança de pessoas.

Alguns desses rituais de transformação podem ser vistos no documentário *Être Cheval*. No primeiro treino de Karen, um *ponygirl*, o treinador Foxy Davis separa os equipamentos que irá utilizar, enquanto ela se veste e se maquia. Na próxima cena, Foxy Davis aparenta estar em pé e Karen pode ser vista em um nível mais baixo. Nessa posição, ele conversa brevemente sobre o desejo dela de ser treinada, sobre como funcionará treinamento e explica o significado com que algumas palavras são usadas por ele. Ele olha para baixo e ela para cima, respondendo-lhe sempre com um “sim, senhor”. Ao fim dessa conversa ele começa um longo processo de colocar o equipamento e, a partir daí, continua suas ações, mas sem dirigir mais a palavra a ela. Ele então conversa com o diretor do documentário “Estou transformando Karen na *pony Starfighter*. Pouco a pouco...mais e mais da humana irá desaparecer e mais e mais do *pony* irá surgir<sup>251</sup>” (ÊTRE cheval, 2015). Karen não pode mais usar as mãos, que estão dentro de luvas em formato de casco, e não pode mais usar os pés da mesma forma, pois está calçada com botas em formato de casco, com um salto fantasma, que a faz ter de se equilibrar na ponta dos pés.

De forma semelhante, um dos participantes diz que o equipamento o força a outra forma de se movimentar e restringe seus sentidos. Lenkeit (2018) faz uma afirmação semelhante com relação aos saltos altos e DeMello (2009) fala sobre a mobilidade reduzida que botas fetichistas ocasionam, de forma semelhante à fala de uma *ponygirl* em entrevista para o *Channel 4* (2018), que diz que suas botas de *pony* a forçam a determinados movimentos. Outro *pony* aponta a maneira diferente com que os outros reagem a ele quando usa o equipamento, outro fala do estado de transe que experimenta em que só presta atenção aos sinais dados por meio do bridão encaixado em sua boca. Um treinador fala de como deixa de ver um ser humano na sua frente e outro, da expectativa de que o equipamento chegue para poder transformar sua namorada em uma *pony* de borracha (látex), o que o lhe permitirá treiná-la (afinal, não se treina namoradas). A alteração significativa da imagem da pessoa que ocupa o lugar de *pony* e, portanto, de como os outros reagem a ele, mais as alterações na movimentação e na sensorialidade podem, em conjunto, configurar uma experiência consideravelmente distinta do dia a dia. Assim, a transformação da persona, que se dá em menor grau no treinador e em maior no *pony*, também pode ser composta pelas alterações físicas e relacionais que o equipamento proporciona.

---

<sup>251</sup> Tradução livre de: “I like the visual image of the pony becoming my play toy, my horse. I’m transforming Karen in to pony Starfighter. Slowly but surely...more and more of the human will disappear, more and more of the pony will come out” (ÊTRE cheval, 2015).

Aplicando a visão de Kaldera (2006) e Shahbraz e Chirinos (2017), podemos entender uma sessão de *pony play* como um ritual ou como uma brincadeira com características rituais. Na primeira cena de treinamento de *Être Cheval* entre o treinador Foxy Davis e a *ponygirl* Karen, o ajoelhar-se dela marca o início do ritual. Esse momento demarca nitidamente uma diferença de autoridade, confirmado pelo pronome de tratamento “senhor”, que Karen passa a usar para se dirigir ao treinador. O ato dele colocar o equipamento nela, marca a transição de Karen de ser humano, para ser *pony*. Ele explica: “Gosto de ver a imagem do *pony* se transformando no meu brinquedo, no meu cavalo” (ÊTRE cheval, 2015). Pegar as rédeas, ou seja, assumir a condução, o direcionamento do cavalo, juntamente com o chicote, o poder de infligir castigos, marca o início do treinamento. Ser chicoteado só para que se mova e não poder falar é, para um dos *ponies*, o que faz dele um “verdadeiro animal”. Durante a transformação de Karen em *pony*, a partir do momento em que o bridão é encaixado em sua boca ela não pode mais falar. Esse equipamento pode servir como freio para o impulso do cavalo e como forma de comunicação entre treinador e *pony*. Um dos *ponies* diz seguir os movimentos sutis do bridão em sua boca e, durante as cenas do treino de Karen, Foxy Davis a guia segurando as rédeas, que por sua vez movimentam o bridão em sua boca. Mas, para além de freio e forma de comunicação, essa peça do equipamento também funciona como mordaca, dificultando ou até talvez mesmo impedindo a fala dos *ponies*. A fala foi colocada por alguns dos participantes como algo que diferencia ser humano de ser *pony*.

Simbolicamente, falar remete à capacidade de organizar por meio da razão. Ela traz a possibilidade de elevar, construir, mas também de destruir, como no caso de quando se usa xingamentos. O treinador, portanto, tem na boca esta palavra, enquanto no caso do *pony* esse poder é retirado. Em alguns rituais de sociedades secretas, aquele que está sendo iniciado é amordaçado. Nesse caso, não poder falar implica em respeitar um segredo. E assim como o cego pode representar um clarividente, que enxerga aquilo que os outros não veem, aquele que não fala pode ser visto como poeta de uma linguagem que não é a banal (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). O *pony*, nesse sentido, pode estar sendo submetido a um ritual em que presencia um mistério que poderia se desfazer com as palavras do cotidiano. Mistério, por sua vez, é uma das características do numinoso (BENCHÍN, 2022).

Como dito anteriormente, Kaldera (2006) diz que uma cena BDSM, que ele equipara a um ritual, termina com os participantes sendo trazidos de volta ao normal. O autor também afirma que há delimitações para o começo e o fim da cena. O fim da cena é delimitado pela retirada do equipamento. Karen está de quatro no chão e quando o equipamento sai de sua boca ela volta a falar. À medida que o equipamento vai sendo retirado, o treinador Foxy vai falando

de forma mais descontraída. Ao fim, a desigualdade hierárquica entre eles é encerrada: de pé e olhando um para o outro no mesmo nível, ele diz a ela que foi muito bem e em seguida lhe dá um selinho carinhoso e brincalhão. A fala do *pony* que diz ter ficado preso entre ser humano e ser *pony* ao fim de um passeio, conseguindo entender a linguagem humana, mas sem conseguir responder por meio de palavras, indica que mudanças psicológicas podem acompanhar os momentos desse ritual. Isso pode ser mais evidente no caso daqueles que relatam um *headspace* (estado de consciência) diferente ao estar no papel. Ao fim de um dos treinamentos, Karen fala ao diretor do documentário que tem que voltar para a terra, pois está completamente desorientada. Ela explica que, com o equipamento e ainda fechando os olhos, perde completamente sua capacidade de orientação e que o treinamento se assemelha a uma experiência de privação sensorial, que traz uma sensação de estranhamento quando tudo volta ao normal (ÊTRE cheval, 2015).

Segundo Jung, (2014f), cerimônias muitas vezes complexas servem para desviar a libido de seu fluxo cotidiano. Como podemos ver nas falas dos participantes e na fala de Karen, do documentário, as modificações feitas no corpo, seja em sua aparência, em suas sensações ou movimento, são parte indissociável dessas cerimônias ou rituais. Voltando ao tópico da desorientação da Karen, para Easton e Liszt (2000), Harrington (2006), Moser (1989) e Wood (2009), atividades de privação sensorial são aquelas em que algum sentido do *bottom* é retirado pelo *top* por meio de vendas, abafadores de ouvido, máscaras, mordanças, bridões, algemas, formas de *bondage* que restringem o tato como por exemplo a mumificação<sup>252</sup>, algemas e até mesmo caixas que isolam o *bottom* do ambiente externo. Moser (1989) afirma que é um tipo de prática que aumenta a sensação de vulnerabilidade, assim como Karen, em *Être Cheval*, diz que para ela *pony play* equivale a aprender a estar frágil. Para More (1989), essa vulnerabilidade está relacionada a não conseguir prever algumas situações, talvez por isso Foxy Davis vende seus *ponies* para que estes não antecipem o que ele irá fazer e sejam obrigados a se guiar completamente pelos sinais que ele dá por meio do equipamento.

Para Wood (2009), o aumento de vulnerabilidade se dá pela diminuição da capacidade de se orientar por meio dos sentidos, o que aumentaria a dependência do *bottom* e promoveria a construção da confiança, que é componente importante de uma relação BDSM segundo Newmahr (2011), entre ele e *top*. Nas falas de alguns dos *ponies* dessa pesquisa, surge o prazer de estar dependente, vulnerável ou de ser orientado, assim como descrevem LeVay, Baldwin e

---

<sup>252</sup> Prática de *bondage* extremo em que o corpo do *bottom* é completamente coberto e imobilizado com plástico filme, fita adesiva, bandagem veterinária ou outros materiais (KINKLY, 2022).

Baldwin (2018) sobre a relação do *bottom* e *top* em uma prática BDSM e do vínculo positivo ao qual essa sensação pode estar associada. Pode-se atribuir à prática uma possibilidade de viver uma dependência e confiança mais intensa que nas relações adultas do cotidiano, talvez como uma compensação para o grau de autonomia que a vida adulta contemporânea exige, de forma semelhante a Zussman e Pierce (1998) que colocam estar restrito como o equivalente psicológico ao estado de um bebê completamente dependente. A ideia de estar despersonalizado, ou seja, deixar de ser humano, também é em si uma espécie de entrega, segundo Brame, Brame e Jacobs (1993).

Voltando aos equipamentos, estes apareceram relacionados à transformação em *pony*, como instrumentos, mas foram mais citados na categoria *Pony play* e BDSM. Cowan (1985, p. 103) chama a atenção para a importância do instrumento nas fantasias de masoquistas, chamando-os de “instrumentos de tortura”. Para ela, esses objetos tornam-se objetos rituais, numinosos. Colman (2011) descreve casos de consultório em que objetos trazidos pelos pacientes acabaram ganhando um aspecto ritualístico e numinoso, tornando-se bastante significativos no processo analítico. Em um deles uma mulher que sofrera um trauma ao ser separada da babá teve uma pausa da terapia. Ela volta depois com uma pedra, a qual ela havia se segurado na ausência do terapeuta. A pedra tinha relação com um sonho e com o dia em que ela se agarrou à babá, tentando evitar a separação. Ela deu a pedra ao terapeuta, que aceitou e ela passou a fazer parte das sessões como em um ritual.

Os objetos ganham especial destaque na categoria temática *Pony play e BDSM*, com uma série de descrições enfatizando a importância de instrumentos, em especial os equestres, e indumentárias, inclusive atribuindo a palavra “fetiche” para se referir a eles. Colman (2011) afirma que Jung não disse que é necessário um caminho verbal para compreender algo que veio à consciência, logo, as produções simbólicas podem ter um caráter mais indeterminado, como no caso de desenhar, esculpir ou pintar como forma de esclarecer o conteúdo de algum sonho. Os objetos descritos pelos participantes possuem, portanto, importância psicológica assim como a pedra da paciente de Colman ou a cruz para um cristão. Danny, o Pônei Maravilha, observa que na sua experiência são os objetos que trazem a sensação erótica a respeito da mulher, não a mulher em si (Brame, Brame e Jacobs, 1993). Fazendo uma comparação com a vida fora dos fetiches, a minisaia e o salto alto, instrumentos de restrição que limitam os movimentos da mulher, também podem ser investidos de propriedades quase que mágicas. Propriedades acrescidas no caso das que conseguem andar com a “crina” balançando, aparentando facilidade e ausência de dor apesar de todo o desconforto que esse *bondage* socialmente aceitável pode trazer.

Segundo Wilcox (2013), o equipamento de *pony play* é em boa parte equipamento de restrição. Esse elemento foi citado diretamente ou permeava falas sobre equipamentos, fantasias de captura e cativo e no controle exercido no *pony* pelo treinador. Os arneses e cordas são instrumentos de controle e domínio usados para guiar e direcionar o *pony*. Simbolicamente, eles podem remeter a de ligação ou vínculo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020). Karen, no documentário *Être Cheval*, descreve a prática de *pony play* como algo afetivo, pois apesar dos corpos estarem separados, as rédeas, cordas ou outros elementos intermediam os corpos e funcionam como toque. Um treinador diz que as cordas são uma extensão de suas mãos. De forma semelhante, Harrington (2006, p. 57-58) descreve *bondage* como forma de conexão: “Deixe minhas cordas serem uma extensão da minha forma, deixe-me envolver meu amor em torno de você e mantê-lo em meus braços por mais tempo e com mais força do que meus velhos membros jamais seriam capazes”<sup>253</sup>. Por sua vez, CirLOT (2020) entende a rédea como a ligação entre alma e corpo.

Cowan (1985) e Moore (1995) também apontam a restrição como algo que simboliza a necessidade de reconhecer a própria ligação a algo. Segundo Power (2014), restrição (*bondage*) seria parte constituinte da psicoterapia. Nesse contexto, a transferência funciona de forma semelhante ao equipamento de restrição, tornando mais difícil escapar do processo. Podemos entender também como tudo aquilo que liga o par analítico e que dá contenção, mais uma das manifestações da restrição, para a psicoterapia. Para Cowan (1985), os equipamentos de restrição são imagens de Ananke, deusa da necessidade, que está relacionado com o que é inescapável, obrigatório, restritivo. Durante a prática, o *pony* é obrigado a obedecer, não podendo escapar fisicamente e nem das sensações do próprio corpo, que fica muitas vezes por nós esquecido durante as atividades cotidianas. Acima de tudo, o *pony* pode entregar-se a algo maior – o treinador, o seu senhor – que conduzirá o rumo dos acontecimentos. Essa entrega a algo maior também aparece na ideia de masoquismo de Gordon (1987), que o entende como uma manifestação sombria da necessidade de venerar e entregar-se a uma deidade.

Segundo Cowan (1985), a deusa da necessidade representa aquilo que deve ser inexoravelmente seguido. Alguns *ponies* de fato falam sobre um gosto por não poder escapar, por ser obrigado a seguir o que é imposto, por ser controlado por outro ou por só conseguir sair do equipamento quando outra pessoa permitir. Nessas situações, nas quais eles não têm controle algum nas mãos, talvez alguns deles possam ter experiências numinosas, de rendição ao próprio

---

<sup>253</sup> Tradução livre de: “Let my ropes be an extension of my form, let me wrap my love around you and keep you held in my arms longer and stronger than my old limbs ever could” (HARRINGTON, 2006, p. 57-58).

destino. Uma das falas, não citadas *ipsis litteris* nos resultados, é a de um *pony* que descreve ter tido uma epifania quando estava restrito e com uma “ereção dos infernos”. Segundo Jung (2014m), sexualidade e espiritualidade não são mutuamente excludentes, sendo a sexualidade parte do espírito.

Ao se render ao destino, o *ego* do *pony* sai da polaridade controladora cotidiana e entrega-se ao caminho determinado por algo maior. Daí tem-se a ideia religiosa de destino, que é a vivência da obrigação com sentido – algo que nem sempre está presente nos compromissos, obrigações e necessidades cotidianas de uma sociedade pós-moderna. De forma complementar, podemos entender que o treinador pode estar exercendo o poder de um *senex* poderoso, que delimita um conjunto de regras e ordens dentro das quais o *pony* pode ser simplesmente *puer* (MOORE, 1994). A restrição então talvez funcione para o *pony* como uma busca por uma liberdade autêntica dentro de estruturas e limites pré-definidos, um equilíbrio entre autonomia e responsabilidade. Ou como uma forma de compelir o *pony* a confiar em uma figura paterna, de autoridade, que orienta a direção de cada passo. Alguns *ponies* de fato descrevem ter de estar em uma polaridade mais *senex* no cotidiano como algo angustiante. Segundo Baumeister (1988), pode ser de fato estressante ter, no cotidiano, que manter uma boa reputação, tomar decisões sob pressão, num cenário de incerteza e sob o risco de desapontar os outros. A restrição funcionaria impedindo o aspecto de si que é responsável e que toma decisões. As formas de pensamento se simplificariam e a pessoa restrita ficaria menos propensa a avaliar a si mesma ou ocupar-se ansiosamente da eficácia de suas ações.

Mas e os treinadores? Devido à discrepância entre *ponies* e treinadores, o material produzido pelos primeiros acabou sendo muito maior, o que permite um aprofundamento melhor nas vivências desse papel. Porém, podemos questionar o papel de restrição e controle para aquele que no jogo tem a possibilidade de controlar um ser humano de forma semelhante ao que faria com um animal. Para Moore (1994, p. 48), a autoridade, com todo seu peso e exercida por puro prazer, pode ser um “antídoto para a leveza da inocência e da vitimização<sup>254</sup>”, constituindo talvez numa forma de escapar da polaridade *puer* para a *senex*. Na ficção de Marquês de Sade, segundo ele, haveria uma qualidade saturnina, relacionada, dentre outras imagens, ao pensamento abstrato, à frieza e distância emocionais e à velhice (MOORE, 1994; JUNG, 2014m), algo bastante distinto da criança, cujo corpo é vivo e ativo. O treinador *senex*, com seu chicote, livra o *pony* de algumas de suas próprias culpas e tormentos internos, levando em conta o chicote como algo que pode espantar demônios (CHEVALIER; GHEERBRANT,

---

<sup>254</sup> Tradução livre de: “[...] as an antidote to the lightness of innocence and victimization” (MOORE, 1994, p. 48).

2020; CIRLOT, 2020). Não mais o *pony* se flagela internamente, o flagelo passa a vir de fora. Saturno, como diria Moore (1994, p.56), é um “remédio amargo, mas ainda assim é um remédio<sup>255</sup>”. O chicote também simboliza o raio, que é capaz de trazer a chuva, por sua vez ligada à ideia de fecundidade, mas também de purificação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020; CIRLOT, 2020).

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2020) a palavra manifestação tem origem na palavra mão. No nível do cavalo como máquina e potência física, como descrevem Hanna (2006) e Jung (2014c), as ações do *pony* podem ser equivalentes à manifestação da vontade do treinador. Para Kaldera (2006), esse costuma ser o caso da experiência de alguns escravos em relações BDSM e, para Brame, Brame e Jacobs (1993, p. 152), nesses casos o submisso pode “deixar de existir como um ser independente”. Paradoxalmente, nesse instante a anulação é, ao mesmo tempo, um vínculo. Aqui, a “dinâmica de controle, dominação e agressividade” descrita por Byington (2013, p. 145) como própria da defesa sadomasoquista, é usada de forma criativa. Segundo Brame, Brame e Jacobs, jogos de despersonalização, como o *pony play*, são populares entre dominadores que tem prazer em exercer sobre seus parceiros um controle psicológico rígido. Nas falas dos treinadores, em especial na categoria temática *Pony play e BDSM*, vemos a ideia de ter controle total sobre um corpo completamente submisso. Mas nas categorias *Férias para o cérebro*, vemos dimensões mais maternas, como orgulho de apresentar seu lindo *pony* para os outros ou o prazer de ajudá-los a se desenvolver, se encontrar e se expressar. Em ambos os casos, o treinador tem nas mãos um ser humano cujo movimento ele controla como um dançarino que conduz uma dançarina, variando desde métodos mais rígidos aos mais suaves. Uma das formas da condução são as rédeas. Pensando na relação *pony* de tração e motorista de charrete, o primeiro funciona como motor, potência de tração e o segundo como direcionador (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020),

As atividades em ambientes externos e a ênfase, para alguns praticantes, no aspecto “esportivo” da brincadeira de cavalo trazem uma possibilidade muito distinta de estar no mundo para aqueles que não trabalham ao ar livre. Novamente temos o aspecto expansionista do cavalo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020) mas, de uma forma bastante física, na necessidade humana de rumar e percorrer grandes (ao menos na fantasia) distâncias. A fisicalidade das atividades, segundo alguns praticantes, chega a induzir estados alterados de consciência. Para alguns, esses estados estão relacionados ao cavalo subjugado, exposto, maltratado, como o cavalo de Equus (1977). No filme, Alan adora *Equus*, o escravo-deus, fiel e verdadeiro. A foto

---

<sup>255</sup> Tradução livre de: “*Saturn can be bitter medicine but he is medicine nonetheless*” (MOORE, 1994, p. 56).

do cavalo, diante da qual ele ajoelha, coloca em si mesmo, na própria boca uma espécie de barbante para simular um bridão e em seguida se bate, ocupa o mesmo lugar de uma imagem de Jesus Cristo que o pai rasgou (SHAFFER, 2011).

Segundo Mustazza (1992), que critica as análises da adoração de Alan como dionisíacas, os rituais de Alan para *Equus* imitam os sofrimentos de uma vítima sacrificial. O cavalo sacrificado está relacionado com a introversão da libido, o que condiz com a ideia de Cowan (1985) de que experiências masoquistas podem ser humilhantes para o *ego*, mas podem ser prazerosas e de profunda importância para a alma. O comportamento de Alan é semelhante aos dos cristãos que se flagelam, portanto ignorar a dimensão judaico cristã na análise da peça de Shaffer é ignorar sua dimensão sadomasoquista. O cavalo pode funcionar como uma referência para o corpo tomado por sensações intensas das quais não se pode escapar. Segundo Cowan (1985, p. 113), “na experiência masoquista, cada pedacinho da carne se aviva na agonia de um êxtase trêmulo. Tudo é sensibilizado para além do que se pode suportar. Como isso pode não ser sexual? Como isso não pode ser religioso<sup>256</sup>?”. Também para a autora, o masoquismo pode ser uma expressão do instinto religioso de Jung, portanto “sem o senso de adoração e submissão, sem o reconhecimento do deus que se manifesta nele, o masoquismo perde sua conexão com e significado para a alma” (COWAN, 1985, p. 26).

Na peça *Equus*, esse deus-escravo, esse Cristo sacrificado em forma de cavalo, é lentamente substituído, segundo Mustazza (1992) pelo deus julgador do velho testamento. Ao fim da peça, Alan, que cegou seis cavalos, está em uma sessão de terapia com seu psiquiatra, Dystart. Eles estão reconstruindo o caminho que levou Alan a esse crime. O rapaz estava nu em um estábulo com uma moça, mas não conseguia ter uma relação sexual, pois ele via o corpo do cavalo ao tocá-la e queria este corpo. Ele então se afasta e briga com a moça, que tenta em vão acalmá-lo, achando que ele não está conseguindo ter uma ereção. Alan expulsa a moça e estando sozinho, percebe que o cavalo em que ele projetava seu deus, *Equus*, e cujo corpo ele desejava o olha. Ele sempre veria se Alan beijasse ou se deitasse com alguém. Dystart faz então uma referência ao verso 20 do Êxodo, em que Deus diz que o homem não deve adorar ídolos, pois ele é um Deus ciumento (SHAFFER, 2011, p. 106). Ele termina dizendo a Alan “Ele te vê. Ele te vê para sempre e para sempre, Alan. Ele te vê!<sup>257</sup>”.

O livro é recheado de referências a olhos e ao olhar (CHAUDHURI, 1984), como quando Alan, imitando sua mãe, diz: “Deus te vê, Alan. Deus tem olhos por toda parte”

---

<sup>256</sup> Tradução livre de: “In masochistic experience, every bit of flesh comes alive in an agony of trembling ecstasy. All is sensitized almost beyond endurance. How can it not be sexual? How can it not be religious?”

<sup>257</sup> Tradução livre de: “He sees you. He sees you forever and ever, Alan. He sees you!” (SHAFFER, 2011, 106).

(SHAFFER, 2011, p. 44). Ser visto apareceu bastante em códigos formadores do subtema *Espaços públicos*, da categoria *Atividades em espaços públicos*, tais como ser visto e fotografia. Na maioria das vezes trata-se de olhares de admiração, fascinação, curiosidade, apreciação estética ou erótica. O *pony* é também alvo do fascínio do seu treinador, tal como descrevem. Brame, Brame e Jacobs (1993). Então não só *pony* é visto como também o treinado e a interação entre eles. Essa configuração se assemelha à disposição dos atores na peça *Equus*. Segundo Shaffer, a audiência deve ficar disposta ao redor do palco e os atores nunca deverão sair dele, permanecendo sentados quando não for sua vez de atuar. Os atores funcionariam então como “testemunhas, assistentes - e especialmente como um Coro<sup>258</sup>”. Alan, portanto é olhado por seu psiquiatra Dystart, pelos atores no palco e pela plateia. Alan está constantemente sendo visto em diversas camadas distintas de intimidade, pois cada uma dessas camadas tem acesso a um aspecto diferente dele (NEWMAHR, 2011).

A situação de Alan talvez seja semelhante aos *ponies* expostos no espaço público, alguns dos quais gostam da atenção positiva e outros que se regozijam com sua própria humilhação testemunhada. Em entrevista para o *Channel 4* (2018), um treinador comenta que os *ponies* dizem a ele que gostam quando ele os deixa estacionados preso em uma árvore sem saber quando ele voltará. A locação em que a entrevista é filmada parece rural e pouco frequentada, indicando que neste caso a objetificação não está relacionada a exposição pública diante de observadores reais. Porém, segundo Baumeister (1988, p. 28), o masoquismo pode promover “foco no presente imediato e em sensações corporais e, às vezes, um nível de consciência de si mesmo enquanto objeto<sup>259</sup>”.

Para Cowan (1985), os olhos são os órgãos relacionados à vergonha e à humilhação. Talvez, não à toa, uma das *ponies* diz se sentir à vontade para ser usada sexualmente diante da plateia só depois de estar equipada e vendada, ou seja, só depois de não poder ver os olhares dos outros. Os olhares dos outros podem trazer a sensação de ser visto de forma penetrante. Moore (1994) chama a atenção para o fato de que os libertinos, nos livros de Marquês de Sade, inspecionam as partes mais íntimas dos corpos dos outros. Para ele, inspecionar é um ato sádico, estar aberto e exposto à inspeção é um ato masoquista. Isso vale em certa medida na relação entre médico e paciente. Alguns *ponies* expressam situações de objetificação quando estão em públicos, como por exemplo ser um objeto sexual para desconhecidos em uma festa ou ficar estacionado enquanto não está sendo usado para tração.

---

<sup>258</sup> Tradução livre de: “[...] witnesses, assistants – and specially a Chorus” (SHAFFER, 2011, p. 3).

<sup>259</sup> Tradução livre de: “[...] focus on the immediate present and on bodily sensations, and sometimes by a low-level awareness of self as an object” (BAUMEISTER, 1988, p. 28).

O olhar que olha para a intimidade exposta não é um olhar casual, ele revela as partes mais sórdidas, íntimas, as fantasias pervertidas inconfessáveis e que se reveladas, nos fariam morrer de vergonha. No subtema *Formas de ser visto*, na categoria *Pony play* e BDSM e em alguns outros casos espalhados por outras categorias, ser visto está relacionado com ser exposto, humilhado e desumanizado. Segundo Brame, Brame e Jacobs (1993), a submissão é uma posição em que os socialmente inibidos têm permissão para serem exibicionistas. Cowan (1985, p.113) fala de Aidos, personificação da vergonha para os gregos, ligando-a à vergonha relacionada à humildade e reverência, e à “excitação sexual, à vergonha de ser exposto, de ser revelado de corpo e alma para um Amante ou para Deus<sup>260</sup>”. A autora também chama atenção ao fato de que o masoquista escolhe como será exposto. Além disso, caso esteja mascarado, como muitos dos participantes descreveram, apesar de estar todo exposto, aquilo que ele sente não está. Os sentimentos se intensificam na forma da máscara, essa barreira que impede sua expressão ao mundo. Ao mesmo tempo, a exibição nega a experiência masoquista, pois a transforma em teatro. Uma praticante de DS, em entrevista para Brame, Brame e Jacobs (1993), afirma que seu passado no teatro a leva a gostar do exibicionismo. Essa intersecção entre fetiche e arte também pode ser vista na fala de uma *pony*, que expressa o desejo de ser exposta como uma obra de arte viva em um museu ou galeria de forma humilhante.

Uma das *ponies* da nossa pesquisa diz que ao ser restrita e vendada, passa a gostar de ser exibida sendo sexualmente usada, o que seria aversivo de outra forma. Brame, Brame e Jacobs (1993), apontam um paradoxo interessante, que pode ser aplicada a essa *pony*: ela está ao mesmo tempo sujeita às vontades de seu dono e emancipada da própria humanidade. Em entrevista para o *Channel 4* (2018), a *ponygirl* diz que durante a prática ela fica física e emocionalmente com antolhos, com sua visão restrita apenas ao que tem que fazer, o que parece ter alguma relação com a sensação de foco que alguns *ponies* descrevem em especial no tema *Dança entre humano e pony*. Na peça *Equus*, em dado momento a moça com quem Alan se envolve diz a ele gostar dos olhos dos cavalos e pergunta “você os acha sexy?” (SHAFFER, 2011, p. 89). Apesar de em seguida o espectador entender que a pergunta se referia aos cavalos, a dubiedade fica no ar. Se ver refletida nos olhos de um cavalo, tendo relações sexuais com um homem, provavelmente não seria um problema para a personagem.

Mas encarar em circunstâncias sexuais o próprio reflexo em olhos humanos desconhecidos, como seria o caso se a *pony* não estivesse vendada, é ser desvelada de uma

---

<sup>260</sup> Tradução livre de: “[...] sexual excitement, the shame of exposure, of being revealed in body and soul to one's Lover, as well as to one's God” (COWAN, 1985, p. 113).

forma psicologicamente muito mais desafiadora. Para Wood (2009), ter a visão retirada com o uso de vendas diminui a consciência do que está acontecendo ao entorno e realça a sensação tátil. Abre-se talvez uma forma de enxergar mais tátil, assim como o cego que tem dedos de luz (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020), tal como na música de Tom Zé (2014), que parece descrever um retrato feito a partir da visão do tato e não dos olhos:

Dedos meus a tocar-te devagar  
 Tão devagar que dê pra divagar  
 Dedos enxergam no escuro  
 Quero fazer teu retrato  
 E no retrato cada pelo detalhado!

Cada milímetro com luz e calor  
 Dos fios do cabelo aos dedos do pé  
 Quero deixar o retrato  
 Exposto na Praça da Sé

Pra que a cidade possa  
 Toda te amar (TOM ZÉ, 2014)

Podemos traçar um paralelo interessante da experiência da *pony* e do simbolismo do cego enquanto possibilidade de enxergar coisas secretas levantado por Chevalier e Gheerbrant, 2020) com a fotografia de Bright (1996), *Wild Secret Girl* (figura 5), que traz a imagem de um cavalo (ou égua) vendado e restrito. O título da fotografia de Bright (1996) pode ser entendido com a ênfase na selvageria (*wild*), tratando-se de uma garota selvagem oculta, ou com a ênfase na ocultação (*secret*), tratando-se da garota oculta que é selvagem. O que continua oculto, nos três casos, é a sensorialidade da figura feminina. Apesar de exposta para a cidade toda amar, o prazer luxuriante, indomesticado e livre continua secreto. Dessa forma a venda, como afirma Wood (2009), pode proporcionar uma diminuição da vergonha.

Para entendermos de forma mais aprofundada as falas de muitos dos participantes dessa pesquisa, acaba se fazendo necessário compreender o sadismo e o masoquismo como funções estruturantes da psique (BYINGTON, 2013). Thomas (2023a) aponta semelhanças entre descrições de relacionamentos BDSM atuais entre escravo e Senhor com o que junguianos caracterizam como experiências numinosas ou encontro com o arquétipo do *Self*. O *pony* exposto, o que tem uma epifania enquanto restrito e outros envolvidos em atividades sadomasoquistas talvez possam, em alguns momentos, estar vivendo uma experiência numinosa, pois como colocou Jung (1989, p. 2011), “*numinous experience elevates and humiliates simultaneously*”. De forma similar, Thomas entende que é possível ao mesmo tempo ver as atividades *kink* como doentias e carregadas de possibilidades de transformação e cura, o

que poderia tornar essas atividades como um possível símbolo da psique profunda. Segundo Shahbaz e Chirinos (2017), rituais envolvendo sofrimento e sacrifício estão presentes em diversas comunidades e promoveriam momentos de dissolução egóica, de forma semelhante ao que diz Cowan (1985, p. 31) sobre o masoquismo, que carrega uma “mensagem anti-ego radical”. Power (2014) entende o sadomasoquismo como a base do instinto religioso descrito por Jung (2014k), ou seja, a capacidade de ser cruel ou entregar-se para o sofrimento em direção à integração e busca da totalidade, como parece ilustrar a música *Believer*, da banda Imagine Dragons (2017):

Dor!  
 Você me fez, você me fez acreditar, acreditar  
 Dor!  
 Você me destrói e me reconstrói, eu acredito, acredito  
 Dor!  
 Oh, deixe as balas voarem, oh, deixe-as chover  
 Minha vida, meu amor, minha motivação, eles vieram da  
 Dor!  
 Você me fez, você me fez acreditar, acreditar<sup>261</sup>

Levando em conta a ideia de Newhmar (2011) que intimidade é ter acesso a algo pouco conhecido em alguém, podemos pensar em causar dor e ver o corpo e o olhar do outro nesse momento como uma forma de intimidade, na qual também está presente a sensação de poder. Aliando-se a isso confiança, temos, como afirma LeVay, Brown e Brown (2018), um estado de consciência alterado que se assemelha a uma experiência espiritual. Segundo Power (2014), amor, compreensão e empatia podem ser derivações sutis do masoquismo, enquanto disciplina pode ser um derivativo do sadismo. A disciplina, por sua vez envolveria a capacidade de ser cruel com alguém ou com partes de si mesmo para atingir um objetivo específico. Moore (1994), de forma semelhante, entende o sadismo como um elemento constituinte do sistema educacional. Nas falas dos participantes dessa pesquisa nota-se um gosto desde os jogos mais sádicos de disciplina, com prazer em dar e receber punições, até os treinos mais carinhosos visando desenvolver o *pony*. Aplicando esse derivado sutil do sadismo ao contexto de um processo analítico, Power coloca como a disciplina aquilo que mantém o par analítico sem ceder à grandes distrações que o levem a divergir do processo. Sendo o sadismo e o masoquismo

---

<sup>261</sup> Tradução livre de:

“Pain! You made me a, you made me a believer, believer

Pain! You break me down and build me up, believer, believer

Pain! Oh, let the bullets fly, oh, let them rain

My life, my love, my drive, they came from

Pain! You made me a, you made me a believer, believer” (IMAGINE DRAGONS, 2017).

parte arquetípica da psique, como observa Power, lançar um olhar patologizante às práticas *kinky*, sem investigação prévia tornamos aquele envolvido nesse tipo de prática “uma projeção de nossa própria sombra, que está ostensivamente necessitando de cura” (THOMAS, 2023a).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, tivemos a oportunidade de conhecer algumas facetas do mundo do *pony play* e compreender aspectos emocionais, motivacionais e identitários envolvidos nessa subcultura. Por meio da análise da fala dos participantes, pudemos reconhecer a importância dessas experiências para os indivíduos envolvidos. Essas vivências são altamente individuais, mas dentro desse grupo, existem subgrupos com características e dinâmicas compartilhadas. Essas características envolvem a maneira com que sexualidade, sadismo e masoquismo, restrição e disciplina, dominação e submissão, exibicionismo, vida em comunidade e experiências sensoriais se integram à prática.

No *pony play*, a relação entre ser humano e cavalo constitui o fundamento a partir dos quais surge uma variedade de manifestações, como devaneios, fantasias, brincadeiras, rituais, dinâmicas relacionais, preferências por objetos simbólicos e experiências com tonalidade erótica e formação de comunidades *kinky* com culturas próprias. O elemento arquetípico que une todas essas experiências é o simbolismo animal, estando presente inclusive em brincadeiras infantis. Dessa maneira, fantasias espontâneas e brincadeiras do âmbito *pony play* pode ser uma forma de manifestação da função transcendente e conseqüentemente de formação simbólica. As práticas de *pony play* oferecem, portanto, um espaço seguro para a exploração de aspectos do *Self*, especialmente os relegados culturalmente à sombra e que nem sempre encontram uma forma de expressão no cotidiano. Assim sendo, *pony play* pode ter função reguladora para a psique e se constituir em parte do processo de individuação daqueles que se envolvem nessa dimensão do universo *kinky*.

A teoria junguiana permitiu, portanto, compreender alguns dos símbolos que emergiram em falas de praticantes de *pony play*, em suas diferentes facetas, como parte da experiência humana. Cada faceta dessa experiência realça diferentes aspectos de uma teoria, a diversidade de aspectos identitários e culturais no campo da psicologia e traz, portanto, perspectivas únicas para a aplicação de teorias psicológicas permitindo que elas sejam adaptadas e aplicadas de forma mais abrangente. Essa abordagem nos permite explorar a riqueza da diversidade e contribui para uma compreensão mais profunda da psique humana em toda a sua complexidade.

Esse estudo representa um recorte específico do mundo do *pony play* e reflete as experiências e interesses de alguns praticantes. Devido à amostra ser pequena, não aleatória, e por desconhecer-se o tamanho dessa população, os resultados dessa pesquisa, apesar de caminharem no sentido da literatura consultada, não podem ser generalizados. A visão inicial e plural obtida dos praticantes de *pony play* traz subsídios para elaborar questões para próximos

estudos. Esses dados iniciais podem servir como uma primeira referência para localizar as vivências de um praticante, num estudo de caso, também como parte de uma cultura. As características psicológicas desses praticantes pode ser algo futuramente investigado, assim como a relação deles com psicoterapia: se fazem terapia, se seus terapeutas sabem da prática e, especialmente, como sentem que questões relativas à suas vivências *kinky* e com *pony play* são abordadas durante as sessões. Dado ao detalhamento levantado nessa pesquisa acerca dessas vivências e sobre critérios para avaliação de comportamentos *kinky*, torna-se interessante investigar os conhecimentos, reações e atitudes dos terapeutas frente à clientes *kinky*.

Apesar de não terem sido citados nos resultados, surgiram falas sobre o lançamento de marcas de produtos específicas, artesões conhecidos no meio, descrições abundantes de equipamento, que podem dar margem à investigação sociológicas sobre as condições financeiras dos praticantes e o mercado de produção e venda de peças criadas. Em próximos estudos, pode-se investigar mais a fundo as alterações de estado de consciência (*headspace*) durante a prática, incluindo proporção entre os que afirmam experimentar essas alterações e os que não. O que induziria estes estados? Dado a ausência de relatos de acidentes e experiências negativas, tornar-se importante investigar também em futuros estudos essa questão. Uma averiguação mais aprofundada da vida erótica e sexual desses praticantes também poderia contribuir melhor para a relação entre práticas *kinky* e sexualidade, incluindo questões de gênero, que escaparam ao foco deste estudo.

Mas, apesar dos limites, essa pesquisa pode ajudar a informar profissionais de saúde que venham a trabalhar com essa população. Ao abordarmos as experiências *kinky* levando em conta a perspectiva de seus próprios integrantes com curiosidade e sem aprisioná-las em concepções patologizantes, somos desafiados a considerar outros aspectos e nuances da psique humana e o potencial estruturante e criativo das nossas tendências transgressoras. Essa perspectiva nos conduz à reflexão de que a aplicação da psicologia analítica no estudo de subculturas não convencionais exige a capacidade de enxergar a experiência humana por camadas múltiplas de subjetividade. Ao permitirmos que diferentes vozes e experiências sejam ouvidas, estamos construindo um campo da psicologia mais inclusivo e adaptável. Reconhecemos que este estudo é apenas um passo inicial na exploração do *pony play* e de outras subculturas semelhantes

## REFERÊNCIAS

ALISON, L. et al. Sadomasochistically oriented behavior: diversity in practice and meaning. **Archives of Sexual Behavior**, v. 30, n. 1, 2001.

AMBLER, J.K. et al. Consensual BDSM facilitates role-specific altered states of consciousness: a preliminary study. **Psychology of Consciousness: Theory, Research, and Practice**, v. 4, n. 1, p. 75–91, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5-RT: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais** (5a Ed.). Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, P.A. **Analisando técnicas de captura de movimento**. Trabalho (Conclusão de Curso) – Departamento de Computação, Universidade Federal Fluminense, 2015.

BANDA UÓ. **Cowboy**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2013. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/16arvMoCFMg8ILDUHai83x?si=bf58bcfbf6b94406>>.

Accesso: 2 jan 2023.

BAKER, A.C. Sacred kink: finding psychological meaning at the intersection of BDSM and spiritual experience. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 33, n. 4, p.440-453, 2018.

BARKER, M.; IANTAFFI, A.; GUPTA, C. Kinky clients, kinky counseling? The challenges and potentials of BDSM. *In*: MOON, L. (ed.). **Feeling queer or queer feelings?: radical approaches to counselling sex, sexualities and genders**. New York: Routledge, p. 106–124, 2007.

BÁRTOVÁ, K. *et al.* The prevalence of paraphilic interests in the czech population: preference, arousal, the use of pornography, fantasy, and behavior. **The Journal of Sex Research**, v. 58, n. 1, p. 86-96, jan. 2020.

BAUMEISTER, R.F. Masochism as escape from self. **Journal of Sex Research**, v. 25, n. 1, p. 28-59, 1988.

BENCHÍN, F. On Mystery: explorations on the experience of the numinous. **Journal of Analytical Psychology**, v. 67, n. 1, p. 55-72, 2022.

BERLANT, L. *Desire/Love*. New York: Punctum Books, 2012.

BERNAL, G.; BONILLA, J.; BELLIDO, C. Ecological validity and cultural sensitivity for outcome research: Issues for the cultural adaptation and development of psychosocial treatments with Hispanics. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 23, n. 1, p. 67-82, 1995.

BETTIE Page reveals all. Direção: Mark Mori. Produção de Mark Mori e Thorpe Mori. USA: Music Box Films, 2013. 1 vídeo (101 minutos). Acesso pelo serviço de streaming da Amazon Prime Video.

BEZREH, T.; WEINBERG, T.S.; EDGAR, T. BDSM disclosure and stigma management: Identifying opportunities for sex education. **American journal of sexuality education**, v.7, n. 1, p.37-61, 2012.

BIENVENUE, V.; CHARE, N. The animal nude: pony play and Debora Bright's Being & Riding. *In*: CHARE, N; CONTOGOURIS, E (edit). **On the nude**: looking anew at the naked body in art. New York: Routledge, edição Kindle, 2022. p. 155-171.

BOCCACCIO, G. **A mulher que queria ser égua**. São Paulo: Editora Luzeiro, 1977.

BOCCACCIO, G. **O decamerão**. Tradução de Raul de Polillo. Brasil: Ediouro, 1985.

BOYD, EW. **The new kink**: human pup-play in the contemporary moment. Tese (Mestrado em Artes e Sexualidade Humana) – San Francisco State University, 2018.

BROME, G.G.; BROME, W.D.; JACOBS, J. *Different loving: the world of sexual dominance and submission*. New York: Villard, 1993.

BRANDÃO, J.S. **Mitologia grega**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRAUER, K. *et al.* “Play with me, sarling!” testing the associations between adult playfulness and indicators of sexuality. **The Journal of Sex Research**, v. 60, n. 4, p. 522-534, 2023.

BRIGHT, D. Artist statement [enviado via mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <[marianafarinaspsi@gmail.com](mailto:marianafarinaspsi@gmail.com)> em 8 de abr de 2021. Original s/d.

\_\_\_\_\_. Horse Crazy. *In: Horses Tales: American Images and Icons 1800–2000*. Natohah, NY: Katonah Museum of Art, p. 22-31, 2001.

BRINK, S,T. *et al.* The psychology of kink: a survey study into the relationships of trauma and attachment style with BDSM interests. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2021.

BROWN, A.; BARKER ED.; RAHMAN, Q. A systematic scoping review of the prevalence, etiological, psychological, and interpersonal factors associated with BDSM. **The Journal of Sex Research**, v. 57, n. 6, p. 781-811, 2020.

BROWN, S.L.; VAUGHAN, C. *Play: how it shapes the brain, opens the imagination, and invigorates the soul*. New York: Penguin Group, 2009.

BROWN S.L. *et al.* Interpersonal risk factors, sexual and gender minority status, and suicidal ideation: is BDSM disclosure protective?. **Archives of sexual behavior**, v. 51, n. 2, p.1091-1101, 2022.

BUCK. Direção de Cindy Meehl. Connecticut: Cedar Creek Productions, 2011. 1 vídeo (88 minutos). Acesso pelo serviço de streaming da Amazon Prime Video.

BYINGTON, C.A.B. **A viagem do ser em busca da eternidade e do infinito: as sete etapas arquetípicas da vida pela psicologia simbólica junguiana**. São Paulo: Libear B, 2013.

BYINGTON, C.A.B. **Resumo da 26ª aula: 26.10.2017**. Site Carlos Byington, 2017. Disponível em: < <http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/uploads/2017/04/26ª-Aula-Psicologia-26.10.2017.pdf>>. Acesso em: 30 mai 2023.

BYINGTON, C.A.B. Arte e Psicopatologia: a defesa sadomasoquista e a transcendência do mal. Um enigma que reúne a vida e a obra de Franz Kafka. Um estudo da Psicopatologia Simbólica Junguiana. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: SBPA, v.37, n.1, p.209-220, 2019.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ [Internet]. Porto Alegre: UFSC; 2013a [citado 2019 fev. 12]. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013b.

CAMARGO B.V.; JUSTO A.M. Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). **Lab. de Psic. Social de Comunicação e Cognition**, 2018.

CARLSTRÖM, C. Spiritual experiences and altered states of consciousness—parallels between BDSM and christianity. **Sexualities**, v. 24, n. 5-6, p. 749-766, 2020.

CARTER, L. The flux and flow of free-play and paradox. **Journal of Analytical Psychology**, v. 67, n. 4, p. 1045–1069, 2022.

CASCALHEIRA, C.J. *et al.* Curative kink: Survivors of early abuse transform trauma through BDSM. **Sexual and Relationship Therapy**, 2021. Epub ahead of print. DOI: <https://doi.org/10.1080/14681994.2021.1937599>

CASTELLINI, G. *et al.* Deviance or normalcy? the relationship among paraphilic thoughts and behaviors, hypersexuality, and psychopathology in a sample of university students. **Journal of Sexual Medicine**, v. 15, n. 9, p. 1322-1335, 2018.

CAREER, Opportunities. Direção de Bryan Gordon. California: Universal Pictures. 1991. 1 vídeo (83 minutos). Acesso pelo serviço de streaming da Amazon Prime Video.

CHANNEL 4. Turned on by being handled like a pony? | The Bizarre Fetish Handbook. Youtube, 19 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hfjSqM8ohYI>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2022.

CHAUDHURI, U. The Spectator in drama! drama in the spectator. **Modern Drama**, v. 27, n. 3, p. 281-298, 1984.

CERPINSKY, A.; GONÇALVES, R. A dama e o cavalo: um êxtase ritualístico de Clarice Lispector. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 13., **Anais [...]** Campina Grande: ABRALIC, 2013. Disponível em: <[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013\\_1434309107.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434309107.pdf)> Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

CHEVALIER J, GHEERBRANT A. Dicionário de símbolos. 37 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

CLARKE, V.; BRAUN, V. Thematic Analysis. *In*: LYONS, E.; COYLE, A (edit). **Analysing Qualitative Data in Psychology**. 2nd. ed. London: SAGE Publications, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO. [Site institucional]. Disponível em: <<http://www.cbh.org.br/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

CONOLLY, P.H. Psychological functioning of bondage/domination/sado-masochism (BDSM) practitioners. **Journal of Psychology & Human Sexuality**, v.18, n. 1, p. 79-120, 2006.

COWAN, L. **Masochism: a junguian view**. 2<sup>a</sup> ed Dallas: Spring Publications Inc, 1985

CPONY. Disponível em: <https://www.cpony.com/home/ponyblog/shows-and-competitions.html>. Acesso em: 25 de fev. 2023.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow**: the psychology of optimal experience. New York, NY: Harper Collins, 1991.

DEMELLO, M. **Feet and footwear**: a cultural encyclopedia. Santa Barbara, California: Greenwood Press, 2009.

DIETRICH A. Functional neuroanatomy of altered states of consciousness: the transient hypofrontality hypothesis. **Consciousness and cognition**, v. 12, n. 2, p.231-56, 2003.

DUNKLEY, C.R.; BROTTTO, L.A. The role of consent in the context of BDSM. **Sexual Abuse**, v. 32, n. 6, p. 657-678, 2020.

EASTON, D.; LISZT, C.A. **When someone you love is kinky**. Emeryville: Greenery Press, 2000.

ENGLUND, A. **Deviant Opera**: sex, power, & perversion in stage. Oakland: University of California Press, 2020.

EQUUS. Direção de Sidney Lunet. Beverly Hills: United Artists,1977. 1 DVD (137 minutos).

ÊTRE cheval. Direção de Jérôme Clément-Wilz. Paris: Kidam, 2015. 1 vídeo (63 minutos). Disponível em: <<https://vimeo.com/ondemand/237360>>. Acesso: 2 de jun. 2023.

EZZY, D. **Qualitative analysis**: practice and innovation. Austrália: Routledge, 2002.

FARIA, D.L. Aspectos do método junguiano de pesquisa: uma reflexão. In: KUBLIKOWSKI, I; KAHHALE, E.M.S.P.; TOSTA, R.M. (org.). **Pesquisas em Psicologia Clínica**: contexto e desafios. São Paulo: EDUC, 2019.

FORDE, K.; BEDDARD, H. **The Institute of Sexology**. London: Wellcome Collection, 2014.

FRANZKE, A. S. *et al.* and THE ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHER. *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0*. 2020. Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

FRANZ, M.L. O processo de individuação. *In*: Jung, Carl Gustav (Org). **O homem e seus símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2008.

GORDON, M. **Voluptuous panic**. Los Angeles: Feral House, 2006.

GORDON, R. Masochism: the shadow side of the archetypal need to venerate and worship. *Journal of Analytical Psychology*, 1987, v. 32, p. 227-240, 1987.

GRAHAM, B.C. *et al.* Member perspectives on the role of BDSM communities. **Journal of Sex Research**, v. 53, n. 8, p.895–909, 2016.

GRAYSMITH, L. M. **Sex and gender in the equine in literature**. 180 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Iowa State University, Iowa, 2008. Disponível em: <https://lib.dr.iastate.edu/rtd/15320>. Acesso em: 16 fev. 2022.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **Power in the helping professions**. 10ª ed. Dallas: Spring Publications Inc., 1990. Original publicado em 1971.

HAMMERS, C. Corporeality, sadomasochism, and sexual trauma. **Body & Society**, v. 20, n. 2, p. 68–90, 2014.

HAMMERS, C. Reworking trauma through BDSM. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**. 2019 v. 44, n.2, p.491-514, 2019.

HANSEN, N.C. Horse-crazy girls: alternative embodiments and socialites. *In*: BLAKE, C.; MOLLOY, C.; SHAKESPEARE, S. (edit). **Beyond human**: from animality to transhumanism. Continuum International Publishing Group: London, 2012. p. 97-121.

HARRINGTON, B. The many paths of earthly bondage: bondage as a tool towards spiritual release. *In*: KALDERA, R. **Dark moon rising**: pagan BDSM and the ordeal path. Hubbardston: Asphodel Press, 2006. p. 57-66.

HILLMAN, J. **The myth of analysis**: three essays in archetypal psychology. Northwestern University Press, 1960.

HILLMAN, J; MCLEANS, M. **Dream animals**. San Francisco: Chronicle Books, 1997.

HIRSCHFELD, **Sexuelle zwischenstufen**: das männliche weib und der weibliche mann. In: Sexualpathologie ein lehrbuch: für ärzte und studierende. v. 2. Boon: A. Marcus & E. Webers Verlag, 1918.

HOLT, K. Blacklisted: boundaries, violations, and retaliatory behavior in the BDSM community. **Deviant Behavior**, v. 37, n.8, p. 917-930, 2016.

\_\_\_\_\_. An exploration of the experience of harm in the bondage/discipline/sadomasochism community. **Violence and victims**, v. 22, n. 4, p. 663-685, 2018.

\_\_\_\_\_. Survivor of sexual victimization and the negotiation of BDSM play. In: SIMULA, B.L.; BAUER, R.; WINGNALL, L (ed.). **The power of BDSM**: play, communities and consent in the 21<sup>st</sup> century. New York: Oxford University Press, 2023.

HOLVOET, L *et al.* Fifty shades of Belgian gray: The prevalence of BDSM-related fantasies and activities in the general population. **Journal of Sexual Medicine**, v. 14, n. 9, p. 1152-1159, 1<sup>o</sup> set 2017.

HOPCKE, R.H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. Tradução de Edgar Orth e Reinaldo Orth. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUGHES, S.D; HAMMACK, P.L. Narratives of the origins of kinky sexual desire held by users of a kink-oriented social networking website. **The Journal of Sex Research**, v. 59, n. 3, p. 360-371, 2022.

IFDA. IDFA 2015 | Interview | Jérôme Clément-Wilz over Horse Being. Youtube, 24 de nov. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uItbKIf282M>>. Acesso em: 2 de maio de 2023.

IMAGINE DRAGONS. Believer. California: Interscope, KIDinaKORNER, 2017. Disponível em: < <https://open.spotify.com/track/0pqnGHJpmpxLKifKRmU6WP?si=e5ca8f520e424f5b>>. Acesso em: 21 jun 2023.

IMDB. Disponível em: [https://www.imdb.com/title/tt0476963/plotsummary?ref\\_=tt\\_ov\\_pl](https://www.imdb.com/title/tt0476963/plotsummary?ref_=tt_ov_pl). Acesso em: 07 dez. 2022.

IN HARNESS. *In*: Merriam-Webster Dictionary. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/in%20harness>>. Acesso em: 17/01/2023

JAROUCHE, M.M. Uma configuração do que poderia ter sido. *In*: **LIVRO das mil e uma noites**. Vol. 3. Tradução de Mamede Mustafá Jarouche. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2009.

JOYAL, C.; COSSETTE, A; LAPIERRE, V. What exactly is an unusual sexual fantasy? **Journal of Sexual Medicine**, v. 12, n. 2, p. 328-340, 1º fev 2015.

JOZIFKOVA, E. Consensual sadomasochistic sex (BDSM): the roots, the risks, and the distinctions between BDSM and violence. **Current psychiatry reports**, v. 15, n. 9, 2013.

JUNG, C. G. **Memories, dreams, reflections**. New York: Vintage Books, 1989. Original publicado em 1962.

\_\_\_\_\_. **The collected works of C. G. Jung**: complete digital edition, 19 v. Princeton: Princeton University Press, 2014a.

\_\_\_\_\_. The psychology of dementia praecox. *In*: **Psychogenesis of mental disease**. C.W.3. Princeton: Princeton University Press, 2014b. Original publicado em 1907.

\_\_\_\_\_. **Symbols of transformation**. C.W.5. Princeton: Princeton University Press, 2014c. Original publicado em 1912.

\_\_\_\_\_. **Psychological Types**. C.W.6. Princeton: Princeton University Press, 2014d. Original publicado em 1921.

\_\_\_\_\_. **Two essays in analytical psychology**: the relations between the ego and the unconscious. C.W.7/2. Princeton: Princeton University Press, 2014e. Original publicado em

\_\_\_\_\_. The structure and dynamics of the psyche. *In*: **The collected works of C. G. Jung**: complete digital edition, v. 8. Princeton: Princeton University Press, 2014f. Original publicado em 1927.

\_\_\_\_\_. The concept of the collective unconscious. *In*: **Archetypes and the collective unconscious**. C.W.9/1. Princeton: Princeton University Press, 2014g. Original publicado em 1936.

\_\_\_\_\_. The role of the unconscious. *In: Civilization in transition*. C.W.10. Princeton: Princeton University Press, 2014h. Original publicado em 1918.

\_\_\_\_\_. Mind and earth. *In: Civilization in transition*. C.W.10. Princeton: Princeton University Press, 2014i. Original publicado em 1927.

\_\_\_\_\_. The Love Problem of a Student. *In: Civilization in transition*. C.W.10. Princeton: Princeton University Press, 2014j. Original publicado em 1928.

\_\_\_\_\_. Flying saucers: a modern myth of things seen in the skies. *In: Civilization in transition*. C.W.10, Princeton: Princeton University Press, 2014k. Original publicado em 1958.

\_\_\_\_\_. **Psychology and alchemy**. C.W.12. Princeton: Princeton University Press, 2014L. Original publicado em 1944.

\_\_\_\_\_. The personification of the opposites. *In: Mysterium coniunctionis*. C.W.14. Princeton: Princeton University Press, 2014m. Original publicado em 1956.

\_\_\_\_\_. The practical use of dream-analysis. *In: The practice of psychotherapy*. C.W.16/2. Princeton: Princeton University Press, 2014n. Original publicado em 1934.

\_\_\_\_\_. The psychology of the transference. *In: The practice of psychotherapy*. C.W.16/2. Princeton: Princeton University Press, 2014o. Original publicado em 1946.

\_\_\_\_\_. The Tavistock lectures: on the theory and practice of analytical psychology. *In: The symbolic life: miscellaneous writings*. C.W.18. Princeton: Princeton University Press, 2014p. Original publicado em 1935.

\_\_\_\_\_. Chegando ao inconsciente. *In: \_\_\_\_\_*. **O homem e seus símbolos**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Original publicado em 1964.

KAAK, A. Conversation phases in BDSM pre-scene negotiation. *Journal of Positive Sexuality*, v. 2, p. 47-52, 2016.

KALDERA, R. **Dark moon rising**: pagan BDSM and the ordeal path. Hubbardston: Asphodel Press, 2006.

KELSEY, K.; STILES, BL.; SPILLER, L.; DIEKHOFF, GM. Assessment of therapists' attitudes towards BDSM. *Psychology & Sexuality*, v.5, n.3, p. 255–267, 2013.

KIERAN, R.A.; SHEFF, E. How did it hurt?: distinguishing between intimate partner violence and BDSM in relationships. *In: KARIAN, P. Critical & experiential: dimensions in gender and sexual diversity*. Resonance Publications, p. 141-159, 2016.

KINKLY. What is the mummification bondage sex position? **Kinkly**. Disponível em: <<https://www.kinkly.com/definition/1480/mummification-bondage-position>>. Acesso: 2 jun. 2023.

KOLMES, K.; STOCK, W.; MOSER, C. Investigating bias in psychotherapy with BDSM clients. **Journal of Homosexuality**, v. 50, n. :2-3, p. 301-324. 2006.

KOLMES, K.; WEITZMAN, G. **A guide to choosing a kink-aware therapist**. National Coalition of Sexual Freedom, mar, 2010. Disponível em: <https://www.drkkolmes.com/docs/kap.pdf>. Acesso em: 16 de fev. 2022.

KRAFFT-EBING, R. V. **Psychopathia sexualis**. Reimpressão, Londres: Forgotten Books, 2012. Original publicado em 1894.

LANGDRIDGE, D.; LAWSON, J. The psychology of puppy play: A phenomenological investigation. **Archives of Sexual Behavior**, v. 48, n. 7, p. 2201-2215, 2019.

LANTTO, R.; LUNDBERG, T. (Un)desirable approaches in therapy with Swedish individuals practicing BDSM: client's perspectives and recommendations for affirmative clinical practices. **Psychology & Sexuality**. Reino Unido, p. 1-14, abr 2021.

LARSEN, S. **The mythic imagination: your quest for meaning through personal mythology**. New York: Bantam Books, 1990.

LAWSON, J; LANGDRIDGE, D. History, culture and practice of puppy play. **Sexualities**, v. 23, n. 4, p. 574-591, 2019.

LEE, J.N. *et al.* Classification of horse gaits using FCM-based neuro-fuzzy classifier from the transformed data information of inertial sensor. **Sensors**, v. 16, n. 5, p. 664, 2016.

LENKEIT, R. E. **High heels & bound feet: and other essays on everyday anthropology**. 2<sup>a</sup> ed Long Grove, Illinois: Waveland Press, 2018.

LEVAY, S.; BALDWIN, J.; BALDWIN, J. **Discovering human sexuality**. 4ª ed. New York: Oxford University Press, 2018.

LIMA, Juliana dos Anjos Corrêa. Pessoas *kink* e BDSM [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <[marianafarinaspsi@gmail.com](mailto:marianafarinaspsi@gmail.com)> em 8 de jul de 2021.

LINDEMANN, D. BDSM as therapy? **Sexualities**, v. 14, n.2, p.151–172, 2011.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020a. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020b. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020c. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019. *E-book*.

**LIVRO das mil e uma noites**. v. 3. Tradução de Mamede Mustafá Jarouche. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2009.

LUO, S; ZHANG, X. Embodiment and humiliation moderation of neural responses to others' suffering in female submissive BDSM practitioners. **Frontiers in Neuroscience**. v. 12, 2018.

MALHOTRA, N. K. **Marketing research: an applied orientation**. New Jersey: PrenticeHall, 1993.

MARKHAM, A.; BUCHANAN, E. **Ethical decision-making, and internet research: version 2.0. recommendations from the AoIR ethics working committee**, 2012. Disponível em: <[aoir.org/reports/ethics2.pdf](http://aoir.org/reports/ethics2.pdf)>. Acesso em: 3 mar 2022.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1994.

MC DURRONY. **Ama porra nenhuma**. Rio de Janeiro: Funk das Galáxias, 2021. Disponível em: < <https://open.spotify.com/track/2wiFzIv7FevsAp11PyIy6Z?si=858ee3fb598d486f>>. Acesso em: 2 de janeiro de 2023.

MILLAN, Cesar. These dogs have no boundaries! (feat. Chris Joslin). Youtube, 16 de set. de 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-cdbhbPtIF4>>. Acesso em: 30 de abril de 2023.

MIDKIFF, M.D. **Voando sem asas**: como os cavalos tocam a alma das mulheres. Tradução de Laura Rosseti B. Ribeiro. Atibaia: Infomappas Editora, 2010.

MIZIOŁEK, J. “Virgil in the basket and mounted Aristotle”: two “lettuccio” paintings by Giovanni di Buonconsiglio from the Lanckoronski Collection. **Iconographica**, n. 7, p. 90-102, 2008.

MOORE, T. **Dark Eros**: The imagination of Sadism. Woodstock: Spring Publications, 1994. P. 7.

MOSER, C. (2006). Demystifying alternative sexual behaviors. **Sexuality, Reproduction and Menopause**, v. 4, n. 2, p. 86–90, 2006.

\_\_\_\_\_. Sadomasochism. **Journal of Social Work & Human Sexuality**, v. 7, n. 1, p. 43-56, 1989.

MUSTAZZA, L. A jealous god: ritual and judgment in Shaffer’s Equus. **Papers on Language and Literature**, v. 28, n.2 p. 174-184, 1992.

NEWMAHR, S. Rethinking kink: sadomasochism as serious leisure. **Qualitative Sociology**, v. 33, n. 3, p. 313–331, 2010.

\_\_\_\_\_. *Playing on the edge: sadomasochism, risk and intimacy*. Indiana: Indiana University Press, 2011.

O’NOMIS, A. **The history and arts of the dominatrix**. Edição kindle. Mary Egan Publishing, 2013.

PAASONEN, S. Many splendored things: sexuality, playfulness, and play. **Sexualities**, v. 21, n, 4, p. 537-51, 2018.

PAWLOWSKI C.S. *et al.* Children's physical activity behavior during school recess: a pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. **PloS one**, v. 11, n. 2, 2016.

PANKSEPP, J.; BIVEN, L. **The archeology of the mind**: neuroevolutionary origins of human emotions. New York: W.W. Norton & Company, 2012.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. Thousand Oaks: Sage, 2002.

PAULUS, T.M. Using qualitative data analysis software to support digital research workflows. **Human Resource Development Review**. v. 22, n. 1, p. 139-48, 2023.

PIEROBON J.C.; GALETTI F.C. Estímulos sensório-motores proporcionados ao praticante de equoterapia pelo cavalo ao passo durante a montaria. **Ensaios e ciência: Ciências Biológicas, agrárias e da Saúde**. v. 12, n. 2, p. 63-79, 2008.

POWER, P. Negative conjunctio: envy and sadomasochism in analysis. *In*: WINBORN, M. (ed.). **Shared realities**: participation mystique and beyond. Skiatook: Fisher King Press, 2014.

PRANCE. *In*: Disponível em: Cambridge Dictionary. <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/prance>>. Acesso em: 09 dez. 2023.

PROYER, R.T. A new structural model for the study of adult playfulness: assessment and exploration of an understudied individual differences variable. **Personality and Individual Differences**, v. 108, p. 113-122, 2017.

RAMBUSS, R. A midsummer night's dream: Shakespeare's ass play. *In*: MENON, M (ed). **Shakespeareer**. London: Duke University Press, 2011.

RAMOS, D.G. **A psique do corpo**: a dimensão simbólica da doença. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

RAMOS, D.G. *et al.* **Os animais e a psique, volume 1: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso.** 2ª ed. São Paulo: Summus, 2005.

RICHARDSON, R. (coord.) *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1989.

ROTH, W. **Introdução à psicologia de C. G. Jung.** Tradução de Edgar Orth e Enio Paulo Giachi. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROUSH, J.F. *et al.* Shame, guilt, and suicide ideation among bondage and discipline, dominance and submission, and sadomasochism practitioners: examining the role of the interpersonal theory of suicide. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 47, n. 2, p.129-141, 2017.

SAGARIN, B.J.; LEE, E.M.; KLEMENT, K.T. Sadomasochism without sex? exploring the parallels between BDSM and extreme rituals. **Journal of Positive Sexuality**v.1, n.3, p.:50-55, 2015.

SAGE OCEAN. Introduction to grounded theory data analysis using Delve. Disponível em: <<https://ocean.sagepub.com/grounded-theory-delve>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

SAMPAIO, P. **Galopa.** Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2021. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/2wG1R0uDFwyobcWzVssC1J?si=9a5bc3194d3e48dc>>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación.** México: McGraw-Hill, 1991.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. **A critical dictionary of jungian analysis.** New York: Routledge, 1986.

SANTANA, E. **Jung and sex: re-visioning the treatment of sexual issues.** New York: Routledge, 2016.

SECRETARY. Direção de Steven Sheinberg. Distribuidora: Lion Gates Films, 2002. 1 vídeo (111 minutos). Acesso pelo serviço de streaming da Amazon Prime Video.

SEVES, R. P. Irving Klaw's pleasure parade #1: Bettie Page, Eric Stanton, John Willie, Gene Bilbrew, Adolfo Marino Ruiz. **FETHISTORY**. Disponível em: <<https://fethistory.blogspot.com/2014/05/irving-klaws-pleasure-parade-1-bettie.html>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SHAHBAZ, C; CHIRINOS, P. **Becoming a Kink Aware Therapist**. New York: Routledge, 2017.

SHAFFER, P. **Equus**. New York: Scribner, 2011.

SHARP, D. **Léxico Junguiano**: dicionário de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1993.

SICART, M. **Play matters**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SIMULA, B.L. Understanding BDSM. *In*: SIMULA, B.L.; BAUER, R.; WINGNALL, L (ed.). **The power of BDSM: play, communities and consent in the 21<sup>st</sup> century**. New York: Oxford University Press, 2023.

SOARES, L.F.N.D.T. **Jung, Freud, o amor, o pai, a religião e a sexualidade**. Monografia (formação para analista) - Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2011.

SOUSA, F. **O que é ser adulto**: a sociologia da adultez. Porto: Memoria Imaterial, 2010.

SPROTT, R. A. (2020). Reimagining “kink”: transformation, growth, and healing through BDSM. **Journal of Humanistic Psychology**, Advance online publication, 2020.

SUBMISSAN. **Pony play with subMissAnn**. Createspace Independent Publishing Platform; 2 ed, 19 janeiro 2014.

THOMAS, D. My kinky shadow: the poetics of the sadomasochistic Other. *In*: CARTER, M.; FARAH, S.A. (ed.). **The spectre of the other in jungian psychoanalysis: political, psychological and sociological perspectives**. New York: Routledge, 2023a.

\_\_\_\_\_. **The deep psychology of bdsm and kink: jungian and archetypal perspectives on the soul's transgressive necessities**. London: Routledge, 2023b.

THOMAS, J.N. BDSM as trauma play: An autoethnographic investigation. **Sexualities**, v. 23, n. 5–6, p. 917–933, 2020.

THOMPSON, Riki. O que é uma polícua, rede de relações poliamorosas da qual fundador da FTX era adepto. **BBC**, 2022. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63931133>>. Acesso em: 20 de abr de 2023.

TOM ZÉ. **Retrato na praça da Sé**. São Paulo: produção independente, 2014. Disponível em: < <https://open.spotify.com/track/6ZiHjQtECGEqinqWVITXEx?si=0f8016dc50aa44f9>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

TRESIDDER, J. **The Watkins dictionary of symbols**. Watkins Media, 2008, edição Kindle.

WAHBA, L.L. Entrevista com o Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington. **Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo: SBPA, v.37, n.2, 2019.

WEIERSTALL, R.; GIEBEL, G. The sadomasochism checklist: a tool for the assessment of sadomasochistic behavior. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, p.735-745, 2017.

WIGNALL, L. *et al.* Findings from a community survey of individuals who engage in pup play. **Archives of sexual behavior**, v. 51, p. 3637–3646, 2022.

WIGNALL, L.; MCCORMACK, M. An exploratory study of a new kink activity: “pup play”. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, n. 3, p.801-811, 2017.

WILCOX, R. **The Human Pony: A handbook for owners, trainers and admirers**. Greenery Press; Edição Kindle, 2013.

WILLIE, J. **Bizarre**: the complete reprint of John Willie's Bizarre. Los Angeles: Taschen, 1996.

WISMEIJER, A.A.; VAN ASSEN, M.A. Psychological characteristics of BDSM practitioners. **Journal of Sexual Medicine**, v. 10, n. 8, p. 1943-1953, 2013.

WOOD, L. Sensory Deprivation. **Serious Bondage**, 24 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.seriousbondage.com/Article-SensoryDeprivation/index.php>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

WORKHORSE. *In*: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/workhorse>>. Acesso em: 18/01/2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics**. 2020. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). WHO releases new International Classification of Diseases (ICD 11). **Site da World Health Organization**. 18 jun. 2018. Disponível em: <[https://www.who.int/news/item/18-06-2018-who-releases-new-international-classification-of-diseases-\(icd-11\)](https://www.who.int/news/item/18-06-2018-who-releases-new-international-classification-of-diseases-(icd-11))>. Acesso em: 14 nov. 2020.

WRIGHT, S. De-pathologization of consensual BDSM. **The Journal of Sexual Medicine**, v. 15, n. 5, p. 622-624, 2018.

ZUSSMAN, M.; PIERCE A. Shifts of consciousness in consensual S/M, bondage, and fetish play. **Anthropology of Consciousness**, v. 9, n. 4, p.15-38, 1998.

## APÊNDICE A

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em inglês*

**TITLE OF THIS STUDY:** “A Psicologia do Pony Play: uma Investigação Exploratória na Perspectiva da Psicologia Analítica (“Pony Play Psychology: An Exploratory and Symbolic Study”) This research is part of a master’s degree dissertation.

**RESEARCHERS:** Mariana Farinas e Silva (phone number + 55 11 99795 2707 and e-mail [marianafarinaspsi@gmail.com](mailto:marianafarinaspsi@gmail.com)) master’s student on Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), supervised by Prof. Ida Kublikowski, PhD.

**PURPOSES:** To understand the experience of those who practice pony play.

**PROCEDURES:** People who practice pony play and that are older than 18 will be surveyed about their experience with pony play. The survey is divided in three sections and will take approximately 25 to 40 minutes to complete. Anonymized data, including responses from open ended questions, will be presented through master’s theses, peer-reviewed journal articles and conference presentations.

**CONFIDENTIALITY:** Your name will never be asked nor connected to your responses. Instead, a number will be used for identification purposes. This survey won't collect your IP address, which will remain anonymous. We will only ask questions about your experiences with pony play and BDSM, except for your age, gender, sexual orientation, country of residence and if bio horses are or have been part of your life. And in accordance with Brazilian research ethics determinations, data that won't be presented will be accessible only to those working on the project (researcher and supervisor) and will be stored in cloud accounts, but in hardware.

**BENEFITS:** There will be no financial compensation to your participation in this research, but results can hereafter help to structure future studies about pony play and to better inform health professionals about those who practice pony play and BDSM. Answering this survey is also an opportunity to think about your relationship with pony play.

**PARTICIPANT RIGHTS:** Your participation in this study is completely voluntary so you can refuse to participate in the entire study or any part of the study. You also have the right to skip any question you do not wish to answer. If you want to withdraw your consent after answering this survey, please contact the researcher by the phone number or e-mail above.

**QUESTIONS OR PROBLEMS:** In case of any discomfort regarding this questionnaire you can contact the researcher by e-mail ([marianafarinaspsi@gmail.com](mailto:marianafarinaspsi@gmail.com)) for further referral to a kink aware psychologist. The researcher will also be available for sharing the results after the thesis defense. Any questions regarding the ethical aspects involving this research can be addressed to the Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde (FCMS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), located at Rua Joubert Wey, 290, room 506 - Vergueiro - Sorocaba – SP - Brazil - CEP 18030-070, phone number +55 15 3212-9896 , e-mail [cepfcms@pucsp.br](mailto:cepfcms@pucsp.br).

**AGREEMENT TO PARTICIPATE:** Your selection to consent to this study indicates your willingness to participate.

Are you older than 18 years old?

Yes ( )

No ( )

Have you ever practiced pony play in person?

Yes ( )

No ( )

Do you consent in participating in this survey?

Yes ( )

No ( )

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em português*

**TÍTULO DESSE ESTUDO:** “A Psicologia do Pony Play: uma Investigação Exploratória e Simbólica”. Esse estudo é parte de uma dissertação de mestrado.

**PESQUISADORES:** Mariana Farinas e Silva (celular: + 55 11 99795 2707 e e-mail: marianafarinaspsi@gmail.com), estudante de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientada pela Prof. Ida Kublikowski, PhD (idakublikowski@pucsp.br)

**OBJETIVO:** Entender a experiência daqueles que praticam pony play.

**PROCEDIMENTOS:** Pessoas que praticam pony play e que sejam maiores de 18 anos responderão a um questionário sobre sua experiência com pony play. O questionário está dividido em três sessões e levará em média de 25 a 40 minutos para ser completado. Os dados recolhidos, incluindo respostas para perguntas abertas, serão apresentados de forma anonimizada por meio de uma dissertação de mestrado, artigos revisados por pares em periódicos e apresentações em congressos.

**CONFIDENCIALIDADE:** Não perguntaremos seu nome e ele, por conseguinte, nunca será ligado as suas respostas. Ao invés disso, um número será utilizado para identificação. Esse questionário não coletará seu endereço de IP, que permanecerá anônimo. Somente perguntaremos sobre suas experiências com pony play e BDSM, exceto por sua idade, gênero, orientação sexual, país de residência e se você teve contato com cavalos biológicos ou ambientes equestres em algum período da sua vida. De acordo com as determinações éticas de pesquisa brasileiras, os dados resultantes da pesquisa estarão acessíveis apenas para aqueles trabalhando no projeto (pesquisadora e orientadora) e armazenados fora da nuvem, em computador sob responsabilidade da pesquisadora.

**BENEFÍCIOS:** Não haverá remuneração financeira para sua participação nesse estudo, mas os resultados dele podem ajudar a estruturar futuros estudos sobre pony play e a informar melhor profissionais de saúde sobre seus praticantes e sobre BDSM. Responder a este questionário também é uma oportunidade de refletir sobre sua experiência com pony play.

**DIREITOS DOS PARTICIPANTES:** Sua participação nesse estudo é totalmente voluntária. Você pode recusar a participar neste estudo ou em qualquer parte dele. Você também tem o direito de pular qualquer questão que não queira responder. Caso posteriormente queira retirar seu consentimento em participar dessa pesquisa, entre em contato com a pesquisadora pelo e-mail ou telefone dados acima.

**DÚVIDAS OU PROBLEMAS:** Em caso de desconforto com relação a este questionário, você pode entrar em contato com o pesquisador por e-mail ([marianafarinaspsi@gmail.com](mailto:marianafarinaspsi@gmail.com)), para encaminhamento a um psicólogo especializado em populações *kink*. O pesquisador também estará disponível para compartilhar os resultados após a defesa da dissertação. Quaisquer dúvidas sobre os aspectos éticos dessa pesquisa podem ser dirigidas ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde (FCMS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), localizada à Rua Joubert Wey, 290 – Vergueiro - Sorocaba-SP – CEP 18030-070, sala 506 no 5º andar do Prédio da Faculdade, telefone (15) 3212-9896 e e-mail [cepfcms@pucsp.br](mailto:cepfcms@pucsp.br).

**CONCORDÂNCIA EM PARTICIPAR:** Selecionar que você concorda em participar indica que você deseja participar desse estudo.

Você é maior de 18 anos?

Sim ( )

Não ( )

Você já praticou pony play presencialmente?

Sim ( )

Não ( )

Você concorda em participar desse estudo?

Sim ( )

Não ( )

Solicitamos que archive esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## APÊNDICE B

### Questionário em inglês

#### DEMOGRAPHICS

*The first section of this survey consists of 6 questions that ask general demographic information.*

-----Parte superior do formulário-----

What year were you born?

In which country you currently live in?

What is your gender?

What is your sexual orientation?

What is your race/ethnicity?

What is your highest level of education?

- Less than secondary/highschool
- Secondary/highschool
- Some post-secondary (e.g., college or university)
- Trade/certificate/associate
- Bachelors
- Masters
- Doctorate

-----Parte inferior do formulário-----

#### PARTICIPATION IN PONY PLAY

*This next section of this survey consists of 7 closed questions about your participation in pony play. This includes if you ever had frequent contact with bio-horses, the roles you occupy, when you began participating, where you participate and who you participate with.*

-----Parte superior do formulário-----

In pony play, which role(s) do you adopt?

- Pony (horse/slave/unicorn/etc)
- Person (trainer/handler/etc)
- I switch between both

How many years ago did you start practicing pony play?

- Less than an year
- 1 to 5
- 6 to 10
- 11 to 15

- 16 to 20
- 21 to 25
- more than 25

Who do you participate in pony play activities with?

- Friends
- Kinky or BDSM play partner(s)
- Romantic or sexual non-D/s partner(s)
- D/s relationship partner(s)
- Strangers (e.g., pick up play)
- Professional partner(s) (e.g., prodommes)

Does anybody know you are into pony play?

- No one
- Non kinky/non BDSM partner(s)
- Close friends
- Most/all friends
- Parents
- Siblings
- Other family members
- Work colleagues
- School colleagues
- Everyone except a few individuals
- Everyone

Where do you practice pony play?

- Indoors in private (e.g., private houses)
- Indoors in public (e.g., clubs, parties, etc)
- Outdoors in private (e.g., backyards, farms, etc)
- Outdoors in kinky spaces (e.g. parties, clubs, etc)
- Outdoors in public spaces (e.g. streets, parks, parades, etc)

Did you have frequent contact with bio-horses or equestrian environments in any given period of your life?

- Yes
- No

How is your communication style during play?

- I don't communicate during play
- Exclusively nonverbal
- Partially nonverbal, partially verbal
- Exclusively verbal

## EXPERIENCES IN PONY PLAY

*This next section of this survey consists of 6 open ended questions about your experience with pony play. Take your time and please answer them in detail.*

-----Parte superior do formulário-----

What aspects of pony play do you enjoy, what do you get out of it?

In what ways is pony play sexually arousing or not for you?

What changes do you experience in yourself while you are being a pony (or trainer/handler/etc)?

What was the most remarkable pony play experience you ever had?

Has anything changed in your life after you started practicing pony play?

Do you have any pony play fantasies you still haven't fulfilled? Which?

-----Parte inferior do formulário-----

## PARTICIPATION IN BDSM

*This last section of this survey consists of 3 questions asking about your participation in BDSM.*

-----Parte superior do formulário-----

Do you consider the way you practice pony play a BDSM activity?

Yes

Sometimes it is, sometimes not

No

Do you have (any) other BDSM roles?

No

Yes. I am also a..(Please, specify what other roles do you have)

Do you practice any (other) form of BDSM activity?

No

Yes. I am also into...(Please tell some of your other BDSM interests)

-----Parte inferior do formulário-----

## Questionário em português

### QUESTÕES DEMOGRÁFICAS

*Essa primeira sessão do questionário consiste em 6 perguntas sobre informações demográficas gerais.*

-----Parte superior do formulário-----

Em que ano você nasceu?

Em que país você vive atualmente?

Qual é o seu gênero?

Qual a sua orientação sexual?

Qual é a sua raça/etnia?

Qual o seu nível educacional?

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Superior incompleto
- Qualificação técnica
- Superior completo
- Mestrado
- Doutorado

-----Parte inferior do formulário-----

### PARTICIPAÇÃO EM PONY PLAY

*Essa próxima sessão do questionário consiste em sete perguntas fechadas sobre sua participação em práticas de pony play. Isso inclui se você já teve contato frequente com cavalos biológicos, os papéis que você adota, quando você começou e onde e com quem você pratica .*

-----Parte superior do formulário-----

Na prática de pony play, qual papel você adota?

- Do ponêi (cavalo/escravo/unicórnio/etc)
- Da pessoa (treinador/tratador/etc)
- Eu alterno entre os dois papéis

Há quantos anos você começou a praticar pony play?

- Menos de um ano
- 1 a 5
- 6 a 10
- 11 a 15
- 16 a 20
- 21 a 25
- mais de 25 anos

Com quem você se envolve em atividades de pony play?

- Amigos

- Parceiro(s) de jogo kinky ou BDSM
- Parceiro(s) românticos ou sexuais não D/s
- Parceiro(s) de relacionamento D/s
- Desconhecidos (ex: praticar com alguém novo em uma festa)
- Profissionais (ex: prodommes)

Quem sabe que você está envolvido com pony play?

- Ninguém
- Parceiro(s) não kinky / não BDSM
- Amigos próximos
- A maioria dos ou todos os meus amigos
- Pais
- Irmãos
- Outros membros da família
- Colegas de trabalho
- Colegas de escola/faculdade
- Todo mundo exceto algumas pessoas
- Todo mundo

Aonde você pratica pony play?

- Áreas fechadas em privado (ex: dentro de casa)
- Áreas fechadas em público (ex: “baladas”, festas etc.)
- Áreas externas e privadas (ex: quintais, fazendas etc.)
- Áreas externas de espaços kinky/BDSM (ex: festas, “baladas” com área externa etc.)
- Áreas externas em espaço público (ex: ruas, parques, paradas etc.)

Você teve contato frequente com cavalos biológicos ou ambientes equestres em algum período da sua vida?

- Sim
- Não

Como você se comunica durante a prática?

- Não me comunico durante a prática
- De forma exclusivamente não verbal
- De forma parcialmente não verbal, parcialmente verbal
- De forma exclusivamente verbal

-----Parte inferior do formulário-----

### **EXPERIÊNCIAS COM PONY PLAY**

*Essa penúltima sessão do questionário consiste em seis perguntas abertas sobre sua experiência com pony play. Responda-as com calma e em detalhes.*

-----Parte superior do formulário-----

Quais aspectos do pony play você gosta, que prazeres você tem nessa prática?

De que maneira pony play é ou não sexualmente excitante para você?

Que mudanças acontecem em você enquanto você está sendo um pônei (ou treinador/tratador/etc)?

Qual foi a experiência de pony play mais marcante que você teve?

Alguma coisa mudou na sua vida depois que você começou a pratica pony play?

Você tem alguma fantasia com pony play que você ainda não realizou? Qual?

-----Parte inferior do formulário-----

### **PARTICIPAÇÃO EM BDSM**

*Essa última sessão do questionário consiste em três perguntas sobre sua participação em BDSM.*

-----Parte superior do formulário-----

*Você considera a forma com que você pratica pony play uma atividade BDSM?*

- Sim
- Às vezes sim, às vezes não
- Não

*Você adota (outros) papéi(s) BDSM?*

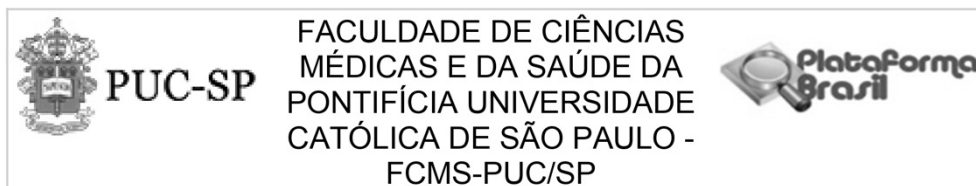
- Não
- Sim, (também) sou...(Por favor especifique que outros papéis você adota)

*Você pratica alguma (outra) atividade BDSM?*

- Não
- Sim. Também gosto de...(Por favor conte alguns de seus interesses BDSM.

-----Parte inferior do formulário-----

## ANEXOS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A PSICOLOGIA DO PONY PLAY: UMA INVESTIGAÇÃO EXPLORATÓRIA E SIMBÓLICA (TÍTULO PROVISÓRIO)

**Pesquisador:** Mariana Farinas

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 58738622.1.0000.5373

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.573.562

**Apresentação do Projeto:**

Projeto de pesquisa d

BDSM é um termo que faz referência a uma série de comportamentos consensuais entre adultos com uma diferença negociada de autoridade.

Dentre as práticas possíveis nessas formas de relacionamento está a de pony play, que envolve um dos participantes ser tratado como se fosse um

cavalo ou pônei por outro. A literatura psicológica sobre o tema, em especial com o olhar da psicologia analítica, é escassa e psicólogos muitas

vezes não têm referencial teórico suficiente para embasar o atendimento à praticantes de BDSM. Em 2018, houve a retirada dos diagnósticos de

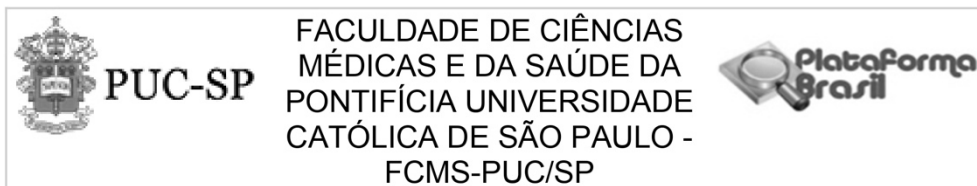
sadomasoquismo, fetichismo e travestismo fetichista, assim como a inclusão da consensualidade como critério para definir o que é ou não doença

Dada a despatologização ocorrida na última década em torno da vivência de praticantes de BDSM, da escassa bibliografia e aparente ausência de

estudos sobre praticantes de pony play, o objetivo geral dessa pesquisa é compreender a experiência do pony play da perspectiva de seus

praticantes. O objetivo específico é uma leitura simbólica dos temas e significados presentes no

**Endereço:** Rua Joubert Wey, 290 - sala 506 - 5º andar do prédio da Faculdade  
**Bairro:** Vergueiro **CEP:** 18.030-070  
**UF:** SP **Município:** SOROCABA  
**Telefone:** (15)3212-9896 **Fax:** (15)3212-9896 **E-mail:** cepfms@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.573.562

discursos dessas pessoas, sob a lente da psicologia analítica. Para tal serão coletados depoimentos dos praticantes via questionário on-line que passarão por uma categorização de análise textual com utilização do software IRAMUTEQ, o que permitirá levantar temas presentes nas falas e posterior análise via processamento simbólico e amplificação simbólica arquetípica.

Hipótese:

Trata-se de um estudo exploratório dado a literatura praticamente inexistente sobre o tema

Desfecho Primário:

Os temas mais presentes nas falas de praticantes de pony play.

A pesquisa ocorrerá no Brasil e nos Estados Unidos.

**Objetivo da Pesquisa:**

Os autores apontam:

Objetivo Primário:

Compreender a experiência do pony play da perspectiva de seus praticantes.

Objetivo Secundário:

Fazer uma leitura simbólica dos temas e significados presentes nos discursos dessas pessoas sob a lente da psicologia analítica.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os autores informam que:

Riscos:

Baixa probabilidade de haver desconforto ao responder o questionário.

Benefícios:

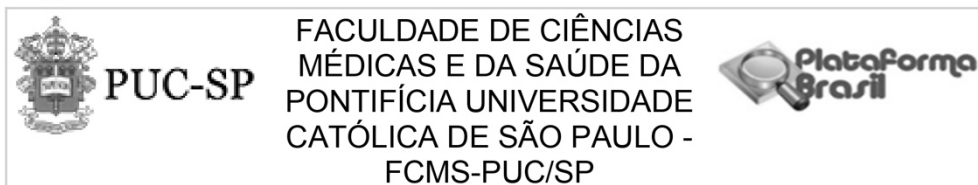
Os resultados da pesquisa podem ajudar a estruturar futuros estudos sobre pony play e a informar melhor profissionais de saúde sobre seus praticantes e sobre BDSM. Responder a este questionário também é uma oportunidade para o participante refletir sobre sua experiência com pony play.

Essa é a percepção do avaliador, não há um risco em relação a pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é interessante e será um estudo que apresentará o tema que ainda é bastante novo.

**Endereço:** Rua Joubert Wey, 290 - sala 506 - 5º andar do prédio da Faculdade  
**Bairro:** Vergueiro **CEP:** 18.030-070  
**UF:** SP **Município:** SOROCABA  
**Telefone:** (15)3212-9896 **Fax:** (15)3212-9896 **E-mail:** cepfms@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.573.562

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram analisados:

Outros oficio\_de\_apresentacao.docx

Outros oficio\_de\_apresentacao.docx

Outros Parecercomite.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE\_ingles\_portugues.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

Outros Parecercomite.docx

Informações Básicas do Projeto PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1901594.pdf

Outros oficio\_de\_apresentacao.docx

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE.docx

Outros oficio\_de\_apresentacao.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

Folha de Rosto Folha\_de\_rosto.pdf

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

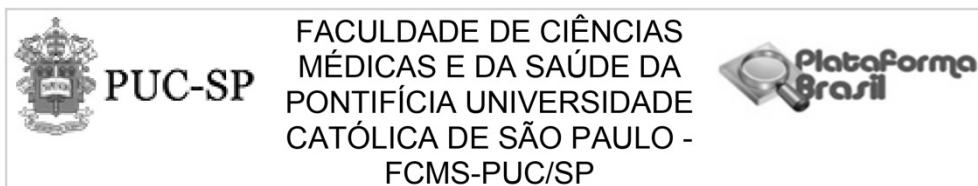
Ausência

TCLE.docx

Folha de Rosto Folha\_de\_rosto.pdf

Folha de Rosto Folha\_de\_rosto.pdf

**Endereço:** Rua Joubert Wey, 290 - sala 506 - 5º andar do prédio da Faculdade  
**Bairro:** Vergueiro **CEP:** 18.030-070  
**UF:** SP **Município:** SOROCABA  
**Telefone:** (15)3212-9896 **Fax:** (15)3212-9896 **E-mail:** cepfcms@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.573.562

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE.docx

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de

Ausência

TCLE.docx

Outros Parecercomite.docx

Informações Básicas do Projeto PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1901594.pdf

Comprovante de Recepção PB\_COMPROVANTE\_RECEPCAO\_1901594.pdf

Folha de Rosto Folha\_de\_rosto.pdf

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

Outros Carta\_de\_resposta\_as\_pendencias.docx

Projeto Detalhado / Brochura Investigador projeto\_de\_pesquisa.docx

Informações Básicas do Projeto PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1901594.pdf

Outros Parecercomite.docx

#### Recomendações:

O cronograma apresentado fala que os dados começariam a ser colhidos em 01/08/2022.

As pendências que foram solicitadas foram todas resolvidas.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado, com a recomendação de atualizar o cronograma

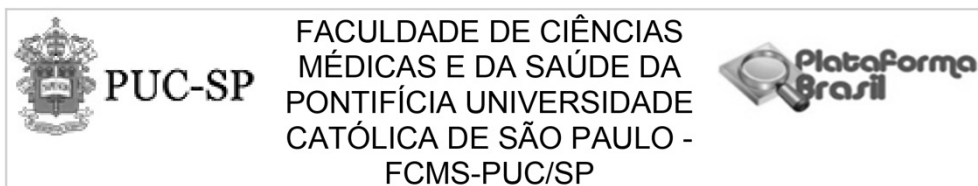
#### Considerações Finais a critério do CEP:

Acatar

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1901594.pdf	02/07/2022 09:01:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa.docx	02/07/2022 09:01:05	Mariana Farinas	Aceito

**Endereço:** Rua Joubert Wey, 290 - sala 506 - 5º andar do prédio da Faculdade  
**Bairro:** Vergueiro **CEP:** 18.030-070  
**UF:** SP **Município:** SOROCABA  
**Telefone:** (15)3212-9896 **Fax:** (15)3212-9896 **E-mail:** cepfms@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.573.562

Outros	Carta_de_resposta_as_pendencias.docx	02/07/2022 09:00:38	Mariana Farinas	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ingles_portugues.docx	02/07/2022 08:59:31	Mariana Farinas	Aceito
Outros	Parecercomite.docx	24/03/2022 17:23:53	Mariana Farinas	Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao.docx	24/03/2022 17:22:47	Mariana Farinas	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	24/03/2022 16:38:38	Mariana Farinas	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SOROCABA, 10 de Agosto de 2022

---

**Assinado por:**  
**Dirce Setsuko Tacahashi**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Joubert Wey, 290 - sala 506 - 5º andar do prédio da Faculdade  
**Bairro:** Vergueiro **CEP:** 18.030-070  
**UF:** SP **Município:** SOROCABA  
**Telefone:** (15)3212-9896 **Fax:** (15)3212-9896 **E-mail:** cepfms@pucsp.br